

INTRODUÇÃO

O livro de Deuteronômio tem um caráter tão próprio como qualquer outro das quatro divisões precedentes do Pentateuco. Se tivéssemos de formar a nossa opinião segundo o título do livro, poderíamos supor que era uma simples repetição do que havemos encontrado nos livros anteriores. Isso seria um grave erro. Não há meras repetições na palavra de Deus. Na verdade, Deus nunca usa repetições, nem na Sua Palavra nem nas Suas obras. Onde quer que sigamos o nosso Deus, quer seja nas páginas da Sagrada Escritura, quer nos vastos domínios da criação, vemos divina plenitude, variedade infinita, plano definido; e na proporção da espiritualidade da nossa mente estará precisamente a nossa capacidade para discernir e apreciar estas coisas. Nisto, como em tudo mais, nós precisamos ter os olhos unguídos com colírio celestial.

Que infeliz conceito faz da inspiração o homem que pode pensar por um momento que o quinto livro de Moisés é uma estéril repetição do que pode encontrar-se em Êxodo, Levítico e Números! Até mesmo numa composição humana, nós não esperamos encontrar uma tão flagrante imperfeição, muito menos na revelação perfeita que Deus tão misericordiosamente nos tem dado na Sua santa Palavra. O fato é que não existe, em todo o volume inspirado, uma simples frase supérflua, nem uma cláusula excessiva, nem um relato sem o seu significado próprio ou a sua aplicação direta. Se não compreendemos isto, temos ainda de aprender a profundidade, a força e o significado das palavras "toda a Escritura divinamente inspirada é" (2 Tm 3:16).

Palavras preciosas! Ah, se fossem entendidas de um modo mais completo nestes nossos dias! E da maior importância que o povo do Senhor esteja arraigado, fundado e estabelecido na grande verdade da inspiração plenária da Sagrada Escritura. É de recear que a lassidão quanto a este importante assunto se vá estendendo na igreja professa a uma aterradora proporção. Em muitos setores tem chegado a ser moda tratar com desdém a ideia da inspiração plenária. É considerada como verdadeira criancice e sinal de ignorância. É admitido por muitos que é indício de uma profunda educação literária, de ideias liberais e de originalidade intelectual, ser-se capaz, por livre crítica, de achar defeitos no precioso livro de Deus. O homem toma a liberdade de julgar a Bíblia como se ela fosse uma mera composição humana. Aventura-se a pronunciar-se sobre o que é e o que não é digno de Deus. De fato, isto equivale efetivamente a julgar Deus. O resultado imediato é, como podia esperar-se, profundas trevas e confusão tanto para esses mesmos eruditos doutores como para todos os que são tão néscios que os escutam. E quanto ao futuro, quem pode conceber o destino eterno de todos os que

terão de responder ante o tribunal de Cristo pelo pecado de blasfêmia contra a Palavra de Deus e por desviarem centenas de almas com o seu ensino infiel?

Não ocuparemos, contudo, o tempo detendo-nos sobre a estultícia dos infieis e cépticos — embora chamados cristãos — ou os seus mesquinhos esforços de desacreditar o incomparável volume que o nosso benigno Deus mandou escrever para nosso ensino. Um dia eles reconhecerão o seu erro fatal. Deus queira que não seja demasiado tarde! E, quanto a nós, que seja o nosso maior gozo e consolação meditar sobre a Palavra de Deus, a fim de podermos descobrir sempre novos tesouros nessa mina inesgotável — quaisquer novas glórias nessa revelação celestial!

O livro de Deuteronômio ocupa um lugar muito distinto no cânone inspirado. As linhas com que principia bastam para provar isto. "Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel, dalém do Jordão, no deserto, na planície defronte do Mar de Sufe, entre Parã, e Tofel, e Labã, e Hazerote, e Di-Zaabe."

Isto basta quanto ao lugar no qual o legislador entregou o conteúdo deste maravilhoso livro. O povo havia chegado ao lado oriental do Jordão e estava prestes a entrar na terra da promessa. As suas peregrinações pelo deserto estavam quase a findar, segundo compreendemos pelo terceiro versículo, no qual o ponto do tempo está distintamente assinalado, assim como a posição geográfica no versículo 1. "E sucedeu que, no ano quadragésimo, no mês undécimo, no primeiro dia do mês, Moisés falou aos filhos de Israel, conforme a tudo o que o SENHOR lhe mandara acerca deles."

Assim, não só temos o tempo e o lugar mencionados com divina precisão e minuciosidade, mas aprendemos também das palavras citadas que as palavras ditas ao povo, na planície de Moabe, estavam por certo longe de ser uma repetição do que temos tido perante nós nos nossos estudos sobre os livros de Êxodo, Levítico e Números. Disto temos uma nova e mais clara prova numa passagem do capítulo 29 do livro cujo estudo vamos encetar. "Estas são as palavras do concerto que o SENHOR ordenou a Moisés, na terra de Moabe, que fizesse com os filhos de Israel, além do concerto que fizera com eles em Horebe."

Repare o leitor especialmente nestas palavras. Falam de dois pactos, um em Horebe e outro em Moabe; e o último, longe de ser uma simples repetição do primeiro, é tão diferente quanto dois objetos podem ser diferentes um do outro. Disto obteremos a mais clara e completa evidência com o estudo do profundo livro que está agora aberto diante de nós.

Decerto, o título grego do livro, que significa segunda promulgação da lei, parece suscitar a ideia de que pode ser uma simples recapitulação dos livros anteriores; mas podemos estar certos de que não é assim. Com efeito, seria um erro grave pensar assim. O livro tem o seu lugar próprio e específico. O seu assunto e objetivo são tão claros quanto possível. A lição principal que nos é revelada é a obediência,

e isto não apenas na letra mas no espírito de amor e temor — uma obediência baseada sobre um relação conhecida e desfrutada — uma obediência vivificada pelo sentimento de obrigações morais do maior peso e do caráter mais influente. O ancião legislador, o fiel, amado e honrado servo do Senhor estava prestes a despedir-se da congregação. Ia para o céu e eles estavam prestes a atravessar o Jordão; e por isso as suas dissertações finais são solenes e comovedoras no mais alto grau. Passa em revista toda a sua história no deserto, e isto da maneira mais comovente e impressionante. Relata as cenas e circunstâncias dos quarenta anos da sua vida no deserto em estilo eminentemente calculado para tocar as mais íntimas cordas morais do coração. Inclina-nos suspensos de admiração e deleite ante estes preciosíssimos discursos. Possuem um encanto incomparável que procede das circunstâncias em que foram expostos, bem como do poder divino do seu conteúdo. Falam-nos com não menos eficiência do que àqueles a quem foram especialmente dirigidos. Muitos dos seus apelos e exortações são-nos apresentados com um poder de aplicação como se tivessem sido proferidos apenas ontem.

Um Livro Atual, Embora Escrito há Três Mil Anos

E não é assim com toda a Escritura? Não ficamos nós constantemente surpreendidos com o seu maravilhoso poder de adaptação ao nosso próprio estado e aos dias em que caiu a nossa sorte? Fala-nos com elevação e frescura como se fosse escrita expressamente para nós — escrita neste mesmo dia. Nada há como a Escritura. Tome-se qualquer escrito humano da mesma época do livro de Deuteronomio, e, se puderdes lançar mão de algum livro de há três mil anos, que encontrareis? Uma curiosa relíquia da antiguidade, alguma coisa para ser colocada num museu lado a lado com alguma múmia egípcia sem ter qualquer aplicação a nós ou aos nossos tempos, um documento cediço, uma peça de escrita obsoleta, praticamente inútil para nós, referente a um estado de sociedade e a uma condição de coisas passadas e enterradas no esquecimento.

Pelo contrário, a Bíblia é o livro para estes dias. E o Livro de Deus, a Sua perfeita revelação. E a Sua própria voz falando a cada um de nós. É um livro para todas as épocas, para todos os climas, para todas as classes, para todos os estados, elevado ou baixo, rico ou pobre, culto ou ignorante, velho ou novo. Fala uma linguagem tão simples que uma criança pode entendê-la; e, no entanto, tão profunda que o mais gigantesco intelecto não pode esgotá-la. Além disso, fala diretamente ao íntimo do coração; toca as fontes mais profundas do nosso ser moral; penetra no recôndito das raízes do pensamento e sentimento da alma; julga-nos completamente. Em suma, é, como nos diz o apóstolo inspirado: "viva e eficaz, e mais penetrante do que espada alguma de dois gumes, e penetra até à divisão da alma e do espírito e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Hb 4:12).

E, além disso, note-se o seu maravilhoso alcance. Trata com tanta precisão e energia dos hábitos e costumes, maneiras e máximas do décimo nono século da era cristã como dos próprios séculos da existência humana. Mostra um perfeito conhecimento do homem em qualquer época da sua história. Londres dos nossos dias e Tiro de há três mil anos estão retratadas com igual precisão e fidelidade nas páginas sagradas. A vida humana, em qualquer grau do seu desenvolvimento, está descrita por mão de mestre nesse volume maravilhoso que o nosso Deus tem graciosamente escrito para o nosso ensino.

Que privilégio possuir tal Livro! Podermos ter em nossas mãos uma revelação divina! Ter acesso a um Livro no qual cada linha é dada por inspiração de Deus! Ter uma história divinamente concedida do passado, do presente e do futuro! Quem pode apreciar devidamente um tal privilégio como este?

O Homem Natural é Inimigo de Cristo e da Palavra

Demais, este Livro julga o homem — julga os seus caminhos - julga o seu coração. Conta-lhe a verdade a seu próprio respeito. Por isso o homem não gosta do Livro de Deus. Um homem inconvertido prefere antes um periódico ou uma novela sensacional em vez da Bíblia . Lerá antes o relato de um julgamento num dos nossos tribunais em vez de um capítulo do Novo Testamento.

Daí o esforço constante para encontrar defeitos no bendito Livro de Deus. Os infieis, em todos os tempos e de todas as classes, têm laborado com afinco para descobrir falhas e contradições na Sagrada Escritura. Os denodados inimigos da Palavra de Deus não se encontram somente nas fileiras dos vulgares, dos rudes e pervertidos, mas entre os educados, os polidos e civilizados. Assim como era nos dias dos apóstolos, em que "alguns homens perversos dentre os vadios" e "algumas mulheres religiosas e honestas" — duas classes tão afastadas uma da outra social e moralmente — encontraram um ponto em que podiam cordialmente concordar, isto é, a inteira rejeição da Palavra de Deus e daqueles que a pregavam (compare-se Atos 13:50 com 17:5), assim nós encontramos sempre homens que, discordando quase em tudo, concordam na sua decidida oposição à Bíblia. Outros livros são deixados em paz. Os homens não se preocupam em achar defeitos em Virgílio, Horácio, em Homero ou Herodoto; mas não podem suportar a Bíblia porque ela lhes expõe e diz a verdade a respeito deles e do mundo a que pertencem.

E não sucedeu exatamente o mesmo com a Palavra vivente — o Filho de Deus, o Senhor Jesus Cristo, quando aqui andou entre os homens? Os homens aborreceram-No, porque Ele lhes disse a verdade, o Seu ministério, as Suas palavras, a Sua conduta, toda a Sua vida era um perene testemunho contra o mundo; daí a amarga e persistente oposição que Lhe moveram; outros homens foram tolerados; mas Ele era vigiado e espiado em todos os Seus passos. Os grandes chefes e guias do povo consultavam entre si como "o surpreenderiam nalguma

palavra"; buscando ocasião contra Ele a fim de que pudessem entregá-Lo à autoridade e poder do governador. Assim foi durante a Sua maravilhosa vida; e, no final, quando o bendito Senhor foi cravado na cruz entre dois malfeitores, estes foram deixados em paz; não choveram insultos sobre eles, os principais dos sacerdotes e os anciãos não meneavam as suas cabeças ante eles. Não; todos os insultos, todo o escárnio, toda a grassaria e cruel vulgaridade — tudo foi lançado sobre o divino Ocupante da cruz do centro.

Ora, é conveniente compreendermos a fundo a verdadeira origem de toda a oposição à Palavra de Deus — quer seja à Palavra viva ou à Palavra escrita. Isto habilitar-nos-á a apreciá-la no seu verdadeiro valor. O diabo aborrece a Palavra de Deus — aborrece-a com verdadeiro ódio; e por isso serve-se de descrentes instruídos para escreverem livros para provar que a Bíblia não é a Palavra de Deus, que não pode ser a Palavra de Deus, visto que há nela erros e contradições; e não apenas isto, mas que, no Velho Testamento, encontramos leis e instituições, hábitos e práticas indignos de um Ser misericordioso e benévolo!

A todo este gênero de argumentos temos uma réplica breve e precisa; a respeito de todos estes incrédulos eruditos dizemos simplesmente que eles não conhecem absolutamente nada sobre a questão. Podem ser instruídos, hábeis, pensadores originais e profundos, ilustres em literatura geral, muito competentes para darem uma opinião sobre qualquer assunto nos domínios da filosofia natural e moral, e muito capazes de discutir qualquer assunto científico. Além disso, podem ser muito amáveis na vida privada, caracteres verdadeiramente estimáveis, amáveis, bondosos, altruístas amados na sua vida privada e respeitáveis em público. Podem ser tudo isso, mas, sendo inconvertidos, e não tendo o Espírito de Deus, são completamente incapazes de fazer, muito menos de dar, um juízo sobre o assunto da Sagrada Escritura. Se alguém totalmente ignorante em astronomia presumisse entrar em discussão sobre os princípios do sistema de Copérnico, estes mesmos homens de quem falamos o declarariam imediatamente incompetente para falar e indigno de ser escutado sobre tal assunto. Em resumo, ninguém tem o direito de dar uma opinião sobre um assunto que não conhece. Isto é um principio admitido por todos; e portanto a sua aplicação ao caso presente não pode ser posta em questão.

Ora, o apóstolo inspirado diz-nos, na sua primeira epístola aos Coríntios, que "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." Isto é concludente. Fala do homem no seu estado natural, seja qual for a sua instrução ou a sua cultura. Não fala de qualquer classe especial de homens; mas simplesmente do homem no seu estado inconvertido, o homem destituído do Espírito de Deus. Alguém pode imaginar que o apóstolo se refere ao homem num estado de barbárie ou de selvagem ignorância. De modo nenhum; refere-se simplesmente ao homem

natural, seja um ilustrado filósofo ou um ignorante palhaço. "Não pode compreender as coisas do Espírito de Deus." Como pode então ele formar um juízo ou emitir um parecer quanto à Palavra de Deus? Como pode tomar sobre si a responsabilidade de dizer o que é ou que não digno de Deus escreverá E se for bastante audacioso para o fazer — e infelizmente é! — quem será tão néscio que queira escutá-lo?— Os seus argumentos são infundados; as suas teorias desprezíveis; os seus livros são apenas próprios para o cesto dos papéis. Tudo isto, note-se, baseado no princípio universalmente admitido e acima acentuado de que ninguém tem qualquer direito a ser ouvido sobre um assunto do qual é totalmente ignorante.

Por que Deus não Poderia Revelar-nos Seus Pensamentos?

Desta forma livramo-nos de toda a classe de escritores infíéis. Quem pensaria em escutar um cego sobre o assunto da luz e a sombra? E, todavia, um tal homem tem mais direito a ser ouvido do que um inconvertido sobre a inspiração. Os conhecimentos humanos, por mais extensos e variados que sejam; a sabedoria humana, por muito profunda que seja, não podem qualificar um homem para emitir um juízo sobre a Palavra de Deus. Sem dúvida, um erudito pode examinar e comparar manuscritos simplesmente do ponto de vista crítico; pode ser capaz de formar um juízo quanto à questão de autoridade da leitura de qualquer passagem especial; mas isto é assunto muito diferente de um escritor incrédulo empreender a tarefa de emitir parecer sobre a revelação que Deus, em Sua infinita bondade, nos tem dado.

Mantemos a nossa afirmação de que nenhum homem pode fazer isto. É somente por intermédio do Espírito, que inspirou as Sagradas Escrituras, que essas Escrituras podem ser compreendidas e apreciadas. A Palavra de Deus deve ser recebida sobre a sua própria autoridade. Se o homem pode julgá-la ou discutir sobre ela, então não é a Palavra de Deus. Deus tem-nos dado uma revelação ou não? Se tem, deve ser absolutamente perfeita a todos os respeitos; e, sendo assim, deve estar inteiramente fora do alcance do juízo humano. O homem não é mais competente para julgar a Escritura do que para julgar a Deus. A Escritura julga o homem; não o homem a Escritura.

Nisto está toda a diferença. Nada pode haver mais miseravelmente vil do que os livros que os infíéis escrevem contra a Bíblia. Cada página, cada parágrafo, cada frase só consegue ilustrar a verdade da afirmação do apóstolo que, "O homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." A sua crassa ignorância do assunto de que se arriscam a tratar é apenas igual à confiança que têm em si mesmos. Da sua irreverência nada dizemos; pois quem pensaria encontrar reverência nos escritos dos incrédulos? Poderíamos talvez esperar um

pouco de modéstia, se não fosse o caso de estarmos plenamente ao fato do ânimo amargo que dá origem a tais escritos e os torna inteiramente indignos de um momento de consideração. Outros livros podem ser submetidos a um exame desapassionado; mas o precioso Livro de Deus é abordado com a conclusão prévia de que não é uma revelação divina, porque, na verdade, os incrédulos dizem-nos que Deus não podia dar-nos uma revelação escrita dos Seus pensamentos.

Como é estranho! Os homens podem dar-nos uma revelação dos seus pensamentos; e os infiéis têm-no feito claramente; mas Deus não pode. Que loucura! Que arrogância! Por que razão, é lícito perguntar, não pode Deus revelar os Seus pensamentos às suas criaturas? Porque há-de pensar-se que isso é uma coisa incrível? Por nenhuma razão, mas simplesmente porque os infiéis assim querem. O desejo é, neste caso, seguramente pai do pensamento. A pergunta formulada pela antiga serpente, no jardim do Éden, há aproximadamente seis mil anos, tem sido transmitida, de século para século, por toda classe de cépticos, racionalistas e infiéis, isto é: "E assim que Deus disse?" Sim, respondemos nós, com muito prazer; bendito seja o Seu santo Nome, Ele tem falado — tem-nos falado a nós. Tem revelado o Seu pensamento; tem-nos dado as Escrituras Sagradas: "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito, e perfeitamente instruído para toda a boa obra"(2 Tm 3:16-17). "Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15:4).

Louvado seja o Senhor por tais palavras! Elas asseguram-nos que toda a Escritura é dada por Deus, e que toda a Escritura nos é dada a nós. Precioso vínculo entre a alma e Deus! Quem poderá contar o valor de um tal vínculo? Deus tem falado — tem-nos falado a nós. A sua Palavra é uma rocha contra a qual se desfazem todas as ondas do pensamento infiel em desprezível impotência, deixando-a em sua força divina e eterna estabilidade. Nada pode afetar a Palavra de Deus. Nem todos os poderes da terra e do inferno, nem os homens nem os demônios juntos podem jamais remover a Palavra de Deus. Ela permanece em sua própria glória moral, a despeito de todos os assaltos do inimigo, de século para século. "Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra permanece no céu." "...Engrandeceste a tua palavra acima de todo o teu nome." Que nos resta? Precisamente isto: "Escondi a tua palavra no meu coração para eu não pecar contra ti." Nisto consiste o profundo segredo da paz. O coração está unido ao trono, sim, ao próprio coração de Deus por meio da Sua preciosíssima Palavra e está assim em posse de uma paz que o mundo não pode dar nem tampouco tirar. Que podem conseguir as teorias, os argumentos e o raciocínio dos infiéis? Absolutamente nada. Têm tanto valor como o pó da eira no verão. Para aquele que tem aprendido realmente, pela graça, a confiar na Palavra de Deus — a descansar sobre a autoridade da Sagrada Escritura — as obras que os

infiéis têm escrito são inteiramente desprezíveis, abstrusas, ineficazes; demonstram a ignorância e a terrível presunção dos seus autores; mas quanto à Escritura, deixam-na precisamente onde sempre tem estado e estará, "permanece no céu" tão firme como o trono de Deus(1). Os ataques dos infiéis não podem atingir o trono de Deus, nem tampouco podem afetar a Sua Palavra; e, bendito seja o Seu Nome, tampouco podem perturbar a paz que brota do coração que descansa sobre esse fundamento imperecível: "Muita paz têm os que amam a tua lei, e para eles não há tropeço" e "...a palavra do nosso Deus subsiste eternamente." "Porque toda carne é como a erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva, e caiu a sua flor; mas a Palavra do Senhor permanece para sempre" (1 Pe 1:24-25).

(1) A respeito dos escritores infiéis, devemos recordar que os mais perigosos e entre eles são aqueles que se intitulam "cristãos". Nos dias da nossa juventude sempre que ouvíamos a palavra "infiel" pensávamos logo de Tom Paine ou de Voltaire; agora, infelizmente, temos de pensar dos chamados bispos e doutores da igreja professante. Que fato tremendo!

Aqui temos outra vez o mesmo precioso vínculo de ouro. A Palavra que chegou até nós, na forma de boas novas, é a Palavra do Senhor que permanece para sempre; e por isso a nossa salvação e a nossa paz são tão estáveis como a Palavra sobre a qual estão fundadas. Se toda carne é como a erva, e toda a glória do homem como a flor da erva, então que valor têm os argumentos dos infiéis? São tão desprezíveis como erva seca ou como a flor murcha; e os homens que os expõem e os que são influenciados por eles assim o compreenderão mais tarde ou mais cedo. Oh, a pecaminosa loucura de argumentar contra a Palavra de Deus — argumentar contra a única coisa neste mundo que pode proporcionar descanso e consolação ao pobre e fatigado coração humano —, agir contra aquilo que traz as boas novas de salvação a pobres pecadores —, que as traz diretamente do coração de Deus!

Toda a Escritura é Inspirada por Deus

Mas podemos deparar aqui talvez com a pergunta tão frequentemente suscitada, e que tem perturbado tantos e os tem induzido a buscar refúgio no que é chamado "A autoridade da Igreja". A pergunta é esta: "Como podemos nós saber que o Livro que chamamos a Bíblia é a Palavra de Deus? A nossa resposta a esta pergunta é muito simples, e é a seguinte: Aquele que nos tem dado graciosamente o bendito Livro pode dar-nos também a certeza de que o Livro procede d'Ele. O mesmo Espírito que inspirou os diversos autores das Sagradas Escrituras pode dar-nos a conhecer que essas Escrituras são a própria voz de Deus falando-nos. E somente pelo Espírito que alguém pode discernir isto. Como já temos visto, "O homem

natural não compreende as coisas do Espírito de Deus... e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente." Se o Espírito Santo não nos faz saber e não nos dá a certeza de que Bíblia é a Palavra de Deus, nenhum homem ou corporação humana poderá fazê-lo; e, por outro lado, se Ele nos dá essa bendita certeza, não necessitamos do testemunho do homem.

Admitimos de bom grado que, nesta grande questão, uma sombra de incerteza seria um positivo tormento e uma calamidade. Mas quem pode dar-nos essa certeza? Somente Deus. Se todos os homens na terra estivessem de acordo no seu testemunho sobre a autoridade da Sagrada Escritura; se todos os concílios que se têm realizado, se todos os doutores que têm ensinado, todos os pais que escreveram estivessem a favor do dogma da inspiração plenária; se a Igreja na sua totalidade, se todas as denominações da cristandade dessem o seu assentimento à verdade que a Bíblia é, realmente, a Palavra de Deus; numa palavra, se tivéssemos toda a autoridade humana possível a respeito da integridade da Palavra de Deus, seria insuficiente como fundamento da certeza; e se a nossa fé fosse baseada sobre essa autoridade, seria inteiramente inútil. Só Deus pode dar-nos a certeza de que Ele tem falado em Sua Palavra; e, bendito seja o Seu nome, quando Ele nos dá essa certeza, todos os argumentos todos os subterfúgios, todos os sofismas, todas as questões dos infiéis antigos e modernos, são como a espuma sobre as águas, o fumo da chaminé ou o pó do soalho. O verdadeiro crente rejeita-as como sendo desperdícios desprezíveis, e descansa em santa tranquilidade na incomparável revelação que o nosso Deus graciosamente nos tem dado.

É da maior importância para o leitor estar absolutamente certo e bem seguro quanto a esta grave questão, se quer elevar-se acima da influência da infidelidade por um lado e da superstição por outro. A infidelidade procura convencer-nos de que Deus não nos tem dado um livro de revelação dos Seus pensamentos — que não poderia dá-lo. A superstição procura convencer-nos de que embora Deus nos tenha dado uma revelação, nós não podemos todavia ter a certeza disso sem a autoridade do homem, nem entendê-la sem a interpretação do homem. Ora, é conveniente observar que, em ambos os casos, nós somos privados da preciosa dádiva da Sagrada Escritura. E isto é precisamente o propósito do diabo. Quer roubar-nos a Palavra de Deus; e pode fazer isto quase tão eficientemente por meio da aparente desconfiança própria, que humilde e reverentemente confia na autoridade dos homens sábios e instruídos, como por meio da audaciosa infidelidade que atrevidamente rejeita toda a autoridade, seja humana seja divina. Pensemos neste exemplo. Um pai escreve uma carta a um filho que reside em Cantão — uma carta cheia do afeto e ternura do coração de um pai. Fala-lhe dos seus planos e preparativos; expõe-lhe tudo quanto julga poder interessar o coração de um filho — tudo quanto o amor do coração de um pai pode imaginar. O filho vai à estação dos correios de Cantão a fim de averiguar se há alguma carta de seu

pai. Um funcionário dos correios diz- lhe que não há nenhuma carta, que seu pai não escreveu e não Poderia escrever — que não poderia comunicar de modo algum os seus pensamentos por um tal meio; que é apenas tolice pensar tal coisa. Outro funcionário adianta-se e diz: "Sim; há aqui uma carta para você, mas provavelmente o senhor não pode entendê-la; é completamente inútil para você, na realidade só lhe pode causar dano visto que o senhor não é capaz de a ler corretamente. Deve deixar a carta nas nossas mãos e nós explicar-lhe-emos as passagens da mesma que julgarmos mais convenientes." O primeiro destes funcionários representa a infidelidade; o último, a superstição. O filho seria privado da carta desejada por ambos — da preciosa comunicação do coração de seu pai. Mas, nós podemos perguntar, qual seria a resposta a estes indignos funcionários? Podemos estar certos de que seria breve e pertinente. Diria ao primeiro: "Sei que meu pai pode comunicar-me os seus pensamentos por carta, o que ele já tem feito." E diria ao segundo: "Sei que meu pai pode dar-me a entender os seus pensamentos melhor do que os senhores podem fazê-los." Diria a ambos, e isto com ousada e firme decisão: "Deem-me imediatamente a carta de meu pai, é dirigida para mim e ninguém tem o direito de a reter."

Assim também o crente de coração simples pode responder à insolência da infidelidade e à ignorância da superstição—os dois meios da ação do diabo, em nossos dias, para pôr de lado a preciosa Palavra de Deus. "Meu Pai me tem comunicado o Seu pensamento e pode fazer-me compreender a comunicação." "Toda a Escritura divinamente inspirada é." E "Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito." Magnífica resposta para todos os inimigos da preciosa e incomparável revelação de Deus, quer sejam racionalistas ou ritualistas! Não tencionamos apresentar desculpas ao leitor por esta extensa introdução ao livro de Deuteronomio. De fato, estamos muito gratos pela oportunidade de dar o nosso fraco testemunho da grande verdade da inspiração divina das Escrituras Sagradas. Sentimos ser nosso dever sagrado, tão certo como é ser nosso grande privilégio, insistir com todos aqueles com quem entramos em contato sobre a grande importância e absoluta necessidade da inequívoca decisão sobre este assunto. Devemos manter fielmente, a todo o custo, a divina autoridade e portanto a absoluta supremacia e completa suficiência da Palavra de Deus, em todos os tempos, em todos os lugares e para todos os propósitos. Devemo-nos apegar ao fato de que as Escrituras, tendo sido dadas por Deus, são completas no mais alto e pleno sentido da palavra; que elas não necessitam de nenhuma autoridade humana para as acreditar ou de nenhuma voz humana para as tornar proveitosas; elas falam por si mesmas, e levam consigo as suas próprias credenciais. Tudo quanto há a fazer é crer e obedecer, não raciocinar ou discutir. Deus tem falado; nós temos o dever de ouvir e prestar obediência reverente e sem reservas.

Isto é um ponto de grande importância em todo o livro de Deuteronômio, como veremos no decorrer das nossas meditações; e nunca houve uma época na história da Igreja de Deus em que fosse mais necessário instar com a consciência humana pela necessidade de obediência implícita à Palavra de Deus. Mas, ah, quão pouco se sente esta necessidade! Os cristãos professos, na sua maioria, parece considerarem que têm direito a pensar por si mesmos, seguir os seus próprios pensamentos, o seu próprio juízo ou a sua própria consciência. Não creem que a Bíblia é um livro divino é um guia universal. Pensam que há muitas coisas sobre as quais nos é permitido escolher. Daí, as inumeráveis seitas, partidos, credos e escolas de pensamento. Se a opinião humana for permitida, então, como consequência natural, um homem tem tanto direito a pensar como outro; e assim tem acontecido que a Igreja se tem tornado um provérbio e um rifão de divisões.

Obedecemos a Escritura

E qual é o remédio soberano para este mal tão largamente espalhado? Ei-lo aqui, absoluta e completa sujeição à autoridade da Sagrada Escritura. Não é que os homens tenham de recorrer à escritura para obterem a confirmação das suas opiniões e dos seus pontos de vista, mas de examinar as Escrituras a fim de saberem quais são os pensamentos de Deus em todas as coisas e inclinarem todo o seu ser moral à autoridade divina. Esta é a necessidade premente dos dias em que caiu a nossa sorte — sujeição reverente, em todas as coisas, à autoridade suprema da Palavra de Deus. Sem dúvida, haverá variedade na nossa medida de inteligência, na nossa concepção e apreciação da Escritura; mas o ponto em que especialmente insistimos com todos os cristãos é aquele estado de alma, aquela atitude de coração, expresso nas preciosas palavras do salmista: "Escondi a tua palavra no meu coração para eu não pecar contra ti." Isto, podemos estar certos, é agradável ao coração de Deus. "Mas eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra."

Nisto está o verdadeiro segredo da segurança moral. O nosso conhecimento da Escritura pode ser muito limitado; mas se a nossa reverência por ela for profunda, seremos preservados de mil e um erros e ciladas. E então haverá constante crescimento. Cresceremos no conhecimento de Deus, de Cristo, e da Palavra escrita. Deleitar-nos-emos em tirar dessas vivas e inesgotáveis profundidades das Sagradas Escrituras e em vaguear através desses verdes pastos que a graça infinita tem tão francamente aberto para o rebanho de Cristo. Assim a vida divina será nutrida e fortalecida: a Palavra de Deus tomar-se-á mais e mais preciosa para as nossas almas e nós seremos guiados pelo poderoso ministério do Espírito Santo à plenitude, majestade e glória moral da Sagrada Escritura. Seremos libertados completamente das influências destruidoras de todos os meros sistemas de teologia, elevada, simples ou moderada. Que bendita libertação! Seremos

competentes para dizer aos defensores de todas as escolas de divindade abaixo do sol que, sejam quais forem os elementos de verdade que possam ter nos seus sistemas, temos nós em divina perfeição na Palavra de Deus; não torcidos ou deformados para os amoldara uma sistema, mas, no seu próprio lugar, no amplo círculo da revelação divina que tem o seu centro eterno na bendita Pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

CAPÍTULO 1

RETROSPECTIVA DO CAMINHO NO DESERTO

(O primeiro discurso de Moisés — capítulos 1 a 4)

"Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel, dalém do Jordão, no deserto, na planície defronte do mar de Sufe, entre Parã e Tofel, e Labã, Hazerote, e Di-Zaabe. Onze jornadas há desde Horebe, caminho da montanha de Seir, até Cades-Barnéia" (versículos 1 e 2).

O escritor inspirado é cuidadoso em nos dar, da maneira mais precisa, todos os pormenores do lugar em que as palavras deste livro foram proferidas aos ouvidos do povo. Israel não havia ainda atravessado o Jordão. Estavam junto dele; e em frente do Mar Vermelho, onde o grande poder de Deus havia sido tão gloriosamente manifestado quase quarenta anos antes. A situação é descrita com tal minúcia que mostra como Deus Se ocupava de tudo que dizia respeito ao Seu povo. Estava interessado em todos os movimentos que faziam e em todos os seus caminhos. Guardava em registro exato de todos os seus acampamentos. Não havia uma só particularidade, por mais insignificante, que escapasse à Sua atenção. Atendia a tudo. O Seu olhar estava posto continuamente sobre o conjunto dessa assembleia e sobre cada membro em especial. Dia e noite velava por eles. Cada etapa da sua viagem estava debaixo da Sua imediata e bondosa superintendência. Nada havia, por pequeno que fosse, que escapasse à Sua atenção; nem nada, por grande que fosse, que não alcançasse o Seu poder.

Assim acontecia com o antigo Israel, no deserto; e assim sucede hoje com a Igreja — a igreja no seu conjunto e cada membro em particular. Os olhos do Pai estão continuamente fixados em nós, os Seus braços eternos ao redor e por baixo de nós, dia e noite. "Não apartará os seus olhos do justo." Conta os cabelos da nossa cabeça e entra, com infinita bondade, em tudo quanto nos diz respeito. Tem tomado a Seu cuidado todas as necessidades e todos os nossos cuidados. Quer que lancemos sobre Ele toda a nossa solicitude, na doce certeza de que Ele tem cuidado de nós.

Convida-nos graciosamente a deitarmos sobre Ele as nossas cargas, sejam pesadas ou leves.

Tudo isto é verdadeiramente maravilhoso. E cheio da mais profunda consolação. Está eminentemente calculado para tranquilizar o coração, venha o que vier. A questão é, cremos isso? Os nossos corações são governados por essa fé?— Cremos realmente que o Criador Todo-Poderoso e Mantenedor de todas as coisas, que sustém os pilares do universo, tem graciosamente tomado sobre Si a tarefa de estar por nós durante toda a viagem? Cremos verdadeiramente que "o Possuidor dos céus e da terra" é nosso Pai e que tem tomado a Seu cargo o suprimento das nossas necessidades, desde a primeira à última? O nosso ser moral está inteiramente sob o poder dominante dessas palavras do apóstolo inspirado: "Aquele que nem mesmo a seu Filho poupou, como nos não dará com ele todas as coisas?" Ah, é para recluir que conhecemos muito pouco do poder destas magníficas ainda que simples verdades! Falamos delas; discutimo-las; professamo-las; damos-lhes um assentimento nominal; mas, com tudo isso, demonstramos na nossa vida diária, nos pormenores da nossa conduta pessoal, quão pouco as compreendemos. Se cremos verdadeiramente que o nosso Deus tem tomado à Sua conta todas as nossas necessidades — se encontrássemos todos os nossos recursos n'Ele — se Ele fosse uma perfeita defesa para os nossos olhos e lugar de descanso para os nossos corações, seria possível dependermos dos pobres recursos de criatura, que tão rapidamente se esgotam e desanimam os nossos corações? Não o cremos, não podemos crê-lo. Uma coisa é manter a teoria da vida da fé e outra coisa absolutamente diferente viver essa vida. Enganamo-nos constantemente a nós próprios com a ideia de que estamos vivendo pela fé, quando na realidade dependemos de qualquer apoio humano que, mais tarde ou mais cedo, é certo ceder.

Não é assim, prezado leitor? Não estamos nós constantemente prontos a deixar a fonte das águas vivas e a cavar cisternas rotas, que não podem reter água? E, todavia, falamos de viver pela fé! Professamos depender somente do Deus vivo para o suprimento das nossas necessidades, quaisquer que sejam essas necessidades, quando, de fato, nos assentamos junto aos mananciais humanos, e buscamos deles alguma coisa. É para admirar se ficamos desapontados? Como poderia ser de outro modo? O nosso Deus não quer que dependamos de alguma coisa ou de alguém senão d'Ele mesmo. Em múltiplas passagens da Sua Palavra tem-nos dado a conhecer Seu pensamento quanto ao verdadeiro caráter e resultados certos de confiar na criatura. Veja-se a seguinte passagem solene do profeta Jeremias: "Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do SENHOR! Porque será como a tamargueira no deserto e não sentirá quando vem o bem; antes, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável."

E então note-se o contraste: "Bendito o varão que confia no SENHOR, e cuja esperança é o SENHOR. Porque ele será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequidão, não se afadiga, nem deixa de dar fruto" (Jr 17:5 a 8).

Aqui temos perante nós em linguagem divinamente enérgica, clara e formosa, os dois lados desta importantíssima questão. A confiança na criatura traz uma certa maldição, só pode resultar em esterilidade e desolação. Deus, em Sua fidelidade, fará secar toda a corrente humana e afastar todo o apoio humano a fim de podermos conhecer inteiramente a loucura de nos afastarmos d'Ele. Que figura poderia ser mais impressionante ou notável que as empregadas na passagem precedente? "Tamargueira no deserto" — "Lugares secos no deserto" — "Terra salgada e inabitável". Tais são as figuras empregadas pelo espírito Santo para ilustrar toda a mera dependência humana, toda a confiança no homem.

Mas, em contrapartida, que pode haver de mais belo ou mais animador do que as figuras empregadas para mostrar a profunda bem-aventurança de simples confiança no Senhor? "Árvore plantada junto às águas" — "Que estende as suas raízes para o ribeiro" — "as suas folhas estarão sempre verdes; o fruto nunca acabará. Quão formoso! Assim é com o homem que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. É alimentado por aquelas eternas fontes que emanam do coração de Deus. Bebe livremente da fonte vivificadora. Encontra todos os seus recursos no Deus vivo. Pode haver "calor", mas ele não o sente. Poderá sobrevir "o ano da seca", mas não lhe dará cuidado algum. Dez mil correntes da criatura podem secar, mas ele não se aperceberá disso, porque não depende delas. Mantém-se tenazmente junto à fonte de eterno caudal. Nada lhe faltará. Vive pela fé.

O Justo Viverá por Sua Fé

E agora, enquanto falamos da vida da fé — essa vida bendita, entendamos bem o que ela é e façamos cuidadosamente por vivê-la. Ouvimos às vezes falar desta vida em termos que não são de modo nenhum inteligentes. E frequentemente aplicada ao simples fato de se confiar em Deus quanto ao alimento e vestuário. Certas pessoas que aparentemente não têm recursos naturais, um rendimento certo, nem propriedades de qualquer espécie, são apontadas e contadas como "vivendo pela fé", como se essa maravilhosa e gloriosa vida não tivesse uma esfera mais elevada ou maior curso que as coisas temporárias, o simples suprimento das nossas necessidades.

Ora, nós não podemos deixar de protestar energicamente contra este ponto de vista altamente indigno da vida da fé. Limita a sua esfera e rebaixa o seu curso de uma forma absolutamente intolerável para todo o que compreende alguma coisa

dos seus santos e preciosos mistérios. Podemos nós admitir, ainda que por um momento, que um cristão que tenha um rendimento certo de qualquer espécie tem de ser privado do privilégio de viver pela fé? Ou, além disso, podemos admitir que essa vida seja limitada e rebaixada à simples condição de confiar em Deus para suprimento das nossas necessidades corpóreas? Não nos parece mais elevada que o alimento e o vestuário? Não nos dá uma ideia mais elevada de Deus do que aquela que nos diz que Ele não nos deixará morrer de fome ou nus?

Longe, longe para sempre de nós tão vil ideia! A vida da fé não deve ser assim tratada. Não podemos permitir que se lhe impute tão grosseira desonra ou faça tão deplorável injúria aos que são chamados a vivê-la. Qual, perguntamos, é o significado das breves embora importantes palavras, "O justo viverá da fé"1? Encontramo-las primeiramente em Habacuque 2. São reproduzidas pelo apóstolo em Romanos 1, onde ele lança, com mão de mestre, o sólido fundamento do cristianismo. Cita-as outra vez em Gálatas 3, onde, com a mais viva ansiedade, chama de novo essas seduzidas assembleias aos sólidos fundamentos que, em sua loucura, estavam abandonando. Finalmente, cita-as de novo em capítulo 10 da sua epístola aos Hebreus, onde adverte seus irmãos do perigo de abandonarem a sua confiança e renunciarem a sua carreira.

De tudo isto podemos seguramente deduzir a imensa importância e valor prático da breve mas transcendente frase: "O justo viverá da fé." Mas a quem é dirigida? Só a alguns dos servos do Senhor, que, por aqui e por ali, não têm rendimentos certos? Repudiamos inteiramente essa ideia. É dirigida a cada um dos do povo do Senhor. É elevado e ditoso privilégio de todos os que estão compreendidos sob o título — bendito, de certo — "o justo Cremos que é um grave erro limitá-la de qualquer modo. O efeito moral de tal limitação é grandemente prejudicial. Dá importância indevida a uma parte da vida da fé que — se for permitida qualquer distinção — devemos considerar como a mais baixa. Mas, na realidade, não podemos fazer distinções. A vida da fé é o grande princípio da vida divina desde o princípio ao fim. Por fé somos justificados, e pela fé vivemos; pela fé estamos de pé e pela fé andamos. Desde o ponto de partida até ao fim da carreira cristã, é tudo pela fé.

Por isso, é um grave erro designar certas pessoas que confiam no Senhor para o suprimento das suas necessidades temporais e falar de elas viverem pela fé, como se só elas o fizessem. E não só isto, tais pessoas são apresentadas à igreja de Deus como alguma coisa maravilhosa; e a grande massa dos cristãos é induzida a pensar que o privilégio de viver pela fé está inteiramente fora do seu alcance. Em suma, são induzidos em erro quanto ao verdadeiro caráter e esfera da vida da fé, e desta forma sofrem materialmente na vida interior.

Que o leitor cristão compreenda portanto que é seu privilégio, quem quer que ele seja, ou qualquer que seja a sua posição, viver uma vida de fé em toda a intensidade e plenitude dessa palavra. Pode, segundo a sua própria medida de capacidade,

apropriar-se da linguagem do bem-aventurado apóstolo e dizer: "A vida que agora vivo na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim" (Gl 2:20). Que nada lhe roube esse elevado e santo privilégio que pertence a cada membro da família da fé. Mas, ah, nós falhamos! A nossa fé é fraca, quanto deveria ser forte, intrépida e vigorosa. O nosso Deus deleita-Se numa fé intrépida. Se estudarmos os evangelhos veremos que nada refrescava e deleitava tanto o coração de Cristo como uma fé audaz — uma fé que O compreendia e se apegava completamente a Ele. Veja-se, por exemplo, a mulher sirofenícia, em Marcos 7, e o caso do centurião, em Lucas 7.

Verdade é que Ele pode ir ao encontro de uma fé fraca — a mais débil. Pode ir ao encontro de "se quiseres" com um gracioso "quero"; de um "se tu podes" com um "Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê". O mais fraco olhar, o mais ligeiro contato obtinham uma segura e favorável resposta; mas o coração do Salvador ficava satisfeito e o Seu espírito sentia-se animado quando Ele podia dizer: "Ó mulher! grande é a tua fé. Seja isso feito para contigo, como tu desejas"; e noutra ocasião: "Nem mesmo em Israel encontrei tanta fé."

Tenhamos isto presente: podemos estar certos de que sucede exatamente o mesmo hoje como quando o nosso bendito Senhor estava aqui entre os homens. Gosta que confiem n'Ele, que recorram a Si, que contem Consigo. Nunca nos poderemos exceder em contar com o amor do Seu coração ou a força da Sua mão. Nada há pequeno demais para Ele, nada grande demais. Ele tem todo o poder no céu e na terra. É sobre todas as coisas como Cabeça da Igreja. Sustém em conjunto o universo. Sustém todas as coisas pela palavra do Seu poder. Os filósofos falam das forças e leis da natureza. O cristão pensa com deleite de Cristo, da Sua mão, da Sua palavra, do Seu imenso poder. Por Ele foram criadas todas as coisas e por Ele todas as coisas subsistem.

E depois o Seu amor! Que descanso, que consolação, que alegria sabermos e recordarmos que o Criador, o Todo-poderoso, e Sustentador do universo eternamente ama as nossas almas; que Ele nos ama perfeitamente; que os Seus olhos estão sempre postos em nós; que o Seu coração está sempre inclinado para nós; que tomou a responsabilidade de todas as nossas necessidades, quaisquer que estas possam ser, quer físicas, quer mentais ou espirituais. Não existe uma única coisa compreendida em toda a variedade das nossas necessidades que não esteja guardada para nós em Cristo. Ele é o tesouro do céu, a provisão de Deus; e tudo isto para nós.

Porque havemos então de recorrer a outrem? Porque havemos de, direta ou indiretamente, tornar conhecidas as nossas necessidades de algum pobre mortal como nós?— Por que não havemos de ir logo a Jesus?— Necessitamos de compaixão?— Quem pode compadecer-se de nós como o nosso misericordioso Sumo Sacerdote que Se comove com o sentimento das nossas fraquezas?— Necessitamos de auxílio

de qualquer espécie?- Quem pode auxiliar-nos como o nosso todo-poderoso Amigo, o Possuidor de riquezas inescrutáveis? Necessitamos de conselho ou de orientação? Quem pode dá-la como o bendito Senhor que é a própria sabedoria de Deus, e que por Deus é feito sabedoria para nós?- Oh, não contristemos o Seu amantíssimo coração, nem desonremos o Seu nome glorioso retirando-nos d'Ele! Vigie mos ciosamente contra a tendência tão natural em nós de alimentar esperanças humanas, e depositar confiança na criatura e ter expectativas terrenas. Conservemo-nos junto à fonte e não teremos jamais de nos queixar das correntes. Em suma, procuremos viver pela fé, e assim glorificar Deus nos nossos dias e na nossa geração.

"Onze jornadas há desde Horebe até Cades-Barnéia"

Vamos prosseguir agora com o nosso capítulo; e, fazendo-o, queremos chamar a atenção do leitor para o versículo 2. É com certeza um notável parêntesis. "Onze jornadas há desde Horebe, caminho da montanha de Seir, até Cades-Barnéia." Onze dias! E, todavia, levaram quarenta anos a fazer essas jornadas! Como foi isto! Ah, não é necessário ir muito longe para dar com a resposta! A nós sucede-nos o mesmo. Quão vagarosos andamos pelo caminho! Que voltas e reviravoltas damos! Quantas vezes temos que voltar atrás e percorrer o mesmo caminho repetidas vezes! Somos viajantes lentos, porque somos tardos em aprender. Podemos estar talvez dispostos a estranhar que Israel pudesse levar quarenta anos para fazer uma jornada que levaria apenas onze dias; mas podemos, com muito mais razão, admirarmo-nos de nós mesmos. Nós, assim como eles, somos retardados pela nossa incredulidade e indolência de coração; mas temos muito menos desculpa do que eles, visto que os nossos privilégios são muitíssimo mais elevados.

Muitos de nós temos razão de sombra para nos envergonharmos do tempo que gastamos com as nossas lições. As palavras do bendito apóstolo podem ser-nos propriamente aplicadas: "Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos das palavras de Deus, e vos haveis feito tais que necessitais de leite e não de sólido mantimento." O nosso Deus é um Mestre tão sábio como fiel e tão benévolo como paciente. Não quer que passemos precipitadamente as nossas lições. Algumas das vezes pensamos que temos dominado uma lição e procuramos passar para outra; mas o nosso sábio Mestre sabe melhor e vê a necessidade de mais profunda disciplina. Não permitirá que sejamos meramente teóricos ou superficiais em conhecimento. Se for necessário, ter-nos-á, ano após ano, fazendo escala até aprendermos a cantar.

Mas se é muito humilhante para nós sermos tão vagarosos em aprender, é uma graça especial Ele ter tanta paciência para nos assegurar o ensino. Devemos

bendizê-Lo pela Sua maneira de ensinar, bem como por tudo mais; pela admirável paciência com que Se assenta conosco para nos ensinar a mesma lição, repetidas vezes, a fim de que a aprendamos completamente (1).

(1) A jornada de Israel desde Horebe a Cades-Barnéia ilustra forçosamente a história de muitas almas na questão de encontrarem paz. Muitos do povo do Senhor continuam no temor e na dúvida durante anos sem nunca conhecerem a bem-aventurança da liberdade com que Cristo torna livre o Seu povo. É muito triste para todo aquele que realmente se preocupa com as almas ver a triste condição em que alguns são mantidos todos os dias da sua vida pelo legalismo, mau ensino, falsa devoção, e coisas semelhantes. E uma coisa rara nestes dias encontrar na cristandade uma alma plenamente estabelecida na paz do evangelho. Considera-se uma boa coisa, um sinal de humildade, estar sempre em dúvida. A confiança é encarada como presunção. Em suma, as coisas são completamente postas às avessas. O evangelho não é conhecido; as almas estão debaixo da lei, em vez de estarem debaixo da graça; são mantidas à distância, em vez de serem ensinadas a aproximarem-se. Muito da religião em voga é uma deplorável mistura de Cristo e o ego, lei e graça, fé e obras. As almas são mantidas em perfeita confusão, toda a sua vida.

Estas coisas requerem certamente a grave atenção de todos os que ocupam o lugar responsável de ensinadores e pregadores na Igreja professante. Aproxima-se o dia solene em que todos os tais serão convidados a prestar contas do seu ministério.

Demoramos para Apreender

"E sucedeu que, no ano quadragésimo, no mês undécimo, no primeiro dia do mês, Moisés falou aos filhos de Israel, conforme a tudo o que o SENHOR lhe mandara acerca deles" (versículo 3). Estas breves palavras contêm sólidas instruções para todos os servos de Deus, todos os que são chamados ao ministério da Palavra e doutrina. Moisés deu ao povo precisamente o que ele próprio havia recebido de Deus, nada mais, nada menos. Pô-los em contato direto com a palavra viva de Javé (ou: do SENHOR). Este é o grande princípio do ministério em todos os tempos. Nada fora disto tem verdadeiro valor. A Palavra de Deus é a única coisa que permanecerá. Nela há poder divino e autoridade. Todo o ensino meramente humano, por muito interessante, por muito atraente que seja, passará e deixará a alma sem qualquer fundamento em que possa descansar.

Por isso deveria ser cuidado sincero e zeloso de todos os que exercem o ministério na assembleia de Deus pregar a Palavra em toda a sua pureza com toda a simplicidade; transmitindo-a aos ouvintes como a receberam de Deus; pô-los face a face com a verdadeira linguagem da Escritura Sagrada. Desta maneira o seu ministério chegará com poder vivo aos corações e consciências dos seus ouvintes.

Unirá a alma com Deus mesmo por meio da Palavra, e transmitirá uma profundidade e solidez que nenhum ensino humano poderá jamais produzir.

Vejam os bem-aventurados apóstolos Paulo e Pedro. Ouçamo-os exprimir-se sobre este importante assunto. "E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós senão a Jesus Cristo e este crucificado. E eu estive convosco em fraqueza, e em temor, e em grande tremor. A minha palavra e a minha pregação não consistiram em palavras persuasivas de sabedoria humana, mas em demonstração do Espírito e de poder." Qual era o objetivo de todo este temor e tremor? — "Para que a vossa fé não se apoiasse em sabedoria dos homens, mas no poder de Deus" (I Co 2:1-5).

Este verdadeiro e fiel servo de Cristo buscava somente levar as almas dos seus ouvintes a um contato direto e pessoal com Deus mesmo. Não buscava relacioná-las com Paulo. "Pois quem é Paulo e quem é Apolo, senão ministros pelos quais crestes? Todo o falso ministério tem por objetivo atrair as almas para si. Assim o ministro é exaltado; Deus é excluído e a alma é deixada num estado em que não encontra fundamento divino para descansar. O verdadeiro ministério, pelo contrário, segundo o vemos em Paulo e Moisés, tem por objeto bendito unir as almas a Deus. Desta forma o ministro ocupa o seu verdadeiro lugar — simplesmente como um instrumento; Deus é exaltado e a alma estabelecida sobre um sólido fundamento que jamais será abalado.

Mas ouçamos alguma coisa mais do que diz o nosso apóstolo sobre este importante assunto: "Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado, o qual também recebestes e no qual também permanecestes; pelo qual também sois salvos, se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado, se não é que crestes em vão. Porque primeiramente vos entreguei o que também recebi"; — nada mais, nada menos nem nada diferente — "que Cristo morreu por nossos pecados, segundo as Escrituras; e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras" (I Co 15:14).

Isto é extraordinariamente belo! Exige a maior atenção de todos os que querem ser verdadeiros e eficientes servos de Cristo. O apóstolo foi cuidadoso em deixar que a corrente pura fluísse desde a fonte viva do coração de Deus para as almas dos Coríntios. Compreendia que nada mais podia ter algum valor. Se tivesse procurado uni-los a si próprio, teria desonrado tristemente o seu Mestre, feito um grave dano e ele mesmo sofreria certamente dano no dia de Cristo. Mas não; Paulo sabia o que fazia. Por nada do mundo induziria alguém a basear-se sobre si. Ouve o que ele diz aos muito amados Tessalonicenses: "Pelo que também damos, sem cessar, graças a Deus, pois, havendo recebido de nós a palavra da pregação de Deus, a recebestes, não como palavra de homens, mas (segundo é, na verdade) como palavra de Deus, a qual também opera em vós, os que crestes" (1 Ts 2:13).

Sentimos solenemente a responsabilidade de recomendar este grave e importante assunto à mais atenta consideração da Igreja de Deus. Se todos os que professam ser ministros de Cristo seguissem o exemplo de Moisés e Paulo, quanto a ponto de que tratamos, veríamos um estado de coisas muito diferente na igreja professante. Porém, o fato claro e triste é que a Igreja de Deus, como o antigo Israel, se apartou inteiramente da autoridade da Sua Palavra. Ide onde quiserdes, e vereis que são feitas e ensinadas coisas que não têm nenhum fundamento na Escritura. Coisas que não somente são toleradas mas sancionadas e rigorosamente defendidas, que estão em direta oposição à mente de Cristo. Se perguntardes qual a autoridade divina para a instituição desta, essa ou aquela outra prática, dir-vos-ão que Cristo não nos deu instruções quanto ao assunto do governo da igreja; que em todas as questões de política eclesiástica, ordens clericais e serviços litúrgicos, Ele nos deixou livres para atuarmos de acordo com as nossas consciências, critério ou sentimentos religiosos; que é simplesmente um absurdo exigir "assim diz o SENHOR" para todos os pormenores das nossas instituições religiosas; que há uma ampla margem concedida para ser completada de acordo com os nossos costumes nacionais e os nossos particulares hábitos de pensar. É geralmente reconhecido que os cristãos professos gozam de perfeita liberdade para se constituírem a si próprios nas chamadas igrejas, elegerem a sua própria forma de governo, estabelecerem as suas próprias regras e nomearem os seus próprios ministrantes.

Porém, a questão que o leitor tem de resolver é esta: Estas coisas são realmente assim? E possível que o nosso Senhor Jesus Cristo haja deixado a Sua igreja sem orientação em matéria de tanto interesse e importância? Será possível que a Igreja de Deus esteja em piores condições, sobre o assunto de instrução e autoridade, que Israel? Em nossos estudos sobre os livros de Êxodo, Levítico e Números, temos visto — pois quem poderia deixar de ver? — os esforços maravilhosos que o Senhor fez para instruir o Seu povo com respeito aos mais minuciosos pormenores ligados com o seu culto público e vida privada. Quanto ao tabernáculo, o templo, o sacerdócio, o ritual, as diversas festas e sacrifícios, as solenidades periódicas, os meses, os dias, as próprias horas, tudo esta ordenado e disposto com divina precisão. Nada foi deixado para a mera disposição humana. A sabedoria do homem, o seu critério, o seu entendimento, a sua consciência, nada tiveram que ver com o assunto. Tivesse isso sido deixado ao critério do homem, como seria possível que tivéssemos tido esse sistema admirável, profundo e transcendente em símbolo que a pena inspirada de Moisés pôs diante de nós? Se a Israel tivesse sido permitido fazer o que — como muitos de boa vontade procuram persuadir-nos — é consentido à igreja, que confusão, que contendas, que divisões, que interminável número de seitas e partidos não teria havido como resultado inevitável!

Não Obstante, a Escritura é Clara

Mas não era assim. A Palavra de Deus estabelecia tudo. "Conforme a tudo o que o SENHOR lhe mandara acerca deles." Esta magna e influente expressão estava ligada a tudo que Israel tinha que fazer e também a tudo quanto não devia fazer. As suas instituições nacionais e os seus costumes domésticos, a sua vida pública e privada — tudo estava sob a autoridade imperativa da expressão "assim diz o SENHOR". Não havia lugar para que qualquer membro da congregação pudesse dizer: "Não me parece, ou não posso estar de acordo com isto ou com aquilo." Tal linguagem só podia ser considerada como fruto da vontade própria. De igual modo podia dizer: "Não posso concordar com o Senhor." E por quê? Simplesmente porque a Palavra do Senhor havia falado sobre tudo, e isto também com tal clareza e simplicidade que não deixava lugar para discussões humanas. Por todo o conjunto da economia moisaica não havia tanto como a espessura de um cabelo de margem livre para introduzir a opinião ou o parecer do homem. Não competia ao homem acrescentar o peso de uma pena a esse vasto sistema de figuras e sombras que haviam sido planejadas pela mente divina, e expostas em linguagem tão clara e concisa, que tudo quanto Israel tinha a fazer era obedecer— não tinha que arguir, raciocinar nem discutir, mas obedecer!

Mas, ah, eles caíram, como sabemos! Fizeram a sua própria vontade; seguiram o seu próprio caminho, "cada qual fazia o que parecia reto aos seus olhos". Desviaram-se da Palavra de Deus e seguiram as imaginações e projetos dos seus corações pecaminosos, e atraíram sobre si mesmos a ira e indignação da Deidade ofendida, sob a qual sofrem até este dia, e sofrerão ainda tribulação sem exemplo. Porém, tudo isto deixa intato o ponto sobre o qual estamos falando. Israel tinha os oráculos de Deus; e estes oráculos eram divinamente suficientes para sua orientação em tudo. Não restava lugar para os mandamentos e doutrinas dos homens. A Palavra do Senhor provia a todas as exigências possíveis, e essa Palavra era suficientemente clara para tornar desnecessário todo o comentário humano. Está a Igreja de Deus em piores condições a respeito de orientações e autoridade que o antigo Israel? Os cristãos têm de pensar e de se orientarem por si mesmos no culto e serviço de Deus? Há algumas questões em aberto para discussão humana? A Palavra de Deus é suficiente ou não? Deixou de prover alguma coisa? Atendamos diligentemente ao seguinte poderoso testemunho: "Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra" (2 Tm 3:16-17).

Isto é concludente. A Sagrada Escritura contém tudo que o homem de Deus pode necessitar para o fazer perfeito, para o habilitar inteiramente para tudo que pode ser chamado "uma boa obra". E se isto é verdadeiro quanto ao homem de Deus individualmente, é igualmente verdadeiro quanto à Igreja de Deus coletivamente. A Escritura é suficiente para cada um: para todos. Graças a Deus que é assim! Que

notável mercê ter um livro divino por guia! Se não fosse assim, que faríamos? Para onde nos voltaríamos? Que seria de nós? Se fôssemos deixados às tradições humanas e aos preparativos humanos nas coisas de Deus, que confusão desesperada! Que opiniões discordantes! E tudo isto necessariamente porquanto um homem teria tanto direito como outro a dar a sua opinião e propor o seu plano. Dir-nos-ão talvez que, apesar de estarmos de posse da Escritura Sagrada, temos, contudo, seitas, partidos, credos, e escolas de pensamento quase inumeráveis. Mas por que é isto assim? Simplesmente porque recusamos submeter todo o nosso ser moral à autoridade da Sagrada Escritura. Este é o verdadeiro segredo do assunto — a verdadeira origem dessas seitas e partidos que são a vergonha e tristeza da Igreja de Deus.

É inútil que os homens nos digam que estas coisas são boas em si mesmas; são o legítimo fruto do livre exercício de pensamento e juízo privado que formam a própria jactância e glória da cristandade protestante. Nós não cremos e não podemos crer, nem por um momento, que um tal argumento seja admitido ante o tribunal de Cristo. Pelo contrário, cremos que esta tão alardeada liberdade de pensamento e independência de critério estão em direta oposição com aquele espírito de profunda e reverente obediência que é devido ao nosso adorável Senhor e Mestre. Que direito tem um servo de exercer o seu juízo particular ante a vontade terminantemente expressa do seu Senhor? Absolutamente nenhum. O dever de um servo é simplesmente obedecer, não raciocinar ou discutir; mas fazer o que se lhe manda. Cai em falta como servo precisamente na medida em que exerce o seu próprio juízo particular. A característica mais agradável do caráter de um servo é a obediência implícita e indiscutível. O grande dever de um servo é fazer a vontade do seu senhor.

Tudo isto se admite inteiramente nos negócios humanos; mas, nas coisas de Deus, os homens julgam-se autorizados a exercer o seu juízo particular. É um erro fatal. Deus deu-nos a Sua Palavra; e essa Palavra é tão clara que os homens que passam, embora loucos, não necessitam de errar nela. Por isso, se todos fôssemos guiados por essa Palavra, se todos nos inclinássemos com espírito de absoluta obediência à sua autoridade divina, não poderia haver opiniões contraditórias e seitas opostas. É inteiramente impossível que a voz da Sagrada Escritura possa ensinar doutrinas opostas. Ela não pode, de modo algum, ensinar a um homem a doutrina episcopal, a outro a presbiteriana, e a independente. Não pode, de modo nenhum, proporcionar uma base para escolas opostas de pensamento. Seria um insulto positivo contra o volume divino pretender atribuir-lhe toda a triste confusão da igreja professante. Toda a mente piedosa retrocederá com justificado horror ante um tão ímpio pensamento. A Escritura não pode contradizer-se a si mesma, e portanto se dois homens ou dez mil são exclusivamente ensinados pela Escritura pensarão da mesma maneira.

Ouçamos o que o bendito apóstolo diz à igreja de Corinto — o que nos diz a nós: "Rogo-vos, porém, irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo — note-se a poderosa força moral deste apelo — que digais todos uma mesma coisa e que não haja entre vós dissensões; antes, sejais unidos, em um mesmo sentido e em um mesmo parecer" (I Co 1:10).

Ora, a questão é: como deveria ser alcançado este bendito resultado? Era acaso exercendo cada um o direito de juízo privado? Ah, foi precisamente isto que deu origem a todas as divisões e contendas na assembleia de Corinto e motivou a forte reprimenda do Espírito Santo! Aqueles infelizes Coríntios pensavam que tinham o direito de pensar e julgar e escolher por si mesmos, e qual foi o resultado? "Porque a respeito de vós, irmãos meus, me foi comunicado pelos da família de Cloe que há contendas entre vós. Quero dizer, com isso, que cada um de vós diz: Eu sou de Paulo, e eu, de Apolo, e eu, de Cefas, e eu, de Cristo. Está Cristo dividido?-"

Aqui temos o juízo privado e o seu triste fruto — o seu fruto inevitável. Um homem tem tanto direito a pensar por si mesmo como outro; e nenhum homem tem direito algum de impor a sua opinião a outro. Onde está pois o remédio? Em arrojar ao vento o nosso juízo privado e nos submetermos reverentemente à autoridade suprema e absoluta da Sagrada Escritura. Se assim não fosse, como podia o apóstolo rogar aos Coríntios "que digais todos uma mesma coisa ... antes, sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer" Quem devia prescrever "a mesma coisa" que todos deviam dizer? Em cujo "parecer" ou "sentido" deviam estar "unidos"?¹ Tinha algum membro da assembleia, por mais dotado ou inteligente, a mais pequena sombra de direito para apresentar o que os irmãos deviam falar, pensar ou julgar? Certamente que não. Havia uma autoridade absoluta, porque era divina, a que todos tinham de submeter-se, ou antes, à qual todos tinham o privilégio de se submeterem. As opiniões humanas, o próprio critério do homem, a sua consciência a sua razão, todas estas coisas devem apreciar-se pelo que valem; e, com toda a certeza, são perfeitamente inúteis como autoridade. A Palavra de Deus é a única autoridade, e se todos formos governados por ela diremos todos a mesma coisa e não haverá entre nós divisões; mas "seremos unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer."

Formosa situação! Mas não é, infelizmente, a situação atual da Igreja de Deus; e portanto é perfeitamente claro que não estamos todos governados pela única suprema, absoluta e toda suficiente autoridade — a voz da Sagrada Escritura — essa bendita voz que não pode nunca proferir uma nota discordante —, uma voz sempre divinamente harmoniosa para todo o ouvido circuncidado.

Nisto está a raiz de toda a questão. A igreja tem-se separado da autoridade de Cristo, como está exposta na Sua Palavra. Até que isto seja visto, é apenas perder tempo discutir as pretensões dos sistemas eclesiásticos ou teológicos em conflito. Se um homem não compreende que é seu dever sagrado comprovar pela Palavra de

Deus todo o sistema eclesiástico, todo o serviço litúrgico e todo o credo teológico, a discussão é inteiramente inútil. Se é permitido resolver as coisas segundo a conveniência, segundo o parecer do homem, a sua consciência ou a sua razão, então podemos realmente abandonar o caso como irremediável. Se não é estabelecida uma autoridade divina, uma norma perfeita, um guia infalível, não podemos ver como seja possível alguém ter a certeza de que segue o verdadeiro caminho. Se na realidade e verdade que podemos escolher por nós próprios, entre as quase inumeráveis sendas que estão diante de nós, então podemos dizer adeus a toda a certeza; dizer adeus à paz de espírito e repouso do coração; adeus a toda a santa estabilidade de proposto e firmeza de alvo. Se não podemos dizer do terreno que ocupamos, da senda que seguimos, e da obra em que estamos ocupados isto é o que o Senhor ordenou, podemos estar certos de que estamos numa situação errada e, quanto mais depressa a abandonarmos, tanto melhor.

A Voz de Cristo

Graças a Deus, não há nenhuma necessidade para os Seus filhos nem para os Seus servos de continuarem, nem mais uma hora, em ligação com o que é mau. "Qualquer que profere o nome de Cristo aparte-se da iniquidade." Mas como havemos de saber o que é iniquidade? Pela Palavra de Deus. Qualquer coisa que for contrária à Escritura, em moral ou em doutrina, é iniquidade, e eu devo separar-me dela, custe o que custar. É um assunto individual. "Todo aquele que". "Quem tem ouvidos". "Ao que vencer". "Se alguém ouvir a minha voz".

Eis o ponto. Notemo-lo bem. E a voz de Cristo. Não é a voz deste ou daquele bom homem; não é a voz da igreja, a voz dos pais, a voz dos concílios gerais, mas a voz de nosso amado Senhor e Mestre. E a consciência individual em contato direto com a voz de Cristo, a Palavra de Deus viva e eterna — as Sagradas Escrituras. Se fosse meramente uma questão de consciência humana, ou de critério ou de autoridade, seríamos imediatamente submergidos em desesperada incerteza, visto que um homem poderia considerar ser iniquidade, outro poderia considerá-lo perfeitamente reto. Deve haver um padrão fixo para se seguir, uma autoridade suprema da qual não pode haver apelo; e, bendito seja Deus, este padrão existe. Deus tem falado; tem-nos dado a Sua Palavra; e é ao mesmo tempo o nosso dever, o nosso elevado privilégio, nossa segurança moral e nosso verdadeiro gozo obedecer a essa Palavra.

Não quero dizer à interpretação humana da Palavra, mas à própria Palavra. Isto é muito importante. Não devemos ter absolutamente nada entre a consciência humana e a revelação divina. Os homens falam-nos sobre a autoridade da igreja. Onde devemos encontrá-la? Suponhamos uma alma realmente ansiosa, honesta, sincera, que deseja conhecer o verdadeiro caminho. É-lhe dito para escutar a voz

da igreja. Ele pergunta, que igreja? E a grega, a latina, a anglicana ou a igreja escocesa?- Não consegue duas respostas concordes. Ainda mais; há partidos em conflito, seitas em contenda, escolas de pensamento oposto em uma e mesma denominação. Os concílios têm diferido uns dos outros; os pais não têm sido de acordo; os papas têm-se excomungado uns aos outros. No sistema anglicano temos a igreja alta, a igreja humilde e a igreja liberal, cada uma fazendo diferença das outras. Na igreja escocesa ou presbiteriana, temos a igreja escocesa, a presbiteriana unida e a igreja livre. E em seguida se o investigador ansioso deixa esses grandes corpos denominacionais em desesperada perplexidade a fim de orientação nas fileiras dos protestantes dissidentes, encontra porventura alguma coisa melhor?

Ah, prezado leitor, é completamente inútil! A igreja professante no seu conjunto tem-se insurgido contra a autoridade de Cristo, e não pode de modo algum ser guia ou autoridade para ninguém. No segundo e terceiro capítulos do livro de Apocalipse, a igreja é encarada sob o juízo, e o apelo, repetido sete vezes, é: "Quem tem ouvidos, ouça" — o quê?- A voz da igreja?- Impossível! O Senhor nunca nos mandará ouvir a voz do que está sob o juízo. Então, ouvir o quê? "Ouça o que o Espírito diz às igrejas."

E onde pode ser ouvida esta voz"? Unicamente nas Sagradas Escrituras, dadas por Deus, em Sua infinita bondade, para guiar as nossas almas no caminho da paz e verdade, não obstante a ruína desesperada da igreja, e as trevas espessas e turbulenta confusão da cristandade professante. Não cabe nos limites da linguagem humana mostrar o valor e a importância de contar com um guia divino e portanto infalível e suficiente para a nossa carreira individual.

Mas note-se que nós estamos solenemente obrigados a nos inclinarmos a essa autoridade e a seguir esse guia. É inteiramente inútil e na verdade moralmente perigoso professar que temos um guia e uma autoridade divinos e não lhes estarmos inteiramente sujeitos. Era isto que caracterizava os judeus nos dias de nosso Senhor. Tinham as Escrituras, mas não as obedeciam. E um dos característicos mais tristes na atual situação da cristandade e vangloriar-se da posse da Bíblia, enquanto que a autoridade dessa Bíblia é descaradamente posta de lado.

Sentimos profundamente a gravidade deste fato e desejamos sinceramente gravá-lo na consciência do leitor cristão. A Palavra de Deus é virtualmente ignorada entre nós. São praticadas e sancionadas coisas por toda a parte, que não somente não têm fundamento algum na Escritura, mas estão diametralmente opostas a ela. Não somos exclusivamente ensinados nem absolutamente governados pela Escritura.

Tudo isto é muito grave e exige a atenção de todo o povo do Senhor, em toda a parte. Sentimo-nos compelidos a formular uma advertência aos ouvidos de todos os cristãos, a respeito desta grave questão. De fato, é o sentido da sua gravidade e a

sua vasta importância moral que nos levou a empreender a obra de escrever "Estudos sobre o Livro de Deuteronômio". A nossa fervorosa oração é que o Espírito Santo possa usar estas páginas para trazer de novo os corações do amado povo do Senhor ao seu verdadeiro e próprio lugar, ou seja o lugar de reverente fidelidade à Sua bendita Palavra. Estamos persuadidos de que o que caracterizará todos os que quiserem andar piamente, nas horas finais da história terrestre da Igreja, será uma piedosa reverência à Palavra de Deus e uma verdadeira adesão à Pessoa de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. As duas coisas estão inseparavelmente unidas por um elo sagrado e imperecível.

"Voltai-vos e parti"

"O SENHOR, nosso Deus, nos falou em Horebe, dizendo: Tempo bastante haveis estado neste monte. Voltai-vos e parti; ide à montanha dos amorreus, e a todos os seus vizinhos e à planície, e à montanha, e ao vale, e ao Sul, e à ribeira do mar; à terra dos cananeus, e ao Líbano, até ao grande rio, o rio Eufrates" (versículos 6 e 7). Através de todo o livro de Deuteronômio poderemos ver que o Senhor trata muito mais direta e simplesmente com o povo do que em qualquer dos três livros precedentes; tão longe está de ser verdade que o Deuteronômio é uma mera repetição do que temos tido diante de nós nos quatro volumes precedentes. Por exemplo, na passagem que acabamos de citar não é mencionado o movimento da nuvem; não se refere o somido da trombeta. "O SENHOR, nosso Deus, nos falou." Sabemos, pelo livro de Números que os movimentos do acampamento estavam condicionados pelos movimentos da nuvem, comunicados pelo somido da trombeta. Mas neste livro não se faz alusão nem à nuvem nem à trombeta. É muito mais simples e familiar. "O SENHOR, nosso Deus, nos falou em Horebe, dizendo: Tempo bastante haveis estado neste monte."

Como tudo isto é formoso! Nos recorda um pouco da amável simplicidade dos tempos patriarcais, quando o Senhor falava aos pais como um homem fala ao seu amigo. Não era pelo somido de uma trombeta ou pelo movimento de uma nuvem que o Senhor comunicava os Seus pensamentos a Abraão, Isaque e Jacó. Estava tão perto deles que não havia necessidade nem lugar para a intervenção de agentes caracterizados por cerimônia e a distância. Visitava-os, sentava-se com eles, participava da sua hospitalidade em toda a intimidade da amizade pessoal.

Tal é a encantadora simplicidade da ordem de coisas nos tempos patriarcais; e é isto que confere um encanto especial às narrativas do livro de Gênesis.

Mas em Êxodo, Levítico e Números temos uma coisa muito diferente. Neles expõe-se perante nós um vasto sistema de símbolos e sombras, ritos, ordenações e cerimônias impostas ao povo naquele tempo, cujo significado nos é apresentado na epístola aos Hebreus. "Dando nisto a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santuário não estava descoberto, enquanto se conservava em pé o

primeiro tabernáculo, que é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço, consistindo somente em manjares, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da correção" (Hb 9:8 a 10). Debaxo deste sistema, o povo estava a uma certa distância d Deus. Não acontecia com eles o mesmo que havia sido com seus pais, no livro de Gênesis. Deus estava recolhido para eles; e eles permaneciam fora. As principais características do cerimonial levítico, no que dizia respeito ao povo, eram servidão, trevas e afastamento. Mas, por outro lado, os seus tipos e sombras indicavam aquele grande sacrifício que é o fundamento de todos os maravilhosos desígnios e propósitos de Deus, e mediante o qual pode, com perfeita justiça, e de acordo com o amor do Seu coração, ter um povo perto de Si, para louvor da glória da Sua graça, por todos os séculos áureos da eternidade.

Já fizemos notar que encontramos comparativamente muito pouco acerca de ritos e cerimônias no livro de Deuteronomio. O Senhor é visto mais em direta comunicação com o povo; e até mesmo os sacerdotes, no seu cargo oficial, raras vezes aparecem perante nós; e se são mencionados é mais propriamente de um modo moral e não cerimonial. Teremos amplas provas disto no decorrer dos nossos comentários: é uma característica notável deste formoso livro.

"O SENHOR, nosso Deus, nos falou em Horebe, dizendo: Tempo bastante haveis estado neste monte. Voltai-vos e parti e ide à montanha os amorreus." Que raro privilégio para qualquer povo, ter o Senhor tão perto de si e tão interessado em todos os seus movimentos e em tudo quanto lhes interessa, seja pequeno ou grande! O Senhor sabia quanto tempo eles deveriam permanecer em um lugar determinado e para onde deveriam em seguida dirigir os seus passos. Não tinham necessidade de se preocupar com as suas jornadas, ou de qualquer coisa mais. Estavam sob o olhar e nas mãos d'Aquele cuja sabedoria era infalível, cujo poder era onipotente, cujos recursos eram inesgotáveis, cujo amor era infinito, que havia tomado a Seu cargo cuidar deles, que conhecia todas as suas necessidades e estava pronto a satisfazê-las, segundo todo o amor do Seu coração e a força do Seu santo braço.

O que restava, portanto, podemos perguntar, para eles fazerem? Qual era o seu dever simples e claro?- Apenas obedecer. Era seu elevado e santo privilégio descansar no amor e obedecer aos mandamentos do Senhor, seu Deus do concerto. Nisto estava o segredo bendito da sua paz, a sua felicidade e a sua segurança moral. Não tinham nenhuma necessidade para se preocuparem com os seus movimentos nem de fazerem projetos ou arranjos. As suas jornadas eram todas ordenadas por Um que conhecia cada passo do caminho desde Horebe a Cades-Barnéia; e eles tinham apenas de viver dia a dia em feliz dependência d'Ele.

Ditosa posição! Senda privilegiada! Sorte feliz! Mas isto exigia uma vontade quebrantada — um espírito obediente — um coração submisso. Se, quando o Senhor havia dito: "Tempo bastante haveis estado neste monte", eles, pelo contrário, tivessem formado o propósito de o percorrer algum tempo mais, teriam de o percorrer sem Ele. Só podiam contar com a Sua companhia, o Seu conselho e o Seu auxílio no caminho da obediência.

Assim acontecia com Israel nas suas peregrinações pelo deserto, e assim acontece conosco. É nosso precioso privilégio deixar todos os nossos assuntos não meramente nas mãos do Deus do concerto, mas nas mãos de um Pai amantíssimo. Ele arranja os nossos movimentos; determina os limites da nossa habitação; diz-nos quanto tempo devemos permanecer num lugar e aonde devemos ir em seguida. Tem tomado à Sua conta tudo quanto nos diz respeito, todos os nossos movimentos e todas as nossas necessidades. A Sua graciosa Palavra diz-nos: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ações de graças." E depois?— "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4:6-7).

De que Maneira Deus Hoje Guia o Seu Povo?

Mas talvez o leitor se sinta disposto a perguntar: De que maneira guia Deus agora o Seu povo? Não podemos esperar ouvir a voz dizendo-nos quando nos devemos movimentar ou aonde devemos ir. A isto respondemos prontamente dizendo que não pode ser que os membros da Igreja de Deus, o corpo de Cristo, estejam em piores condições, quanto ao assunto de direção divina, do que Israel no deserto. Não pode Deus guiar os Seus filhos—não pode Cristo guiar os Seus servos em todos os seus movimentos e em todo o seu serviço?— Quem poderá, ainda que por um só momento, pôr em dúvida uma verdade tão clara e preciosa? Decerto, não esperamos ouvir uma voz ou ver o movimento de uma nuvem; mas temos o que é muito melhor, muito mais elevado, muito mais íntimo. Podemos estar certos de que o nosso Deus tem feito ampla provisão a este respeito para nós, como em tudo o mais, segundo o grande amor de Seu coração.

Pois bem, há três maneiras de sermos guiados: somos guiados pela Palavra de Deus; somos guiados pelo Espírito Santo; e somos guiados pelos instintos da natureza divina. E devemos recordar que os instintos da natureza divina, a direção do Espírito Santo e o ensino da Sagrada Escritura estão sempre em harmonia. E da maior importância termos isto sempre diante de nós. Uma pessoa podia imaginar que era guiada pelos instintos da natureza divina ou pelo Espírito Santo ao prosseguir certa linha de ação que envolve consequências em contradição com a Palavra de Deus. Desta forma o seu equívoco torna-se aparente. E uma coisa muito grave para qualquer pessoa atuar por simples impulso ou impressão. Atuando

assim, expõe-se a cair numa cilada do diabo e a causar sério prejuízo à causa de Cristo. Devemos pesar com toda a calma as nossas impressões nas balanças do santuário, e pô-las fielmente à prova pelo padrão da Palavra divina. Desta forma seremos guardados do erro e do engano. E muito perigoso confiar nas impressões ou agir por impulso. Havemos visto as mais desastrosas consequências produzidas por assim se atuar. Os fatos podem ser dignos de confiança. A autoridade divina é absolutamente infalível. As nossas impressões podem ser tão enganosas como um fogo-fátuo ou a miragem do deserto. Os sentimentos humanos não são dignos de confiança. Devemos submetê-los sempre ao mais rigoroso exame, a fim de que não nos induzam a uma falsa linha de ação que nos seria fatal. Podemos confiar na Escritura sem uma sombra de dúvida; e descobriremos que, sem exceção, o homem que é guiado pelo Espírito Santo, ou guiado pelos instintos da natureza divina, nunca atua em oposição à Palavra de Deus. Isto é o que podemos chamar um axioma na vida divina uma regra estabelecida no cristianismo prático. Ah, se se houvesse dado mais atenção a isto em todas as épocas da história da igreja! Oxalá seja mais ponderado nos nossos dias!

Mas há outro ponto, nesta questão de direção divina, que reclama a mais séria atenção. Ouvimos frequentemente pessoas que falam do "dedo da divina providência" como de alguma coisa digna de confiança para serem guiadas. Isto pode ser apenas outro modo de expressar a ideia de serem guiadas pelas circunstâncias, que, não hesitamos em dizer, está muito longe, com efeito, de ser a própria espécie de direção para um cristão.

Sem dúvida, nosso Senhor pode, e em certos casos o faz, dar-nos a entender o Seu pensamento e indicar-nos a nossa senda em Sua providência; mas temos de estar suficientemente perto d'Ele para podermos interpretar acertadamente essa providência, de contrário, pode dar-se o caso de o que se chama "uma oportunidade da providência" se converter em realidade numa abertura por onde escapamos do caminho da obediência. Tanto as circunstâncias que nos rodeiam como as nossas impressões íntimas devem ser ponderadas na presença de Deus e avaliadas à luz da Sua Palavra, de contrário podem levar-nos a cometer os mais graves erros. Jonas podia ter imaginado que era notável circunstancia da providência encontrar um barco que ia para Târsis, mas se tivesse estado em comunhão com Deus, nunca teria necessidade de um barco. Em suma, a Palavra de Deus é a grande regra e a perfeita pedra de toque para tudo — para as circunstâncias externas e impressões íntimas — para os sentimentos, as imaginações e tendências — tudo deve ser posto sob a luz esquadrinhadora da Sagrada Escritura a ali julgado calma e seriamente. Esta é a verdadeira senda de segurança, paz e bem-aventurança para todo o filho de Deus.

Pode, contudo, dizer-se, em resposta a tudo isto, que nós não podemos esperar encontrar um texto da Escritura para nos guiar no assunto das nossas ações ou nos

mil pormenores da vida diária. Talvez não; mas há certos princípios importantes expostos na Escritura que, se forem devidamente aplicados, nos proporcionarão direção divina, até mesmo quando não podermos encontrar um texto aplicável a cada caso particular. E não apenas isto, mas temos a mais completa certeza de que o nosso Deus pode guiar e guia os Seus filhos em todas as coisas. "Os passos de um homem bom são confirmados pelo SENHOR." Guiará os mansos retamente; e aos mansos ensinará o seu caminho." "Guiar-te-ei com os meus olhos". Ele pode dar-nos a conhecer os Seus pensamentos sobre este ou aquele ato particular ou sobre a nossa conduta. Se não é assim, onde estamos? Como podemos continuar? Como vamos regular os nossos movimentos"? Vamos ser levados de cá para lá pela onda das circunstâncias? Ficamos à mercê da cega casualidade ou ao simples impulso da nossa própria vontade?

Graças a Deus, não é assim. Ele pode, em Sua perfeita maneira, dar-nos a certeza do Seu pensamento sobre todo o caso que se apresenta; e sem certeza não devemos dar um passo. Nosso Senhor Jesus Cristo — honra seja ao Seu nome incomparável para todo o sempre! — pode indicar o Seu pensamento a um servo Seu para que vá aonde Ele quer e faça o que Ele quer que ele faça; e nenhum verdadeiro servo pensará jamais em agir ou atuar sem essa indicação. Se não estamos certos dessa indicação, esperemos antes de agir. Acontece muitas vezes que nos cansamos e impacientamos com tarefas que Deus de nenhum modo nos tem confiado. Alguém disse certa ocasião a um amigo: "Estou completamente desorientado sobre o caminho que devo tomar." "Então não tomes nenhum", foi a resposta sensata daquele amigo.

Andemos na Direção Indicada

Porém, aqui apresenta-se um ponto moral de absoluta importância, isto é, o estado da nossa alma. Isto, podemos ficar certos, tem muito que ver com a questão de direção. E aos mansos que

Ele guiará retamente e ensinará o seu caminho. Não devemos nunca esquecer isto. Se formos fiéis e não confiarmos em nós mesmos; se esperarmos em Deus, em simplicidade de coração, retidão de pensamento e propósitos honestos, Ele nos guiará, sem dúvida alguma. Mas de nada servirá pedir o conselho de Deus sobre um assunto em que já estamos decididos ou a nossa vontade está em ação.

Isto é uma fatal ilusão. Vejamos o caso de Josafá em 1 Reis 22. "Porém, no terceiro ano, sucedeu que Josafá, rei de Judá, desceu para o rei de Israel" — um triste erro, para começar — "e o rei de Israel disse aos seus servos: Não sabeis vós que Ramote-Gileade é nossa, e nós estamos quietos, sem a tomar da mão do rei da Síria? Então disse a Josafá: Irás tu comigo à peleja a Ramote-Gileade? E disse Josafá ao rei de Israel: Serei como tu és, e o meu povo, como o teu povo, e os meus cavalos,

como os teus cavalos" e, como vemos em 2 Crônicas 18:3, "seremos contigo nesta guerra."

Aqui vemos que Josafá tinha já decidido o seu propósito antes de ter pensado pedir o conselho de Deus sobre o assunto. Estava numa falsa posição e numa atmosfera absolutamente má. Tinha caído nas ciladas do inimigo por falta de sinceridade, e por isso não estava num estado próprio para receber ou aproveitar da direção divina. Estava inclinado à sua própria vontade e o Senhor deixou que ele recolhesse o fruto dela; e não fora a infinita e soberana misericórdia de Deus, e ele teria caído à espada dos sírios e sido levado cadáver do campo de batalha.

E verdade que ele disse ao rei de Israel: "Consulta, porém, hoje a palavra do SENHOR." Mas de que serviria isto, quando ele já se havia comprometido a atuar de um modo determinado? Que loucura revela todo aquele que forma um propósito definido e então vai pedir o conselho do Senhor! Tivesse Josafá estado reto e alma, e nunca teria procurado conselho num tal caso. Mas o estado da sua alma era mau, a sua posição falsa e o seu propósito estava em direta oposição com o pensamento e a vontade de Deus. Por isso, embora ouvisse dos lábios do mensageiro do Senhor o Seu solene juízo contra aquela expedição, seguiu o seu próprio caminho e como consequência por pouco ia perdendo a vida.

Vemos a mesma coisa no capítulo 42 de Jeremias. O povo dirigiu-se ao profeta pedindo conselho quanto à sua intenção de descerem ao Egito. Mas já haviam resolvido o assunto. Estavam decididos a fazer a sua própria vontade. Miserável estado! Tivessem eles sido mansos e humildes e não teriam necessidade de pedir conselho sobre o assunto. Mas eles disseram ao profeta Jeremias: "Caia agora a nossa súplica diante de ti, e roga por nós ao SENHOR, teu Deus" — porque não dizer, o Senhor nosso Deus? — "por todo este resto; porque de muitos restamos uns poucos, como veem os teus olhos; para que o SENHOR, teu Deus, nos ensine o caminho por onde havemos de andar e aquilo que havemos de fazer. E disse-lhes Jeremias, o profeta: Eu vos ouvi; eis que orarei ao SENHOR, VOSSO Deus, conforme as vossas palavras; e seja o que for que o SENHOR VOS responder, eu vo-lo declararei; não vos ocultarei nada. Então, eles disseram a Jeremias: Seja o SENHOR entre nós testemunha da verdade e fidelidade, se não fizermos conforme toda a palavra com que te enviar a nós o SENHOR, teu Deus. Seja ela boa, ou seja má" — como poderia a vontade de Deus ser alguma coisa que não fosse boa? — "à voz do SENHOR nosso Deus, a quem te enviamos, obedeceremos, para que nos suceda bem, obedecendo à voz do SENHOR, nosso Deus."

Ora tudo isto parecia muito piedoso e prometedor. Mas note-se a sequência. Quando descobriram que o juízo e conselho de Deus não estavam de acordo com a sua própria vontade, "Então, falou Azarias... e todos os homens soberbos, dizendo a Jeremias: Tu dizes mentiras; o SENHOR, nosso Deus, não te enviou a dizer: Não entreis no Egito, para lá peregrinardes."

Aqui o estado verdadeiro do caso vem claramente à luz. O orgulho e a obstinação estavam em atividades. Os seus votos e promessas eram falsos. "...Enganastes a vossa alma", diz Jeremias, "pois me enviastes ao SENHOR, VOSSO Deus, dizendo: Ora por nós ao SENHOR, nosso Deus; e, conforme a tudo que disser o SENHOR, Deus nosso, declara-no-lo assim, e o faremos." Tudo teria sido muito bem, se a resposta divina tivesse correspondido à sua vontade sobre o assunto; mas, visto que ia contra ela, rejeitaram-na por completo.

Quantas vezes é este o caso! A Palavra de Deus não agrada aos pensamentos do homem; julga-os; está em oposição direta à sua vontade; choca-se com os seus planos e por isso ele rejeita-a. A vontade humana e a razão humana estão sempre em direto antagonismo com a Palavra de Deus; e o cristão deve rejeitar tanto uma como a outra, se deseja realmente ser divinamente guiado.

Uma vontade insubmissa e uma razão cega, se lhes prestamos atenção, só nos podem conduzir às travas, miséria e desolação. Jonas queria ir para Társis, quando deveria ter ido para Nínive; e a consequência foi que se encontrou "no ventre do inferno", e "as algas se enrolaram na sua cabeça". Josafá quis ir a Ramote-Gileade quando deveria ter estado em Jerusalém; e o resultado foi encontrar-se rodeado pelas espadas dos sírios. O remanescente, nos dias de Jeremias, queria ir para o Egito, quando deveria ter permanecido em Jerusalém, e o resultado foi eles morrerem à espada, pela fome e pela peste na terra do Egito, onde desejavam "entrar para lá peregrinar".

Assim terá de ser sempre. A vereda da obstinação há de ser forçosamente uma senda de trevas e miséria. Não pode ser de outra maneira. Pelo contrário, a vereda de obediência é uma senda de paz, de luz e de bênção, um caminho em que os raios do favor divino são sempre projetados em vivo resplendor. Pode parecer à vista humana estreito, áspero e solitário; mas a alma obediente acha que é o caminho da vida, paz e segurança moral.

A vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito." Bendita vereda! Que o autor e o leitor destas páginas sejam sempre achados trilhando-a, com pé firme e propósito sincero!

Antes de deixar este grande tema prático de direção divina e obediência humana, devemos rogar ao leitor para referir, por uns momentos, uma belíssima passagem do capítulo 11 de Lucas.

"A candeia do corpo é o olho, sendo pois, o teu olho simples, também todo o teu corpo será luminoso; mas, se for mau, também o teu corpo será tenebroso. Vê, pois, que a luz que em ti há não sejam trevas. Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma, todo será luminoso, como quando a candeia te alumia com o seu resplendor" (versículos 34 a 36).

Nada pode exceder a força moral e a beleza desta passagem. Antes de tudo, temos o "olho simples". Isto é essencial para gozar a direção divina. Indica uma vontade quebrantada — um coração honestamente decidido a fazer a vontade de Deus. Não interesses ocultos, motivos diversos, nem afins pessoais em vista. Existe o único e simples desejo e sincero propósito de fazer a vontade e Deus, seja qual for essa vontade.

Quando a alma está nesta atitude, a luz divina desce em caudal e enche completamente o corpo. Por isso segue-se que se o corpo não está cheio da luz, o olho não é simples; existem vários motivos; a obstinação ou o interesse próprio está agindo; não somos retos perante Deus. Neste caso, qualquer luz que professamos é trevas; e não há trevas mais densas ou terríveis como as trevas judiciais que se apoderam do coração que é governado pela obstinação enquanto professa ter luz de Deus. Isto será visto em breve na cristandade, quando "Então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com todo engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniquidade" (2 Ts 2:8-12).

Como isto é terrível! Quão solenemente fala a toda a igreja professante! E quão solenemente se dirige à consciência tanto do autor como do leitor destas linhas! A luz que não produz efeito converte-se em trevas. "Se a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas!" Mas por outro lado uma pequena luz seguida honestamente é certo crescer; "porque ao que tem ser-lhe-á dado"; e "...a vereda dos justos é como a luz da aurora que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito."

Este progresso moral é descrito com toda a sua beleza e força em Lucas 11:36: "Se, pois, todo o teu corpo é luminoso, não tendo em trevas parte alguma" — nenhum aposento fechado aos raios celestiais, nenhuma reserva desonrosa, todo o ser moral amplamente aberto, em verdadeira simplicidade à ação da luz divina, então, "todo será luminoso, como quando a candeia te alumia com o seu resplendor." Em suma, a alma obediente não somente tem luz para a sua própria vereda, mas a luz resplandece, de forma que os outros a veem, como o esplendor de uma candeia. "Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus."

Temos um vivo contraste com tudo isto em capítulo 13 de Jeremias. "Dai glória ao SENHOR, VOSSO Deus, antes que venha a escuridão e antes que tropecem vossos pés nos montes tenebrosos; antes que, esperando vós luz, ele a mude em sombra de morte e a reduza à escuridão." A maneira de dar glória ao Senhor, nosso Deus, é

obedecer à Sua Palavra. A vereda do dever é uma vereda brilhante e bendita; e aquele que, pela graça, trilha essa vereda não tropeçará nunca nas escuras montanhas. Aquele que é verdadeiramente humilde, submisso e que não confia em si próprio, manter-se-á a distância dessas montanhas de obscuridade e andará nessa bendita vereda que está sempre iluminada pelos resplandecentes e alegres raios do semblante de Deus, em sinal de aprovação.

Esta é a vereda do justo, a vereda da sabedoria celestial, a vereda de paz perfeita. Possamos nós, prezado leitor, trilhar sempre esta vereda; e não esqueçamos nunca, nem por um momento, que é o nosso elevado privilégio ser divinamente guiados nos mais minuciosos pormenores da vida diária. Ai daquele que não é assim guiado! Era muitos tropeços, muitas quedas, muitas tristes experiências. Se não somos guiados pela vista do nosso Pai, seremos como o cavalo ou a mula que não têm entendimento, cuja boca precisa de cabresto e freio — como o cavalo que se arroja impetuosamente onde não deveria ou a mula que recusa obstinadamente ir aonde deve ir. Como é triste que um cristão seja como eles! Quão bem-aventurada coisa é andar, dia a dia, na vereda marcada para nós pelo olhar de nosso Pai, uma vereda que os olhos do abutre não têm visto nem o leão tem trilhado, a vereda de santa obediência, na qual os mansos e humildes se encontrarão sempre para seu profundo gozo e louvor e glória d'Aquele que a abriu para eles e lhes dá graça para a trilharem.

A Nomeação dos Chefes ou Juizes (Ex 18; Nm 11)

No que resta do nosso capítulo, Moisés repete aos ouvidos do povo, em linguagem de comovedora simplicidade, os fatos relacionados com a nomeação dos juizes e a missão dos espias. A nomeação dos juizes, Moisés atribui-a aqui à sua própria iniciativa. A missão dos espias foi dada por sugestão do povo. Esse querido e muito honrado servo de Deus achava pesado demais o cargo da congregação; e certamente era um cargo muito pesado; ainda que sabemos bem que a graça de Deus era demais suficiente para as exigências; e, além disso, que essa graça podia agir tão bem por intermédio de um homem como por setenta.

Contudo, podemos compreender muito bem a dificuldade que sentiu "o homem mais manso do que todos os homens que havia sobre a terra" quanto à responsabilidade de um cargo tão sério e importante; e, decerto, a linguagem em que ele concretiza a sua dificuldade é comovedora em alto grau. Achamos que é nosso dever reproduzi-la para benefício do leitor:

"E, no mesmo tempo, eu vos falei, dizendo: Eu sozinho não poderei levar-vos"—decerto que não podia; qual o simples mortal que podia fazê-lo? Mas Deus estava ali e podia contar-se com Ele para as exigências de todo o momento — "O SENHOR vosso Deus já vos tem multiplicado; e eis que já hoje em multidão sois como as estrelas dos céus. O SENHOR, Deus de vossos pais, vos aumente, como

sois, ainda mil vezes mais: e vos abençoe, como vos tem falado"! Formoso parêntese! Excelente inspiração de um coração grande e humilde! — "Como suportaria eu sozinho as vossas moléstias, e as vossas cargas, e as vossas diferenças Ah, aqui está o segredo de grande parte do "embaraço" e da "carga"! Não podiam estar de acordo entre si; havia controvérsias, contendas e questões; e quem era suficiente para todas estas coisas? Que ombro humano podia sustentar um tal fardo? Quão diferente podia ter sido tudo com eles! Andassem eles amorosamente juntos, e não teria havido casos para decidir, e portanto nenhuma necessidade de juízos para os julgar. Se cada membro da congregação houvesse buscado a prosperidade, o interesse e a felicidade dos seus irmãos, não teria havido "contendas", "moléstias" nem "cargas". Se cada um tivesse feito tudo que estava em si para promover o bem geral, quão formoso teria sido o resultado!

Mas infelizmente não sucedeu assim com Israel no deserto; e, o que é ainda mais humilhante, não sucede assim na Igreja de Deus, apesar de os nossos privilégios serem muito mais elevados. Apenas tinha sido formada a assembleia pela presença do Espírito Santo, e já se faziam ouvir os acentos de murmuração e descontentamento. E sobre o quê? Sobre "o menosprezo", suposto ou verdadeiro. O que quer que foi, o ego está em ação. Se o menosprezo era puramente imaginário, os gregos eram dignos de censura; e se era verdadeiro, a censura devia cair sobre os hebreus. Sucede geralmente, em tais casos, que há culpas de ambos os lados; mas o verdadeiro meio é evitar toda a disputa, contenda e murmuração; e colocar o ego no pó e procurar sinceramente o bem dos outros. Tivesse este excelente meio sido compreendido e adotado, desde o princípio, quão diferente tarefa teriam os historiadores eclesiásticos que executar! Mas, ah, não foi adotado, e por isso a história da igreja professante, desde o princípio, tem sido um deplorável e humilhante registro de controvérsias, divisões e utas! Na própria presença do Senhor, cuja vida foi toda de própria negação, os apóstolos disputavam acerca de qual deles seria o maior. Uma tal disputa não poderia ter sido suscitada, se cada um tivesse conhecido o excelente segredo de pôr o ego no pó, e buscar os outros. Ninguém que conhece alguma coisa da verdadeira elevação moral da renúncia própria pode de modo algum procurar um lugar bom ou elevado por si mesmo. A intimidade com Cristo satisfaz de tal modo o coração humilde que as honras, as distinções e as recompensas são tidas em pouca conta. Mas se o ego está em ação, haverá inveja e ciúme, disputas e contendas, confusão e toda a obra má.

Veja-se a cena entre os dois filhos de Zebedeu e os seus dez irmãos, no capítulo 10 de Marcos. Qual era o seu fundamento? O ego. Os dois pensavam num bom lugar para si próprios no reino; e os dez estavam irritados contra os dois por pensarem em tal coisa. Se cada um houvesse posto de lado o ego e procurado o bem dos outros, uma tal cena nunca teria sido representada. Os dois nunca teriam pensado em si mesmos, e por isso nunca teria havido motivo para a "indignação" dos dez.

Mas é desnecessário multiplicar os exemplos. Cada século de história da igreja ilustra e prova a verdade da nossa afirmação de que o ego e os seus atos odiosos são sempre a causa de lutas, contendas e divisões. Para onde quer que nos voltarmos, desde os dias dos apóstolos até aos nossos dias, veremos que o ego não mortificado é a origem frutífera de contendas e cismas. E, por outro lado, veremos que a submissão do ego e dos seus interesses é o verdadeiro segredo de paz, harmonia e amor fraternal. Se tão-somente soubermos pôr o ego de lado e buscar sinceramente a glória de Cristo e a prosperidade do Seu amado povo, não teremos muitos casos para "resolver".

Devemos prosseguir agora com o nosso capítulo.

"Como [suportaria eu sozinho as vossas moléstias, e as vossas cargas, e as vossas diferenças?— Tomai-vos homens sábios, inteligentes e experimentados, entre as vossas tribos, para que os ponha por vossas cabeças. Então, vós me respondestes e dissestes: Bom é de fazer a palavra que tens falado. Tomei, pois, os cabeças de vossas tribos, homens sábios e experimentados" — homens preparados por Deus e possuindo, porque tinham direito a isso, a confiança da congregação — "e os tenho posto por cabeças sobre vós, por capitães de milhares, e por capitães de cem, e por capitães de cinquenta, e por capitães de dez, e por governadores das vossas tribos." Que admirável ordem! Se realmente tinha de ser estabelecida, nada podia ser tão bem adaptado à manutenção da ordem como a escala graduada de autoridade, variando desde o capitão de dez ao capitão de mil; com o próprio legislador à frente de todos, e em imediata comunicação com o Senhor, Deus de Israel. Não se faz alusão aqui ao fato registrado em Êxodo 18, a saber: que a nomeação destes juízes foi feita por sugestão de Jetro, sogro de Moisés. Nem tampouco se faz qualquer referência à cena em Números 11. Chamamos para isto a atenção do leitor como uma das muitas provas que se acham através das páginas do Deuteronomio, o qual está muito longe na verdade de ser uma mera repetição dos volumes precedentes do Pentateuco. Em suma, este precioso livro tem um caráter propriamente seu, e o modo como os fatos são apresentados está em perfeita harmonia com esse caráter. É muito claro que o objetivo do venerável legislador, ou antes do Espírito Santo, por intermédio dele, era gravar todas as coisas, de um modo moral, nos corações do povo, a fim de produzir o grande resultado que é o objetivo especial deste livro, desde o princípio ao fim, isto é, uma amorável obediência a todos os estatutos e juízos do Senhor, seu Deus.

Devemos ter isto em vista, se quisermos estudar corretamente o livro que temos diante de nós. Os infiéis, os cépticos e racionalistas podem impiamente sugerir-nos a ideia de discrepâncias nos diversos relatos feitos nos vários livros; mas o leitor piedoso rejeitará, com santa indignação, tais sugestões, sabendo que procedem diretamente do pai da mentira, o decidido e persistente inimigo da preciosa

revelação de Deus. Esta é, estamos disso convencidos, a verdadeira maneira de tratar todos os ataques feis contra a Bíblia. Os argumentos são inúteis, visto que os feis não estão em situação de compreender ou apreciar o seu valor. São profundamente ignorantes da matéria; e não é somente uma questão de profunda ignorância, mas de decidida hostilidade, de forma que, em todos os casos, o juízo de todos os autores infiéis sobre o assunto da inspiração divina é inteiramente destituído de mérito e perfeitamente desprezível. Devemos lamentar esses homens e orar por eles, ao mesmo tempo que desprezamos inteiramente e rejeitamos com indignação as suas opiniões. A Palavra de Deus está inteiramente acima delas e fora do seu alcance. É tão perfeita como o seu Autor e imperecível como o Seu trono; mas as suas glórias morais, as suas profundidades viventes, e as suas infinitas perfeições são somente patenteadas à fé. "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultasse estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos."

Se nos contentarmos em ser tão simples como uma criancinha, gozaremos a preciosa revelação do amor do Pai, dada pelo Seu Espírito, nas Sagradas Escrituras. Mas, por outro lado, aqueles que se julgam sábios e prudentes, que edificam sobre os seus conhecimentos, a sua filosofia e a sua razão, que se julgam competentes para se constituírem juízes da Palavra de Deus, e portanto do próprio Deus, são entregues às trevas judiciais, cegueira e dureza de coração. Assim acontece que a mais insigne loucura e a mais baixa ignorância, que o homem pode manifestar, são encontradas nas páginas desses autores cultos que têm tido a ousadia de escrever contra a Bíblia. "Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? - Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação" (I Co 1:20,21).

"Se alguém... se tem por sábio,... faça-se louco" (I Co 3:18). Eis aqui o grande segredo moral do assunto. O homem tem de chegar ao fim da sua própria sabedoria, bem como da sua própria justiça. Tem de ser levado a declarar-se a si mesmo louco, antes de poder provar a doçura da sabedoria divina. Não está ao alcance do mais gigantesco ser humano, auxiliado por todas as aplicações da sabedoria humana e da filosofia, entender os mais simples elementos de revelação divina. E, portanto, quando homens inconvertidos, qualquer que possa ser a força do seu gênio ou a extensão do seu saber, se arriscam a tratar de assuntos espirituais, e especialmente do tema da inspiração divina das Sagradas Escrituras, é certo mostrarem a sua profunda ignorância e completa incompetência para tratar do assunto que está ante eles. Na verdade, sempre que examinamos um livro infiel, somos surpreendidos com a fraqueza dos seus mais poderosos argumentos; e não apenas isto, mas, em todos os casos em que procuram descobrir uma discrepância na Bíblia, nós vemos apenas sabedoria divina, beleza e perfeição.

Fomos levados a entrar na precedente linha de pensamento em relação com a questão da nomeação dos anciãos a qual nos é dada em cada livro, segundo a sabedoria do Espírito Santo e em perfeita concordância com o tema e assunto do livro.

Vamos prosseguir agora com a nossa citação.

"E, no mesmo tempo, mandei a vossos juizes, dizendo: Ouvei a causa entre vossos irmãos e julgai justamente entre o homem e seu irmão e entre o estrangeiro que está com ele. Não atentareis para pessoa alguma em juízo, ouvireis assim o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém, porque o juízo é de Deus; porém a causa que vos for difficil fareis vir a mim, e eu a ouvirei."

Que celestial sabedoria se descobre aqui! Que equilibrada justiça! Que santa imparcialidade! Em todos os casos de desavença, todos os fatos, de ambas as partes, deviam ser completamente ouvidos e pacientemente considerados. A mente não devia torcer-se por predileção ou sentimentos pessoais de qualquer espécie. O juízo devia ser feito, não por impressões, mas por fatos — fatos claramente comprovados, incontestáveis. A influencia pessoal não deveria ter-se em apreço algum. A posição e as circunstâncias de qualquer das partes em questão não deviam ser tidas em consideração. A causa devia ser decidida inteiramente sobre os seus próprios méritos. "Ouvireis assim o pequeno como o grande." Ao pobre devia ser dispensada a mesma imparcial justiça como ao rico; ao estrangeiro como ao nascido no país. Não era admitida diferença alguma.

Quão importante é tudo isto! Quão digno da nossa mais atenta consideração! Quão cheia de profunda e valiosa instrução para todos nós! Decerto, não somos todos chamados para ser juizes ou anciãos ou chefes; mas os grandes princípios morais estabelecidos na citação precedente são do mais alto valor para cada um de nós, visto que ocorrem continuamente casos que requerem a sua direta aplicação. Onde quer que tenha caído a nossa sorte, qualquer que seja a linha de vida ou esfera de ação, estamos sujeitos infelizmente a enfrentar casos de dificuldade e desinteligência entre os nossos irmãos; casos de agravo quer verdadeiros ou imaginários; e, por isso, é muito necessário estarmos divinamente instruídos sobre a maneira como nos devemos conduzir a respeito de tais casos.

Ora, em tais casos, jamais seremos exagerados em basear o nosso juízo em fatos — todos, os fatos, de ambas as partes. Não devemos consentir em sermos guiados pelas nossas próprias impressões, pois sabemos todos que as simples impressões não são dignas de crédito. Podem ser corretas; e podem ser inteiramente falsas. Nada é mais facilmente recebido e transmitido do que uma falsa impressão, e portanto qualquer juízo baseado meramente em impressões é desprezível. Devemos possuir fatos sólidos e claramente estabelecidos — fatos provados por duas ou três

testemunhas, como a Escritura tão claramente determina (Dt 17:6; Mt 18:16; 2 Co 13:1; 1 Tm 5:19).

Mas, além disso, nunca devemos ser guiados em juízo por o que expõe uma das partes. Todos estamos sujeitos a dar um certo colorido à exposição do nosso caso, até com a melhor das intenções. Não é que se queira intencionalmente fazer uma declaração falsa, ou mentir deliberadamente; mas, por engano ou uma causa ou outra, pode apresentar-se o caso como realmente não é. Pode omitir-se qualquer fato; e esse fato pode afetar tanto os outros fatos que altere completamente a sua significação. "Audi alteram partem" (ouça-se a parte contrária), é um lema muito salutar. E não só ouvir a parte contrária, mas ouvir todos os fatos de ambas as partes, e assim sermos capazes de formular um são e reto juízo. Podemos estabelecer como regra de qualquer juízo formado sem conhecimento preciso de todos os fatos e inteiramente inútil. "Ouvi a causa entre vossos irmãos e julgai justamente entre o homem e seu irmão e entre o estrangeiro que está com ele." Oportunas e necessárias palavras, certamente, em todos os tempos, em todos os lugares e em quaisquer circunstâncias. Possamos nós aplicá-las aos nossos corações!

E quão importante é a admoestação do versículo 17! "Não atentareis para pessoa alguma em juízo, ouvireis assim o pequeno como o grande; não temereis a face de ninguém." Como estas palavras descobrem o pobre coração humano! Quão dados somos a ter deferência pelas pessoas; a sermos dominados por influência pessoal; a ligar importância à posição e riqueza; a ter receio ante a face do homem!

Qual é o divino antidoto contra todos estes males? Precisamente este: o temor de Deus. Se pomos o Senhor perante nós, em todas as ocasiões, isso nos livrará eficazmente da perniciosa influência de parcialidade, preconceitos e temor do homem. Isso nos induzirá a esperar humilde e pacientemente que o Senhor nos guie e aconselhe em tudo quanto possa apresentar-se à nossa consideração; e assim seremos guardados de formular juízos precipitados e parciais sobre os homens e os fatos — origem fecunda de agravos entre o povo do Senhor, em todos os tempos.

Consideremos agora por uns momentos a maneira verdadeiramente comovedora em que Moisés apresenta ante a congregação todas as circunstâncias relacionadas com a missão dos espias, que, à semelhança da nomeação dos juízes, está em perfeita harmonia com o tema e objetivo do livro. Não podíamos esperar outra coisa. Não há, não pode haver uma simples frase desnecessariamente repetida no volume divino. Menos ainda pode haver uma só discordância ou narração contraditória. A palavra de Deus é absolutamente perfeita no seu conjunto, perfeita em todas as suas partes componentes. Devemos manter isto com firmeza e confessá-lo com toda a fidelidade perante este século de infidelidade.

Não falamos das traduções humanas da Palavra de Deus, nas quais deve haver mais ou menos imperfeições; ainda que não temos senão motivo para estar "cheios de

admiração, amor e louvor", quando notamos a maneira como o nosso Deus presidiu tão claramente à nossa excelente tradução inglesa, de forma que o mais pobre serrano pode estar certo de possuir a revelação de Deus à sua alma na corrente Bíblia inglesa. E, decerto, nós podemos dizer afoitamente que isto é o que podíamos esperar das mãos do nosso Deus. É razoável esperar que aquele que inspirou os homens santos que escrevera a Bíblia, tem também velado sobre a tradução; visto que Ele a deu originariamente, em Sua graça, àqueles que podiam ler hebreu e grego, não a daria, em graça, do mesmo modo, em todas as línguas abaixo do céu? Bendito seja para sempre o Seu santo Nome, é Seu gracioso desejo falar a todos os homens na própria língua em que foram nascidos; contar-nos a doce história da Sua graça, as boas novas da salvação, no próprio tom em que nossas mães murmuravam aos nossos ouvidos de infância essas palavras de amor que penetravam fundo em nossos corações (veja At 2:5 a 8).

Oh! Se os homens fossem mais impressionados e afetados com a verdade e poder de tudo isto; então não seríamos incomodados com tantas questões loucas e ignorantes acerca da Bíblia.

Ouçamos agora a narração feita por Moisés da missão dos espias — a sua origem e os seus resultados. Veremos como é cheia de instrução, contanto que os ouvidos estejam abertos para ouvir e o coração devidamente preparado para ponderar.

Os Espias (Nm 13)

"Assim, naquele tempo, vos ordenei todas as coisas que havíeis de fazer." A senda de simples obediência foi claramente exposta perante eles. Não tinham mais que segui-la com coração obediente e passo firme. Não tinham que arguir quanto às conseqüências ou pesar os resultados. Deviam deixar tudo isto precisamente nas mãos de Deus, e prosseguir, com resolutos propósitos, na bendita senda de obediência.

"Então, partimos de Horebe, e caminhamos por todo aquele grande e tremendo deserto que vistes, pelo caminho das montanhas dos amorreus, como o SENHOR, nosso Deus nos ordenara; e chegamos a Cades-Barnéia. Então, eu vos disse: Chegados sois às montanhas dos amorreus, que o SENHOR, nosso Deus, nos dará. Eis que o SENHOR, teu Deus, te deu esta terra diante de ti, sobe, possui-a, como te falou o SENHOR, Deus de teus pais; não temas, e não te assustes."

Aqui estava a sua garantia para entrarem imediatamente na posse da terra. O Senhor, seu Deus, havia-lhes dado a terra, e havia-a posto diante deles. Era sua por Sua livre dádiva — o dom da Sua soberana graça, de acordo com o concerto feito com seus pais. Era Seu propósito eterno possuir a terra de Canaã por meio dos descendentes de Abraão, Seu amigo. Isto deveria ter sido bastante para tranquilizar completamente os seus corações, não só quanto às condições da terra, mas também quanto à entrada nela. Não havia necessidade de espias. A fé nunca necessita de

espiaar o que Deus tem dado. Sabe que o que Ele tem dado deve valer a pena possuí-lo; e que Ele pode pôr-nos em plena possessão de tudo que a Sua graça nos tem outorgado. Israel podia ter concluído que a mesma mão que os havia conduzido através daquele "grande e tremendo deserto" podia também fazê-los entrar e estabelecê-los na herança que lhes havia destinado.

Assim teria raciocinado a fé; porque ela sempre raciocina desde Deus às circunstâncias; e nunca das circunstâncias para Deus. "Se Deus é por nós, quem será contra nós? Este é o argumento da fé, grande na sua simplicidade, e simples em sua grandeza moral. Quando Deus enche completamente a visão da alma, as dificuldades são de pouca importância. Ou não são vistas, ou, se vistas, são consideradas como ocasiões para a manifestação do poder divino. A fé exulta em ver Deus triunfando sobre as dificuldades.

Mas, infelizmente, o povo não era regido por fé naquela ocasião; e, portanto, tiveram de recorrer aos espias. Moisés relembra-lhes isto, e isto também em linguagem ao mesmo tempo terna e fiel. "Então, todos vós vos chegastes a mim e dissestes: Mandemos homens adiante de nós, para que nos espieem a terra e nos deem resposta, por que caminho devemos subir a ela e a que cidades devemos ir." Certamente, bem podiam ter confiado em Deus quanto a tudo isto. Aquele que os havia tirado do Egito, que fizera um caminho para eles através do mar, os guiara através do deserto sem trilho, era perfeitamente capaz de os introduzir na terra. Mas não; eles quiseram enviar espias simplesmente porque os seus corações não tinham fé simples no Deus vivo, verdadeiro e Todo-poderoso.

Nisto está a origem moral da questão; e é bom que o leitor compreenda claramente este ponto. Verdade é que, na história dada em Números, o Senhor disse a Moisés que mandasse os espias. Mas por quê? Por causa da condição moral do povo. E aqui vemos a diferença característica e ao mesmo tempo a encantadora harmonia dos dois livros. Números dá-nos a história pública, Deuteronômio a origem secreta da missão dos espias; e assim como está em perfeita concordância com Números dar-nos a primeira, assim também o está com o caráter de Deuteronômio dar-nos a segunda. Uma é o complemento da outra. Não poderíamos compreender plenamente o assunto, se não tivéssemos a história relatada em Números. E o comentário tocante, feito em Deuteronômio, que completa o quadro. Quão perfeita é a Escritura! Tudo quanto precisamos é dos olhos unguídos para ver e do coração preparado para apreciar as suas glórias morais.

Pode ser que o leitor talvez encontre dificuldades enquanto à questão dos espias. Pode sentir-se disposto a perguntar, como podia ser mau enviá-los, visto que o Senhor lhes dissera para assim fazerem? A resposta é que o mal não estava de modo algum no ato de os enviar quando lhes foi dito, mas no desejo de os enviarem a todo o custo. O desejo era o fruto da incredulidade; e a ordem para os mandar foi motivada pela incredulidade.

Podemos ver alguma coisa do mesmo caráter na questão do divórcio, em Mateus 19. "Então chegaram ao pé dele os fariseus, tentando-o e dizendo-lhe: E lícito ao homem repudiar sua mulher por qualquer motivo? Ele, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que, no princípio, o Criador os fez macho e fêmea e disse: Portanto, deixará o homem pai e mãe e se unirá à sua mulher, e serão dois numa só carne? Assim não são mais dois mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou, não separe o homem. Disseram-lhe eles: Então, por que mandou Moisés dar-lhe carta de divórcio e repudiá-la? Disse-lhes ele: Moisés, por causa da dureza do vosso coração, vos permitiu repudiar vossa mulher; mas, ao princípio, não foi assim."

Não era segundo a instituição original de Deus, ou segundo a Sua vontade, que o homem repudiasse sua mulher; mas por causa da dureza do coração humano, o divórcio foi permitido pelo legislador. Existe alguma dificuldade em compreender isto? Decerto que não, a menos que o coração esteja disposto a levantar alguma. Nem tampouco existe qualquer dificuldade na questão dos espíritos. Israel não deveria ter necessidade deles. A fé simples nunca teria pensado neles. Mas o Senhor viu o verdadeiro estado de coisas, e deu um mandamento em conformidade com ele; assim como, séculos mais tarde, viu o coração do povo inclinado a ter um rei, e ordenou a Samuel que lhes desse um. "E disse o SENHOR a Samuel: Ouve a voz do povo em tudo quanto te disser, pois não te tem rejeitado a ti; antes, a mim me tem rejeitado, para eu não reinar sobre ele. Conforme todas as obras que fez, desde o dia em que os tirei do Egito até ao dia de hoje, pois a mim me deixou, e outros deuses serviu, assim também te fez a ti. Agora, pois, ouve a sua voz, porém protesta-lhe solenemente, e declara-lhes qual será o costume do rei que houver de reinar sobre ele" (I Sm 8:7-9).

Vemos assim que a simples concessão de um desejo não prova de modo algum que tal desejo esteja de acordo com o pensamento de Deus. Israel não deveria ter pedido um rei. Não era o Senhor suficiente? Não era Ele o seu Rei?- Não podia Ele, como sempre havia feito, guiá-los à batalha e pelejar por eles? Porque buscar um braço de carne? Porque deixar o Deus verdadeiro, vivo, o Todo-poderoso, para confiar num pobre verme? Que poder poderia haver num rei senão aquele que Deus podia ter achado próprio conferir-lhe? Absolutamente nenhum. Todo o poder, toda a sabedoria, todo o verdadeiro bem estavam no Senhor, seu Deus; e estavam ali em todo o tempo para suprir todas as suas necessidades. Eles só tinham que apoiar-se em Seus braços onipotentes, saciarem-se nos Seus inesgotáveis recursos e encontrar os seus mananciais n'Ele.

Logo que receberam um rei, segundo o desejo de seus corações, que fez ele por eles? "Todo o povo veio atrás dele, tremendo." Quando mais atentamente estudamos a história melancólica do reinado de Saul, tanto mais vemos que ele foi, quase desde o começo, um estorvo em vez de um auxílio. Não temos mais que ler a

sua história, desde o princípio ao fim, para vermos a verdade disto. O seu reinado foi um completo fracasso, exposto de uma maneira tão exata quanto enérgica em duas brilhantes expressões do profeta Oséias: "Dei-te um rei na minha ira e to tirei no meu furor." Em suma, ele foi a resposta à incredulidade e voluntariedade do povo, e portanto todas as brilhantes esperanças e expectativas que despertara, foi o lamentável desapontamento. Fracassou em corresponder ao pensamento de Deus; e, como consequência inevitável, fracassou em suprir as necessidades do povo. Mostrou que era completamente indigno da coroa e do cetro; e a queda ignominiosa no monte Gilboa estava em triste concordância com toda a sua carreira.

Ora, se considerarmos a missão dos espias, vemos também que, à semelhança da nomeação de um rei, acabou em completo fracasso e desapontamento. Não podia ser de outra maneira, visto que era o fruto da incredulidade. Decerto, Deus deu-lhes os espias; e Moisés, com enternecedora graça, diz: "Pareceu-me, pois, bem esse negócio; de sorte que de vós tomei doze homens, de cada tribo um homem." Isto era graça descendo sobre o estado do povo, e consentindo num plano que era adequado a esse estado. Mas isto não prova, de modo algum, que quer o plano quer o estado do povo fosse segundo o pensamento de Deus. Bendito seja o Seu nome, Ele pode valer-nos na nossa incredulidade, embora seja entristecido e desonrado por ela. Deus compraz-Se numa fé ousada e simples. E a única coisa, neste mundo, que Lhe dá o Seu próprio lugar. Por isso, quando Moisés disse ao povo: "Eis que o SENHOR, teu Deus, te deu esta terra diante de ti; sobe, possui-a, como te falou o SENHOR, Deus de teus pais; não temas, e não te assustes", qual deveria ser a sua própria resposta? "Eis-nos aqui; guia-nos, SENHOR, Todo-poderoso; guia-nos à vitória. Tu és suficiente para nós. Contigo como guia, iremos para diante com alegre confiança. As dificuldades não existem para Ti, e portanto nada significam para nós. A Tua Palavra e a Tua presença são tudo quanto necessitamos. Nelas encontramos ao mesmo tempo a nossa autoridade e o nosso poder. Não importa absolutamente quem ou o que possa estar diante de nós: gigantes poderosos, altas muralhas, ameaçadores baluartes; que representam todos eles diante do SENHOR, Deus de Israel, senão folhas secas levadas pelo vento? - Guia-nos, ó SENHOR."

Esta teria sido a linguagem da fé; mas, infelizmente, não foi a linguagem de Israel nesta ocasião. Deus não lhes bastava. Não estavam preparados para subir, apoiando-se somente no Seu braço. Não estavam satisfeitos com a descrição que Ele havia feito da terra. Quiseram mandar espias. Qualquer coisa servia para o pobre coração humano menos a simples dependência do Deus vivo e verdadeiro. O homem natural não pode confiar em Deus, simplesmente porque não O conhece. "E em ti confiarão os que conhecem o teu nome."

Deus tem de ser conhecido, para poder confiar-se n'Ele; e quanto mais se confia n'Ele, tanto melhor Se torna conhecido. Nada existe em todo este mundo tão verdadeiramente abençoado como uma vida de simples fé. Mas isto tem de ser uma realidade e não uma simples profissão. É inteiramente inútil falar de fé viva, enquanto o coração depende secretamente de qualquer amparo humano. O verdadeiro crente tem de tratar exclusivamente com Deus. Encontra n'Ele todos os seus recursos. Não é que ele menospreze os instrumentos ou os canais que Deus Se compraz em usar; pelo contrário, aprecia-os muitíssimo; e não pode deixar de os estimar como os meios que Deus usa para seu auxílio e bênção. Mas não permite que eles suplantem Deus. A linguagem do coração é: "A minha alma espera somente em Deus; dele vem a minha salvação. Só ele é a minha rocha" (SI 62:1-2). Existe força peculiar na palavra "só". Sonda completamente coração. Contar com a criatura, direta ou indiretamente, para suprimento de qualquer necessidade, é em princípio abandonar a vida de fé. E, oh, é uma obra miserável, esta confiança, de qualquer modo, nos recursos da criatura! E tão degradante moralmente quanto elevada é moralmente a vida de fé. E não só é degradante, mas motivo de desapontamento. O apoio da criatura cede, e os mananciais da criatura secam; mas os que confiam no Senhor nunca serão confundidos, e nunca lhes faltará bem algum. Tivesse Israel confiado no Senhor em vez de mandar os espias, ele teria uma história muito diferente para contar. Mas quiseram mandar os espias, e todo aquele negócio resultou no mais humilhante fracasso.

"E foram-se, e subiram à montanha, e vieram até ao vale de Escol, e o espiaaram. E tomaram do fruto da terra nas suas mãos, e no-lo trouxeram, e nos tornaram a dar resposta: Boa é a terra que nos dá o SENHOR, O nosso Deus." Como poderia ser de outro modo, visto que era Deus quem lhes a dava? Necessitavam de espias para lhes dizer que a dádiva de Deus era boa? Certamente não deveriam ter essa necessidade. Uma fé simples teria assim argumentado: "Seja o que for que Deus nos dá, deve ser digno de Si mesmo; não precisamos de espias para nos assegurarem isto." Mas infelizmente esta fé simples é uma joia extraordinariamente rara neste mundo; e até mesmo aqueles que a possuem conhecem pouco do seu valor ou como usá-la. Uma coisa é falar da vida de fé, e outra completamente diferente vivê-la. A teoria é uma coisa; a realidade viva outra muito diferente. Mas não esqueçamos nunca que é privilégio de todos os filhos de Deus viver pela fé; e, além disso, que a vida de fé inclui todas as coisas que possam, de qualquer modo, necessitar, desde o ponto de partida até ao alvo da sua carreira terrestre. Já abordamos este importante ponto; jamais insistiremos nele com demasiado ardor ou constância.

Com respeito à missão dos espias, o leitor notará com interesse o modo como Moisés se refere a ele. Limita-se àquela parte do testemunho deles que está de acordo com a verdade. Nada diz acerca dos dez espias infiéis. Isto está de perfeita harmonia com o tema e objetivo do livro. Tudo está exposto para atuar por via

moral sobre a consciência da congregação. Recordai-vos que foram eles próprios quem propôs enviar os espias; e demais, que apesar de os espias terem posto diante deles o fruto da terra, e dado testemunho da sua excelência, eles não quiseram subir. "Porém vós não quisestes subir, mas fostes rebeldes ao mandado do SENHOR, vosso Deus." Não havia qualquer desculpa. É evidente que os seus corações estavam num estado de positiva incredulidade e de rebelião, e a missão dos espias, desde o começo ao fim, apenas revelou isto plenamente.

A Incredulidade (Nm 14)

"E murmurastes nas vossas tendas e dissestes: Porquanto o SENHOR nos aborrece" — uma terrível mentira, em si mesmo! — "e nos tirou da terra do Egito para nos entregar nas mãos dos amorreus, para destruir-nos." Que estranha prova de aborrecimento! Quão absurdos são os argumentos da incredulidade! Seguramente, se os tivesse aborrecido, nada mais fácil do que deixá-los morrer entre os fornos de tijolo do Egito, debaixo do cruel azorrague dos exatores de Faraó. Por que tomar tanto trabalho com eles? Qual o motivo das dez pragas sobre a terra dos seus opressores?— Se os detestava, porque não permitiu que as águas do Mar Vermelho se precipitassem como se precipitaram sobre os seus inimigos? Por que motivo os livrou da espada de Amaleque?— Em suma, qual a razão de todos estes maravilhosos triunfos da graça em seu favor, se o Senhor os detestava? Ah! Se eles não tivessem sido possuídos por um espírito de negra e insensata incredulidade, uma tal ordem brilhante de evidência os levaria a uma conclusão oposta àquela que pronunciaram! nada existe abaixo da abóbada celeste tão estupidamente irracional como a incredulidade. E, por outro lado, não há nada tão perfeito, claro e lógico como o argumento de uma fé simples. Que o leitor possa sempre experimentar a verdade disto!

E murmurastes nas vossas tendas." A incredulidade não é somente um cego e insensato raciocinador, mas um negro e tétrico murmurador. Nunca toma as coisas pelo lado reto nem pelo lado claro. Está sempre no escuro, sempre em erro, simplesmente porque exclui Deus, e só olha para as circunstâncias. Eles disseram: "Para onde subiremos? Nossos irmãos fizeram com que se derretesse o nosso coração, dizendo: Maior e mais alto é este povo do que nós." Mas não era maior do que o Senhor. "As cidades são grandes e fortificadas até aos céus" — crasso exagero de incredulidade! — "e também vimos ali filhos dos gigantes."

Ora a fé diria: "Bem, embora as cidades sejam fortificadas até aos céus, o nosso Deus está acima delas, porque Ele está no céu. O que são grandes cidades ou altas muralhas para Aquele que formou o universo e o sustém pela palavra do Seu poder? Que são os gigantes, filhos de Anaque, na presença do Deus Todo-poderoso? Se a terra estivesse coberta de cidades fortificadas desde Dã até Berseba, e se os gigantes fossem tão numerosos como as folhas da floresta, seriam como a

pragana da eira ante Aquele que havia prometido dar a terra de Canaã aos descendentes de Abraão, Seu amigo, por perpétua herança."

Mas Israel não tinha fé, como o apóstolo inspirado nos diz no terceiro capítulo de Hebreus. "Não puderam entrar por causa da sua incredulidade." Aqui estava a grande dificuldade. As cidades fortificadas e os terríveis Enaquins cedo teriam sido afastados se Israel tivesse confiado em Deus. Depressa teria acabado com eles. Mas, ah, essa deplorável incredulidade interpõe-se sempre no caminho da nossa bênção! Impede o resplendor da glória de Deus; projeta uma sombra negra sobre as nossas almas e rouba- nos o privilégio de apreciar a suficiência do nosso Deus para satisfazer todas as nossas necessidades e remover todas as nossas dificuldades.

Bendito seja o Seu nome, Ele nunca falta a um coração que em Si confia. É seu deleite honrar os maiores saques que a fé apresenta na Sua inesgotável tesouraria. A palavra animadora que nos dirige é: "Não temas, crê somente." E, também: "Seja isso feito segundo a tua fé." Palavras preciosas, que fazem vibrar a nossa alma! Possamos nós todos compreender plenamente a sua doçura e vivo poder! Podemos ficar certos de que nunca podemos ser exagerados em contar com Deus; seria uma simples impossibilidade. O nosso grande erro é que não nos aproveitamos mais abundantemente dos Seus infinitos recursos. "Não te hei dito que, se creres, verás a glória de Deus?"

Podemos compreender assim por que foi que Israel fracassou em ver a glória de Deus naquela ocasião. Não criam. A missão dos espias foi um completo fracasso. Assim como começou assim terminou, na mais deplorável incredulidade. Deus fora excluído. As dificuldades enchiam por completo a visão dos israelitas.

"Não puderam entrar". Não puderam ver a glória de Deus. Escutai as palavras profundamente tocantes de Moisés. Faz bem ao coração lê-las. Tocam o mais íntimo do nosso ser renovado. "Então, eu vos disse: Não vos espanteis, nem os temais. O SENHOR, vosso Deus, que vai adiante de vós, por vós pelejará" — pensai em Deus pelejando pelo povo! Pensai em Javé como Varão de guerra! "Ele por vós pelejará, conforme a tudo o que fez convosco, diante de vossos olhos, no Egito; como também no deserto, onde viste que o SENHOR, teu Deus, nele te levou, como um homem leva seu filho, por todo o caminho que andastes, até chegardes a este lugar. Mas nem por isso crestes no SENHOR, vosso Deus, que foi adiante de vós por todo o caminho, para vos achar o lugar onde vos deveríeis acampar; de noite no fogo, para vos mostrar o caminho por onde havíeis de andar, e de dia na nuvem."

Que força moral, que encantadora doçura se encontram neste apelo! Quão claramente vemos aqui, como, na verdade, em todas as páginas do livro, que o Deuteronômio não é uma repetição estéril de fatos, mas sim um comentário poderosíssimo sobre esses fatos! É conveniente que o leitor se dê conta disto. Se o legislador inspirado narra nos livros de Êxodo e de Números os atos passados na

vida de Israel no deserto, no livro de Deuteronômio comenta esses fatos com uma comoção que comove o coração. E é aqui que o estilo delicado dos atos de Javé assinalado e ponderado com incomparável perícia e ternura. Quem pode deixar passar por alto a encantadora figura revelada nas palavras: “como um homem leva o seu filho”? Aqui temos o estilo da ação. Poderíamos entendê-lo sem isto? Certamente que não. É o estilo de uma ação que toca o coração, porque é o estilo que de um modo tão especial, expressa o sentimento do coração. Se o poder da mão ou a sabedoria da mente é vista na substância de uma ação, o amor do coração mostra-se no estilo. Até um menino pode compreender isto, embora não possa explicá-lo.

Calebe: A Fé

Mas, infelizmente, Israel não pôde confiar em Deus para os introduzir na terra! Apesar da maravilhosa manifestação do Seu poder, Sua fidelidade, bondade e ternura, desde os fornos de tijolo do Egito às fronteiras da terra de Canaã, eles não creram. Com uma exposição de evidência que deveria satisfazer qualquer coração, eles ainda duvidaram. "Ouvindo, pois, o SENHOR a voz das vossas palavras, indignou-se e jurou, dizendo: Nenhum dos homens desta maligna geração verá esta boa terra que jurei dar a vossos pais, salvo Calebe, filho de Jefoné; ele a verá, e a terra que pisou darei a ele e a seus filhos; porquanto perseverou em seguir ao SENHOR."

"Não te hei dito que se creres verás a glória de Deus?" Tal é a ordem divina. Os homens nos dirão que ver é crer; mas, no reino de Deus, crer é ver. Por que foi que a nenhum dos homens daquela má geração foi consentido ver a boa terra? Simplesmente por que não creram no Senhor seu Deus. Em contrapartida, porque foi Calebe autorizado a vê-la e a tomar posse dela? Simplesmente porque creu. A incredulidade é sempre o grande impedimento no caminho da nossa visão da glória de Deus. "E não fez ali muitas maravilhas, por causa da incredulidade deles." Se Israel tivesse apenas crido, apenas confiado no seu Deus, apenas confiado no amor de Seu coração e no poder do Seu braço, Ele os teria introduzido e estabelecido no monte da Sua herança.

E é precisamente assim hoje com o povo do Senhor. Não ha limite para as bênçãos que podemos gozar, se confiarmos mais plenamente em Deus. "Tudo é possível ao que crê." O nosso Deus nunca dirá: "Haveis obtido já abundantemente; quereis receber demasiado." Impossível. É gozo de Seu terno coração responder às maiores esperanças da fé.

Procuremos obter abundantemente. "Abre bem a tua boca e ta encheri" (SI 81:10). A inesgotável tesouraria do céu está aberta de par em par para a fé. "E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o receberéis." "E, se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus que a todos dá liberalmente e o não lança em rosto; e

ser-lhe-á dada. Peça-a, porém, com fé, não duvidando." A fé é o segredo divino de toda a questão, a fonte principal da vida cristã, desde o princípio ao fim. A fé não vacila e não oscila. A incredulidade está sempre a vacilar e a oscilar, e por isso nunca vê a glória de Deus nem o Seu poder. É surda à Sua voz e cega aos Seus atos; deprime o coração e enfraquece as mãos; escurece o caminho e estorva todo o progresso. Foi a incredulidade que manteve Israel fora da terra de Canaã durante quarenta anos; e nós não podemos fazer ideia das inúmeras bênçãos, privilégios, poder e vantagens que perdemos constantemente por causa da sua terrível influência. Se os nossos corações estivessem verdadeiramente exercitados na fé, quão diferente seria o estado de coisas no nosso meio! Qual é o segredo do deplorável entorpecimento e esterilidade no vasto campo da profissão cristã?- A que devemos atribuir o nosso estado de ruína, a nossa falta de ânimo, o nosso raquítico crescimento? Como é que vemos resultados tão fracos em todas as atividades da obra cristã?- Por que motivo há tão poucas conversões verdadeiras? Porque estão os nossos evangelistas tão frequentemente abatidos por causa da escassez da sua ceifai como havemos de responder a todas estas interrogações? Qual é a causa?- Querirá alguém dizer que não é a nossa incredulidade?

Sem dúvida, as nossas divisões têm muito que ver com ela; o nosso apego às coisas mundanas, a nossa sensualidade, a nossa indulgência, a nossa ociosidade. Mas qual é o remédio para todos estes males?- Como vão ser os nossos corações movidos por verdadeiro amor para com todos os nossos irmãos?- Pela fé — esse princípio precioso "que opera por caridade." Assim o bendito apóstolo diz aos queridos recém-convertidos em Tessalônica: "A vossa fé cresce muitíssimo" depois?- "E a caridade de cada um de vós abunda nuns para com os outros." Assim será sempre. A fé põe-nos em contato direto com a fonte eterna de amor em Deus mesmo; e a consequência forçosa é que os nossos corações são impulsionados em amor por todos os que Lhe pertencem — todos em quem podemos, por mais débil que seja, descobrir a Sua imagem bendita. Não podemos, de modo algum, estar perto do Senhor e não amarmos todos os que, em todo o lugar, invocam o Seu nome com um coração puro. Quanto mais perto estamos de Cristo, tanto mais intensamente devemos estar unidos, em verdadeiro amor fraternal, com todos os membros do Seu corpo.

E quanto ao mundanismo, em todas as suas diversas formas, como deve ser vencido?- Escutemos a resposta de outro apóstolo inspirado. "Porque todo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé. Quem é que vence o mundo, senão aquele que crê que Jesus é o Filho de Deus?-" O homem novo, andando no poder da fé, vive acima do mundo, acima dos seus motivos, acima dos seus objetivos, dos seus princípios, seus costumes, seus modelos. Nada tem em comum com ele. Movimenta-se precisamente contra a sua corrente. Obtém todos os seus recursos do céu. A sua vida, a sua esperança, tudo

está ali; e anela ardentemente estar ali quando a sua obra na terra estiver terminada.

Vemos assim que princípio poderoso é a fé. A fé purifica o coração, opera por amor, e vence o mudo. Em suma, liga o coração, em poder vivo, com Deus Mesmo; e este é o segredo da verdadeira elevação, santa benevolência e pureza divina. Não é de estranhar, portanto, que Pedro fale dela como da "preciosa fé", porque é verdadeiramente preciosa além de todo o pensamento humano.

Veja-se como este poderoso princípio atuou em Calebe, e o resultado bendito que produziu. Foi-lhe permitido constatar a verdade dessas palavras proferidas séculos mais tarde: "Seja-vos feito segundo a vossa fé." Creu que Deus tinha poder para os fazer entrar na terra, e que todas as dificuldades e obstáculos eram simplesmente substância para a fé. E Deus, como sucede sempre; respondeu à sua fé. "Então os filhos de Judá chegaram a Josué em Gilgal; e Calebe, filho de Jefoné, o quenezu, lhe disse: Tu sabes a palavra que o SENHOR falou a Moisés, homem de Deus, em Cades- Barnéia, por causa de mim e de ti. Da idade de quarenta anos era eu quando Moisés, servo do SENHOR, me enviou de Cades-Barnéia a espiar a terra; e eu lhe trouxe resposta, como sentia no meu coração" - testemunho simples de uma brilhante e encantadora fé! - "mas meus irmãos, que subiram comigo, fizeram derreter o coração do povo: eu, porém, perseverarei em seguir ao SENHOR, meu Deus. Então, Moisés, naquele dia, jurou, dizendo: Certamente a terra que pisou o teu pé será tua e de teus filhos, em herança perpetuamente; pois perseveraste em seguir o SENHOR, meu Deus. E, agora, eis que o SENHOR me conservou em vida, como disse; quarenta e cinco anos há agora, desde que o SENHOR falou esta palavra a Moisés, andando ainda Israel no deserto; e, agora, eis que já hoje sou da idade de oitenta e cinco anos. E, ainda hoje, estou tão forte como no dia em que Moisés me enviou; qual a minha força então era, tal é agora a minha força, para a guerra, e para sair, e para entrar. Agora, pois, dá-me este monte de que o SENHOR falou naquele dia; pois naquele dia, tu ouviste que os anaquins estão ali, grandes e fortes cidades há ali; porventura, o SENHOR será comigo para os expelir, como o Senhor disse" (Js 14:6-12).

Quão refrescantes são as expressões de uma fé simples! Quão edificantes! Quão verdadeiramente alentadoras! Que contraste com as expressões lúgubres, desanimadoras, insolentes e desonrosas para Deus, da incredulidade! "E Josué o abençoou, e deu a Calebe, filho de Jefoné, Hebrom em herança. Portanto, Hebrom foi de Calebe, filho de Jefoné o quenezu, em herança, ate ao dia de hoje, porquanto perseverara em seguir o SENHOR, Deus de Israel" (Js 14:13-15). Calebe, como seu pai Abraão, foi firme na fé, dando glória a Deus; e nós podemos dizer, com a maior segurança, que, visto que a fé sempre honra a Deus, Ele Se compraz sempre em honrar a fé; e estamos convencidos que se o povo do Senhor pudesse apenas confiar mais n'Ele, se eles se aproveitassem mais abundantemente dos Seus

infinitos recursos, seríamos testemunhas de um estado de coisas totalmente diferente do que vemos à nossa volta. "Não te hei dito que se creres verás a glória de Deus? Oh, se tivéssemos uma fé mais viva em Deus — uma apropriação mais ousada da Sua fidelidade da Sua bondade e poder! Então poderíamos esperar resultados mais gloriosos no campo do evangelho; mais zelo, mais energia, mais intensa devoção na Igreja de Deus; e mais dos frutos fragrantados da justiça na vida dos crentes individualmente.

Moisés não Entraria no País

Vamos agora por um momento deitar um vista de olhos aos versículos finais do nosso capítulo, nos quais encontraremos sólida instrução. E, antes do mais, vemos os atos do governo divino manifestados da maneira mais solene e impressionante. Moisés refere-se da maneira mais tocante ao fato da sua exclusão da terra prometida. "Também o SENHOR se indignou contra mim por causa de vós, dizendo: Também tu lá não entrarás."

Notemos as palavras "por causa de vós". Era muito necessário recordar à congregação que era por sua causa que Moisés, esse amado e honrado servo do Senhor, era impedido de atravessar o Jordão e pôr o seu pé na terra de Canaã. E certo que "falou imprudentemente com seus lábios"; mas eles "irritaram o seu espírito" para isso. Isto deveria tê-los comovido ao mais íntimo da alma. Não só falharam, devido à incredulidade, em entrar na terra, mas foram a causa da sua exclusão, embora ele muito desejasse ver "esta boa montanha e o Líbano!" (veja SI 106:32-33).

Mas o governo de Deus é uma magna e terrível realidade. Não esqueçamos isto nunca, nem por um só momento. A razão humana pode estranhar que algumas palavras inconsideradas, algumas precipitadas expressões fossem a causa de não conceder a um tal servo de Deus amado e honrado o que ele tão ardentemente desejava. Mas o nosso lugar é curvar a cabeça em humilde adoração e santa reverência, e não discutir ou julgar. "Não faria justiça o Juiz de toda a terra!" Certamente, Ele não pode cometer erros. "O Senhor, Deus Todo-poderoso, verdadeiros e justos são os teus juízos"(Ap 16:7). "Deus deve ser em extremo tremendo na assembleia dos santos e grandemente reverenciado por todos os que o cercam" (SI 89:7). "O nosso Deus é um fogo consumidor" (Hb 12 -29)' e "Horrenda coisa é cair nas mãos do Deus vivo" (Hb 10:31).

Acaso interfere com a ação e autoridade do governo divino o fato que nós, como cristãos, estamos debaixo do reino da graça?— De modo nenhum. É tão certo hoje como sempre foi que "o que o homem semear, isso também ceifará". Portanto, seria um grave erro alegar a liberdade que há na graça divina para ter em pouca conta os decretos do governo divino. As duas coisas são perfeitamente distintas e nunca deverão ser confundidas. A graça pode perdoar — livre, plena e eternamente — mas as rodas do carro do governo do Senhor rodam com poder esmagador e

aterradora solenidade. A graça perdoou o pecado de Adão; mas o governo de Deus expulsou-o do Éden para ganhar a vida com o suor do seu rosto entre os espinhos e cardos de uma terra amaldiçoada. A graça perdoou o pecado de Davi; mas a espada do governo permaneceu sobre a sua casa até ao fim. Bate-Seba foi a mãe de Salomão; mas Absalão levantou-se em rebelião.

E assim sucedeu com Moisés, a graça levou-o ao cume do Pisga e mostrou-lhe a terra; mas o governo proibiu-o austeramente e absolutamente de entrar ali. Nem tampouco afeta no mínimo este princípio capital a consideração de que Moisés, em seu cargo oficial, como representante do sistema legalista, não podia introduzir o povo na terra. Isto é verdade; mas deixa absolutamente intacta a solene verdade que estamos considerando. Nem no capítulo 12 de Números, nem no primeiro capítulo de Deuteronômio se diz qualquer coisa sobre Moisés, quanto ao seu cargo oficial. É ele pessoalmente que temos perante nós, e é a ele que se proíbe entrar na terra por ter falado inconsideradamente com os seus lábios.

Será conveniente para todos nós considerarmos, atentamente, na presença de Deus, esta grande verdade prática. Podemos ficar certos de que quanto mais profundamente entrarmos no conhecimento da graça, tanto mais sentiremos a solenidade do governo de Deus, e acharemos inteiramente justificados os seus decretos. Disto estamos perfeitamente convencidos. Mas existe Perigo iminente de admitir, de uma forma ligeira e descuidada, as doutrinas da graça, enquanto que o coração e a vida não se têm submetido à influência santificadora dessas doutrinas. Ternos de vigiar com santo zelo contra este perigo. Nada há em todo este mundo mais terrível do que a simples familiaridade carnal com a teoria da salvação pela graça. Abre a porta a toda a forma de abusos. É por isso que sentimos a necessidade de gravar na consciência do leitor a verdade prática do governo de Deus. Isto é muito necessário em todos os tempos, mas especialmente nos nossos dias, em que existe uma tendência terrível para converter a graça do nosso Deus em luxúria. Descobriremos invariavelmente que aqueles que melhor sabem apreciar a bem-aventurança de se estar debaixo do reino da graça também justificam completamente as leis do governo de Deus.

Mas nós vemos, nas linhas finais do nosso capítulo, que o povo não estava de modo algum preparado para se submeter à direção do governo de Deus. De fato, não queriam a graça nem o governo. Quando convidados a subir imediatamente e tomar posse da terra com a completa certeza de que a presença e o poder divino os acompanhariam, hesitaram e recusaram ir. Entregaram-se completamente a um espírito de negra incredulidade. Em vão Josué e Calebe fizeram chegar aos seus ouvidos as mais animadoras palavras; em vão puseram diante dos seus olhos o rico fruto da boa terra; em vão Moisés intentou demovê-los com palavras enternecedoras; não quiseram subir, quando se lhes disse para subirem. E qual foi o resultado? A sua decisão foi aceite. Segundo a sua incredulidade, assim lhes foi

feito. "E vossos meninos, de que dissestes: Por presa serão; e vossos filhos, que hoje nem bem nem mal sabem, eles ali entrarão, e a eles a darei, e eles a possuirão. Porém vós virai-vos e parti para o deserto pelo caminho do mar Vermelho."

Uma Confissão Superficial e Circunstancial

Como é triste! E, todavia, como podia ser de outra maneira! Se eles não queriam, em simples fé, entrar na terra, nada mais restava para eles senão voltarem para o deserto. Mas a isto eles não iam submeter-se. Não queriam aproveitar-se das provisões T graça nem curvar-se à sentença do juízo. "Então, respondestes e me dissestes: Pecamos contra o SENHOR; nós subiremos e pelejaremos conforme tudo o que nos ordenou o SENHOR, nosso Deus, e armastes-vos, pois, vós, cada um dos seus instrumentos de guerra, e estivestes prestes para subir à montanha."

Isto pareceria ser contrição e arrependimento; mas era oco e falso. É muito fácil dizer "Pecamos". Saul disse o mesmo no seu tempo; disse isso sem sentido, sem o verdadeiro sentimento do que estava dizendo. Podemos facilmente fazer um juízo sobre o valor e força das palavras "pequei" pelo fato de que elas foram imediatamente seguidas por estas outras: "Honra-me porém agora diante dos anciãos do meu povo." Que estranha contradição! "Pequei; honra-me porém". Se ele tivesse realmente sentido o seu pecado, quão diferente teria sido a sua linguagem! Mas era tudo uma solene zombaria. Imagine-se um homem cheio de si mesmo fazendo uso da forma de palavras sem a mínima partícula de sentimento do coração; e então, a fim de conseguir honra para si mesmo, cumprindo a vazia formalidade de adorar a Deus. Que quadro! Pode haver alguma coisa mais triste? - Que terrível ultraje para Aquele que deseja a verdade no íntimo e que busca adoradores que O adorem em espírito e verdade! Os mais fracos suspiros de um coração quebrantado e contrito são preciosos para Deus; oh, quão insultuosas são para ele as falsas formalidades da mera religiosidade, cujo objetivo é exaltar o homem a seus próprios olhos e aos olhos dos demais! Quão inútil é a mera profissão dos lábios quando o coração a não sente! Como um escritor muito bem observou recentemente: "É uma coisa fácil dizer, temos pecado; mas quantas vezes descobrimos que não é a confissão apressada do pecado que proporciona a evidência de que o pecado e sentido! Pelo contrário, é uma prova de dureza do coração. A consciência sente que é necessário um certo ato de confissão do pecado, mas talvez não haja nada que mais endureça o coração que hábito de confessar o pecado sem o sentir. Eu creio que uma das maiores ciladas na cristandade desde a antiguidade até hoje consiste no conhecimento impresso do pecado, o mero hábito de cumprir precipitadamente uma fórmula de confissão a Deus. Atrevo-me a dizer que quase todos nós temos feito isso, sem aludir a qualquer forma especial; porque infelizmente existe bastante formalidade; e, sem ter escritas disposições, o coração pode conceber as suas próprias práticas religiosas, como podemos ter observado, se

é que não conhecemos por experiência própria, sem necessidade de achar faltas nas outras pessoas."

Assim aconteceu com Israel em Cades. A sua confissão de pecado era inteiramente sem valor. Não havia verdade nela. Tivessem eles sentido o que diziam e ter-se-iam submetido ao juízo de Deus e aceitado humildemente as consequências do seu pecado. Não existe prova mais clara de verdadeira contrição que humilde submissão aos desígnios do governo de Deus. Veja-se o caso de Moisés. Note-se como ele baixou a sua cabeça à disciplina divina. "Também o SENHOR", diz Moisés, "se indignou contra mim por causa de vós, dizendo: Também tu lá não entrarás. Josué, filho de Num, que está em pé diante de ti, ele ali entrará; esforça-o, porque ele a fará herdar a Israel."

Aqui Moisés mostra-lhes que eles eram a causa da sua exclusão da terra, e contudo não pronuncia uma palavra sequer de queixume, antes se submete humildemente ao juízo divino, não apenas contente por ser substituído por outro, mas em estar pronto a apoiar e animar o seu sucessor. Não há indício de ciúme ou inveja nas suas palavras. Era bastante para esse amado e honrado servo de Deus que Deus fosse glorificado e a necessidade da congregação satisfeita. Não estava ocupado consigo mesmo ou com os seus próprios interesses mas com a glória de Deus e a bênção do Seu povo.

Porém, o povo manifestou um espírito muito diferente. "Nós subiremos e pelejaremos." Que petulância! Que loucura! Quando mandados por Deus e encorajados pelos Seus fiéis servos a subir e possuir a terra, responderam: "Para onde subiremos?" E quando lhes é ordenado voltarem para o deserto respondem: "Nós subiremos e pelejaremos."

Um Solene Ensino

"E disse-me o SENHOR; Dize-lhes: Não subais, nem pelejeis, pois não estou no meio de vós, para que não sejais feridos diante de vossos inimigos. Porém, falando-vos eu, não ouvistes; antes, fostes rebeldes ao mandado do SENHOR, e vos ensoberbecestes, e subistes à montanha. E os amorreus, que habitavam naquela montanha, vos saíram ao encontro; e perseguiram-vos, como fazem as abelhas, e vos derrotaram desde Seir até Horma."

O Senhor não podia acompanhá-los no caminho da vontade própria e rebelião; e, certamente, Israel, sem a presença divina, não podia medir-se com os amorreus. Se Deus for por nós e conosco tudo deve ser vitória. Mas nós não podemos contar com Deus se não andamos no caminho da obediência. E simplesmente o cúmulo da loucura supor que podemos ter Deus conosco se os nossos caminhos não são retos. "Torre forte é o nome do SENHOR; para ele correrá o justo e estará em alto retiro." Mas se não andamos em justiça prática, é perversa vaidade falar de ter o Senhor por nossa forte torre.

Bendito seja o Seu Nome, Ele pode valer-nos nas maiores profundidades da nossa fraqueza e fracasso, contanto que haja verdadeira e sincera confissão do nosso verdadeiro estado. Mas pretender que temos o Senhor conosco, enquanto estamos fazendo a nossa própria vontade, e andando em evidente injustiça, não é outra coisa senão maldade e dureza de coração. "Confia no SENHOR e faze o bem." Esta é a ordem divina; mas falar de confiar no Senhor, enquanto se faz o mal, é converter a graça de Deus em luxúria e pormo-nos completamente nas mãos do diabo, que só busca a nossa ruma moral. "Porque, quanto ao SENHOR, seus olhos passam por toda a terra para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração é Perfeito para com ele" (2 Cr 16:9). Quando temos uma boa consciência podemos levantar a cabeça e avançar através de toda a sorte de dificuldades; porém intentar andar na vereda da fé com uma má consciência é a coisa mais perigosa deste mundo. Só podemos manter ao alto o escudo da fé quando os nossos lombos estão com a É da máxima importância que os cristãos procurem manter a justiça prática em todos os seus aspectos. Há um imenso valor e peso moral nestas palavras do apóstolo Paulo: "E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens." Procurava sempre usar a couraça da justiça e estar vestido de linho branco, que é a justiça dos santos. E assim devemos nós fazer. E nosso santo privilégio andar, dia a dia, com passo firme, na vereda do dever, a senda de obediência, senda na qual resplandece sempre a luz do semblante de Deus em aprovação. Então, seguramente, podemos contar com Deus, apoiarmo-nos n'Ele, receber d'Ele, achar n'Ele todos os nossos recursos, envolvermo-nos a nós próprios na Sua fidelidade, e assim avançar, em pacífica comunhão e santa adoração para com o nosso lar celestial.

Não se trata, repetimos, de não podermos olhar para Deus na nossa fraqueza, no nosso fracasso e até mesmo quando temos errado e pecado. Bendito seja o Seu nome, podemos fazê-lo e os Seus ouvidos estão sempre atentos ao nosso clamor. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1:9). "Das profundezas a ti clamo, ó SENHOR! Senhor, escuta a minha voz! Sejam os teus ouvidos atentos à voz das minhas súplicas. Se tu, SENHOR, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão, para que sejas temido" (SI 130:1-4). Não há limite para a extensão da expiação, não há limite para a virtude e eficácia do sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que purifica de todo o pecado; não há limite para a eficácia da intercessão do nosso adorável Advogado, nosso Sumo Sacerdote, que pode salvar até ao fim os que chegam a Deus por Ele.

Tudo isto é uma verdade bendita; verdade amplamente ensinada e ilustrada de várias maneiras através do volume inspirado. Mas a confissão do pecado, e o perdão do pecado não devem ser confundidos com a justiça prática. Existem duas condições distintas em que podemos invocar a Deus: podemos invocá-Lo em

profunda contrição, e sermos ouvidos, ou podemos invocá-Lo com uma boa consciência e um coração sincero, sermos ouvidos. Mas os dois casos são muito distintos; e não só são distintos em si mesmos, como estão em acentuado contraste com aquela indiferença e dureza de coração que presume contar com Deus apesar de positiva desobediência e injustiça prática. É isto que é tão terrível aos olhos de Deus e que deve motivar o Seu severo castigo. Ele reconhece e aprova a justiça prática; pode perdoar livre e amplamente o pecado confessado; mas imaginar que podemos pôr a nossa confiança em Deus, enquanto os nossos pés andarem pelo caminho da iniquidade não é nada menos que a mais horrível impiedade. "Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este. Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras fizerdes juízo entre um homem e entre o seu companheiro, se não oprimirdes o estrangeiro e o órfão e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século. Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada são proveitosas. Furtareis vós, e matareis, e cometereis adultério, e jurareis falsamente, e queimareis incenso a Baal, e andareis após outros deuses que não conhecestes, e então vireis, e vos poreis diante de mim nesta cada, que se chama pelo meu nome, e direis: Somos livres, podemos fazer todas estas abominações? (Jr 7:4-10).

Deus trata em realidades morais; deseja a verdade no íntimo; e se os homens ousam manter a verdade em injustiça, devem esperar o Seu justo castigo. É o pensamento de tudo isto que nos faz sentir o terrível estado da igreja professante. A passagem solene que acabamos de citar do profeta Jeremias apesar de se referir, primeiramente, aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém, tem uma aplicação acentuada à cristandade. Vemos no terceiro capítulo da 2ª epístola a Timóteo que todas as abominações do paganismo, relatadas no final do primeiro de Romanos, são reproduzidas nos últimos dias sob a verdade e vestida a couraça da justiça.

É da máxima importância que os cristãos procurem manter a justiça prática em todos os seus aspectos. Há um imenso valor e peso moral nestas palavras do apóstolo Paulo: "E por isso procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens." Procurava sempre usar a couraça da justiça e estar vestido de linho branco, que é a justiça dos santos. E assim devemos nós fazer. E nosso santo privilégio andar, dia a dia, com passo firme, na vereda do dever, a senda de obediência, senda na qual resplandece sempre a luz do semblante de Deus em aprovação. Então, seguramente, podemos contar com Deus, apoiarmo-nos n'Ele, receber d'Ele, achar n'Ele todos os nossos recursos, envolvermo-nos a nós próprios na Sua fidelidade, e assim avançar, em pacífica comunhão e santa adoração para com o nosso lar celestial.

Não se trata, repetimos, de não podermos olhar para Deus na nossa fraqueza, no nosso fracasso e até mesmo quando temos errado e pecado. Bendito seja o Seu nome, podemos fazê-lo e os Seus ouvidos estão sempre atentos ao nosso clamor. "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça" (1 Jo 1:9). "Das profundezas a ti clamo, ó SENHOR! Senhor, escuta a minha voz! Sejam os teus ouvidos atentos à voz das minhas súplicas. Se tu, SENHOR, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá? Mas contigo está o perdão, para que sejas temido" (SI 130:1-4). Não há limite para a extensão da expiação, não há limite para a virtude e eficácia do sangue de Jesus Cristo, o Filho de Deus, que purifica de todo o pecado; não há limite para a eficácia da intercessão do nosso adorável Advogado, nosso Sumo Sacerdote, que pode salvar até ao fim os que chegam a Deus por Ele.

Tudo isto é uma verdade bendita; verdade amplamente ensinada e ilustrada de várias maneiras através do volume inspirado. Mas a confissão do pecado, e o perdão do pecado não devem ser confundidos com a justiça prática. Existem duas condições distintas em que podemos invocar a Deus: podemos invocá-Lo em profunda contrição, e sermos ouvidos, ou podemos invocá-Lo com uma boa consciência e um coração sincero, sermos ouvidos. Mas os dois casos são muito distintos; e não só são distintos em si mesmos, como estão em acentuado contraste com aquela indiferença e dureza de coração que presume contar com Deus apesar de positiva desobediência e injustiça prática. É isto que é tão terrível aos olhos de Deus e que deve motivar o Seu severo castigo. Ele reconhece e aprova a justiça prática; pode perdoar livre e amplamente o pecado confessado; mas imaginar que podemos pôr a nossa confiança em Deus, enquanto os nossos pés andarem pelo caminho da iniquidade não é nada menos que a mais horrível impiedade. "Não vos fieis em palavras falsas, dizendo: Templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR é este. Mas, se deveras melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se deveras fizerdes juízo entre um homem e entre o seu companheiro, se não oprimirdes o estrangeiro e o órfão e a viúva, nem derramardes sangue inocente neste lugar, nem andardes após outros deuses para vosso próprio mal, eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais, de século em século. Eis que vós confiais em palavras falsas, que para nada são proveitosas. Furtareis vós, e matareis, e cometereis adultério, e jurareis falsamente, e queimareis incenso a Baal, e andareis após outros deuses que não conhecestes, e então vireis, e vos poreis diante de mim nesta cada, que se chama pelo meu nome, e direis: Somos livres, podemos fazer todas estas abominações?" (Jr 7:4-10).

Deus trata em realidades morais; deseja a verdade no íntimo; e se os homens ousam manter a verdade em injustiça, devem esperar o Seu justo castigo. É o pensamento de tudo isto que nos faz sentir o terrível estado da igreja professante. A passagem solene que acabamos de citar do profeta Jeremias apesar de se referir,

primeiramente, aos homens de Judá e aos habitantes de Jerusalém, tem uma aplicação acentuada à cristandade. Vemos no terceiro capítulo da 2 epístola a Timóteo que todas as abominações do paganismo, relatadas no final do primeiro capítulo de Romanos, são reproduzidas nos últimos dias sob a capa da profissão cristã e em relação imediata com "a forma de piedade". Qual há-de ser o fim de um tal estado de coisas? Implacável ira. Os mais duros juízos de Deus estão reservados para a grande massa de professos batizados que chamamos cristandade. O momento aproxima-se rapidamente em que todo o amado povo de Deus adquirido com Seu sangue será arrebatado deste mundo sombrio e pecaminoso ainda que chamado "mundo cristão" para estar sempre com o Senhor, naquele doce lar de amor preparado na casa do Pai. Então "a operação do erro" será enviada sobre a cristandade — sobre as próprias nações onde a luz de um cristianismo para todo o globo tem resplandecido; onde se tem pregado livre e plenamente o evangelho; onde milhões de exemplares da Bíblia têm sido postos em circulação, e onde todos, de um modo ou de outro, professam o nome de Cristo e se chamam a si próprios cristãos.

E depois?— Que vai seguir-se a esta "operação do erro"? Algum novo testemunho? Mais algumas oportunidades de misericórdia? Mais algum esforço da graça longânima? Não para a cristandade! Não para os que rejeitam o evangelho de Deus. Não para os professos de formas vazias e sem valor de cristianismo sem Deus e sem Cristo! Os pagãos ouvirão "o evangelho eterno", "o evangelho do reino"; mas quanto a essa coisa terrível, essa pavorosa anomalia chamada cristandade, "a vide da terra", nada resta senão o lagar da ira do Deus Todo-poderoso, a escuridão das trevas para sempre, o lago que arde com fogo e enxofre.

Leitor, estas são as verdadeiras palavras de Deus. Nada seria mais fácil que colocar ante os teus olhos uma série incontestável de provas das Escrituras, mas isto seria alheio ao nosso presente propósito. O Novo Testamento, do princípio ao fim, revela a verdade solene acima exposta; e todo o sistema de teologia abaixo do sol que ensina alguma coisa diferente mostrar-se-á, pelo menos sobre este ponto, completamente falso.

CAPÍTULO 2

«VIRAI-VOS PARA O NORTE»

Incredulidade e Fé

As linhas finais do capítulo 1, mostram-nos o povo chorando diante do Senhor. "Tornando, pois, vós e chorando perante o SENHOR, O SENHOR não ouviu a

vossa voz, nem voz escudou. Assim, em Cades estivestes muitos dias, segundo os dias que ali estivestes."

Não havia mais sinceridade nas suas lágrimas do que nas suas palavras. O seu choro não merecia mais crédito que a sua confissão. É possível que as pessoas confessem o pecado e vertam lágrimas sem um verdadeiro sentimento de pecado na presença de Deus. Isto é muito grave. É escarnecer de Deus. Sabemos, bendito seja para sempre o Seu nome, que um coração verdadeiramente contrito é o Seu prazer. Com um tal, Deus faz a Sua habitação. "Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus" (SI 51:17). As lágrimas que brotam de um coração arrependido são muito mais preciosas para Deus do que as manadas de mil colinas, visto provarem que há um lugar nesse coração para Ele; e isto é o que Ele busca, em Sua infinita graça. Quer habitar em nossos corações e encher-nos do profundo, inefável gozo da sua própria presença. Porém, a confissão e as lágrimas de Israel em Cades não eram sinceras; e, por isso, o Senhor não pôde aceitá-las. O mais simples clamor de um coração quebrantado sobe diretamente para o trono de Deus, e é imediatamente atendido pelo bálsamo litigante do Seu amor perdoador; mas quando as lágrimas e a confissão vão juntas com a vontade própria da rebelião, não são apenas desprezíveis, mas um verdadeiro insulto à majestade divina.

Assim, pois, o povo teve de retroceder ao deserto e peregrinar ali durante quarenta anos. Não havia outro recurso. Não quiseram subir àquela terra, em simples fé, com Deus; e Ele não quis acompanhá-los quando quiseram subir por sua própria vontade e própria confiança; e eles tiveram portanto de aceitar as consequências da sua desobediência. Já que não querem entrar na terra, têm de cair no deserto.

Quão solene é tudo isto! E quão solene é o comentário do Espírito sobre o assunto em capítulo 3 de Hebreus! E quão direta e eficazmente se aplica a nós próprios! Vamos citar a passagem para proveito do leitor. "Portanto, como diz o Espírito Santo, se ouvirdes hoje a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na provação, no dia da tentação no deserto, onde vossos pais me tentaram, me provaram e viram, por quarenta anos, as minhas obras. Por isso, me indignei contra esta geração e disse: Estes sempre erram em seu coração e não conheceram os meus caminhos. Assim, jurei na minha ira que não entrarão no meu repouso. Vede, irmãos, que nunca haja em qualquer de vós um coração mau e infiel, para se apartar do Deus vivo. Antes, exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama Hoje, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado. Porque nos tornamos principiantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim. Enquanto se diz: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como na provocação. Porque, havendo-a alguns ouvido, o provocaram; mas não todos os que saíram do Egito por meio de Moisés. Mas com quem se indignou por quarenta anos? - Não foi, porventura, com

os que pecaram, cujos corpos caíram no deserto? E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes?- E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade. Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fique para trás. Porque também a nós foram pregadas as boas-novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram" (Hb 3:7 a 19; 4:1-2).

Aqui, como em todas as páginas do livro inspirado, aprendemos que a incredulidade é a coisa que mais entristece o coração do Deus e desonra o Seu nome. E não só isso, mas que nos priva das bênçãos, das dignidades e privilégios que a graça infinita outorga. Temos uma escassa ideia de quanto perdemos, em todos os sentidos, por causa da incredulidade dos nossos corações. Assim como no caso de Israel a terra estava perante eles em toda a sua fecundidade e beleza, e se lhes mandou que subissem e tomassem posse dela, mas "Não puderam entrar por causa da incredulidade", assim também acontece conosco: deixamos de possuir a plenitude das bênçãos que a graça soberana põe ao nosso alcance. A própria tesouraria do céu está aberta de par em par para nós, mas nós deixamos de nos apropriar dela. Somos pobres, fracos, desprovidos e estéreis, quando podíamos ser ricos, vigorosos, satisfeitos e fecundos. Somos abençoados com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; mas quão pouco nos apropriamos disso! Quão fraca é a nossa capacidade de compreensão! Quão pobres os nossos pensamentos!

Assim, quem pode calcular quanto perdemos por causa da nossa incredulidade quanto à questão da obra do Senhor no nosso meio? Lemos no evangelho de que em certa localidade nosso bendito Senhor não pôde fazer sinais por causa da incredulidade deles. Não nos diz isto nada? - Também nós O impedimos por causa da incredulidade? Alguém dirá talvez que o Senhor levará a Sua obra avante independentemente de nós ou da nossa fé; ajuntará os Seus e completará o número dos Seus eleitos, apesar da nossa incredulidade; nem todo o poder da terra e do inferno, dos homens e dos demônios juntos, pode impedir a realização dos Seus desígnios e propósitos; e quanto à Sua obra, não e por força nem por poder, mas pelo Seu Espírito. Os esforços humanos são inúteis; e a causa do Senhor jamais poderá ser desenvolvida pela excitação da natureza humana.

Ora, tudo isto é perfeitamente verdadeiro; mas deixa completamente intacta a expressão inspirada acima reproduzida. "E não fez ali muitas maravilhas por causa da incredulidade deles" (Mt 13:58). Essas pessoas não perderam bênçãos por causa da sua incredulidade? Não impediram que fosse feito muito bem? Devemos ter cuidado na maneira como cedemos à influência destruidora de um fatalismo que, com certas aparências de verdade, é inteiramente falso, visto que nega toda a responsabilidade humana e paralisa toda a santa energia na causa de Cristo.

Devemos ter em vista o fato que Aquele que, em Seus eternos desígnios, decretou o fim, designou também os meios; e se nós, na pecaminosa incredulidade de nossos corações, e sob a influência parcial da verdade cruzamos os braços e desprezamos os meios, Ele nos porá de lado e prosseguirá a Sua obra por meio de outras mãos. Fará a obra, bendito seja o Seu santo nome, mas nós perderemos a dignidade, o privilégio e a bênção de ser Seus instrumentos.

Veja-se a cena admirável em capítulo 2 de Marcos. Ilustra eficazmente o grande princípio que desejamos fazer compreender a todos os que lerem estas linhas. Demonstra o poder da fé em relação com o cumprimento da obra do Senhor. Se os quatro homens, cuja conduta é posta aqui diante de nós, se tivessem deixado influenciar por um falso fatalismo, teriam argumentado que não valia a pena fazer coisa alguma — se o paraplégico devia ser curado, deveria ser sem nenhum esforço humano. Porque haviam de incomodar-se a subir ao telhado da casa, descobrir o telhado e baixar o doente até junto de Jesus?— Ah! Foi conveniente para o enfermo e bom para eles não terem atuado com um tal infeliz raciocínio! Veja-se como atuou a sua encantadora fé! Alegrou o coração do Senhor Jesus; trouxe o enfermo ao lugar de cura, de perdão e bênção; e deu ocasião à manifestação do poder divino que chamou a atenção de todos os presentes e deu testemunho da grande verdade que Deus estava na terra na pessoa de Jesus de Nazaré, curando enfermidades e perdoadando pecados.

Muitos outros exemplos podiam ser acrescentados, mas não há necessidade. Toda a Escritura estabelece o fato de que a incredulidade impede a nossa bênção, dificulta a nossa utilidade, priva-nos do privilégio raro de sermos instrumentos reputados de Deus na realização da Sua obra gloriosa e de ver as operações do Seu poder e do Seu Espírito entre nós; e, por outro lado, que essa fé atrai bênçãos e poder não só para nós próprios mas também para outros; que glorifica e satisfaz Deus, afastando a criatura da cena e abrindo lugar para a manifestação do poder divino. Em suma, não há limites para a bênção que poderíamos receber das mãos de Deus, se os nossos corações fossem dirigidos por aquela fé simples que conta sempre com Ele e que Ele Se compraz sempre em honrar. "Seja-vos feito segundo a vossa fé." Preciosas palavras para a alma! Que elas nos animem a obter e mais abundantemente dos inesgotáveis recursos que temos em Deus! Ele deleita-Se em nos servir, bendito seja para sempre o Seu santo nome! A Sua palavra diz-nos: "Abre bem a tua boca, e ta encherei" (SI 81:10). Nunca será demais o que esperamos do Deus de toda a graça, que nos deu o Seu unigênito Filho, e nos dará com Ele livremente todas as coisas.

Mas Israel não pôde confiar em Deus para os introduzir na terra; presumiram entrar nela na sua própria força, e, como consequência, tiveram de fugir diante dos seus inimigos. Assim terá de ser sempre. A arrogância e a fé são duas coisas

totalmente diferentes; a primeira só pode resultar em derrota e desastre; a última em vitória segura e certa.

Submissão à Vontade de Deus

"Depois, viramo-nos, e caminhamos ao deserto, caminho do mar Vermelho, como o SENHOR me tinha dito, e muitos dias rodeamos a montanha de Seir." "Existe uma grande beleza moral na maneira como Moisés se liga com o povo. Ele, Josué e Calebe tiveram de voltar para o deserto na companhia da congregação incrédula. Isto podia parecer, segundo o critério humano, duro; podemos estar certos de que era bom e proveitoso. Há sempre uma grande benção em nos inclinarmos perante a vontade de Deus, apesar de nem sempre podermos ver como e por que as coisas se dão. Não lemos que esses honrados servos de Deus tivessem proferido uma simples palavra de murmuração por terem de voltar para o deserto por quarenta anos, embora estivessem dispostos a subir e entrar na terra. Não; limitaram-se simplesmente a voltar atrás. E bem podiam fazê-lo, visto que o Senhor voltou também atrás. Como poderiam eles lamentar-se, vendo o carro do Deus de Israel dirigir-se para o deserto? Certamente a graça paciente e a misericórdia de Deus podiam muito bem ensinar-lhes a maneira de aceitar de bom grado uma prolongada permanência no deserto e esperar o bendito momento de entrar na terra prometida.

É uma grande coisa submetermo-nos sempre humildemente à mão de Deus. Podemos estar certos de fazer uma boa colheita de bênção com tal exercício. É realmente tomar o jugo de Cristo, o qual, como Ele próprio nos ensina, é o verdadeiro segredo do descanso. "Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve."

O que era este jugo? Era absoluta e completa sujeição à vontade do Pai. E isto que vemos, com toda a perfeição, em nosso adorável Senhor e Salvador Jesus Cristo. Ele podia dizer; "Sim, ó Pai, porque assim te aprouve." Era este o caso com Ele. "Assim te aprouve." Isto dizia tudo. O Seu testemunho era rejeitado? Parecia que trabalhava em vão, e gastar as Suas energias sem resultado e inutilmente? Isso que importava?- "Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra." Estava tudo bem. O que agradava ao Pai, agradava-Lhe a Ele. Nunca teve um pensamento ou um desejo que não estivesse em perfeita concordância com a vontade de Deus. Por isso, Ele, como homem, gozava sempre de perfeito descanso. Descansava nos desígnios e propósitos divinos. A corrente da Sua paz era tranquila desde o princípio ao fim. Tal era o jugo de Cristo; e isto é o que Ele, em graça infinita, nos convida a tomar sobre nós mesmos, para que nós também possamos achar descanso para as nossas almas. Notemos e procuremos compreender as palavras. "Encontrareis descanso •

Não devemos confundir o "descanso" que Ele dá com o "descanso" que encontramos. Quando a alma cansada, oprimida, e sobrecarregada, vem a Jesus com simples fé, Ele dá descanso, descanso estável, descanso que emana da plena segurança de que tudo está feito; os pecados tirados para sempre e; justiça perfeitamente cumprida, revelada e possuída; todas as interrogações divina e eternamente atendidas; a consciência tranquilizada.

Tal é o descanso que Jesus dá, quando vimos a Ele. Contudo, temos de andar por entre as cenas e circunstâncias da nossa vida diária. Existem provações, dificuldades, trabalhos, infortúnios, contrariedades e reverses de toda a espécie. Nenhuma destas coisas pode, de modo algum, afetar o descanso que Jesus dá; mas podem interferir seriamente com o descanso que devemos achar. Não incomodam a consciência; mas podem perturbar grandemente o coração; podem tornar-nos muito impacientes, irritados e aborrecidos. Por exemplo, devo pregar em Glasgow, pois assim está anunciado; mas eis-me doente num quarto em Londres. Isto não incomoda a minha consciência; mas pode perturbar grandemente o meu coração; posso estar em perfeita febre de desassossego, a ponto de exclamar: "Que aborrecimento! Que terrível contratempo! Que hei-de fazer? É uma fatalidade!"

E como há-de resolver-se este estado de coisa? Como há-de tranquilizar-se o coração, e acalmar o desassossego do espírito? Que necessito eu? Preciso de descanso. Como vou encontrá-lo? Inclinando-me e tomando o precioso jugo de Cristo sobre mim; o próprio jugo que Ele sempre levou nos dias da Sua carne; o jugo de completa sujeição à vontade de Deus. Necessito de poder dizer, sem a mínima reserva, do recôndito do meu coração: "Seja feita a Tua vontade, ó Senhor." Necessito de um sentido tão profundo do Seu perfeito amor por mim e da Sua infinita sabedoria em todas as Suas relações comigo que eu não quereria que as coisas fossem de outra maneira, ainda que estivesse em meu poder alterá-las; sim, que não quereria mover um dedo para alterar a minha situação ou as circunstâncias, sentindo que era muito melhor para mim achar-me num leito de dor em Londres do que num púlpito em Glasgow.

Nisto encontra-se o profundo e precioso segredo de descanso do coração em oposição à intranquilidade. É simplesmente a possibilidade de dar graças a Deus por tudo, por mais contrário que seja à nossa própria vontade e destrutivo dos nossos planos. Não é simplesmente anuir à verdade de que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados por seu decreto" (Rm 8:28). É o sentimento positivo, a realização atual do fato divino que as coisas que Deus determina são as melhores para nós. É descanso perfeito no amor, sabedoria, poder e fidelidade d'Aquele que graciosamente tomou a Seu cargo todas as nossas coisas e Se tem encarregado de tudo que nos diz respeito para o tempo presente e a eternidade. Sabemos que o amor fará sempre o que é mais conveniente para o objeto amado. Que será ter Deus

ocupado com o que é melhor para nós? Onde está o coração que não ficará satisfeito com o que Deus tem melhor, se tão somente conhecer alguma coisa d'Ele?

Porém, antes que o coração possa estar satisfeito com a Sua vontade, Ele deve ser conhecido. Eva, no jardim do Éden, enganada pela serpente, sentiu-se descontente com a vontade de Deus. Desejou qualquer coisa que Ele havia proibido; e o diabo encarregou-se de suprir o que ela desejava. Pensou que o diabo a podia servir melhor do que Deus. Pensou melhorar as suas circunstâncias despegando-se das mãos de Deus e colocando-se a si mesma nas mãos de Satanás. E por isso que nenhum coração não regenerado pode jamais, de modo algum, descansar na vontade de Deus. Se esquadrinharmos o coração humano até ao âmag, se o submetermos a uma análise perfeita, não encontraremos tanto como um simples pensamento em harmonia com a vontade de Deus — não, nem um só. E até mesmo no caso de um verdadeiro cristão, filho de Deus, é somente quando, por graça de Deus, pode mortificar a sua própria vontade, considerar-se a si mesmo morto, e andar no Espírito, que pode deleitar-se na vontade de Deus e em tudo dar. É uma das maiores provas de evidência do novo nascimento dizer, sem sombra de dúvida, a respeito de todos os atos de Deus para conosco: "Seja feita a tua vontade." "Sim, ó Pai, porque assim te aprouve." Quando o coração se encontra nesta disposição, Satanás nada pode fazer dele. É grande ser-se capaz de dizer ao diabo e ao mundo — dizer-lhes, não em palavras e de língua, mas de verdade e com fatos—"Estou perfeitamente satisfeito com a vontade de Deus."

Este é o modo de encontrar descanso. Certifiquemo-nos de que compreendemos isto. É o remédio divino para essa inquietação, esse descontentamento com a nossa sorte e esfera de ação predominante infelizmente por toda a parte. É a perfeita cura da ambição inquietante tão flagrantemente oposta à mente e ao Espírito de Cristo, mas tão característica do homem deste mundo.

Prezado leitor, cultivemos com santa diligência, esse espírito manso e humilde que é, aos olhos de Deus, de tanto valor, e que se inclina ante a Sua bendita vontade em todas as coisas, e justifica os Seus atos, haja o que houver. Então a nossa paz correrá como um rio, e o Nome de nosso Senhor Jesus Cristo será engrandecido na nossa vida, no nosso caráter e conduta.

Antes de deixar o assunto profundamente interessante e prático que até agora tem ocupado a nossa atenção, queremos frisar que existem três atitudes distintas em que a alma pode achar-se a respeito dos desígnios de Deus, a saber: submissão, anuência e regozijo. Quando a vontade está quebrantada, há submissão; quando o entendimento está iluminado quanto ao propósito divino, há assentimento; e quando os afetos estão ligados com Deus Mesmo há positivo regozijo. Por isso lemos em capítulo 10 de Lucas: "Naquela mesma hora, se alegrou Jesus no espírito Santo e disse: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste

essas coisas aos sábios e inteligentes e as revelaste às criancinhas; assim é, ó Pai, porque assim te aprouve". O bendito Senhor encontrou todo o Seu prazer nada e bebida fazer essa vontade a todo o custo. No serviço ou no sofrimento, na vida ou na morte, jamais teve qualquer outro motivo senão a vontade do Pai. Podia dizer: "Porque eu faço sempre o que lhe agrada." Louvor eterno e universal ao Seu incomparável nome!

Deus Conduz o Seu Povo

Vamos prosseguir agora com o nosso capítulo. Então, o SENHOR me falou, dizendo: Tendes já rodeado bastante esta montanha; virai-vos para o norte."

A palavra do Senhor determinava tudo. Fixava o prazo que o povo devia permanecer em qualquer sítio determinado, e indicava, com igual clareza, para onde deviam dirigir em seguida os seus passos. Não tinham nenhuma necessidade de calcular ou fazer planos sobre os seus movimentos. Era responsabilidade e prerrogativa do Senhor preparar tudo para eles; a responsabilidade deles era obedecer. Não se menciona aqui a nuvem nem a trombeta. E simplesmente a Palavra de Deus e a obediência de Israel.

Nada pode haver mais precioso para um filho de Deus, se o estado do coração for reto, do que ser guiado, em todos os seus movimentos, por ordem divina. Isto evita imensa ansiedade e perplexidade. No caso de Israel, chamados como estavam para viajar por um grande e terrível deserto, no qual não havia caminho, era uma inefável misericórdia ter todos os seus movimentos, todos os seus passos, todos os lugares para acampar, ordenados por um Guia infalível. Não havia necessidade de se preocuparem com os seus movimentos, nem com o tempo que deviam permanecer em um lugar determinado, ou onde deviam ir em seguida. O Senhor cuidava de tudo por eles. Eles só tinham que esperar que Ele os guiasse, e fazer o que se lhes mandasse.

Sim, prezado leitor, eis aqui o ponto importante — um espírito pronto e obediente. Se este faltava, estavam sujeitos a toda a sorte de interrogações, discussões e atividades rebeldes. Se quando Deus disse: "Tendes já rodeado bastante esta montanha", Israel tivesse respondido: "Não; queremos rodeá-la um pouco mais,-sentimo-nos aqui muito confortáveis e não desejamos fazer qualquer mudança" ou, ainda, quando Deus disse: "Virai-vos para o norte", eles tivessem respondido; "Não; preferimos muito mais ir para leste", qual teria sido o resultado? Pois, teriam perdido a companhia divina; e quem poderia guiá-los, ou ajudá-los ou alimentá-los? Só podiam contar com a presença divina com eles enquanto trilhavam o caminho indicado por ordem divina. Se escolhessem tomar o seu próprio caminho, nada mais havia para eles senão fome, desolação e trevas. A corrente da rocha ferida e o maná celestial só podiam ser encontrados no caminho da obediência.

Agora nós, os cristãos, temos de aprender a nossa lição de tudo isto — uma lição salutar, necessária e valiosa. É nosso encantador privilégio ter o nosso caminho assinalado, dia a dia, por autoridade divina. Devemos estar inteira e completamente persuadidos disto. Não devemos permitir que nos seja extorquida esta rica bênção pelo raciocínio plausível da incredulidade. Deus tem prometido guiar-nos, e as Suas promessas são "sim" e "Amém". É nosso dever apropriarmo-nos dessa promessa, na simplicidade da fé. É tão real, tão sólida e tão verdadeira como Deus pode fazê-la. Não podemos admitir, nem por um momento, que Israel no deserto estivesse em melhor situação, em matéria de direção, do que o povo celestial de Deus está na sua passagem por este mundo. Como conhecia Israel a duração das paragens ou linha de marcha! Pela Palavra de Deus. Estamos nós em pior estado? — Longe de nós tal pensamento. Certamente, nós estamos em muito melhor situação que eles. Temos a Palavra e o Espírito de Deus para nos guiarem. A nós pertence-nos o elevado e santo privilégio de andar nas pisadas do Filho de Deus.

Não é isto perfeita orientação? Sim, graças a Deus, é. Escutemos o que nos diz o nosso adorável Senhor Jesus Cristo: "Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andarás em trevas, mas terá a luz da vida." Notemos estas palavras: "Quem me segue." Ele deixou-nos o exemplo para que seguirmos as suas pisadas (I Pe : 1). Isto é um guia vivente. Como andou Jesus? — Sempre e tão-somente debaixo do mandamento de Seu Pai. Segundo ele agia, segundo ele se movia; sem ele jamais atuou, andou ou falou.

Ora nós somos chamados para O seguir; e fazendo-o temos a segurança das Suas próprias palavras de que não andaremos em trevas, mas teremos a luz da vida! Palavras preciosas! "A luz da vida" — Quem pode sondar as suas vivas profundidades? Quem pode avaliar devidamente o seu valor? As trevas são passadas e a verdadeira luz alumia agora, e é nosso dever andar no pleno resplendor que brilha ao longo do caminho do Filho de Deus. Existe aqui alguma incerteza, alguma perplexidade, algum fundamento para hesitação? — Não, evidentemente. Como poderia haver, se nós O seguirmos? É absolutamente impossível conciliar as duas ideias.

E note-se que de nenhum modo se trata aqui de ter um texto liberal da Escritura para cada movimento ou cada ato. Por exemplo, eu não posso esperar que haja um texto na Escritura ou que venha uma voz do céu para indicar-me que vá a Londres ou a Edimburgo, ou quanto tempo devo ali permanecer no caso de ir. Como, pois, pode perguntar-se, posso saber onde devo ir ou quanto tempo devo ficar? A resposta é simples: espera em Deus com sinceridade de coração, e Ele fará o teu caminho tão claro como o raio de sol. Isto foi o que Jesus fez; e se nós O seguirmos, não andaremos em trevas. "Guiar-te-ei com os meus olhos", é uma promessa preciosa; mas a fim de podermos tirar proveito dela devemos estar bastante perto

d'Ele para discernir os movimentos dos Seus olhos, e ter bastante intimidade com Ele para compreender o seu significado.

Assim é em todos os pormenores da vida diária. A resposta a mil e uma dificuldades e a solução para inúmeros problemas está em esperarmos pela direção divina e nunca tentarmos dar um passo sem ela. Se não temos luz para nos movermos, é claro que o nosso dever é estarmos quietos. Nunca devemos dar um passo na incerteza. Acontece por vezes que nos cansamos com os nossos movimentos ou ação, quando Deus quer que estejamos quietos sem nada fazermos. Oramos a Deus sobre o assunto, mas não obtemos resposta; recorremos ao conselho dos nossos amigos, mas eles não podem ajudar-nos; pois é inteiramente uma questão entre as nossas almas e o Senhor. Desta forma somos lançados na dúvida e ansiedade. E por quê? Simplesmente porque não temos um só alvo: não estamos seguindo Jesus, "a luz do mundo". Podemos estabelecer, como princípio fixo, um precioso axioma da vida divina, que se seguirmos a Jesus, teremos a luz da vida. Assim Ele o disse, e isso é bastante para a fé.

Por isso, julgamo-nos perfeitamente autorizados a concluir que Aquele que guiou o Seu povo terrestre, em todas as suas peregrinações, pelo deserto, pode guiar e guiará o Seu povo celestial hoje em todos os seus movimentos e caminhos. Mas, por outro lado, certifiquemo-nos de que não estamos inclinados a fazer a nossa própria vontade, seguindo o nosso próprio caminho ou cumprindo os nossos próprios planos. "Não sejas como o cavalo, nem como a mula, que não têm entendimento, cuja boca precisa de cabresto e freio, para que se não atirem a ti" (SI 32:9). Que o nosso maior desejo seja andar nas pisadas d'Aquele bendito Senhor que não agradou a Si mesmo, mas sempre se moveu na corrente da vontade divina—nunca atuou sem autoridade divina; que, ainda que era Deus bendito sobre todos, havendo tomado o Seu lugar na terra como homem, pôs de parte completamente a Sua vontade, e achou a Sua comida e a Sua bebida em fazer a vontade de Seu Pai. Deste modo os nossos corações e as nossas inteligências serão mantidos em perfeita paz; e nós poderemos avançar com passo decidido e firme, dia após dia, ao longo do caminho que nos é indicado pelo nosso divino e sempre presente Guia, o qual não só conhece, como Deus, cada passo do caminho, mas que, como Homem, já o trilhou antes de nós, e nos deixou o exemplo para que seguíssemos as Suas pisadas. Possamos nós segui-Lo com mais fidelidade, em todas as coisas, através do ministério gracioso do Espírito Santo que habita em nós!

O Governo de Deus

(a) Edom, Moabe e os Filhos de Amom

Devemos agora chamar a atenção do leitor para um assunto do Velho Testamento, o qual ocupa um grande lugar na Escritura do velho Testamento, e que está

ilustrado de um modo patente no capítulo aberto ante os nossos olhos, isto é: o governo do mundo por Deus e a admirável ordem por Ele estabelecida das nações da terra. E um fato grandioso e muito importante, digno de ser tido constantemente em conta, que Aquele a Quem conhecemos como "o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo", e nosso Deus e Pai, toma um interesse real, vivo e pessoal nos negócios das nações; que toma conhecimento dos seus movimentos e das relações de umas com as outras.

E verdade que tudo isto está em imediata relação com Israel e a terra da Palestina, como lemos em capítulo 32 do nosso livro, versículo 8 — uma passagem de singular interesse e de grande poder sugestivo. "Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando dividia os filhos de Adão uns dos outros, pôs os termos dos povos, conforme o número dos filhos de Israel." Israel era e será ainda para Deus o centro da terra, e é um fato do maior interesse que, desde o princípio, como vemos em Gênesis 10, o Criador e Governador do mundo formou as nações e fixou os seus termos segundo a Sua própria vontade soberana e em relação direta com a semente de Abraão, e essa estreita faixa de terra, que eles devem possuir em virtude do concerto eterno feito com os seus antepassados.

Porém, em capítulo 2 de Deuteronômio, vemos o Senhor, em Sua fidelidade e justiça intervindo para proteger três nações distintas no gozo dos seus direitos nacionais, e isto, também, contra a invasão do Seu próprio povo escolhido. Assim Ele diz a Moisés: "E dá ordem ao povo, dizendo: Passareis pelos termos de vossos irmãos, os filhos de Esaú, que habitam em Seir; e eles terão medo de vós; porém, guardai-vos bem. Não vos entremetais com eles, porque vos não darei da sua terra, nem ainda a pisada da planta de um pé; porquanto a Esaú tenho dado a montanha de Seir por herança. Comprareis deles, por dinheiro, comida para comerdes; e também água para beber deles comprareis por dinheiro."

Israel podia imaginar que nada tinha a fazer senão apoderar-se das terras dos edomitas; mas tiveram de aprender alguma coisa muito diferente; tiveram de aprender que o Altíssimo é o Governador sobre as nações; que toda a terra Lhe pertence, e que a distribui em porções a um e a outro, segundo a Sua própria vontade.

E um fato magnífico para ter sempre em vista. A grande maioria dos homens pensam pouco nele. Imperadores, reis, príncipes, governadores, homens de estado tomam-no pouco em conta. Esquecem que Deus Se interessa pelos negócios da nações; que concede reinos, províncias e terras como melhor Lhe parece. Atuam, por vezes, como se fosse apenas uma questão de conquista militar e como se Deus nada tivesse a ver com a questão de fronteiras nacionais e possessões territoriais. Isto é um grande erro. Não compreendem o significado e força desta simples frase: "A Esaú tenho dado a montanha de Seir por herança." Deus nunca abdicará dos Seus direitos a este respeito. Não permitiu que Israel tocasse um simples átomo da

propriedade de Esaú. Deviam, para empregar uma frase moderna, pagar a pronto o que necessitavam, e seguir pacificamente o seu caminho. O povo de Deus não podia pensar no massacre indiscriminado e no saque.

E note-se a encantadora razão para tudo isto. "Pois o SENHOR, teu Deus, te abençoou em toda a obra das tuas mãos; ele sabe que andas por este grande deserto; estes quarenta anos o SENHOR, teu Deus, esteve contigo; coisa nenhuma te faltou." Bem podiam pois deixar Esaú em paz e as suas possessões intactas. Eles eram objeto dos ternos cuidados do Senhor. Conhecia cada passo que davam na sua enfadonha viagem através do deserto. Havia, em Sua infinita bondade, tomado a responsabilidade de todas as suas necessidades. Ia dar-lhes a terra de Canaã, segundo a promessa feita a Abraão; mas a mesma mão que ia dar-lhes Canaã havia dado a montanha de Seir a Esaú.

Vemos precisamente a mesma coisa com respeito a Moabe e Amom. "Então, o SENHOR me disse: Não molestes a Moabe e não contendas com eles em peleja, porque te não darei herança da sua terra; porquanto tenho dado Ar aos filhos de Ló por herança." "E chegarás até defronte dos filhos de Amom; não os molestes e com eles o contendas, porque da terra dos filhos de Amom te não darei herança, porquanto aos filhos de Ló a tenho dado por herança."

As possessões aqui referidas tinham estado, na antiguidade, nas mãos dos gigantes; mas era propósito de Deus dar os seus territórios aos filhos de Esaú e Ló, e portanto destruiu estes gigantes; porque quem ou o que pode interpor-se nos caminhos dos desígnios divinos?- "Também esta foi contada por terra de gigantes; dantes, nela habitavam gigantes ... um povo grande, e numeroso, e alto, como os gigantes; e o SENHOR OS destruiu de diante de si, e estes os lançaram fora e habitaram no seu lugar;... também os caftorins, que saíram de Caftor, destruíram os aveus, que habitavam em aldeias até Gaza, e habitaram no seu lugar" (versículos 20 a 23).

(b) Seom, o Rei de Hesbom, o Amorreu

Por isso, a Israel não foi permitido intrrometer-se com as possessões de qualquer destas três nações, os edomitas, amonitas e moabitas. Mas logo em seguida lemos: "Levantai-vos, e parti, e passai o ribeiro de Arnom; eis aqui na tua mão tenho dado a Seom, amorreu, rei de Hesbom, e a sua terra, começa a possuí-la, e contende com eles em peleja."

O princípio importante, em todas estas diversas instruções, é que a Palavra de Deus deve regular tudo para o Seu povo. Não competia a Israel perguntar por que deviam deixar intactas as possessões de Esaú e Ló e apoderar-se das de Seom. Deviam fazer simplesmente o que lhes era dito. Deus pode fazer o que Lhe apraz. Os Seus olhos estão postos sobre toda a cena. Esquadrinha tudo. Os homens podem pensar que Ele tem esquecido a terra; mas não a tem esquecido, bendito seja o Seu nome. Ele é, como o apóstolo nos diz no seu discurso em Atenas: "Senhor do céu e

da terra"; e "de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação". E, além disso, "tem determinado um dia em que com justiça há-de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza (prova) a todos, ressuscitando-o dos mortos."

Aqui temos uma grande e grave verdade a que os homens fariam bem em prestar atenção, os homens de todas as condições e categorias. Deus é o Soberano Dominador do mundo. Não dá conta de nenhum dos Seus assuntos. Destitui uns e nomeia outros. Reinos, tronos, governos estão todos à Sua disposição. Atua segundo a Sua própria vontade na disposição e administração dos negócios humanos. Mas, ao mesmo tempo, considera os homens responsáveis pelos seus atos, nos diversos cargos em que a Sua providência os tem colocado. O governante e os governados o rei, o governador, o magistrado, o juiz, todas as classes e graduações de homens terão, mais cedo ou mais tarde, de prestar contas a Deus. Cada um, como se fora o único existente, há-de comparecer diante do tribunal de Cristo, e ali rever toda a sua vida, desde o princípio ao fim. Cada ato, cada palavra, cada pensamento secreto se manifestará ali com terrível clareza. Ninguém poderá escapar no meio da multidão. A Palavra declara que "cada um será julgado segundo as suas obras". Será um juízo estritamente individual e claramente distinto. Em suma, será um julgamento divino, e portanto absolutamente perfeito. Nada será passado por alto. "De toda palavra ociosa que os homens disserem não de dar conta no dia do juízo"(Mt 12:36). Reis, governadores e magistrados terão de explicar a razão da maneira como têm usado o poder que lhes foi confiado e as riquezas que passaram pela suas mãos. O nobre e o rico, que têm gasto a sua fortuna e o seu tempo em loucuras, vaidade, fausto e própria satisfação terão de responder por tudo isso perante o trono do Filho do homem, Cujos olhos são como chama de fogo para o íntimo dos homens; e os Seus pés semelhantes a latão reluzente para esmagar, em inexorável juízo, tudo que é contra Deus.

A infidelidade pode desdenhosamente perguntar: "Como pode ser isso? Como poderão os incontáveis milhões de seres da raça humana encontrar lugar ante o tribunal de Cristo? Como Poderá haver tempo suficiente para entrar tão minuciosamente nos pormenores de cada história pessoal" A fé responde: "Deus diz que será assim; e isto é concludente; e quanto à interrogação 'Como?' a resposta é: Deus! Infinitude! Eternidade!" Conte-se com Deus, e o silêncio é imposto a todas as interrogações, e todas as dificuldades são solucionadas num momento." De fato, a magna e triunfante réplica a todas as objeções dos descrentes dos cépticos, dos racionalistas, dos materialistas, é precisamente essa majestosa palavra: "DEUS"!

Queremos deixar isto bem gravado no ânimo do leitor, não para o habilitar a responder aos descrentes, mas para sossego e conforto do seu próprio coração. Quanto aos descrentes, estamos cada vez mais convencidos que a nossa melhor

sabedoria consiste em agir de acordo com as palavras do Senhor em Mateus 15: "Deixai-os." É absolutamente inútil disputar com homens que desprezam a Palavra de Deus e não têm outro fundamento para edificar senão os seus próprios argumentos. Mas, por outro lado, cremos ser da maior importância que o coração possa sempre descansar, em toda a simplicidade natural de uma criança, na verdade da Palavra de Deus. "Porventura diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria" (Nm 23:19).

Eis aqui o suave e santificado lugar de descanso da fé, o abrigo calmo onde a alma pode encontrar refúgio contra todas as correntes contraditórias de pensamento e sentimento humanos. "Mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada" (I Pe 1:25). Nada pode afetar a Palavra de Deus. Está para sempre estabelecida nos céus; e tudo que devemos fazer é guardá-la em nossos corações como nossa verdadeira possessão; o tesouro que temos recebido de Deus; a fonte viva da qual podemos sempre beber para refrigério e consolação das nossas almas. Então a nossa paz correrá como um rio, e o nosso caminho será como a luz que resplandece mais e mais até que seja dia perfeito.

Que assim seja, ó Senhor, com todo o Teu povo amado, nestes dias de crescente infidelidade! Que a Tua santa Palavra seja mais e mais preciosa aos nossos corações! Que as nossas consciências experimentem o seu poder! Que as suas celestiais doutrinas formem o nosso caráter e governem a nossa conduta em todas as relações da vida, para que o Teu nome seja glorificado em tudo!

CAPÍTULO 3

OGUE, REI DE BASÃ

"Depois, nos viramos e subimos o caminho de Basã: e Ogue; rei de Basã, nos saiu ao encontro, ele e todo o seu povo, à peleja em Edrei. Então, o SENHOR me disse: Não o temas, porque a ele, e a todo o seu povo, e a sua terra tenho dado na tua mão; e far-lhe-ás como fizeste a Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom. E também o SENHOR, nosso Deus, nos deu na nossa mão a Ogue, rei de Basã, e a todo o seu povo; de maneira que o ferimos, até que ninguém lhe ficou de restante. E, naquele tempo, tomamos todas as suas cidades; nenhuma cidade houve que lhes não tomássemos: sessenta cidades, toda a borda da terra de Argobe e o reino de Ogue em Basã. Todas essas cidades eram fortificadas com altos muros, portas e ferrolhos; além de outras muitas cidades sem muros. E destruimo-las, como fizemos a Seom, rei de Hesbom, destruindo todas as cidades, homens, mulheres e

crianças. Porém todo o gado e o despojo das cidades, tomamos para nós por presa" (versículos 1 a 7).

As instruções divinas quanto a Ogue, rei de Basã, eram precisamente idênticas às que haviam sido dadas, no capítulo precedente, com respeito a Seom, amorreu; e para compreender ambas, devemos considerá-las unicamente à luz do governo de Deus - um assunto apenas pouco compreendido, ainda que de profundo interesse e importância prática. Devemos distinguir corretamente entre a graça e o governo. Quando contemplamos a Deus em ato de governo, vemos-Lo manifestando o Seu poder em forma de justiça: punindo os malfeitores; derramando vingança sobre os Seus inimigos; destruindo impérios; revolvendo tronos; destruindo cidades; varrendo nações e tribos. Vemos-Lo ordenar ao Seu povo que mate homens, mulheres e crianças a fio de espada; que incendeiem as suas habitações e convertam as cidades em montões de escombros.

Esta passagem da Escritura é maravilhosa: põe diante de nós um tema que corre através de todas as Escrituras do Velho Testamento — tema que requer a nossa reverente e profunda atenção. Quer nos voltemos para os cinco livros de Moisés, quer para os livros históricos, os Salmos ou os profetas, vemos como o Espírito inspirador nos dá minuciosos pormenores dos atos de Deus em governo. Temos o dilúvio nos dias de Noé, quando a terra, com todos os seus habitantes, com exceção de oito pessoas, foi destruída por um ato de governo divino. Homens, mulheres, crianças, gado, aves e répteis foram todos varridos e sepultados debaixo das ondas e vagas do justo juízo de Deus.

Depois vemos nos dias de Ló como as cidades da planície, com todos os seus habitantes, homens, mulheres e crianças foram, dentro de algumas horas, entregues à completa destruição, destroçadas pela mão do Deus Todo-poderoso e sepultadas sob as profundas e negras águas do Mar Morto — "Assim como Sodoma, e Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que, havendo-se corrompido como aqueles e ido após outra carne, foram postas por exemplo, sofrendo a pena do fogo eterno" (Judas 7).

Assim, também, conforme vamos passando as páginas da história inspirada, vemos as sete nações de Canaã, homens, mulheres e crianças, entregues às mãos de Israel para um juízo inexorável; do qual nada que respirava devia ser deixado vivo.

Porém, temos de dizer que, na verdade, o tempo nos faltaria até para referir todas as passagens da Sagrada Escritura que põem diante de nós os atos solenes do governo divino. Basta dizer-se que a linha de evidência se estende desde o Gênesis ao Apocalipse, começando com o dilúvio e terminando com a destruição pelo fogo do sistema atual de coisas.

Ora, a questão é esta: Somos competentes para compreender estes procedimentos do governo de Deus? Compete-nos a nos julgá-los? Somos capazes de explicar os profundos e terríveis mistérios da providência divina? Podemos nós explicar o fato

tremendo de crianças envolvidas no julgamento dos pais culpados ou somos convidados a dar a sua razão? - A ímpia infidelidade pode escarnecer destas coisas; o mórbido sentimentalismo pode escandalizar-se com elas; mas o verdadeiro crente, o cristão piedoso, o estudante reverente da Sagrada Escritura, responderá a todos com esta simples, mas certa, pergunta: "Não faria justiça o juiz de toda a terra!"

Prezado leitor, podemos estar certos de que esta é a única e verdadeira maneira de resolver tais interrogações. Se o homem quer julgar as ações de Deus em Seu governo; se pode tomar sobre si mesmo a responsabilidade de decidir sobre o que é e o que não é digno de Deus fazer, então, na verdade, nós temos perdido completamente o verdadeiro sentido de Deus. E isto é precisamente o que o diabo procura conseguir. Quer afastar de Deus o coração; e para este fim, leva o homem a raciocinar, a inquirir e a especular em regiões que estão tão longe do seu alcance quanto o céu está acima da terra. Podemos compreender Deus? Se pudéssemos, nós próprios seríamos Deus.

É, ao mesmo tempo, absurdo e ímpio, no mais alto grau, que fracos mortais se atrevam a criticar os conselhos, decretos e desígnios do Criador todo-poderoso e sábio Governador do universo. Seguramente, todos os que assim procedem se darão conta mais cedo ou mais tarde, do seu terrível equívoco. Bom seria que todos os inquiridores e chicaneiros prestassem atenção à pergunta penetrante do apóstolo inspirado em Romanos 9: 'Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas? Porventura, a coisa formada dirá ao que a formou: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro poder sobre o barro, para da mesma massa fazer um vaso para honra e outro para desonra?

Quão simples! Quão convincente! E como é irrefutável! Este é o método divino de ir ao encontro de todos os quês e porquês do raciocínio dos infiéis. Se o oleiro tem poder sobre a massa que segura na mão — um fato que ninguém pensará contestar — quanto mais o Criador de todas as coisas tem poder sobre as criaturas que as Suas mãos têm formado! Os homens podem discorrer e argumentar interminavelmente sobre o motivo por que Deus permitiu que o pecado entrasse no mundo; por que não aniquilou imediatamente Satanás e os seus anjos; por que permitiu que a serpente tentasse Eva; por que não evitou que ela comesse do fruto proibido. Em suma, os porquês são intermináveis; mas a resposta é a mesma: "Mas, ó homem, quem és tu, que a Deus replicas?" Como é monstruoso que um pobre verme da terra se atreva a julgar os juízos inescrutáveis do Deus Eterno! Que cegueira e arrogante loucura de uma criatura cujo entendimento está obscurecido pelo pecado, e que, portanto, é absolutamente incapaz de formar um reto juízo sobre qualquer coisa divina, celestial ou eterna, atrever-se a decidir como Deus deve agir em um determinado caso! Ah, é de recear que milhares que hoje argumentam com

aparente destreza contra a verdade de Deus, descubram o seu erro fatal quando for demasiado tarde para o corrigir!

E quanto a todos aqueles que, muito longe de ocuparem o terreno dos infiéis, estão contudo perturbados com dúvidas e temores acerca de alguns dos atos do governo de Deus, e sobre a terrível questão do castigo eterno (1), queremos sinceramente recomendar-lhes que estudem e se encham do espírito desse pequeno e encantador Salmo 131: "SENHOR, O meu coração não se elevou, nem os meus olhos se levantaram; não me exercito em grandes assuntos, nem em coisas muito elevadas para mim. Decerto, fiz calar e sossegar a minha alma; qual criança desmamada para com sua mãe, tal é a minha alma para comigo."

(1) Com respeito ao assunto solene do castigo eterno, queremos fazer algumas observações, visto que muitos, tanto em Inglaterra como na América, estão preocupados com as dificuldades a seu respeito.

Existem três coisas que, se forem bem ponderadas, estabelecerão, cremos, todo o crente na doutrina, (continuação pg. seguinte).

I. A primeira é a seguinte: No Novo Testamento há setenta passagens em que a palavra "eterna" ocorre. E aplicada à "vida" que os crentes possuem; à "glória" que deverão gozar; é aplicada a Deus, Romanos 16:26; à "salvação" de que nosso Senhor Jesus Cristo é o Autor; à "redenção" que Ele adquiriu para nós; e ao "Espírito".

De entre as setenta passagens referidas, que o leitor pode verificar imediatamente se passar uma vista de olhos por uma concordância grega, há sete em que a mesma palavra é aplicada ao "castigo" dos ímpios; ao "juízo" que os surpreenderá; ao "fogo" que os há de consumir.

Ora, a questão é de saber sobre que princípio ou com que autoridade pode alguém notar sete passagens e dizer que, nelas, a palavra não quer dizer "eterno", ao passo que nas outras sessenta e três o significado é esse! Reputamos essa afirmação absolutamente destituída de base e indignidade atenção de qualquer espírito sensato. Admitimos plenamente que, se o Espírito Santo tivesse achado próprio, quando falou do juízo dos ímpios, fazer uso de uma palavra diferente a que é usada nas outras passagens, haveria razão para ponderar o fato. Mas não; o Espírito usa invariavelmente a mesma palavra, de forma que se negarmos castigo eterno, temos de negar também a vida eterna, a glória eterna, um Espírito eterno, um Deus eterno, qualquer coisa eterna.

Em suma, se o castigo não é eterno nada é eterno tanto quanto se refere ao argumento. Interferir com essa pedra da abóbada da revelação divina é reduzir o conjunto de amontoado de ruínas em redor de nós. E é isto precisamente verdade. E isto é precisamente o que o diabo procura fazer. Estamos plenamente convencidos que negar a verdade do castigo eterno é dar o primeiro passo nesse plano inclinado que ao abismo sombrio do cepticismo universal.

II. A nossa segunda observação é tirada da grande verdade da imortalidade da alma. Lemos no segundo capítulo de Gênesis, "E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra, e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente." Sobre esta passagem como sobre uma rocha irremovível, mesmo se não tivéssemos outra base, nós baseamos a grande verdade da imortalidade da alma humana. A queda do homem não fez diferença a este respeito. Caído ou não, inocente ou culpado, convertido ou inconvertido, a alma tem de viver para sempre.

A questão tremenda é esta: "Onde vai ela viver? Deus não pode permitir pecado na Sua presença. "Tu és tão puro de olhos que não podes ver o mal, e a vexação não podes contemplar" (Hc 1:13). Por isso, se o homem morre nos seus pecados, morre impenitente, sem ter sido perdoado, impuro; então, seguramente, onde Deus está ele nunca pode chegar; na verdade é o último lugar onde ele gostaria de ir. Nada há para si senão uma eternidade infundável nesse lago que arde com fogo e enxofre.

II. E, por fim, cremos que a verdade do castigo eterno permanece intimamente ligada com a natureza infinda da expiação efetuada por nosso Senhor Jesus Cristo. Se nada menos que um sacrifício infinito pode libertar-nos das conseqüências do pecado, essas conseqüências têm de ser eternas. Esta consideração pode não ser talvez, na opinião de alguns, de muito peso, mas para nós o s@ poder é absolutamente irresistível. Devemos medir o pecado e suas conseqüências, assim como medimos o amor divino e os seus resultados, não pelo padrão do sentimento ou razão humanos, mas pelo padrão da cruz de Cristo.

Então quando o coração respira suavemente desta maneira, pode voltar-se, com verdadeiro proveito, para as palavras do apóstolo inspirado, em 2 Coríntios 10. "Porque as armas da nossa milícia não são carnis, mas, sim, poderosas em Deus, para destruição das fortalezas; destruindo os conselhos e toda a altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo."

Sem dúvida, o filósofo, o acadêmico, o pensador profundo sorriem desdenhosamente ante um modo tão infantil de tratar questões tão importantes. Porém, isto é um caso de pouca importância no parecer do discípulo piedoso de Cristo. O mesmo inspirado apóstolo faz pouco caso de toda esta sabedoria e ciência humanas. Diz ele: "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio. Porque a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus; pois está escrito: Ele apanha os sábios na sua própria astúcia. E outra vez: O Senhor conhece os pensamentos dos sábios, que são vãos" (1 Co 3:18-20). E outra vez: "Porque está escrito: Destruirei a sabedoria dos sábios e aniquilarei a inteligência dos inteligentes. Onde está o sábio? Onde está o escriba? Onde está o inquiridor deste século? Porventura, não tornou Deus louca a

sabedoria deste mundo? Visto como, na sabedoria de Deus, o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação"(1 Co 1:19-21).

Eis aqui o grande segredo moral de todo o assunto. O homem tem de reconhecer que é simplesmente um néscio; e que toda a sabedoria do mundo é loucura. Verdade humilhante, mas salutar! Humilhante, porque coloca o homem no seu próprio lugar. Salutar, sim, preciosíssima, porque nos mostra a sabedoria de Deus. Ouvimos, hoje em dia, falar muito da ciência, da filosofia e da cultura. "Porventura, não tornou Deus louca a sabedoria deste mundo?"

Compreendemos completamente o significado destas palavras?- Ah, é de recear que são muito pouco compreendidas! Não falta quem de boa vontade procure convencer-nos de que a ciência tem ido muito mais longe do que a Bíblia (1). Infelizmente para a ciência e todos os que lhe prestam atenção! Se tem ido mais longe do que a Bíblia, para onde tem ido? Na direção de Deus de Cristo, do céu, da santidade, da paz? Não; mas inteiramente na direção oposta. E onde deve tudo acabar? Trememos ao pensar e sentimos relutância em formular a resposta. Contudo devemos ser fiéis e declarar solenemente que o fim certo e seguro do caminho ao longo do qual a ciência humana conduz os seus devotos é a negrura das trevas para sempre.

(1) Devemos fazer a distinção entre toda a ciência e a "falsamente chama ciência". E além disso devemos fazer distinção entre os fatos da ciência e as conclusões dos homens de ciência. Os fatos são o que Deus tem feito e está fazendo; mas quando os homens dispõem a tirar as suas conclusões deste fatos, fazem os erros mais graves. Todavia, é um verdadeiro alívio pensar que há muitos filósofos e homens de ciência que dão a Deus o Seu devido lugar, e que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade.

"O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria." Que fez a filosofia da Grécia pelos seus discípulos? Fez deles adoradores ignorantes de um "DEUS DESCONHECIDO". A própria inscrição sobre o seu altar anunciava ao mundo a sua ignorância e a sua vergonha.

E não podemos nós perguntar legalmente se a filosofia tem feito pelo cristianismo mais do que fez pela Grécia? Comunicou-nos o conhecimento do verdadeiro Deus? Quem se atreverá a dizer que sim? Existem milhões de professos batizados em toda a extensão da cristandade que não conhecem mais do verdadeiro Deus do que esses filósofos que Paulo encontrou na cidade de Atenas.

O fato é este: todo aquele que conhece verdadeiramente Deus é o possuidor privilegiado da vida eterna. Assim o declara o Senhor Jesus Cristo da maneira mais clara no capítulo 17 de João. "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único

Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste." Isto é precioso para toda a alma que, pela graça, tem obtido este conhecimento. Conhecer a Deus é ter vida — vida eterna.

Mas como posso eu conhecer a Deus? Onde posso encontrá-Lo? A ciência e a filosofia podem dizer-mo? Disseram-no alguma vez a alguém? Guiaram alguma vez algum pobre extraviado a este caminho de vida e paz? Não; nunca. "O mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria." As antigas escolas de filosofia, opostas umas às outras, apenas conseguiram submergir a inteligência humana em profundas trevas e em desesperada confusão; e as escolas modernas de filosofia, igualmente opostas umas às outras, não são nada melhores. Não podem dar nenhuma certeza, nenhum abrigo seguro, nenhum sólido fundamento de confiança à pobre alma ignorante. Especulações estéreis, dúvidas torturantes, teorias loucas e infundadas é tudo que a filosofia humana, em qualquer época ou de qualquer nação, tem para oferecer ao sincero indagador da verdade.

Como vamos então conhecer a Deus? Se um tão grandioso resultado depende deste conhecimento; se conhecer a Deus é vida eterna — e Jesus diz que é — então como vai Ele ser conhecido? "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1:18).

Aqui temos uma resposta divinamente simples, divinamente certa. Jesus revela Deus à alma — revela o Pai ao coração. Fato precioso! Não se nos manda estudar a criação para aprender o que Deus é — apesar de vermos nela o Seu poder, sabedoria e bondade. Não somos enviados para a Lei — apesar de vermos nela a Sua justiça. Não somos mandados à Sua providência, apesar de vermos nela os profundos mistérios do Seu governo. Não; se queremos saber quem e o que Deus é, devemos olhar na face de Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, que habitava no Seu seio antes que todos os mundos existissem, que era o Seu eterno, o objeto dos Seus afetos, o centro dos Seus desígnios. E Ele quem revela Deus à alma. Não podemos ter a mais pequena ideia do que Deus é à parte o Senhor Jesus Cristo. "Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade." "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Co 4:6).

Nada pode exceder o poder e a bem-aventurança de tudo isto. Não há trevas aqui; não existe incerteza. "Vão passando as trevas, e já a verdadeira luz alumia" (1 Jo 2:8). Sim; alumia na face de Jesus Cristo. Podemos contemplar pela fé o bendito Senhor; podemos seguir a Sua maravilhosa carreira na terra; ver como andou fazendo bem e curando todos os oprimidos do diabo; notar o Seu próprio olhar, as

Suas palavras, obras e caminhos; vê-Lo curar os enfermos purificar os leprosos, abrir os olhos aos cegos, os ouvidos dos surdos, fazer andar os coxos, sarando os mutilados, ressuscitando os mortos, enxaguando as lágrimas das viúvas, alimentando os famintos, ligando os corações quebrantados, satisfazendo todas as formas de necessidade humana, aliviando as dores humanas, acalmando temores humanos, e fazendo tudo isto de um modo tal, com uma graça tão tocante e com tal doçura, que fazia sentir a cada um, no recôndito da sua alma, que era o maior gozo do Seu coração amante poder atender daquele modo as suas necessidades.

Ora, em tudo isto Ele revelou Deus ao homem; de modo que se queremos saber o que Deus é, temos simplesmente de olhar para Jesus. Quando Filipe disse: "Senhor, mostra-nos o Pai, o que nos basta", a resposta imediata foi: "Estou há tanto tempo convosco, e não me tendes conhecido, Filipe«?- Quem me vê a mim vê o Pai; e como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras" (Jo 14).

Aqui está verdadeiro descanso para o coração. Conhecemos o verdadeiro Deus e Jesus Cristo a quem Ele enviou; e isto é vida eterna. Conhecemo-Lo como nosso próprio Deus e Pai e a Cristo como nosso amoroso Salvador e Senhor; podemos-nos regozijar n'Ele, andar com Ele, apoiarmo-nos n'Ele, confiar n'Ele, unirmo-nos a Ele, receber tudo d'Ele, encontrar n'Ele todas as nossas fontes de vida; regozijarmo-nos n'Ele todo o dia; encontrar a nossa comida e a nossa bebida em fazer a Sua santa vontade, estendendo a Sua causa e promovendo a Sua glória.

Prezado leitor, conheces tudo isto por experiência própria? E uma realidade viva, divina, na tua própria vida? Isto é verdadeiro cristianismo; e não debes estar satisfeito com nada menos. Dirás talvez que nos temos afastado muito do terceiro capítulo de Deuteronomio. Mas para onde nos afastamos? Para o Filho de Deus e para a alma do leitor. Se a isto se chama divagar, seja-o; não é, certamente, para nos afastarmos do objetivo que somos induzidos a redigir estas "Nótulas", o qual é levar Cristo e a alma a encontrarem-se ou uni-los, conforme o caso. Não queremos nunca, nem por um momento, perder de vista o fato de que, tanto escrevendo como falando, não devemos apenas expor a Escritura, mas buscar a salvação e a bênção das almas. É por isso que nos sentimos constrangidos, de vez em quando, a apelar para o coração e a consciência do leitor, quanto ao seu estado presente, e até que ponto tem feito suas essas imperecíveis realidades que passam em revista diante de nós. E rogamos sinceramente ao leitor, seja quem for, que busque um conhecimento mais profundo de Deus em Cristo, e, como consequência, uma mais íntima companhia com Ele e consagrar-se-Lhe de todo o coração.

Estamos convencidos de que isto é o que é necessário nestes dias de inquietação e de falta de realidade no mundo, e de indiferença e falta de fervor na igreja

professante. Precisamos de um padrão muito mais elevado de devoção pessoal, de um propósito verdadeiro de coração para nos apegarmos ao Senhor e O seguirmos. Existe muito, muitíssimo, no estado de coisas que nos cerca para nos desanimar e nos embarçar. A linguagem dos homens de Judá, nos dias de Neemias, pode, com certa medida de aptidão e força, aplicar-se aos nossos dias: "...Já desfaleceram as forças dos carregadores e o pé é muito." Mas, graças a Deus, o remédio, hoje, como então, deve ser achado na comovedora expressão: "Lembraí-vos do SENHOR."

Rubem, Gade e Manassés no Outro Lado do Jordão

Voltamos agora ao nosso capítulo, no fim do qual o legislador repete aos ouvidos da congregação a história do seu procedimento para com os dois reis dos amorreus juntamente com os fatos relacionados com a herança das duas e meia tribos além do Jordão. E, quanto a este assunto, é interessante observar que ele não suscita questão sobre o bem ou mal da sua escolha de posse fora da terra da promessa. Com efeito, da narração que aqui é dada não poderia deduzir-se que as duas e meia tribos haviam manifestado qualquer desejo sobre o assunto. De tal modo está o nosso livro longe de ser uma mera repetição dos seus precedentes.

Eis aqui as palavras: "Tomamos, pois, esta terra em posse, naquele tempo; desde Aroer, que está junto ao ribeiro de Arnom, e a metade da montanha de Gileade, com as suas cidades, tenho dado aos rubenitas e gaditas. E o resto de Gileade, como também todo o Basã, o reino de Ogue, dei à meia tribo de Manasses. (Toda aquela borda da terra de Argobe, por todo o Basã, se chamava a terra dos gigantes)... E a Maquir de Gileade. Mas aos rubenitas e gaditas dei desde Gileade até ao ribeiro de Arnom, o meio do ribeiro e o termo; e até ao ribeiro de Jaboque, o termo dos filhos de Amom. ...E vos mandei mais, no mesmo tempo, dizendo: O SENHOR, vosso Deus, vos deu esta terra, para possuí-la"—nem uma palavra sobre o fato de eles a haverem pedido — "passai, pois, armados vós, todos os homens valentes, diante de vossos irmãos, os filhos de Israel. Tão-somente vossas mulheres, e vossas crianças, e vosso gado (porque eu sei que tendes muito gado) ficarão nas vossas cidades que já vos tenho dado, até que o SENHOR dê descanso a vossos irmãos como a vós, para que eles herdem também a terra que o SENHOR, vosso Deus, lhes há de dar além do Jordão; então voltareis cada qual à sua herança, que já vos tenho dado" (versículos 12 a 20).

Nos nossos estudos sobre o livro de Números, ocupamo-nos de certos fatos relacionados com o estabelecimento das duas e meia tribos, comprovando que elas estavam muito abaixo do nível do Israel de Deus escolhendo a sua herança em qualquer lugar que não fosse do outro lado do Jordão. Mas na passagem que temos citado não há alusão a este lado da questão, porque o objetivo de Moisés é mostrar perante toda a congregação a grande bondade, misericórdia e fidelidade de Deus,

não só guiando-os através de todas as dificuldades e perigos do deserto, mas também dando-lhes, já, aquelas vitórias sobre os amorreus e pondo-os na posse de regiões tão atrativas e próprias para eles. Em tudo isto ele estabelece a base sólida dos direitos de Javé à obediência sincera aos Seus mandamentos; e nós podemos ver imediatamente e apreciar a beleza moral de omitir inteiramente, num tal relato, a questão acerca do erro de Rubem, Gade e a meia tribo de Manassés querendo ficar fora da terra da promessa. E, para todo o crente sincero, uma prova notável não só da excelente e tocante graça de Deus, mas também da divina perfeição da Escritura.

Sem dúvida, todo o verdadeiro crente entra no estudo da Escritura com a completa e profunda convicção da sua absoluta perfeição em cada parte. Crê reverentemente que, desde o Gênesis ao final do Apocalipse, não há um simples defeito, um único obstáculo, uma só discordância — não; nem sequer uma; tudo é tão perfeito como o seu divino Autor.

Mas a crença sincera na perfeição divina do conjunto da Escritura nunca poderá reduzir a nossa apreciação das provas que aparecem em pormenor; pelo contrário, realçam-na excessivamente. Assim, por exemplo, na passagem que estamos comentando não é perfeitamente belo observar a falta de qualquer referência à falta das duas e meia tribos no caso da escolha da sua herança, visto que essa referência seria inteiramente alheia ao objetivo do legislador e ao propósito do livro? Não é motivo de alegria para os nossos corações descobrirem essas infinitas perfeições e perfeitos e inimitáveis traços? E seguramente; e não somente isto, mas estamos persuadidos que quanto mais as glórias morais do livro se impõem às nossas almas e as suas vivas e insondáveis profundidades se revelam aos nossos corações, tanto mais convencidos estamos da completa loucura dos assaltos dos infiéis contra ele; e da fraqueza dos esforços injustificados de muitos bem intencionados para provar que ele se não contradiz a si mesmo. Graças a Deus, a Sua Palavra não necessita de apologistas humanos. Fala por si mesma, e traz consigo as suas poderosas provas; de modo que nós podemos dizer dela o que o apóstolo diz do seu evangelho: "Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que não lhes resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2 Co 4:3-4). Cada vez estamos mais convencidos de que o método mais eficaz de enfrentar todos os ataques infiéis contra a Bíblia consiste em manter uma fé mais profunda na sua autoridade e poder divino; e usá-la como os que estão inteiramente persuadidos da sua verdade e preciosidade. Só o Espírito de Deus pode habitar qualquer para crer na inspiração plenária das Sagradas Escrituras. Os argumentos humanos podem estimar-se pelo que valem; podem, sem dúvida, impor silêncio aos antagonistas; mas não podem alcançar o coração; não podem fazer com que os raios fecundantes de revelação

divina desçam sobre a alma com poder salvador; isto é obra divina; e enquanto não for feita, todas as provas e argumentos no mundo devem deixar a alma nas trevas morais da incredulidade; mas essa obra está feita, não há necessidade de testemunho humano em defesa da Bíblia. As provas externas, por mais interessantes e valiosas — e são uma e a outra coisa — não podem acrescentar um simples jota ou um til à glória dessa revelação incomparável que se deixa em cada página, cada parágrafo, cada expressão, a impressão clara do seu divino Autor. Assim como acontece com o sol nos céus, em que cada um dos seus raios fala da Mão que o fez, assim é com a Bíblia, cada uma das suas frases fala do Coração que a inspirou. Mas assim como um cego não pode ver a luz do sol, assim tampouco pode a alma inconvertida ver a força e beleza da Escritura Sagrada. Os olhos têm de ser ungidos com colírio celestial antes que as perfeições infinitas do Livro divino possam ser discernidas ou apreciadas.

E agora devemos confessar ao leitor que é a profunda e cada vez mais arraigada convicção de tudo isto que nos tem induzido à determinação de não ocuparmos o seu ou o nosso próprio tempo com os ataques que têm sido feitos por autores racionalistas à porção da Palavra de Deus com que estamos agora ocupados. Deixamos esta tarefa a outras mãos mais competentes que as nossas. O que mais desejamos, tanto para os nossos leitores como para nós próprios, é que possamos alimentar-nos em paz dos verdes pastos que o Pastor e Bispo das nossas almas abriu amplamente para nós; que possamos auxiliar-nos uns aos outros, ao avançarmos, para vermos mais e mais da glória moral do que está perante nós; e edificarmo-nos uns aos outros na nossa santíssima fé. Isto será uma tarefa mais grata para nós, e cremos que também para os nossos leitores, do que responder aos homens que, em todos os seus mesquinhos esforços para encontrar defeitos no Sagrado Livro, apenas mostram, àqueles que são capazes de julgar, que não entendem o que dizem nem o que afirmam. Se os homens querem habitar nas cavernas e galerias de uma terrível infidelidade, e ali achar faltas no sol e negar que ele brilha, banhemo-nos nós à sua luz e procuremos auxiliar outros e procederem de igual modo.

"Não os Temais:

Porque o Senhor, Vosso Deus, é O que Peleja por Vós"

Consideremos agora por um momento os versículos finais do nosso capítulo, nos quais encontraremos muito que nos interessará, nos instruirá e nos dará proveito. E, primeiro, Moisés repete aos ouvidos do povo o seu encargo a Josué. "Também dei ordem a Josué, no mesmo tempo, dizendo: Os teus olhos veem tudo o que o SENHOR, vosso Deus, tem feito a estes dois reis; assim fará o SENHOR a todos os reinos, a que tu passarás. Não os temais: porque o SENHOR, vosso Deus, é o que peleja por vós" (versículos 21-22).

A recordação dos atos de Deus conosco no passado deve fortalecer a nossa confiança no futuro. Aquele que havia destruído um inimigo tão formidável como

Ogue, rei de Basã, e dado em suas mãos toda a terra dos gigantes, o que não poderia fazer por eles? Não podiam possivelmente esperar encontrar em toda a terra de Canaã um inimigo poderoso como Ogue, cuja cama era de tão grandes dimensões que mereceu ser citada por Moisés. Mas que era ele na presença do Criador Onipotente? Anões e gigantes são todos a mesma coisa para Ele. O ponto principal é ter o próprio Deus sempre ante os nossos olhos. Então as dificuldades se desvanecem. Se Ele serve de cobertura aos nossos olhos, então não podemos ver outra coisa senão Ele; e isto é o verdadeiro segredo de paz, de verdadeiro poder e progresso. "Os teus olhos veem tudo o que o SENHOR, vosso Deus, tem feito." E segundo o que Ele tem feito, assim fará. Tem libertado; e liberta; e libertará. O passado, o presente e o futuro estão assinalados por divina libertação.

Prezado leitor, estás em qualquer dificuldade?- Estás sobrecarregado com alguma coisa? Prevês, com apreensão nervosa, alguma formidável desgraça? O teu coração treme com o simples pensamento disso?- Pode ser que sejas como alguém que chegou ao último extremo, como o apóstolo Paulo na Ásia, "Sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperamos" (2 Co 1:8). Se é assim, prezado amigo, aceita uma palavra de estímulo. E nosso sincero e profundo desejo fortalecer as tuas mãos em Deus, e alentar o teu coração a confiar n'Ele em tudo que se apresente diante de ti. "Não temas"; crê somente. Ele nunca desampara um coração confiante — não; nunca. Aproveita os recursos que estão entesourados n'Ele. Entrega-te a ti próprio, e as tuas circunstâncias, os teus temores e a tua inquietação, inteiramente nas Suas mãos, e deixa-os todos com Ele.

Sim; deixa-os ali. E pouco útil pões as tuas dificuldades e as tuas necessidades nas Suas mãos e logo, quase imediatamente, voltares a tomá-los na tuas. Fazemos isto frequentemente. Quando sob qualquer pressão, em necessidade, ou em qualquer grande provação, nos dirigimos a Deus em oração, lançamos sobre Ele os nossos fardos e parece que ficamos aliviados. Mas, infelizmente, tão depressa deixamos de estar de joelhos, começamos outra vez a pensar nas dificuldades, a refletir na provação, a ocuparmo-nos de todas as tristes circunstâncias, até que não sabemos que havemos de fazer.

Ora isto nunca dará resultado. Desonra tristemente a Deus e, evidentemente, deixa-nos sobrecarregados e infelizes. Ele quer que os nossos espíritos estejam tão livres de cuidados como a consciência está livre de culpa. A Sua palavra é: "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças" (Fp 4:6). E depois? "E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus."

Assim aconteceu com Moisés, esse amado homem de Deus e honrado servo de Cristo, procurou animar o seu colaborador e sucessor Josué a respeito de tudo que

estava diante de si. "Não os temais, porque o SENHOR, VOSSO Deus, é o que peleja por vós." Assim também o abençoado apóstolo Paulo animou o seu amado filho e cooperador Timóteo a confiar no Deus vivo; a ser forte na graça que há em Cristo Jesus; a apoiar-se, com inabalável confiança, no seguro fundamento de Deus; a entregar-se, com indiscutível certeza, à autoridade, ensino, e direção das Sagradas Escrituras; e assim armado e provido a entregar-se a si mesmo, com santa assiduidade e verdadeira coragem espiritual, àquela obra a que fora chamado. E assim também o autor e o leitor destas linhas podem animar-se um ao outro, nestes dias de crescentes dificuldades, a pegar-se, com fé simples, àquela palavra que está para sempre estabelecida no céu; a tê-la escondida no coração como um poder vivo e uma autoridade para a alma, qualquer coisa que nos sustere ainda que o coração e a carne desfaleçam, e ainda que não tenhamos a presença ou o apoio de um ser humano. "Porque toda carne é como a erva, e toda a glória do homem, como a flor da erva. Secou-se a erva e caiu a sua flor; mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que entre vós foi evangelizada" (I Pe 1:24-25).

Quão preciso isto é! Que conforto e consolação! Que estabilidade e descanso! Que poder, vitória e elevação moral! Não está dentro dos limites da linguagem humana mostrar a preciosidade da palavra de Deus ou definir, em termos apropriados, o conforto de se saber que a mesmíssima palavra que está para sempre estabelecida no céu, e que perdurará através dos séculos incontáveis da eternidade, é a que tem alcançado os nossos corações nas boas novas do Evangelho, comunicando-nos vida eterna e dando-nos paz e descanso na obra realizada de Cristo e um objeto de perfeita satisfação na sua adorável Pessoa. Na verdade, quando pensamos em tudo isto, não podemos senão reconhecer que cada alento nosso deveria ser como que um cântico de louvor. Assim será, dentro em pouco, e para sempre, bendito seja o Seu santo Nome!

Moisés e o SENHOR

Os versículos finais do nosso capítulo apresentam um episódio especialmente comovedor entre Moisés e o seu Senhor, cujo relato como nos é dado aqui está em perfeita harmonia, como poderíamos esperar, com o caráter de todo o livro de Deuteronomio.

"Também eu pedi graça ao SENHOR, no mesmo tempo, dizendo: Senhor JEová, já começaste a mostrar ao teu servo a tua grandeza e a tua forte mão; porque, que deus há nos céus e na terra, que possa fazer segundo as tuas obras e segundo a tua fortaleza? Rogo-te que meu deixes passar, para que veja esta boa terra que está dalém do Jordão, esta boa montanha e o Líbano! Porém o SENHOR indignou-se muito contra mim, por causa de vós, e não me ouviu; antes, o SENHOR me disse: Basta; não me fales mais neste negócio. Sobe ao cume de Pisga, e levanta os teus olhos ao ocidente, e ao norte, e ao sul, e ao oriente, e vê com os teus olhos, porque

não passarás este Jordão. Manda, pois, a Josué e esforça-o e conforta-o; porque ele passará adiante deste povo e o fará possuir a terra que apenas vires" (versículos 23 a 28).

E comovedor ver este eminente servo de Deus solicitar um pedido que não pôde ser concedido. Anelava ver aquela boa terra dalém do Jordão. A porção escolhida pelas duas e meia tribos não podia satisfazer o seu coração. Desejava pôr os seus pés na própria herança do Israel de Deus. Mas não era possível. Havia falado imprudentemente com os seus lábios junto das águas de Meribá; e, pelo solene e irrevogável decreto do governo divino, foi proibido de atravessar o Jordão.

Tudo isto o amado servo de Cristo repete humildemente aos ouvidos do povo. Não lhes oculta o fato que o Senhor havia recusado aceder ao seu pedido. É verdade que teve de lhes recordar que fora por causa deles. Isso era moralmente necessário que eles ouvissem. Todavia, diz-lhes, francamente, que o Senhor estava irritado com ele, e que havia recusado ouvi-lo — recusara conceder-lhe que atravessasse o Jordão e ordenara-lhe que resignasse o seu cargo e nomeasse o seu sucessor.

Ora, é altamente edificante ouvir tudo isto dos lábios do próprio Moisés. Ensina-nos uma boa lição, se estamos dispostos a aprendê-la. Alguns de nós achamos que é verdadeiramente duro confessar que temos feito ou dito qualquer coisa má — duro reconhecer diante dos nossos irmãos que temos deixado de compreender a mente do Senhor, em qualquer caso especial. Velamos pela nossa reputação; somos sensíveis e obstinados. E contudo, por estranha contradição, admitimos, ou parece que admitimos, em termos gerais, que somos criaturas pobres, fracas e susceptíveis de errar; e que, abandonados a nós próprios, nada há, por mais mau que seja, que não sejamos capazes de dizer ou fazer. Porém, uma coisa é fazer uma humilhante confissão em termos gerais, e outra coisa muito diferente reconhecer que, em qualquer caso especial, temos cometido um erro crasso. Este último é uma confissão que muito poucos têm graça para fazer. Alguns nunca podem admitir que hajam cometido uma falta.

Não foi assim com esse honrado servo cujas palavras acabamos de citar. Não obstante a sua elevada posição como o chamado, fiel e amado servo do Senhor — o chefe da congregação, cuja vara havia feito tremer a terra do Egito, não se envergonhava de se apresentar perante toda a assembleia de seus irmãos e confessar o seu erro, reconhecer que havia dito o que não devia, e que havia sinceramente solicitado um pedido que o Senhor não podia conceder-lhe.

Acaso isto rebaixa Moisés no nosso conceito? Pelo contrário; isto enaltece-o imensamente. E moralmente encantador ouvir a sua confissão; ver como ele se curva humildemente aos decretos do governo de Deus; notar a nobreza da sua conduta para com o homem que ia suceder-lhe no seu ministério. Não havia vestígio algum de ciúme ou inveja: nenhuma demonstração de orgulho ferido. Com admirável resignação, ele renuncia ao seu elevado posto, coloca o seu manto

sobre os ombros do seu sucessor e anima-o a desempenhar com santa fidelidade os deveres do alto cargo que ele próprio devia resignar.

"Aquele que se humilhar será exaltado." Como isto era verdadeiro no caso de Moisés! Humilhou-se a si mesmo sob a poderosa mão de Deus. Aceitou a santa disciplina que lhe era imposta pelo governo divino. Não proferiu uma única palavra de murmuração ante a recusa do seu pedido. Curvou-se a tudo, e por isso foi a seu próprio tempo exaltado. Se o governo de Deus o excluía de Canaã, a graça conduzia-o ao cume de Pisga, de onde, na companhia do seu Senhor, lhe era permitido ver aquela boa terra, em todas as suas belas proporções — vê-la, não como herdada por Israel, mas como dada por Deus.

A Graça e o Governo

O leitor fará bem em ponderar seriamente sobre o assunto da graça e governo de Deus. É um tema verdadeiramente importante e prático e encontra-se largamente ilustrado na Escritura, embora apenas pouco compreendido por nós. Pode parecer-nos maravilhoso e difícil de compreender que a um homem tão amado como Moisés fosse recusada a entrada na terra da promessa. Mas vemos nisto uma ação solene do governo divino, e temos de curvar as nossas cabeças e adorar. Não se trata apenas do fato que Moisés, em sua capacidade oficial, como representante do sistema legal, não podia introduzir Israel na terra prometida. Isto é verdade; mas não é tudo. Moisés falara imprudentemente com os seus lábios. Ele e seu irmão Arão não glorificaram a Deus na presença da congregação; e por esta razão "O SENHOR disse a Moisés e a Arão: Porquanto não me crestes a mim, para me santificar diante dos filhos de Israel, por isso não metereis esta congregação na terra que lhes tenho dado."

Depois lemos: "E falou o SENHOR a Moisés e a Arão, no monte Hor, nos termos da terra de Edom, dizendo: Arão recolhido será a seu povo, porque não entrará na terra que tenho dado aos filhos de Israel, porquanto rebeldes fostes à minha palavra, nas águas de Meribá. Toma a Arão e a Eleazar, seu filho, e faze-os subir ao monte Hor. E despe a Arão as suas vestes e veste-as a Eleazar, seu filho, porque Arão será recolhido e morrerá ali" (Nm 20:12, 23 a 25).

Tudo isto é muito solene. Aqui temos os dois condutores da congregação, os próprios homens que Deus havia usado para tirar o Seu povo da terra do Egito com poderosos sinais e prodígios — Moisés e Aarão —, homens altamente honrados por Deus, e contudo proibidos de entrar em Canaã. E por quê? Notemos o motivo. "Porquanto rebeldes fostes à minha palavra."

Que estas palavras penetrem bem fundo nos nossos corações. A rebelião contra a Palavra de Deus é uma coisa terrível; e quanto mais elevada é a posição dos que assim se revoltam, tanto mais grave é, em todo o sentido, e tanto mais solene e

rápido tem de ser o castigo divino. "A rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como iniquidade e idolatria" (1 Sm 15:23).

Estas palavras são graves e nós deveríamos meditar nelas seriamente. Foram pronunciadas aos ouvidos de Saul, quando ele deixou de obedecer à Palavra de Deus; e assim temos diante de nós os exemplos de um profeta, um sacerdote e um rei, julgados todos pelo governo de Deus por atos de desobediência. O profeta e o sacerdote foram proibidos de entrar na terra de Canaã, e o rei foi privado do seu trono simplesmente porque desobedeceram à Palavra do Senhor.

Recordemos isto. A nós, na nossa imaginária sabedoria, podia parecer-nos que tudo isto era muito severo. Mas somos nós juizes competentes? Esta é a questão importante em tais assuntos. Tenhamos cuidado de como pretendemos julgar os decretos do governo divino. Adão foi posto fora do paraíso; Arão foi despojado das suas vestes sacerdotais; Moisés foi severamente proibido de entrar em Canaã; e Saul foi exonerado do seu reino; e por quê?— Foi por causa daquilo que os homens chamam um grave ofensa moral algum pecado escandaloso? Não; foi, em todos os casos, por

negligenciarem à Palavra do Senhor. Este é o fato importante que devemos ter sempre presente, nestes dias de obstinação humana em que os homens se aventuram a impor as suas opiniões, a pensar por si mesmos, a julgar por si mesmos e a atuarem por si próprios. Os homens perguntam orgulhosamente: "Acaso não tem todo homem o direito de pensar por si próprio?" Nós respondemos, não, certamente. Temos o dever de obedecer. Obedecer a quê? Não aos mandamentos dos homens; não à assim chamada autoridade da igreja; não aos decretos dos concílios; numa palavra, não a autoridade alguma meramente humana, diga-se o que se quiser; mas simplesmente à Palavra do Deus vivo — o testemunho do Espírito Santo—à voz da Escritura. E isto que reclama justamente a nossa implícita, indiscutível obediência. Perante isso temos de curvar todo o nosso ser moral. Não temos de raciocinar; não temos de especular; não temos de pesar as consequências; nada temos que ver com os resultados; não temos de dizer: "Por quê?" ou "Para quê?" E nosso dever obedecer e deixar tudo o mais nas mãos do Mestre. O que tem que ver um servo com as consequências? Que tem ele que ver com os resultados?— O dever essencial de um servo é fazer o que se lhe manda sem atender a quaisquer outras considerações. Tivesse Adão pensado nisto e não teria sido lançado fora do Éden. Tivessem Moisés e Arão recordado isto e teriam podido atravessar o Jordão; tivesse Saul rememorado isto e não teria sido exonerado do seu trono. E assim, à medida que vamos descendo na corrente da história humana, vemos este princípio fundamental ilustrado, repetidas vezes; e podemos ficar certos de que é um princípio de permanente e universal importância.

E recordemos que não devemos procurar enfraquecer este importante princípio por quaisquer argumentos baseados na presciência de Deus sobre tudo que havia

de acontecer e tudo que o homem faria no decurso do tempo. Os homens raciocinam desta maneira, mas é um erro fatal. Que tem que ver a presciência de Deus com a responsabilidade do homem? O homem é responsável ou não? Esta é a questão. Se é, como certamente cremos, então não pode permitir-se que coisa alguma interfira com esta responsabilidade. O homem é convidado a obedecer simplesmente à Palavra de Deus; não é, de modo algum responsável por conhecer coisa alguma dos secretos desígnios e propósitos de Deus. A responsabilidade do homem assenta sobre o que é revelado, não sobre o que é segredo. Que sabia, por exemplo, Adão dos planos eternos de Deus quando foi colocado no jardim do Éden e proibido de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal? A sua transgressão foi acaso modificada pelo fato admirável de que Deus usou a ocasião, dessa própria transgressão, para revelar à vista de todas as inteligências criadas o Seu plano glorioso de redenção pelo sangue do Cordeiro? Claro que não. Recebeu um mandamento claro; e a sua conduta deveria ter sido absolutamente governada por esse mandamento. Desobedeceu, e foi lançado fora do Paraíso para um mundo que tem, durante seis mil anos, exibido as terríveis consequências de um só ato de desobediência — o ato de tomar do fruto proibido.

É verdade que, bendito seja Deus, a graça tem descido a este pobre mundo ferido de pecado e aqui feito uma colheita como nunca poderia ter sido feita nos campos de uma criação impecável. Mas o homem foi julgado pela sua transgressão. Foi lançado fora pela mão de Deus em Seu governo; e, por um decreto desse governo, tem sido obrigado a comer o pão no suor do seu rosto. "Tudo o que o homem semear, isso também ceifará."

Aqui temos o relato resumido do princípio que se encontra através de toda a Palavra, e é ilustrado em todas as páginas da história do governo de Deus. Merece a nossa mais profunda atenção. É, infelizmente, muito pouco compreendido! Deixamos cair as nossas almas debaixo da influência parcial e portanto das falsas ideias sobre a graça, cujo efeito é o mais pernicioso. Graça é uma coisa, e governo é outra. Nunca devem ser confundidos. Queremos sinceramente inculcar no coração do leitor o fato importante que a gloriosa manifestação da graça soberana de Deus nunca pode interferir com os decretos solenes do Seu governo.

CAPÍTULO 4

"AGORA, POIS, Ó ISRAEL, OUVI"

A Lei Mosaica e os Mandamentos de Jesus

"Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos dá."

Aqui temos diante de nós, de um modo proeminente, a característica especial de todo o livro de Deuteronômio. "Ouve", e "cumpre", para que "vivais" e "possuais". Eis um princípio universal e permanente. Era verdadeiro para Israel, e é verdadeiro para nós. A vereda da vida e o verdadeiro segredo de possessão é obediência aos santos mandamentos de Deus. Vemos isto desde o princípio ao fim do volume inspirado. Deus deu-nos a Sua Palavra, não para especular ou discutir acerca dela, mas para nos submetermos a ela. E é segundo a obediência sincera e venturosa que rendemos aos estatutos e juízos de nosso Pai que trilhamos a senda brilhante da vida e entramos na realidade de tudo que Deus tem entesourado para nós em Cristo. "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, este é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei e me manifestarei a ele" (Jo 14:21).

Como isto é precioso! E verdadeiramente indizível. E qualquer coisa muito especial. Seria um erro muito grave supor que o privilégio de que aqui se fala é desfrutado por todos os crentes. Não é. É desfrutado somente por aqueles que obedecem amoravelmente aos mandamentos de nosso Senhor Jesus Cristo. Está ao alcance de todos, mas nem todos o desfrutam, porque não são todos obedientes. Uma coisa é ser filho, e outro muito diferente ser filho obediente. Uma coisa é ser salvo, e outra muito diferente amar o Salvador e deleitar-se em todos os Seus preciosos preceitos.

Podemos ver isto exemplificado continuamente nos nossos círculos familiares. Há, por exemplo, dois filhos, e um deles só pensa em divertir-se, fazer a sua vontade e satisfazer os seus próprios desejos. Não tem prazer na companhia de seu pai; não se preocupa em cumprir os desejos do pai; conhece dificilmente qualquer coisa dos seus pensamentos, e descuida ou despreza o que sabe deles. Está sempre disposto a aceitar vestuário, livros, dinheiro — tudo, em suma, que o pai lhe dá; mas nunca procura agradar ao coração do pai com uma atenção de carinho de sua própria vontade, ainda que trivial. O outro filho é o contrário de tudo isto. O seu prazer é estar com o pai; ama a sua companhia, ama os seus modos e as suas palavras; procura constantemente levar a cabo os desejos de seu pai, proporcionar-lhe alguma coisa que sabe lhe será agradável. Ama o pai, não pelo que ele lhe dá, mas porque é seu pai; e acha a sua maior satisfação em estar na sua companhia e em fazer sua vontade.

Ora, poderemos nós ter alguma dificuldade em compreender quão diferentes serão os sentimentos do pai para com esses dois filhos? É verdade que são os dois seus filhos, e ele ama-os com um amor baseado no parentesco que tem com eles. Mas, além do amor de parentesco comum aos filhos e ao pai, existe o amor de especial

complacência para com o filho obediente. É impossível que um pai possa achar satisfação na companhia de um filho obstinado, mau e negligente; um tal filho pode ocupar os seus pensamentos; pode passar noites em claro a pensar nele e a orar por ele; de bom grado se gastará e deixará gastar por ele; mas ele não lhe é agradável; não tem a sua confiança; não pode ser o confidente dos seus pensamentos.

Tudo isto requer a mais atenta consideração daqueles que realmente desejam ser aceitáveis ou agradáveis ao coração de nosso Pai celestial e a nosso Senhor Jesus Cristo. Podemos estar certos disto, a obediência é agradável a Deus; e "os seus mandamentos não são pesados"; antes pelo contrário, são doces e preciosas expressões do Seu amor, é o fruto e evidência do parentesco que Ele tem conosco. E não só isto, mas galardoa graciosamente a nossa obediência com uma completa manifestação de Si Mesmo às nossas almas e a Sua habitação conosco. Isto ressalta com grande clareza e beleza na resposta do Senhor a Judas, não o Iscariotes, por cuja pergunta podemos estar agradecidos: "Senhor, de onde vem que te hás de manifestar a nós e não ao mundo? Jesus respondeu e disse-lhe: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada"(Jo 14:23).

Aqui aprendemos que não é uma questão da diferença que existe entre "o mundo" e "nós", visto que o mundo nada sabe nem de parentesco nem de obediência; e não é, de modo nenhum, incluído nas palavras do Senhor. O mundo aborrece Cristo, porque o não conhece. A sua linguagem é: "Afasta-te de nós, porque nós não queremos o conhecimento dos teus caminhos." "Não queremos que este reine sobre nós" (Lc 19:14).

Tal é o mundo, até mesmo quando polido pela civilização, e dourado com a profissão de cristandade. Existe, por baixo do dourado e todo o polimento, um profundo rancor à pessoa e autoridade de Cristo. O Seu sagrado e incomparável nome é ligado à religião do mundo, pelo menos em toda a cristandade batizada; mas atrás da pintura da profissão religiosa oculta-se um coração em inimizade com Deus e o Seu Cristo.

Mas o Senhor não fala do mundo em João 14. Está recolhido com "os Seus", e é deles que está falando. Se tivesse de Se manifestar ao mundo, só poderia ser para juízo e eterna destruição. Mas, bendito seja o Seu nome, Ele manifesta-Se aos Seus filhos obedientes, àqueles que têm os Seus mandamentos e os guardam — aqueles que O amam e guardam as Suas palavras.

O Cristão e a Lei

E note-se que quando o Senhor fala dos Seus mandamentos, das Suas palavras, dos Seus ditos, não quer dizer os dez mandamentos ou lei de Moisés. Sem dúvida, esses dez mandamentos formam uma parte de todo o cânone da Escritura, a Palavra

inspirada de Deus; mas confundir a lei de Moisés com os mandamentos de Cristo, seria simplesmente voltar as coisas em completa confusão; seria confundir o judaísmo com o cristianismo, a lei com a graça. As duas coisas são tão distintas quanto o podem ser duas coisas; e devem ser assim mantidas por todos os que devem ser achados na corrente dos pensamentos de Deus.

Por vezes somos desviados pelo simples som das palavras; e por isso, quando encontramos o vocábulo "mandamentos", concluímos imediatamente que deve referir-se incontestavelmente à lei de Moisés. Mas isto é um grande e perverso erro. Se o leitor não está seguro e convencido disto, feche este volume e leia, atentamente, e com oração, como se estivesse na presença de Deus, com o espírito livre de todas as influências teológicas e de todos os preconceitos de ensino religioso, os primeiros cinco capítulos da epístola aos Romanos e toda a epístola aos Gálatas. Verificará, da maneira mais clara, que o cristão não está, de modo nenhum, debaixo da lei, para qualquer objetivo, quer para a vida, quer para a justiça, para santidade ou para a conduta diária ou qualquer coisa mais. Em suma, o ensino de todo o Novo Testamento estabelece, fora de toda a dúvida, que o crente não está debaixo da lei, que não é do mundo, que não está na carne nem sob o domínio dos seus pecados. A base sólida de tudo isto é a redenção cumprida que temos em Cristo Jesus, em virtude da qual estamos selados com o Espírito Santo, e deste modo indissolavelmente unidos e inseparavelmente identificados com Cristo ressuscitado e glorificado; de forma que o apóstolo João pode dizer de todos os crentes, todos os filhos de Deus: "Assim como ele (Cristo) é, assim somos nós neste mundo." Isto resolve toda a questão, para todos os que estão satisfeitos por serem governados pela Sagrada Escritura. E quanto a tudo mais, a discussão é pior do que inútil.

Havemo-nos afastado do nosso assunto imediato, a fim de esclarecer qualquer dificuldade motivada pela má compreensão da palavra "mandamentos". O leitor não pode ser exagerado em se guardar contra a tendência de confundir os mandamentos do Senhor em João 14 com os mandamentos de Moisés em Êxodo 20. E, contudo, nós cremos reverentemente que Êxodo 20 é tão inspirado como João 14.

E agora antes de deixarmos o assunto que nos tem ocupado, queremos referir, por uns momentos, um caso de história inspirada que ilustra, de um modo notável, a diferença entre um filho de Deus obediente e um filho desobediente. Encontramo-lo em Gênesis 18 e 19. É um estudo profundamente interessante, apresentando um contraste instrutivo, sugestivo e profundamente prático. Não vamos insistir nele, porquanto já o fizemos, em certa medida, nos nossos "Estudos sobre o Livro de Gênesis"; mas queremos apenas lembrar ao leitor que tem diante de si, nestes dois capítulos, a história de dois santos de Deus. Ló era filho de Deus tanto como Abraão. Não temos dúvida de que Ló está entre "os espíritos dos justos

aperfeiçoados" assim como Abraão lá está. Isto, cremos, não pode ser posto em dúvida, visto que o inspirado apóstolo Pedro nos diz que Ló era justo e afligia a sua alma com a conversação dos ímpios.

Mas note-se a grande diferença entre os dois homens! O Senhor mesmo visitou Abraão, sentou-se com ele, e compartilhou prontamente da sua hospitalidade. Isto era na verdade uma elevada honra, um raro privilégio — um privilégio que Ló nunca conheceu, uma honra que nunca conseguiu. O Senhor nunca o visitou em Sodoma. Mandou-lhe meramente os Seus anjos, os Seus ministros de poder, os agentes do Seu governo. E até mesmo eles, ao princípio, recusaram austeramente entrar em casa de Ló ou aceitar o seu oferecimento de hospitalidade. A sua resposta seca foi: "Não, antes na rua passaremos a noite." E quando entraram em sua casa foi só para o protegerem da violência desordenada com que ele estava rodeado e para o arrebatarem das circunstâncias miseráveis em que ele, por amor do ganho mundano e da posição, se havia lançado. Poderia o contraste ser mais real?

Mas, notemos, além disso, que o Senhor se comprazia em Abraão, Se manifestou a ele, lhe revelava os Seus pensamentos, lhe falava dos Seus planos e propósitos, o que intentava fazer com Sodoma. Disse Ele: "Ocultarei eu a Abraão o que faço, visto que Abraão certamente virá a ser uma grande e poderosa nação, e nele serão benditas toas as nações da terral Porque eu o tenho conhecido, que ele há de ordenara seus filhos e a sua casa depois dele, para que guardem o caminho do SENHOR, para agirem com justiça e juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado"(Gn 18:17a 19).

Difícilmente poderíamos encontrar uma ilustração mais eloquente de João 14:21-23, ainda que a cena ocorreu dois mil anos antes de se pronunciarem as palavras. Encontramos alguma coisa parecida com isto na história de Ló? Ah, não era possível! Não tinha intimidade com Deus, nem conhecimento da Sua mente, nem profundava os Seus planos e propósitos. Como poderia fazê-lo? Mergulhado como estava nos baixos morais de Sodoma, como poderia ele conhecer a mente de Deus? Cego pela escura atmosfera que envolvia as cidades culpáveis da planície, como poderia olhar para o futuro? Era inteiramente impossível. Se um homem está misturado com o mundo só pode ver as coisas do ponto de vista mundano; só pode medir as coisas pelo padrão mundano e pensar nelas com os pensamentos do mundo. E por isso que a Igreja, em seu estado de Sardo, é ameaçada com a vinda do Senhor como um ladrão em vez de ser animada com a esperança da Sua vinda como a brilhante estrela da manhã. Se a igreja professante tem descido ao nível do mundo — como infelizmente tem sucedido — ela só pode contemplar o futuro do ponto de vista do mundo. Isto explica o sentimento de temor com que a grande maioria dos cristãos professos encaram o assunto da vinda do Senhor. Esperam-No como a um ladrão, em vez de O aguardarem como o bendito Noivo dos seus corações. Quão poucos, comparativamente, são os que amam a Sua vinda. A grande

maioria dos professores — sentimos muito ter que escrever estas palavras — encontram o seu tipo em Ló, não em Abraão. A Igreja deixou o seu próprio fundamento; deixou a sua verdadeira elevação moral e misturou-se com o mundo que aborrece e despreza o seu Senhor ausente.

Contudo, graças a Deus, "Tens em Sardo algumas pessoas que não contaminaram as suas vestes" — algumas pedras vivas entre cinzas ardentes da profissão inanimada — algumas luzes cintilantes entre a obscuridade de uma cristandade fria, nominal, desapidada, e mundana. E não só isto, mas na fase da história da igreja, que podemos chamar de Laodicéia a qual nos apresenta um estado de coisas ainda mais baixo e desesperado, quando o conjunto do corpo professante está a ponto de ser vomitado da boca da "Testemunha fiel e verdadeira" — até mesmo nesse estado avançado de fracasso e deserção as palavras cheias de graça: "Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele, comigo"(1), soam com poder encorajador aos ouvidos atentos.

(1) Aplicar a carta solene de Cristo à igreja de Laodicéia, como vemos que é feito na pregação evangélica, ao caso do pecador, é um grande erro. Sem dúvida, o pregador é bem intencionado; mas o evangelho não é apresentado aqui. Não é Cristo quem bate à porta do coração do pecador, mas à porta da igreja professante. Que tremendo fato! Como é cheio de profunda e terrível solenidade, quanto à igreja! Que fim a que ela chegou! Cristo fora dela! Mas que graça, da parte de Cristo, bater à porta! Quer entrar! Ainda espera, em paciente graça, e imutável amor, entrar em qualquer coração fiel que, individualmente, se abra para Ele. Se alguém abrir a porta" — ainda que seja só uma pessoa! Em Sardo Ele podia falar positivamente de "algumas pessoas"; em Laodicéia só pode falar dubiamente de um. Mas se houvesse apenas um, Ele entraria em casa com ele e com ele cearia. Precioso Salvador! Fiel amante das nossas almas! "Jesus Cristo, o mesmo ontem, hoje e para sempre!"

Leitor, é caso para admirar que o inimigo procure mutilar e deturpar a carta solene à igreja de Laodicéia — o corpo professante no último período da sua história?! Não temos hesitação em dizer que aplicá-la meramente ao caso de uma alma inconvertida é privar a igreja professante de um dos mais pertinentes, poderosos e penetrantes apelos do Novo Testamento.

Assim, tanto nos dias da cristandade professante como nos dias dos patriarcas, nos dias do Novo Testamento como nos do Velho, vemos a mesma importância e igual valor dado ao ouvido atento e ao coração obediente. Abraão na planície de Manre, o peregrino e estrangeiro, o fiel e obediente filho de Deus, experimentou o raro privilégio de hospedar o Senhor da glória — um privilégio que não podia ser conhecido por aquele que havia escolhido o seu lugar e a sua parte numa esfera

condenada à destruição. Assim também nos dias da indiferença e jactanciosa pretensão de Laodicéia, o coração verdadeiramente obediente é animado com as doces promessas de se assentar para cear com aquele que é "O amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus". Em suma, seja qual for o estado de coisas, não há limite para a bênção de toda a alma que quer atender só à voz de Cristo e guardar os Seus mandamentos.

Recordemos isto. Deixemos que penetre no mais profundo do nosso ser moral. Nada pode despojar-nos das bênçãos e privilégios que derivam da obediência. A verdade deste fato brilha perante os nossos olhos em todas as páginas do volume de Deus.

Em todas as épocas, em todos os lugares, e em todas as circunstâncias, a alma obediente sentiu-se ditosa em Deus, e Deus achou nela o Seu prazer. E sempre verdadeiro, qualquer que seja o caráter da dispensação, "Mas eis para quem olharei, para o pobre e abatido de espírito e que teme da minha palavra" (Is 66:2). Nada poderá jamais alterar ou perturbar isto. E o que vemos em capítulo 4 do precioso livro de Deuteronômio, nas palavras com que abre esta parte: "Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e os juízos que eu vos ensino, para os cumprirdes, para que vivais, e entreis, e possuais a terra que o SENHOR, Deus de vossos pais, vos dá." E o que encontramos também nestas preciosas palavras do Senhor, em João 14, sobre as quais já temos insistido: "Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda esse é o que me ama." E, outra vez: "Se alguém me ama, guardará a minha palavra" (1). A mesma verdade resplandece com brilho peculiar nas palavras do inspirado apóstolo João: "Amados, se o nosso coração nos não condena, temos confiança para com Deus; e qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista. E o seu mandamento é este: que creiamos no nome de seu Filho Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o seu mandamento. E aquele que guarda os seus mandamentos nele está, e ele nele" (1 Jo 3:21-24).

(1) Existe uma diferença interessante entre os "mandamentos" e os "ditos" do Senhor. Aqueles mostram distinta e definitivamente o que deveríamos fazer; estes são a expressão do Seu pensamento. Se dermos uma ordem ao nosso filho, isso representa a declaração do seu dever e se ele me ama, sentirá prazer em cumpri-la. Mas se ele me ouvir dizer que gostaria de ver tal coisa feita, embora não lhe tenha dito para a fazer, tocará muito mais profundamente o meu coração vê-lo fazer isso a fim de me agradar, do que se lhe tivesse dado uma ordem positiva. Ora, não deveríamos nós procurar agradar a Cristo?' Ele tornou- nos aceitáveis, e certamente nós deveríamos procurar, de todos os modos possíveis, ser aceitáveis para Ele. Ele acha o Seu deleite numa obediência amorosa; foi o que Ele próprio fez para com o Pai. "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está

dentro do meu coração" (SI 40:8). "Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor, do mesmo modo que eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e permaneço no seu amor" (Jo 15:10).

Oh! Se pudéssemos beber mais profundamente do Espírito de Jesus, andar nos Seus benditos passos e render-Lhe uma mais perfeita, consagrada e sincera obediência, em todas as coisas! Procuremos sinceramente realizar estas coisas, prezado leitor cristão, para que o Seu coração possa achar em nós prazer e o Seu nome ser glorificado em nós e na nossa carreira, dia a dia.

Poderíamos multiplicar as passagens, mas não há necessidade. As que havemos mencionado mostram-nos, do modo mais claro possível, o mais elevado motivo para a obediência, isto é, agradar ao coração de nosso Senhor Jesus Cristo — ser-se agradável a Deus. Decerto, devemos obediência sincera por todos os motivos. "Não somos de nós mesmos; fomos comprados por bom preço" (1 Co 6:19- 20). Devemos-Lhe a nossa vida, a nossa paz, a nossa salvação, a nossa felicidade e glória eterna; de forma que nada pode exceder o peso moral dos Seus direitos sobre nós quanto a uma vida de obediência de todo o nosso coração. Mas, além dos Seus direitos morais, existe o fato maravilhoso de que o Seu coração sente-se alegre e o Seu espírito animado quando guardamos os Seus mandamentos e fazemos as coisas que são agradáveis à Sua vista.

Prezado leitor, pode haver alguma coisa que exceda o poder moral de um motivo como este? Pensa por uns momentos no privilégio que temos de dar alegria ao coração de nosso amado Senhor! Que doçura, que interesse, que preciosidade, que santa dignidade isto comunica a cada simples ato de obediência, saber que é agradável ao coração de nosso Pai! Como isto está além do sistema do legalismo! É um perfeitíssimo contraste em todas as suas fases e aspectos. A diferença entre o sistema legal e o cristianismo é a diferença entre a vida e a morte, a escravidão e a liberdade, a condenação e a justificação, a distância e a aproximação, a dúvida e a certeza. Quão monstruosa é a tentativa, de juntar estas duas coisas — de as juntar num só sistema, como se fossem apenas duas hastes de um único tronco! Que confusão desesperada deve resultar de um tal esforço! Quão terrível o efeito do intento em procurar pôr as almas debaixo da influência das duas coisas! Bem podíamos tentar combinar os raios meridionais do sol com as densas trevas da meia-noite. Considerado do ponto de vista divino, e celestial, julgado à luz do Novo Testamento, medido pelo padrão do coração de Deus, e a mente de Cristo, não pode haver anomalia mais horrenda que aquela que se apresenta à nossa vista nos esforços da cristandade para combinar a lei e a graça. E quanto à desonra feita a Deus, a ferida infligida ao coração de Cristo, a mágoa e o desdém feitos ao Espírito Santo, o dano causado à verdade de Deus, a grave injustiça cometida contra os amados cordeiros e ovelhas do rebanho de Cristo, a terrível pedra de escândalo

arrojada ao caminho tanto de judeus como de gentios, e, em suma, a grave injúria feita a todo o testemunho de Deus durante os últimos dezoito séculos, só o tribunal de Cristo poderá declarar; e oh, que terrível declaração será! E demasiado terrível para ser contemplada.

Mas há muitas almas piedosas, em toda a extensão da igreja professante, que acreditam em consciência que o único caminho possível para se conseguir a obediência, alcançar uma santidade prática, assegurar uma boa conduta e manter a nossa natureza pecaminosa em ordem, é pôr o povo debaixo da lei. Parecem recear que se as almas são tiradas ao mestre-escola, com a sua vara e os seus rudimentos, é o fim de toda a ordem moral. Com a ausência da autoridade da lei, nada mais esperam senão desesperada confusão. Deixar os dez mandamentos, como regra de vida, é, no seu parecer, remover os grandes diques morais que a mão de Deus erigiu para conter a onda de depravação humana.

Podemos compreender perfeitamente a sua dificuldade. Muitos de nós temos tido de lutar com ela de uma forma ou de outra. Porém, devemos procurar resolvê-la segundo o método de Deus. É inútil agarrarmo-nos com apaixonada obstinação às nossas próprias ideias contrárias ao ensino claro e direto da Sagrada Escritura. Seremos, mais tarde ou mais cedo, obrigados a abandonar todas essas opiniões. Nada pode manter-se de pé senão a Palavra de Deus — a voz do Espírito Santo — a autoridade da Escritura — os ensinamentos impercíveis da incomparável revelação que nosso Pai, em Sua infinita graça, tem posto nas nossas mãos. A qual devemos escutar com profunda e reverente atenção; ante ela nos devemos inclinar com indiscutível e absoluta obediência. Não devemos ousar manter uma simples opinião. A opinião de Deus deve ser a nossa. Devemos afastar de nós todas as futilidades que, por influência meramente do ensino humano se têm acumulado nas nossas inteligências, e ter as nossas mentes completamente purificadas pela ação da Palavra e do Espírito de Deus e perfeitamente ventiladas pelo ar puro da nova criação.

Além disso, temos de aprender a confiar implicitamente em toda a palavra que sai da boca de Deus. Não devemos argumentar; não devemos julgar; não devemos discutir; devemos simplesmente crer. Se o homem fala, se é uma simples questão de autoridade humana, então, com efeito, devemos julgar, porque o homem não tem direito de mandar. Devemos julgar o que ele diz, não por meio das nossas próprias opiniões, ou pelo padrão humano, credo ou confissão de fé, mas pela Palavra de Deus. Mas quando a Escritura fala acaba toda a discussão.

Isto é uma consolação inefável. Não está dentro do âmbito da linguagem humana mostrar de uma maneira adequada o valor ou a importância moral deste grande fato. Liberta a alma completamente do poder da vontade própria por um lado, e, por outro lado, da mera sujeição à autoridade humana. Leva-nos ao contato direto, pessoal, e vivo com a autoridade de Deus, e isto é vida, paz, liberdade, poder moral,

verdadeira exaltação, certeza divina e santa estabilidade. Põe termo às dúvidas e temores, a todas as flutuações da mera opinião humana que tanta perplexidade causam à mente e tanto torturam o coração. Não somos mais agitados por todo o vento de doutrina, por todas as ondas de pensamento humano. Deus tem falado. Isto basta por completo. Aqui o coração encontra o seu profundo e estável repouso. Conseguiu escapar do encapelado oceano da controvérsia teológica e tem lançado âncora no bendito porto da revelação divina.

Por isso, queremos dizer ao leitor piedoso destas linhas que, se quer conhecer o pensamento de Deus sobre este assunto — se quer conhecer o fundamento, o caráter e o objetivo da obediência cristã, deve pura e simplesmente escutar a voz da Sagrada Escritura. E que diz ela? Envia-nos de novo a Moisés para ele nos ensinar como haveremos de viver? Envia-nos outra vez ao "monte palpável" a fim de nos assegurar uma vida santa? Coloca-nos debaixo da lei para refrear a nossa carne? Escute o que ela diz. Sim; escute e medite. Vejamos as seguintes palavras de Romanos 6 — palavras de santo poder de emancipação: "Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça."

Agora, rogamos sinceramente ao leitor que permita que estas palavras penetrem nas profundidades da sua alma. O Espírito Santo declara da maneira mais simples e enfática que os cristãos não estão debaixo da lei. Se estivéssemos debaixo da lei, o pecado teria domínio sobre nós. Na realidade, vemos invariavelmente na Escritura que "o pecado", "a lei" e "a carne" estão unidos. Uma alma que está debaixo da lei não pode, de modo algum, gozar de completa libertação do domínio do pecado; e nisto podemos ver, num relance, a ilusão de todo o sistema legalista; e o engano absoluto de se procurar a santidade de vida pondo as almas debaixo da lei. Equivale simplesmente a colocá-las no próprio lugar onde o pecado pode assenhorear-se delas e governar sobre elas com absoluto domínio. Como é, pois, possível produzir a santidade pela lei? E absolutamente impossível.

Mortos para a Lei

Mas voltemos, por uns instantes, a Romanos 7. "Assim, meus irmãos, também vós" — todos os verdadeiros crentes, o povo de Deus - "estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais doutro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus." Ora, é perfeitamente claro que não podemos estar "mortos para a lei" e, ao mesmo tempo, debaixo da lei. Pode argumentar-se talvez que a expressão "mortos para a lei" é meramente um figura. Bem, suponhamos que é assim: perguntamos, uma figura de quê? Certamente, não pode ser uma figura de pessoas debaixo da lei. Não; é precisamente uma figura do oposto.

E notemos de um modo particular que o apóstolo não diz que a lei está morta. Nada disso. A lei não está morta, mas nós estamos mortos para ela. Pela morte de Cristo

havemos passado da esfera a que a lei pertence. Cristo tomou o nosso lugar; foi nascido segundo a lei; e, na cruz, foi feito pecado por nós. Mas morreu por nós, e nós morremos com Ele; e deste modo tirou-nos limpos do estado em que estávamos sob o domínio do pecado e debaixo da lei e introduziu-nos numa posição inteiramente nova, em associação e união vivente com Ele mesmo; de forma que pode dizer-se: "...Qual ele é, somos nós também neste mundo" (1 Jo 4:17). Ele está debaixo da lei? Certamente que não. Pois bem, nós também não estamos debaixo dela. O pecado tem algum direito sobre Ele? Absolutamente nenhum. Tampouco o tem sobre nós. Nós somos, quanto à nossa posição, como Ele é na presença de Deus; e, portanto, colocar-nos debaixo da lei seria a mais completa subversão da nossa posição e a mais positiva e flagrante contradição das mais claras manifestações da Sagrada Escritura.

Ora nós queremos perguntar, com toda a simplicidade e santa sinceridade, como pode promover-se a santidade de vida removendo os próprios fundamentos do cristianismo? Como pode ser subjogado o pecado que habita em nós se nos pomos debaixo do sistema que deu ao pecado poder sobre nós? Como pode a verdadeira obediência cristã ser produzida se nos opomos à Sagrada Escritura? Confessamos que não podemos conceber nada mais absurdo. Evidentemente um fim divino só pode conseguir-se seguindo um caminho divino. Ora o meio de Deus nos dar libertação do domínio do pecado consiste em nos libertar da lei; e por isso todos os que ensinam que os cristãos estão sob a lei estão claramente em oposição a Deus. Que tremenda reflexão para todos os que querem ser mestres da lei!

Mas ouçamos mais algumas palavras do capítulo 7 de Romanos. O apóstolo continua dizendo: "Porque, quando estávamos na carne, as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte. Mas, agora, estamos livres da lei, pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra"(1)

(1) "A lei é boa se alguém usa dela legitimamente" (1 Tm 1:8). "A lei é santa" (Rm 7:12). A Escritura nunca ensina que a lei está morta, mas sim que o crente está morto para a lei — uma coisa muito diferente

Aqui, também, tudo é tão claro como a luz do sol. Que significa a expressão: "Quando estávamos na carne"? Significa — poderá significar que nós ainda estamos nessa situação?- Não, evidentemente. Se eu disser: "Quando eu estava em Londres", entenderá alguém que ainda estou em Londres?- A ideia é absurda. Mas o que quer dizer o apóstolo com a expressão: "Quando estávamos na carne?-" Refere-se simplesmente a uma coisa do passado, a um estado que já não existe. Então, os crentes não estão na carne?- A Escritura assim o declara enfaticamente. Mas quer isto dizer que não estão no corpo?- Decerto que não. Estão no corpo,

quanto ao fato da sua existência; mas não na carne, quanto ao terreno da sua posição perante Deus.

Em capítulo 8 temos a mais clara declaração deste ponto. "Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se é que o Espírito de Deus habita em vós." Aqui temos a declaração de um fato solene; e a publicação de um precioso e glorioso privilégio. "Os que estão na carne não podem agradar a Deus." Podem ser irrepreensíveis, muito amáveis, muito religiosos, muito benévolos, mas não podem agradar a Deus. A sua total posição é falsa. A origem de onde emanam todas as correntes está corrompida; a raiz e tronco de onde emanam todos os ramos estão podres — desesperadamente maus. Não podem produzir um simples átomo de bom fruto — fruto que Deus possa aceitar. "Não podem agradar a Deus." Devem colocar-se numa situação inteiramente nova; devem ser uma nova vida, novos motivos, novos objetivos; numa palavra, devem ser uma nova criação. Quão solene é tudo isto! Consideremo-lo a fundo, e vejamos se compreendemos as palavras do apóstolo.

Mas, por outro lado, notemos os gloriosos privilégios de todos os verdadeiros crentes. "Vós não estais na carne." Os crentes já não estão numa situação na qual não podem agradar a Deus. Têm uma nova natureza, uma nova vida, cada movimento da qual e quanto dela emana é agradável a Deus. O mais fraco alento de vida divina é precioso para Deus. Desta vida o Espírito é o poder, Cristo o objetivo, a glória a meta, o céu o lar. Tudo é divino, e portanto perfeito. Decerto, o crente está sujeito a errar, inclinado por natureza a desviar-se, capaz de pecar. Nele, isto é, na sua carne, não habita coisa alguma boa. Mas a sua posição está fundada na eterna estabilidade da graça de Deus, e o seu estado é mantido pela provisão divina que essa graça fez para si na preciosa expiação e prevacente advocacia do Senhor Jesus Cristo. Desta forma ele é para sempre libertado desse terrível sistema em que as figuras proeminentes são: "A carne", "O pecado", "A morte" — um triste grupo, sem dúvida! — e introduzido nessa cena gloriosa em que as figuras proeminentes são "Vida", "Liberdade", "Graça", "Paz", "Justiça", "Santidade", "Glória" e "Cristo".

"Porque não chegastes ao monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao somido da trombeta, e à voz das palavras, a qual os que a ouviram pediram que se lhes não falasse mais; porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo assombrado e tremendo. Mas chegastes ao monte de Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos, à universal assembleia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados; e a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel" (Hb 12:18-24).

Desta forma temos procurado resolver a dificuldade de qualquer leitor escrupuloso que, até ao momento de abrir este livro, havia acalentado a convicção de que a santidade prática e a verdadeira obediência só podem conseguir-se colocando os crentes debaixo da lei. Esperamos que tenha seguido a evidência da Escritura que temos posto diante de si. Se assim é, verá que colocar os crentes numa tal posição é tirar os próprios fundamentos do cristianismo, abandonar a graça, deixar a Cristo, voltar à carne, na qual não podemos agradar a Deus, e nos colocarmos debaixo da maldição. Em suma, o sistema legal dos homens é diametralmente oposto ao ensino de todo o Novo Testamento. Foi contra este sistema e os seus mantenedores que o bem-aventurado apóstolo Paulo testificou durante toda a sua vida. Detestou-o completamente e denunciou-o continuamente. Os mestres da lei procuravam sempre minar e destruir os seus abençoados esforços e subverter as almas dos seus amados filhos na fé. E impossível ler as suas fogosas expressões na epístola aos Gálatas, as suas ardentes recomendações na sua epístola aos Efésios ou os seus avisos solenes na epístola aos Hebreus e não ver quão intenso era o seu aborrecimento a todo o sistema legalista dos mestres da lei, e quão amargamente chorava sobre as ruínas do testemunho tão caro ao seu grande, amoroso e consagrado coração.

Mas é possível que, depois de tudo quanto havemos escrito e a despeito de toda a evidência da Escritura para a qual temos chamado a atenção do leitor, ele ainda se sinta disposto a perguntar: "Não existe o perigo de ímpio relaxamento e levianidade se o poder coercivo da lei é removido?" A isto respondemos simplesmente, dizendo que Deus é mais sábio do que nós. Ele sabe melhor como curar o relaxamento e a levianidade e como produzir a verdadeira espécie de obediência. Experimentou a lei, e o que produziu ela? Produziu a ira. Deu lugar a que o pecado abundasse. Desenvolveu "as paixões dos pecados". Introduziu a morte. Era a força do pecado. Privou o pecador de todo o poder. Matou-o. Era a condenação. Amaldiçoava todos que tinham de tratar com ela. "Todos aqueles pois que são das obras da lei estão debaixo da maldição." E tudo isto, não por causa de algum defeito da lei, mas por causa da absoluta impossibilidade de o homem a cumprir.

Não é evidente para o leitor de que nem a vida, nem a justiça, nem a santidade, nem a verdadeira obediência cristã podiam jamais ser conseguidas debaixo da lei? Será possível que, depois de tudo quanto tem passado em revista perante nós, possa ter alguma simples objeção, uma simples dúvida, uma só dificuldade? Cremos que não. Ninguém que esteja disposto a curvar-se perante o ensino e a autoridade do Novo Testamento pode ser partidário, por um só momento, do sistema legalista. Todavia antes de darmos por terminado este grave e importantíssimo assunto, apresentaremos ao leitor uma ou duas passagens da Escritura nas quais as glórias morais do cristianismo resplandecem com peculiar fulgor em vivo contraste com toda a economia moisaica.

Antes de tudo, notemos a passagem tão conhecida com que abre o capítulo oitavo de Romanos: "Portanto, agora, nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus, que não andam segundo a carne, mas segundo o espírito. Porque a lei do espírito de vida, em Cristo Jesus, me livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto, o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne, Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o espírito" (versículos 1 a 4).

Ora, nós devemos ter em conta que o versículo 1 mostra a posição de todo o cristão, quer dizer, a sua posição perante Deus. Está "em Cristo Jesus". Isto é conclusivo. Não está na carne; não está debaixo da lei; está absolutamente e eternamente "em Cristo Jesus". Por isso não há, não pode haver condenação. O apóstolo não fala nem se refere à nossa conduta ou ao nosso estado. Se assim fosse não poderia, de modo algum, falar de "nenhuma condenação". A conduta cristã mais perfeita que jamais se há observado, o estado mais perfeito que jamais se há alcançado, dariam algum motivo para juízo e condenação. Não há um cristão na face da terra que não tenha, diariamente, de julgar o seu estado e a sua conduta — o seu estado cristão moral e a sua vida prática. Como poderia, pois, relacionar-se ou basear-se a "não condenação" com a conduta cristã? Seria impossível. A fim de estarmos livres de toda condenação, temos de possuir o que é divinamente perfeito, e nenhuma conduta cristã o é ou jamais o foi. Até mesmo Paulo teve de retirar as suas palavras (At 23:5). Arrependeu-se de haver escrito uma carta (2 Co 7:8). Um estado perfeito e uma perfeita conduta encontraram-se somente em Um — Jesus. Em todos os demais, até nos mais santos e melhores se encontraram defeitos.

Portanto, a segunda cláusula de Romanos 8 deve ser rejeitada como uma intercalação. Não é Escritura. Isto, cremos, será compreendido por todo aquele que é realmente ensinado por Deus, pondo de lado todas as questões de mera crítica. Toda a mente espiritual descobrirá a incongruência entre as palavras "nenhuma condenação" e "andam". As duas coisas não podem harmonizar-se. E aqui, sem dúvida, é precisamente onde milhares de almas piedosas se têm visto envolvidas em dificuldades quanto a esta passagem realmente magnífica e libertadora. O som alegre, "Não há condenação", tem sido despojado do seu profundo, pleno e bendito significado por uma cláusula introduzida por algum escriba ou copista cuja fraca visão ficou deslumbrada, sem dúvida, pelo brilho dessa livre, absoluta, soberana graça que resplandece na expressão com que abre o capítulo. Quantas vezes temos nós ouvido palavras como estas: "Oh, sim, eu sei que não há condenação para os que estão em Cristo Jesus! Mas isso é se eles não andam segundo a carne, mas segundo o Espírito. Ora eu não posso dizer que ando assim,

Anelo fazê-lo; e deploro o meu fracasso. Daria todo o mundo para poder conduzir-me com mais perfeição; mas, ah, tenho de julgar-me a mim mesmo — o meu estado, a minha conduta, os meus caminhos, cada dia, cada hora! Sendo assim, não me a atrevo aplicar a mim próprio as preciosas palavras, "não há condenação". Espero poder fazê-lo, algum dia, quando tiver feito mais progresso em santidade pessoal; mas, no meu estado atual, consideraria atrevida presunção apropriar a mim próprio a preciosa verdade contida na primeira cláusula de Romanos 8."

Tais pensamentos têm passado pela mente de muitos de nós, se é que não têm sido expressos por palavras. Mas a resposta mais simples e conclusiva para todos estes argumentos encontra-se no fato de que a segunda cláusula de Romanos 8, 1, não é de modo nenhum um texto da Escritura; mas uma enganadora interpolação, estranha ao espírito do cristianismo; oposta a todo o conjunto de argumentação no contexto em que ocorre; e totalmente destrutiva da sólida paz do cristão. E um fato bem conhecido de todos os que estão ao corrente da crítica bíblica que todas as autoridades de renome estão de acordo em rejeitar a segunda cláusula de Romanos 8:1 (1). Trata-se simplesmente de confirmar, como deve ser o caso de toda a boa crítica, a conclusão a que a mente espiritual chega, sem nenhum conhecimento de crítica.

(1) Talvez que o leitor se sinta disposto, à semelhança de muitos outros, a dizer, "Como pode um indivíduo inculto saber o que é a Escritura e o que não é? Deve ele depender de mestres e críticos para lhe darem a certeza sobre um assunto tão grave e importante? Se assim é, não será isso a velha história de procurar a autoridade humana para confirmar a palavra de Deus?"

De modo nenhum. E um caso muito diferente. Sabemos todos que todas as traduções e os exemplares devem ser, em alguns pontos, imperfeitos, por serem humanos; mas nós cremos que a mesma graça que deu a Palavra no original hebreu e grego, tem, maravilhosamente, vigiado a nossa tradução, de forma que um pobre homem, vivendo nas montanhas, pode ficar certo de possuir na sua Bíblia vulgar a revelação da mente de Deus.

É maravilhoso, depois de todos os labores de mestres e críticos, como tão poucas passagens tiveram de ser adaptadas; e sem nenhuma afetar qualquer doutrina fundamental do Cristianismo. Deus que nos deu em Sua graça as Sagradas Escrituras, no princípio, tem-nas guardado e preservado para a Sua igreja da maneira mais maravilhosa. Além disso, aprovou-Lhe empregar os labores dos sábios e críticos, através dos séculos, para limpar o texto de erros que, devido às imperfeições humanas, haviam sido introduzidos. Estas correções devem induzir-nos a duvidar que possuímos, de fato, a Palavra de Deus? Não; antes pelo contrário levam-nos a bem-dizer a Deus pela Sua bondade em guardar a Sua Palavra a fim de a preservar em sua integridade para a Sua igreja.

Mas, como aditamento a tudo quanto havemos dito a respeito desta questão, não podemos deixar de pensar que a ocorrência da cláusula, "que não anda segundo a carne, mas segundo o Espírito", em versículo 4, proporciona abundante evidência da sua colocação imprópria no versículo 1. Não podemos admitir, nem por um momento, o pensamento de redundância na Sagrada Escritura. Ora no versículo 4 é uma questão de conduta — uma questão do nosso cumprimento da "justiça da lei", e por isso a cláusula encontra-se no seu próprio lugar, porque é divinamente apropriada para ele. Uma pessoa que anda em Espírito — como todo o cristão deve fazer — cumpre a justiça da lei. O amor é o cumprimento da lei; e o amor nos levará a fazer o que os dez mandamentos não puderam conseguir, isto é, a amar os nossos inimigos. Nenhum amante da santidade, nenhum defensor da justiça prática, terá jamais de recear perder coisa alguma por abandonar o terreno legalista e tomar o seu lugar na elevada plataforma do cristianismo — por abandonar o monte do Sinai pelo monte de Sião — de passar de Moisés para Cristo. Não; apenas alcança uma origem mais elevada, uma fonte mais profunda, uma esfera de santidade mais ampla, justiça e obediência prática.

E então, se alguém se sentisse disposto a perguntar: "A linha de argumentação que temos seguido não contribui para despojar a lei da sua glória característica"?- A nossa resposta é seguramente não. Longe disso, a lei nunca foi tão engrandecida, tão justificada, tão confirmada, tão glorificada, como por essa preciosa obra que forma o fundamento imperecível de todos os privilégios, bênçãos, dignidade e glória do cristianismo. O bem-aventurado apóstolo antecipa e responde esta própria interrogação na primeira parte da sua epístola aos Romanos. "Anulamos", diz ele, "pois a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei" (Rm 3:31). De que modo poderia ser a lei mais gloriosamente justificada, honrada e engrandecida que pela vida e morte do Senhor Jesus Cristo"?- Querirá alguém, por um momento, manter a extravagante ideia que é engrandecer a lei pôr os crentes debaixo dela? Cremos sinceramente que o leitor não é dessa opinião. Ah, não! Toda essa série de coisas há de ser completamente abandonada por aqueles que têm o privilégio de andar na luz da nova criação; que conhecem a Cristo como a sua vida, e Cristo como a sua justiça — Cristo, sua santificação, Cristo, seu grande exemplo, Cristo seu modelo, Cristo, tudo em todos; que acham o seu motivo para obediência não no temor das maldições de uma lei quebrantada, mas no amor de Cristo, segundo essas palavras perfeitamente belas: "O amor de Cristo" não a lei de Moisés — "nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Co 5:14-15).

Poderia a lei produzir alguma coisa semelhante a isto?- Impossível. Mas, bendito seja para sempre o Deus de toda a graça, "O que era impossível à lei" — não porque não era santa, justa e boa

— "visto como estava enferma pela carne" —o artifice era bom, mas o material estava pobre e nada podia ser feito dele — "Deus, enviando o seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne, para que a justiça da lei se cumprisse em nós" — como ressuscitados com Cristo, unidos a Ele pelo Espírito Santo no poder de uma nova e eterna vida — "que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rm 8:3, 4).

Isto e somente isto é verdadeiro, prático cristianismo; e se o leitor voltar a sua atenção para o segundo capítulo de Gálatas, descobrirá outra dessas excelentes e brilhantes expressões do bendito apóstolo mostrando com divino poder e plenitude a glória de vida e conduta cristãs. E em relação com a sua fiel repreensão ao apóstolo Pedro, em Antioquia, quando este amado e honrado servo de Cristo, por sua característica fraqueza, havia sido induzido a descer, por um momento, do elevado terreno moral em que o evangelho da graça de Deus coloca a alma. Não podemos fazer melhor do que reproduzir todo o parágrafo para proveito do leitor. Cada frase está cheia de poder espiritual.

"E, chegando Pedro à Antioquia, lhe resisti na cara" — não procurou desacreditá-lo e rebaixá-lo nas suas costas perante outros, ainda que "era repreensível". "Porque, antes que alguns tivessem chegado da parte de Tiago, comia com os gentios; mas, depois que chegaram, se foi retirando e se apartou deles, temendo os que eram da circuncisão. E os outros judeus também dissimulavam com ele, de maneira que até Barnabé se deixou levar pela sua dissimulação. Mas, quando vi que não andavam bem e diretamente conforme a verdade do evangelho, disse a Pedro na presença de todos: Se tu, sendo judeu, vives como os gentios e não como judeu, por que obrigas os gentios a viverem como judeus«!- Nós somos judeus por natureza e não pecadores dentre os gentios. Sabendo que o homem não é justificado pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos também crido em Jesus Cristo para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei, porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada. Pois, se nós, que procuramos ser justificados em Cristo nós mesmos também somos achados pecadores, é 'porventura' Cristo ministro do pecado«? De maneira nenhuma (ou longe de nós tal pensamento). Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, constituo-me a mim mesmo transgressor" — pois se as coisas eram boas, porque destruí-las«?- E se eram más, porque voltar a edificá-las«? — "Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a — não pela lei, como uma regra da vida, mas — na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim. Não aniquilo a

graça de Deus; porque, se a justiça porém da lei, segue-se que Cristo morreu debalde" (Gl 2:11-21).

Aqui temos, pois, uma das mais belas afirmações que poderíamos encontrar da verdade quanto ao cristianismo prático. Mas o que chama imediatamente a nossa atenção de um modo especial é a maneira bem precisa e formosa com que o evangelho de Deus traça a senda do verdadeiro crente entre os dois erros fatais da legalidade, por um lado, e da relaxação carnal, por outro. O versículo 19 da passagem citada contém o remédio divino para esses dois perigos mortais. A todos, quem quer que sejam e onde quer que estejam, que procuram pôr o cristianismo debaixo da lei, de qualquer maneira, ou por qualquer motivo que seja, o nosso apóstolo exclama: — aos ouvidos dos judeus dissimulados, com Pedro à sua cabeça, e como resposta a todos os mestres da lei de todas as épocas — "Eu estou morto para a lei."

Que tem a dizer a lei a um morto?- Nada. A lei aplica-se ao homem vivo, para o amaldiçoar e matar, porque ele não a guardou. E um erro grave, com efeito, ensinar que a lei está morta ou que foi abolida. Nada disso. Está viva em toda a sua força e em todo o seu rigor, em toda a sua majestade, em toda a sua inflexível dignidade. Seria um erro muito grave dizer que a lei de Inglaterra contra o assassinato está morta. Mas se um homem está morto, a lei não se lhe aplica mais, visto que está morto passou inteiramente para fora do seu alcance.

Porém, como está o crente morto para a lei? O apóstolo responde: "Porque eu pela lei estou morto para a lei." A lei havia ditado a sentença de morte em sua consciência, segundo lemos em Romanos 7. "E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri; e o mandamento que era para vida, achei eu que era para morte. Porque o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou e, por ele me matou."

Mas há mais do que isto. O apóstolo continua dizendo: "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim." E aqui está a triunfante resposta do cristão aos que dizem que, visto a lei moisaica estar anulada, não há mais restrição legal sob a qual os judeus foram chamados a viver. A todos quantos buscam liberdade para a indulgência própria, a resposta é: "Estou morto para a lei", não para poder dar rédea solta à carne, mas "para poder viver para Deus."

Desta forma nada pode ser mais completo, nada mais moralmente belo que a resposta do verdadeiro cristianismo à legalidade por um lado, e à libertinagem, por outro. Autocrucificação; o pecado condenado; nova vida em Cristo; uma vida para ser vivida para Deus; uma vida de fé no Filho de Deus; o amor de Cristo, que nos constrange, como motivo originário dessa vida. O que pode exceder isto?- Quererá alguém, em vista das glórias morais do cristianismo, lutar para pôr os crentes debaixo da lei, para os pôr outra vez na carne, outra vez velha criação, novamente

sob a sentença de morte na consciência, novamente na escravidão, trevas, temor da morte e condenação?-

Será possível que todo aquele que tem provado, até mesmo na mais fraca medida, a doçura celestial do bendito evangelho de Deus, possa aceitar o desprezível sistema mesclado de metade da lei e metade da graça que a cristandade oferece à alma? - Quão terrível é encontrar os filhos de Deus, membros do corpo de Cristo, templos do Espírito Santo, despojados dos seus gloriosos privilégios e carregados com um pesado jugo que, como diz Pedro: "Nem nós nem nossos pais podemos suportará" (At 15:10). Rogamos sinceramente ao leitor crente que medite o que tem sido exposto. Examine as Escrituras; e se achar que estas coisas são assim, então ponha de lado para sempre a mortalha em que a cristandade envolve os seus iludidos adeptos, e ande na liberdade com que Cristo libertou o Seu povo; arranque a venda com que ela cobre os olhos dos homens e contemple as glórias morais que resplandecem com fulgor celestial no evangelho da graça de Deus.

E então demonstremos por uma conduta santa, feliz, de graciosa conversação, que a graça pode fazer o que a lei não pôde jamais conseguir. Que o nosso comportamento dia a dia, no meio das cenas, circunstâncias, relações e associações entre as quais havemos de viver, seja a resposta mais convincente a todos os que contendem a favor da lei como regra de vida.

Finalmente, que o nosso desejo sincero e apaixonante aspiração seja procurar, tanto quanto depende de nós, guiar todos os queridos filhos de Deus a um mais claro conhecimento da sua posição e privilégios num Cristo ressuscitado e glorificado. Possa o Senhor mandar a Sua luz e a Sua verdade no poder do Espírito Santo, e juntar o Seu amado povo em redor de Si Mesmo para andar no gozo da Sua Salvação, na pureza e luz da sua presença e para aguardar a Sua vinda!

Obedientes a Jesus Cristo

Não tentaremos fazer uma apologia pelo que talvez possa parecer a alguns dos nossos leitores ser uma longa digressão do capítulo 4 de Deuteronômio. O fato é que temos sido conduzidos ao que julgamos ser uma linha muito necessária de verdade prática pelo primeiro versículo do capítulo, citado no começo desta parte. Parece-nos absolutamente necessário, ao falar da importante questão da obediência, procurar colocá-la na sua verdadeira base. Se Israel foi chamado a "ouvi e a fazer", quanto mais o somos nós, que somos ricamente abençoados — sim, "abençoados com todas as bênçãos espirituais" nos lugares celestiais em Cristo Jesus. Somos chamados para a obediência, obediência de Jesus Cristo, como lemos em 1 Pedro 1. "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai, em santificação do Espírito, para a obediência e aspersão do sangue de Jesus Cristo." Somos chamados para o mesmíssimo caráter de obediência que caracterizou a vida de nosso bendito Senhor Jesus Cristo. Evidentemente, n'Ele não houve influência embaraçosa, como infelizmente há em nós. Mas quanto ao caráter de obediência é o mesmo.

Isto é um imenso privilégio. Somos chamados para andar nas pisadas do Senhor Jesus. "Aquele que diz que está nele, também deve andar como ele andou." Ora, ponderando a senda de nosso Senhor, considerando a Sua maravilhosa vida, há um ponto que requer a nossa profunda e reverente atenção — um ponto que se relaciona de uma maneira muito especial com o livro de Deuteronômio, e que consiste na maneira em que Ele sempre empregou a palavra de Deus—o lugar que sempre deu às Sagradas Escrituras. Cremos ser um assunto da maior importância, nestes dias. Ocupa um lugar proeminente através de todo o livro formoso com que estamos presentemente ocupados. Com efeito, conforme temos já observado, caracteriza o livro e é o que o distingue dos três livros precedentes no cânon divino. Encontraremos provas e ilustrações disto em abundância à medida que o vamos estudando. Por toda a parte a Palavra de Deus ocupa o seu lugar dominante como a única regra, a única autoridade e o único padrão para o homem. Apresenta-se em toda a situação e relação, em que se encontre e em toda a esfera de ação durante toda a sua história moral e social. Diz-lhe o que deve fazer. Proporciona-lhe amplo conselho em todas as dificuldades. Desce, como veremos, aos mais minuciosos pormenores — tais que, na verdade, nos enche de admiração pensar que o altíssimo e onipotente Senhor, que habita na eternidade, possa ocupar-Se deles: ao pensar que o Criador onipotente e Mantenedor do vasto universo pudesse deter-Se para legislar acerca do ninho de uma ave (cap. 22:6). Tal é a palavra de Deus, a incomparável revelação, esse perfeito e inimitável Volume que se mantém único na história da literatura. E podemos dizer que é um dos encantos especiais do livro de Deuteronômio; e um dos seus especiais aspectos mais interessantes é o modo como exalta a Palavra de Deus e reforça em nós o santo, feliz dever de obediência inabalável.

Sim, repetimos, e queremos ardentemente acentuar as palavras — obediência inabalável. Gostaríamos de fazer soar estas palavras salutares aos ouvidos dos cristãos professos por toda a terra. Vivemos em dias especialmente caracterizados pela glorificação da razão humana, do critério humano e da vontade humana. Em suma, vivemos no que o apóstolo inspirado chama "o dia do homem". Por toda a parte encontramos altivas, jactanciosas palavras sobre a razão humana e o direito de cada homem julgar e pensar e raciocinar por si próprio. A ideia de sermos absoluta e completamente governados pela autoridade da Sagrada Escritura é tratada com soberano desdém por milhares de homens que são mestres e guias religiosos da igreja professante. Se alguém afirma a sua crença reverente na inspiração plenária, inteira suficiência e absoluta autoridade da Escritura, é logo marcado como ignorante, de espírito apoucado, senão como de semilunático, na opinião de alguns que ocupam as mais altas posições na igreja professante. Nas nossas universidades, colégios e escolas, a glória moral do Volume Divino está decaindo rapidamente, e, em vez dela, guia-se e ensina-se a nossa juventude a

andar na luz da ciência, na luz da razão humana. A própria Palavra de Deus é impiamente colocada perante o juízo humano e reduzida ao nível da compreensão humana. Tudo quanto se remonta mais além da fraca visão do homem é rejeitado. Desta forma a Palavra de Deus é virtualmente posta de lado. Pois é evidente que se a Escritura tem de ser submetida ao critério humano deixa de ser a Palavra de Deus. E o cúmulo da loucura pensar em submeter uma revelação divina e portanto perfeita a qualquer tribunal seja ele qual for. Ou Deus nos tem dado uma revelação, ou não. Se o tem feito, essa revelação tem de ser soberana, suprema, acima e além de toda a questão, absolutamente indiscutível, infalível, divina. Ante a sua autoridade todos devem inclinar-se incondicionalmente. Supor, ainda que seja por um momento, que o homem é competente para julgar a Palavra de Deus, capaz de se pronunciar sobre o digno ou não digno de Deus dizer ou escrever, é simplesmente pôr o homem no lugar de Deus. E isto é precisamente o que o diabo aspira, embora muitos dos seus instrumentos não saibam que o estão ajudando nos seus desígnios.

A Escritura: a Palavra Inspirada por Deus

Mas a pergunta reaparece constantemente perante nós: Como podemos nós estar certos de que temos na nossa Bíblia a bona fide revelação de Deus? A isto respondemos que Deus pode dar-nos a certeza disso. Se o não faz, ninguém poderá fazê-lo. Se o faz, não necessitamos de ninguém. Este é o nosso fundamento e nós reputamo-lo inatacável. Gostaríamos de perguntar a todos quantos suscitam essa infiel pergunta — por que assim devemos honestamente chamá-la — supondo que Deus não pode dar-nos a certeza absoluta que, na nossa Bíblia vulgar, temos com efeito a Sua preciosa, inestimável revelação, então para onde devemos voltar os nossos olhos? É claro que, num assunto de tanta importância, do qual depende o nosso estado temporal e eterno, uma simples dúvida é um suplico e uma desgraça. Se eu não estou seguro de ter uma revelação de Deus, fico sem um só raio de luz para o meu caminho. Sou submergido em trevas, tristeza e miséria mental. Que devo fazer? O homem pode ajudar-me com a sua erudição, a sua sabedoria ou a sua razão? Pode satisfazer a minha alma com as suas decisões? Pode resolver as minhas dificuldades, responder às minhas perguntas, remover as minhas dúvidas, dissipar os meus temores? O homem é melhor do que Deus para me dar a certeza de que Deus tem falado?

A ideia é absolutamente monstruosa — monstruosa no mais alto grau. O fato simples é este, prezado leitor, se Deus não pode dar-nos a certeza de que tem falado, ficamos completamente sem a Sua palavra. Se nos temos de voltar para a autoridade humana, chame-se o que se quiser, a fim de garantir às nossas almas a Palavra de Deus, então a autoridade é mais elevada e maior, mais segura e mais digna de crédito do que a Palavra que ela garante. Bendito seja Deus, não é assim.

Ele tem falado aos nossos corações: tem-nos dado a Sua Palavra, e esta Palavra leva consigo as suas próprias credenciais. Não necessita de credenciais humanas da mão humana. O quê! Voltarmo-nos para o homem para que ele acredite a Palavra de Deus! Dirigirmo-nos a um verme para que nos dê a certeza de que o nosso Deus nos tem falado na Sua Palavra! Fora para sempre com ideia tão blasfema, e que todo o nosso ser moral — todas as nossas faculdades resgatadas adorem a incomparável graça, a soberana misericórdia que não nos deixou para procurarmos às apalpadelas nas trevas da nossa própria inteligência ou para nos desorientarmos com as opiniões discordantes dos homens; mas nos deu a Sua própria revelação perfeita e preciosíssima, a luz divina da Sua palavra para guiar os nossos passos na senda da certeza e paz; para iluminar os nossos entendimentos e confortar os nossos corações, para nos preservar de todo o erro doutrinário e depravação moral, e, finalmente, nos conduzir ao descanso, bem-aventurança e glória do Seu próprio reino celestial. Louvor ao Seu Nome por todos os séculos eternos!

Mas devemos ter em conta que o maravilhoso privilégio de que temos falado — e é verdadeiramente maravilhoso — é o fundamento de uma solene responsabilidade. Se é verdade que Deus, em Sua infinita bondade, nos tem dado uma perfeita revelação da Sua mente, então qual deve ser a nossa atitude a respeito dela? Vamos julgá-la? Vamos discutir, argumentar, racionar sobre ela? Ai dos que tal fazem! Achar-se-ão em terreno terrivelmente perigoso. A única coisa atitude verdadeira, própria e segura para um homem perante a revelação de Deus é a obediência — simples, implícita e cordial obediência. Esta é a única reta para nós; e é o que agrada a Deus. A vereda da obediência é a vereda do mais doce privilégio, descanso e bênção. Esta vereda pode ser trilhada pelo mais simples menino em Cristo, bem como pelos "mancebos" e os "pais". E a única senda reta e bendita para todos. E estreita, sem dúvida; mas, oh, é segura, brilhante e elevada! A luz do semblante de nosso Pai, em sinal aprovação, resplandece sempre sobre ela; e nesta luz bendita a alma obediente encontra a resposta mais triunfante para todas as censuras daqueles que falam com palavras sonoras de amplitude de critério, liberdade de pensamento, liberdade de opinião, progresso, evolução, e coisas do mesmo estilo. O obediente filho de Deus pode bem dispensar tudo isto, porque sente e sabe, crê, está seguro que segue um caminho que lhe foi indicado pela preciosa Palavra de Deus. Não está interessado em explicá-lo ou justificar-se, estando certo de que aqueles que fazem objeções, se opõem e censuram são inteiramente incapazes de compreender ou apreciar a sua explicação. E, além disso, sente que não faz parte do seu dever explicar ou defender a sua conduta. Ele tem só que obedecer; e quanto aos que se opõem só tem que se referir a eles diretamente ao seu Mestre.

Isto torna tudo tão simples, tão claro, tão certo. Livra o coração de mil dificuldades e perplexidades. Se tivéssemos de responder a todos que ousam suscitar questões e opor dificuldades, toda a nossa vida seria gasta em tão inútil tarefa. Podemos estar

seguros de que a melhor resposta para todos os impugnadores é a carreira resolvida, sincera e firme de indiscutível obediência. Deixemos os infiéis, cépticos e racionalistas entregues às suas teorias desprezíveis, enquanto nós, com inalterável propósito e passo firme, prosseguimos essa bendita senda de obediência pueril, que, como a luz da alva, vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. Desta forma as nossas mentes serão mantidas tranquilas, porque a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os nossos corações e as nossas mentes por Jesus Cristo. Quando a Palavra de Deus, que para sempre permanece nos céus, está escondida no íntimo dos nossos corações, haverá uma calma certeza, uma santa estabilidade e um acentuado progresso na nossa carreira cristã que dará a melhor resposta possível ao antagonista, o mais eficiente testemunho da verdade de Deus, e a mais convincente evidência e sólida confirmação para todo o coração inconstante.

O capítulo que estamos considerando abunda em exortações solenes a Israel, baseadas no fato de haverem ouvido a Palavra de Deus. Assim, no segundo versículo temos uma ou duas frases que deveriam ser profundamente gravadas nas tábuas do coração de todo o crente. "Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela."

Estas palavras envolvem dois fatos importantes com respeito à Palavra de Deus. Nada pode ser acrescentado, pela razão mais simples de todas as razões: porque nada lhe falta. Nada deve ser diminuído porque nada há nela supérfluo. Tudo quanto precisamos se encontra ali; e de nada que há ali podemos prescindir. "Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso" (Pv 30:6). Supor que alguma coisa pode ser acrescentada à Palavra de Deus é, abertamente, negar que é a Palavra de Deus; e, por outro lado, se admitirmos que é a Palavra de Deus, segue-se necessariamente que não podemos prescindir de uma simples frase dela. Haveria um espaço em branco no Volume que nenhuma mão humana poderia preencher, se uma simples cláusula fosse tirada do seu lugar no cânone. Temos tudo que necessitamos; e, por isso, nada devemos acrescentar. Precisamos de tudo; e, por isso, nada devemos diminuir.

Quão importante é tudo isto, nestes dias de maquinação humana com a Palavra de Deus! Quão grato saber que temos em nosso poder um livro tão divinamente perfeito que nem uma frase, nem uma cláusula, nem uma palavra lhe pode ser acrescentada. Não falamos, evidentemente, de traduções ou versões, mas das Escrituras como foram dadas, originalmente, por Deus — Sua própria e perfeita revelação. Nem um retoque lhe pode ser dado. Tanto se podia atrever o homem a aperfeiçoar a criação de Deus na manhã em que todos os filhos de Deus cantaram juntos, como acrescentar um jota ou um til à Palavra inspirada de Deus. E, por outro lado, tirar dela um jota ou um til, é dizer que o Espírito Santo escreveu o que era desnecessário. Deste modo o Sagrado Volume está divinamente guardado por

ambos extremos. Está fortemente defendido em redor, de forma que nenhuma mão rude possa tocar o seu sagrado conteúdo.

"O quê!" poderá dizer-se em resposta, "quer dizer que cada frase desde as primeiras linhas de Gênesis às linhas finais do Apocalipse é divinamente inspirada Sim; essa é, precisamente, a posição que nós tomamos. Reivindicamos para cada linha entre as duas capas do volume uma origem divina. Pôr isto em dúvida é atacar os próprios pilares da fé cristã. Uma só falha no cânone seria suficiente para provar que não era de Deus. Tocar uma só pedra do arco é fazer cair em ruínas toda a estrutura em redor de nós. "Toda a Escritura divinamente inspirada, proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça; para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda a boa obra" (2 Tm 3:16-17).

Este baluarte não deve, de modo algum, ser abandonado. Não; deve ser tenazmente defendido de todo o infiel assalto. Se fosse abandonado, tudo seria irremediavelmente perdido. Nada teríamos em que nos apoiar. Ou a Palavra de Deus é perfeita, ou ficamos sem qualquer fundamento divino para a nossa fé. Se houvesse uma palavra a mais ou uma palavra a menos na revelação que Deus nos deu, então estaríamos verdadeiramente expostos, como um navio sem bússola, leme ou carta, para sermos levados à mercê do embravecido, tumultuoso oceano de pensamento infiel. Em suma, se não temos uma revelação absolutamente perfeita, somos os mais miseráveis de todos os homens.

Mas, podemos ainda ser desafiados com perguntas como a seguinte: "Crê que a longa linha de nomes nos primeiros capítulos de 1 Crônicas, essas tábuas genealógicas, são divinamente inspiradas? Foram escritas para nosso ensino? E, se é assim, que podemos aprender delas?" Declaramos sem hesitação a nossa reverente crença na inspiração divina de todas elas; e não temos quaisquer dúvidas de que o seu valor, interesse e importância serão plenamente provados, dentro em pouco, na história desse povo a quem especialmente se referem.

E depois quanto ao que devemos aprender destes registros genealógicos, cremos que nos ensinam uma lição preciosíssima acerca do cuidado fiel de Javé pelo Seu povo Israel e do Seu amantíssimo interesse neles e em tudo que lhes diz respeito. Está vigiando por eles, de geração em geração, embora estejam espalhados e perdidos para a vista humana. Sabe tudo a respeito "das doze tribos" e a seu devido tempo as manifestará e plantará na herança que lhes destinou, da terra de Canaã, segundo a Sua promessa a Abraão, Isaque e Jacó.

Ora, não está tudo isto cheio de instrução bendita para nós? Não está cheio de conforto para as nossas almas?- Não serve para confirmar a nossa fé, observar os graciosos cuidados do nosso Deus, a Sua minuciosa vigilância, com respeito ao Seu povo terrestre? Seguramente que sim. E não devem os nossos corações estar interessados em tudo que interessa o coração de nosso Pai? Não devemos tomar

interesse em nada senão no que diretamente nos interessai Que o filho terno haverá que não tomará interesse em tudo que diga respeito a seu pai e se não deleite em ler cada linha que proceda da pena dele?

Não queremos ser mal compreendidos. Não queremos, de modo nenhum, insinuar que todas as porções da Palavra de Deus são de igual interesse e importância para nós. Não pretendemos afirmar que devemos ter igual interesse no capítulo 1 de 1 Crônicas e o capítulo 17 de João ou o capítulo 8 de Romanos. Parece desnecessário fazer tal declaração visto que se não suscita tal pergunta. Mas o que nós asseguramos é que cada uma dessas escrituras é divinamente inspirada, tanto uma como as outras. E não só isto, mas asseguramos, além disso, que 1 Crônicas 1 e outras passagens como esta preenchem um lugar que João 17 não podia preencher; e fazem uma obra que Romanos 8 não podia realizar.

E, finalmente, sobretudo e mais que tudo, devemos recordar que não somos competentes para julgar o que é o que não é digno de um lugar no cânone inspirado. Somos ignorantes e curtos de vista; e a própria porção que poderia parecer estar abaixo da dignidade de inspiração pode ter um alcance muito importante na história dos caminhos de Deus com o mundo em geral e para com o Seu povo em particular.

Em suma, tudo isto se resolve simplesmente em que, juntamente com toda a alma verdadeiramente piedosa, toda a mente realmente espiritual, nós cremos reverentemente na inspiração divina de todas as linhas que figuram na nossa preciosa Bíblia, desde o princípio ao fim. E cremos isto não com base em qualquer autoridade humana, seja ela qual for. Crer na Sagrada Escritura porque nos é abonada por alguma autoridade na terra, seria colocar essa autoridade acima da Sagrada Escritura, porquanto o que dá essa garantia tem mais peso, mais valor do que a coisa garantida. Logo, buscar a autoridade humana para confirmar a Palavra de Deus, seria como puxar de uma lâmpada para provar que o sol estava brilhando. Não, leitor, temos de ser claros e decididos quanto a isto. Tem de ser, no juízo das nossas almas, uma verdade fundamental que consideramos mais cara do que a própria vida — a inspiração plenária da Sagrada Escritura. Assim teremos com que responder à fria audácia da crítica moderna, racionalismo e infidelidade. Não queremos dizer com isto que seremos capazes de convencer os infiéis. Deus tratará com eles segundo o Seu próprio método, e os convencerá com os Seus irrefutáveis argumentos, a Seu próprio tempo. Argumentar com tais homens é perder tempo e trabalho. Mas estamos convencidos de que a resposta mais nobre e eficaz à infidelidade, em todos os aspectos, será encontrada no calmo repouso do coração que descansa na bendita segurança de que toda a Escritura é dada por inspiração de Deus. E, também, "Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15:4). A primeira destas preciosas passagens prova que a Escritura procede de

Deus; a última, que nos foi dirigida a nós. Ambas juntas tendem a provar que não devemos acrescentar nem tirar nada à Palavra de Deus. Nada falta e nada há nela de supérfluo. Louvado seja o Senhor por esta sólida verdade fundamental e por todo o conforto e consolação que dela emana para todo o verdadeiro crente!

O que Israel Devia Ser para as Outras Nações

Vamos proceder agora a uma citação de algumas passagens neste quarto capítulo de Deuteronômio que tão enfaticamente mostram o valor, a importância e autoridade da Palavra de Deus. Nelas, como em todo o conjunto do livro, vemos que não é tanto uma questão de qualquer ordenança particular, rito ou cerimônia, mas do peso, solenidade e dignidade da própria Palavra de Deus, seja qual for o sentido em que essa Palavra possa ser posta diante de nós.

"Vedes aqui vos tenho ensinado estatutos e juízos, como me mandou o SENHOR, meu Deus; para que assim façais no meio da terra a qual ides a herdar." — A sua conduta devia ser orientada e formada, em todas as coisas, pelos mandamentos divinos. Que imenso princípio para eles, para nós, para todos! — "Guardai-os, pois e fazei-os, porque esta será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que ouvirão todos estes estatutos e dirão: só este grande povo é gente sábia e inteligente."

Ponderemos especialmente estas palavras. A sua sabedoria e o seu entendimento deviam consistir simplesmente em guardar e cumprir os divinos estatutos e juízos. Não era com discussões eruditas ou argumentos que a sua sabedoria devia ser manifestada, mas por uma obediência indiscutível e pueril. Toda a sabedoria estava nos estatutos e juízos, não nos seus pensamentos e argumentos a respeito deles. A profunda e maravilhosa sabedoria de Deus era vista na Sua Palavra, e isto era o que as nações haviam de ver e admirar. A luz dos juízos divinos brilhando na conduta e caráter do povo de Deus, havia de produzir o testemunho de admiração das nações em redor.

Ah, como tudo sucedeu de um modo tão diferente! Quão pouco aprenderam as nações da terra com o procedimento de Israel para com Deus e a Sua Palavra! Sim, o Seu nome foi continuamente blasfemado com o seu comportamento. Em vez de ocuparem o terreno elevado, santo e feliz de amável obediência aos juízos divinos, desceram ao nível das nações em redor deles, adotaram os seus costumes, adoraram os seus deuses e andaram nos seus caminhos; de forma que essas nações em vez de verem sublime sabedoria, pureza e moral glória dos estatutos divinos, viram apenas a fraqueza, a loucura e degradação moral de um povo que fazia alarde de ser o depositário desses oráculos que os condenavam a si próprios (Rm 2 e 3).

Não obstante, bendito seja Deus, a Sua Palavra deve permanecer para sempre, por muito que o Seu povo falhar em cumpri-la. A sua norma é perfeita, e portanto nunca deve ser rebaixada; e se o poder da Sua palavra não for visto nos caminhos

do Seu povo, brilhará na condenação desses caminhos, e permanecerá sempre para orientação, conforto, força e bênção de todo aquele que deseje, por mais fraco ou hesitante, trilhar a vereda da obediência.

Contudo, no capítulo com que estamos presentemente ocupados, o legislador procura pôr o padrão divino fielmente diante do povo em toda a sua dignidade e glória moral. Não deixa de desenrolar ante eles o verdadeiro efeito da obediência; ao mesmo tempo que os adverte solenemente do perigo de deixarem os santos mandamentos de Deus. Escutai a sua poderosa alegação aos seus corações. "Porque, que gente há tão grande" — diz ele —, "que tenha deuses tão chegados como o SENHOR, nosso Deus, todas as vezes que o chamamos?— E que gente há tão grande, que tenha estatutos e juízos tão justos como toda esta lei que hoje dou perante vós?" (versículos 7-8).

Aqui está verdadeira grandeza moral, em todos os tempos e em todos os lugares, para uma nação, para um povo, para uma família, ou para um indivíduo: ter o Deus vivo chegado a nós; ter o doce privilégio de o invocar em todas as coisas; ter o Seu poder e a Sua misericórdia sempre em exercício na nossa direção; ter a luz do seu bendito semblante brilhando com aprovação sobre nós, em todos os nossos caminhos; ter o efeito moral dos Seus justos juízos e santos mandamentos visíveis na nossa carreira prática, dia a dia; tê-Lo a Ele manifestando-Se a Si mesmo a nós e fazendo em nós Sua morada.

Que linguagem humana pode adequadamente expressar a profunda bem-aventurança de tais privilégios?— E, todavia, são postos por graça divina ao alcance de todos os filhos de Deus sobre a face da terra. Não pretendemos afirmar que todos os filhos de Deus os desfrutam. Longe disso. Estão guardados, como já temos visto, para aqueles que, pela graça, estão habilitados a render uma amorosa, cordial, reverente obediência à Palavra divina. Nisto está o precioso segredo de toda a questão. Era verdadeiro para o Israel da antiguidade; e é verdadeiro para a igreja no tempo presente; era verdadeiro para a alma individualmente então; é verdadeiro no tempo presente para toda alma que tem a divina complacência como recompensa preciosa da obediência humana. E, podemos acrescentar, que a obediência é o imperioso dever e elevado privilégio de todo o povo de Deus e de cada um em particular. Venha o que vier, implícita obediência é o nosso privilégio e o nosso dever, a divina complacência a nossa presente e doce recompensa.

"Não esqueças"

Mas o pobre coração humano é propenso a afastar-se; e múltiplas influências estão em operação ao redor de nós para nos desviarem do caminho estreito de obediência. Não nos maravilhemos, pois, das solenes e tão repetidas admoestações de Moisés aos corações e consciências dos seus ouvintes. Derrama o seu coração amoroso na congregação tão querida para ele em brilhantes, sinceros e comoventes

acentos: "Tão-somente guarda-te a ti mesmo" — diz ele —, "e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas coisas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e as farás saber a teus filhos e aos filhos de teus filhos" (versículo 9).

São palavras graves para todos nós. Põem diante de nós duas coisas de inefável importância a saber, responsabilidade individual e doméstica — testemunho pessoal e familiar. O povo de Deus da antiguidade era responsável por guardar o coração com toda a diligência, a fim de que não deixasse a preciosa Palavra de Deus. E não somente isso, mas estavam solenemente obrigados a instruir os seus filhos e os seus netos nela. Somos nós, com toda a nossa luz e privilégios, menos responsáveis do que o antigo Israel*? Claro que não. Somos imperativamente chamados para nos entregarmos ao estudo diligente da Palavra de Deus, a aplicar os nossos corações a ela. Não é bastante lermos à pressa alguns versículos ou um capítulo, como diária rotina religiosa. Isto não satisfará em absoluto. Precisamos de fazer da Bíblia o nosso supremo estudo absorvente; no qual nos deleitamos, em que encontramos o nosso refrigério e recreio.

É de reccar que muitos de nós lemos a Bíblia como um dever, enquanto que encontramos o nosso leite e recreio nos periódicos e literatura frívola. É de admirar que o nosso conhecimento da Escritura seja superficial <? Como podemos conhecer alguma coisa das vivas profundidades e glórias morais de um Volume do qual simplesmente pegamos como dever e lemos alguns versículos com sonolenta indiferença, enquanto que, ao mesmo tempo, o jornal ou a novela romântica é literalmente devorada?

Dir-se-á talvez em resposta: "Não podemos estar sempre lendo a Bíblia." Oxalá os que assim falam pudessem dizer: "Não podemos estar sempre lendo o jornal ou uma novela." E nós queremos também perguntar, qual deve ser o estado atual de uma pessoa que pode dizer: "Não podemos estar sempre lendo a Bíblia"? Pode estar em estado de saúde espiritual? Pode realmente amar a Palavra de Deus? - Pode ter uma ideia exata da sua preciosidade, sua excelência e das suas glórias morais? - E impossível.

Que significam as seguintes palavras a Israel: "Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma, e atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por testeiiras entre os vossos olhos" <r (Dt 11:18). O "coração", a "alma", "a mão", os "olhos" — tudo ocupado com a preciosa Palavra de Deus. Isto era verdadeira obra. Não devia ser uma formalidade vazia, uma estéril rotina. O homem devia entregar-se inteiramente com santa devoção aos estatutos e mandamentos de Deus.

Que Lugar Ocupa a Palavra em nossos Corações, Casas e Hábitos?

"E ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te; e escreve-as nos umbrais de tua casa e nas tuas portas." Nós, cristãos, compreendemos o alcance de tais palavras?— A palavra de Deus tem um tal lugar em nossos corações, em nossa casa e nos nossos costumes? Os que entram em nossas casas ou estão em contato conosco na vida diária, veem que a Palavra de Deus é suprema para nos? Aqueles com quem negociamos veem que somos governados pelos preceitos da Sagrada Escritura? Os nossos criados e os nossos filhos veem que vivemos na verdadeira atmosfera da Escritura e que o nosso caráter está inteiramente formado e a nossa conduta governada por ela?

Estas interrogações são penetrantes para os nossos corações, prezado leitor cristão. Não as deixemos de parte. Podemos estar seguros de que não há indicador mais fiel do nosso estado moral e espiritual do que aquele que nos proporciona o tratamento que damos à Palavra de Deus. Se não a amamos — se não amamos o estudo dela, se não sentimos sede dela, nem deleite nela, anelo pela hora calma em que podemos estar inclinados sobre as suas páginas sagradas, e beber o seu preciosíssimo ensino — se não meditamos sobre ela no nosso quarto, no seio da família, na rua, em suma: se não respiramos a sua santa atmosfera, se não podemos dar expressão a outro sentimento superior àquele que já foi exposto, que "Não podemos estar sempre lendo a Bíblia", então, verdadeiramente, temos urgente necessidade de ponderar o nosso estado espiritual, porque estamos desgraçadamente mal de saúde. A nova natureza ama a Palavra de Deus — deseja-a sinceramente; como lemos em 1 Pedro 2: "Desejai afetosamente, como meninos novamente nascidos, o leite racional, não falsificado, para que por ele vades crescendo."

Esta é a verdadeira ideia. Se não buscamos sinceramente o leite da palavra, para diligentemente o usarmos e nos alimentarmos dele, devemos estar num baixo estado de alma, doentio e perigoso. Pode não haver nada irregular na nossa conduta exterior; pode ser que a nossa conduta não desonre o Senhor publicamente; mas estamos entristecendo o Seu coração amantíssimo com a nossa crassa indiferença pela Sua Palavra, que representa apenas outra forma de O desprezarmos a Ele mesmo. E o cúmulo da loucura falar de amar a Cristo, se não amamos a Sua Palavra e vivemos de acordo com ela. É uma ilusão imaginar que a nova vida pode estar em estado são e próspero quando a Palavra de Deus é habitualmente negligenciada na intimidade e na família.

Não queremos dizer, evidentemente, que não se deva ler qualquer outro livro senão a Bíblia — se assim fosse não teríamos redigidos estas "Nótulas" — mas nada requer maior vigilância que a questão do que lemos. Todas as coisas devem ser feitas em Nome de Jesus e para glória de Deus; e a leitura está entre essas coisas. Não devemos ler nenhum livro que não possa ser lido para glória de Deus, e sobre o qual não possamos pedir a bênção de Deus.

Achamos que todo este assunto requer a mais séria consideração de todo o povo de Deus; e esperamos que o Espírito Santo possa empregar a nossa meditação sobre o capítulo que temos perante nós para despertar os nossos corações e consciência a respeito do que é devido à Palavra de Deus, tanto em nossos corações como em nossas casas.

Sem dúvida, se ela tiver o seu próprio lugar no coração, terá também o seu próprio lugar em casa. Mas se não houver o reconhecimento da Palavra de Deus no seio da família, é difícil compreender que ocupa o devido lugar no coração. Os chefes de família devem ponderar seriamente este assunto. Estamos plenamente persuadidos que deveria haver, em cada lar cristão, o reconhecimento diário de Deus e da Sua Palavra. Alguns podem talvez considerar isto como uma escravidão, como um ato legalista, uma rotina ter um culto em família com regularidade. Queremos perguntar aos que fazem tal objeção se é um ato de escravidão a família reunir-se à mesa?— As reuniões familiares em redor da mesa do salão já alguma vez foram consideradas como um dever enfadonho — um ato de fastidiosa rotina? Decerto que não, se a família for bem ordenada e feliz. Por que motivo há de então considerar-se uma coisa fatigante para o chefe de uma casa cristã reunir os seus filhos e os servos em redor dele para ler alguns versículos da preciosa Palavra de Deus e pronunciar algumas palavras de oração ante o trono da graça? Cremos que isto é um costume que está perfeitamente de harmonia com o ensino tanto do Velho Testamento como do Novo — um hábito grato ao coração de Deus—, um hábito santo, bendito e edificante.

Que pensaríamos nós de um cristão professo que nunca orasse, nunca lesse a Palavra de Deus, em particular? Poderíamos considerá-lo como um cristão, verdadeiro, feliz?— Não; certamente. De fato, poderíamos pôr em dúvida a existência de vida divina numa tal alma. A oração e a Palavra de Deus são absolutamente essenciais para uma sã e vigorosa vida cristã; de forma que o homem que habitualmente as descarta deve encontrar-se em um estado completamente morto.

Ora se é assim tratando-se de um indivíduo, como pode uma família ser considerada em devido estado se não há leitura em família, nem oração, nem reconhecimento em família de Deus ou da Sua Palavra? Podemos conceber a ideia de uma família temente a Deus vivendo desde o dia do Senhor ao sábado seguinte sem qualquer reconhecimento coletivo d'Aquele a Quem deve tudo? Os dias vão passando uns atrás dos outros — os deveres domésticos são cumpridos — a família reúne-se regularmente à mesa, mas sem nenhum pensamento de convocar a todos os da casa e juntarem-se em redor da Palavra de Deus ou ao redor do trono de misericórdia. Perguntamos, onde se encontra a diferença entre tal família e qualquer pobre casa pagã? Não é muito triste, deplorável encontrar os que fazem a

profissão mais elevada, e tomam o seu lugar à Mesa do Senhor, vivendo no maior descuido da leitura em família, do culto em ?

A Leitura em Família e o Testemunho Resultante disto

Prezado leitor, serás tu o chefe da casa? Se assim é, qual é o teu pensamento sobre este assunto? E qual é a tua linha de conduta? Tens leitura em família e oração em família, diariamente, em tua casa? Se não, permite que te pergunte, porque não? Esquadrinha e vê qual é a verdadeira origem do mal. O teu coração tem-se apartado de Deus, da Sua Palavra e dos Seus caminhos? Lês e oras em particular? Amas a Palavra e a oração? Encontras prazer nelas. Se assim é, por que as descuras em tua casa? Procuras talvez escusar-te por causa da tua timidez e nervosismo. Se assim é, pede ao Senhor que te ajude a vencer a fraqueza. Descansa na Sua infalível graça e reúne a tua família em redor de ti, cada dia, em determinada hora, para ler alguns versículos da Escritura e balbucia algumas palavras de oração; ou, se não podes fazer isto ao princípio, faz com que a família ajoelhe por alguns momentos, em silêncio, perante o trono da graça.

Alguma coisa, em suma, que se pareça com um reconhecimento em família, um testemunho familiar — qualquer coisa, menos uma vida sem Deus, descuidada e sem oração em tua casa. Permite, querido amigo, estas palavras de exortação sobre este ponto. Permite que insista contigo para que comeces imediatamente pedindo a ajuda de Deus, que Ele certamente te concederá, porque Ele nunca falta a um coração que verdadeiramente confia. Não continues por mais tempo a menosprezar Deus e a Sua Palavra no teu círculo familiar. E realmente uma coisa terrível. Não permitas, nem por um momento, que os argumentos sobre escravidão, legalismo, ou formalismo, pesem sobre o teu ânimo. Quase nos sentimos dispostos a exclamar: "Bendita escravidão!" Se é realmente escravidão ler a Palavra, damos-lhe cordialmente as boas vindas, e resolutamente nos gloriamos nela.

Mas não; não podemos, nem por um momento, considerá-la desta maneira. Cremos ser um privilégio delicioso para todo aquele que Deus tem posto à cabeça de uma família reunir todos os membros dessa família em redor de si e ler uma porção desse bendito livro e abrir o seu coração em oração a Deus. Cremos especialmente que é dever do chefe fazer assim. Não é necessário, de modo nenhum, fazer um longo, enfadonho serviço. Em regra geral, tanto em nossa casa como nas reuniões públicas, as orações curtas, breves e fervorosas são muito mais edificantes.

Mas isto é, evidentemente, um assunto livre, sobre o qual apenas damos o nosso parecer, que deve ser tomado pelo que vale. A duração e o caráter do serviço deve, em todos os casos, deixar-se ao critério da pessoa que o dirige. Mas nós esperamos sinceramente que estas palavras serão examinadas por todo o chefe de família que

até agora haja descuidado o santo privilégio do culto familiar — leitura em família que não deve descuidar para o futuro. Que possa dizer como Josué: "Escolhei hoje a quem sirvais... porém eu e a minha casa serviremos ao SENHOR" (Js 24:15).

Não pretendemos, certamente, induzir alguém a imaginar que o simples ato de leitura em família inclui tudo que está incluído nessa importante expressão: "Serviremos ao SENHOR." Longe disso. Esse bendito serviço está relacionado com tudo que pertence à nossa vida privada e doméstica. Inclui os minuciosos pormenores da vida diária. Tudo isto é verdadeiro e inestimável. Contudo, estamos inteiramente persuadidos de que nada pode andar bem num lar onde a leitura em família e a oração em família são habitualmente descuradas.

Pode dizer-se que há muitas famílias que parecem ser muito cuidadosas quanto à leitura e oração de manhã e à noite, e contudo toda a sua vida doméstica, desde manhã à noite, é uma flagrante contradição do seu assim chamado serviço religioso. Pode ser que o chefe da casa, em vez de irradiar luz sobre o círculo da família, seja de temperamento áspero, rude e de modos grosseiros, severo e contraditório com sua mulher, arbitrário e severo com os seus filhos, pouco razoável e exigente com os seus criados, achando faltas no que se põe sobre a mesa, depois de haver dado graças por tudo isso; e, em suma, desmentindo em todos os conceitos a sua leitura e as suas orações em família. Outro tanto se pode dizer quanto à esposa e mãe, a respeito dos filhos e dos criados. A economia doméstica está toda desorganizada. Há desordem e confusão; as refeições não são pontuais; há falta de consideração de uns pelos outros; os filhos são rudes, egoístas e obstinados; os criados são descuidados, estragados e desobedientes, senão piores. O tom, a atmosfera, e o estilo de toda a casa é anticristão, ímpio, inteiramente indecoroso.

E se nos transportamos fora do círculo doméstico e observamos a conduta dos chefes e membros da família para com os que estão de fora — os negócios, se estão ocupados nos negócios —, ouvimos o testemunho dos que negociam com eles, a respeito da qualidade da sua mercadoria, o estilo e caráter do seu trabalho; o espírito e temperamento com que desenvolvem os seus negócios; a sua avidez e a sua usura, a sua avareza, e tais enganos comerciais; não há nada de Deus, nada de Cristo, nada que os distinga dos maiores mundanos que os rodeiam; sim, a conduta desses próprios mundanos, dos que nunca pensariam em tal coisa como o culto doméstico, envergonha-os.

Em tais dolorosas e humilhantes circunstâncias, que pensar da leitura em família, do altar da família? Ah, é uma formalidade vazia, um procedimento impotente, indigno e impróprio — em vez de ser um sacrifício da manhã e da tardinha, é uma mentira — um escárnio, um insulto a Deus!

Tudo isto é infelizmente verdade. Existe uma terrível falta de testemunho doméstico — de justiça prática em nossas famílias e em toda a economia das nossas casas. Existe apenas um pouco do vestido branco—o linho fino, que é a justiça dos

santos. Parece que esquecemos as graves palavras do apóstolo inspirado em Romanos 14: "... o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz e alegria no Espírito Santo" (versículo 17). Alguns de nós parece pensarem que, sempre que encontramos a palavra "justiça", tem necessariamente de significar a justiça de Deus em que nos mantemos, ou a justiça que nos é imputada. Isto é na verdade um grave erro. Temos de recordar que existe um lado prático e humano desta questão. Há o subjetivo assim como o objetivo — a conduta assim como a posição — a condição assim como a posição.

Estas coisas nunca devem ser separadas. De pouco serve estabelecer ou procurar manter um altar doméstico entre as ruínas do testemunho da família. Não é outra coisa senão uma repugnante caricatura começar e acabar o dia com o chamado culto doméstico quando esse dia é caracterizado pela impiedade e injustiça, leviandade, loucura e vaidade. Pode haver alguma coisa mais desagradável, ou miseravelmente inconsistente do que uma noite passada em canções frívolas, charadas e outros jogos terminada com um fragmento desprezível de religião na forma de leitura e oração?

Toda esta série de coisas é deplorável. Não deveria jamais ser relacionada com o santo nome de Cristo, com a Sua assembleia, ou a santa celebração da ceia à Sua Mesa. Devemos medir tudo na nossa vida privada, na nossa economia doméstica, na nossa conduta diária, em todas as nossas relações comerciais, em toda a nossa convivência, com um único padrão, isto é, a glória de Cristo. A grande questão que nos interessa em tudo quanto se apresenta perante nós, ou chama a nossa atenção, deve ser: "Isto é digno do santo nome que levo sobre mim?" Se não é, não toquemos nele; pelo contrário, voltemos-lhe as costas com firme decisão, fujamos dele com santa energia. Não atendamos, nem por um momento, a desprezível pergunta: "Que mal há nisso?" Nada senão mal, se Cristo não está nisso. Nenhum coração verdadeiramente piedoso formulará essa pergunta e menos ainda a atenderá. Sempre que ouvirdes alguém falando assim, podeis, imediatamente, concluir que Cristo não é o principal objetivo do coração.

Esperamos que o leitor não se sinta enfadado com toda esta simples verdade prática. Cremos que é altamente necessária nestes dias de larga profissão. Temos todos grande necessidade de considerar os nossos caminhos, de ver bem o verdadeiro estado dos nossos corações com respeito a Cristo; pois é aqui que está o verdadeiro segredo de toda a questão. Se o coração não Lhe for fiel, nada poderá estar bem — nada estará bem na vida privada, nada no círculo de família, nada nos negócios, nada na assembleia, nada em seja onde for. Mas se o coração Lhe for fiel tudo estará — deve estar bem.

Não é de admirar que o bendito apóstolo, quando chega ao final dessa maravilhosa epístola aos Coríntios, resuma tudo com esta solene declaração: "Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema; maranata" (I Co 16:22). No decurso da

sua epístola ele trata de diversas formas de erro doutrinário e depravação moral; mas quando chega ao final, em vez da sua solene sentença sobre qualquer erro particular ou mal, lança-se com santa indignação contra todo aquele que, não importa o que ou quem seja, não ama ao Senhor Jesus Cristo. O amor a Cristo é a grande salvaguarda contra toda a forma de erro e mal. Um coração cheio de Cristo não tem lugar para nada mais; mas se não há amor por Ele, não há segurança contra o mais disparatado erro ou a pior forma de mal moral.

"Ensinarão a seus filhos"

Devemos agora voltar ao nosso capítulo.

A atenção do povo é chamada especialmente para as cenas solenes do monte Horebe — cenas que, certamente, deveriam ter profunda e permanentemente impressionado os seus corações. "No dia em que estiveste perante o SENHOR, teu Deus, em Horebe, quando o SENHOR me disse: Ajunta-me este povo, e os farei ouvir as minhas palavras" — a maior e mais importante questão para o antigo Israel, para a Igreja no tempo presente, para cada um, para todos, em todo o tempo e em todos os lugares, é ser levado a um contato direto, vivo, com a Palavra eterna do Deus vivo — "e aprendê-las-ão, para me temerem todos os dias que na terra viverem, e as ensinarão a seus filhos" (versículo 10).

É magnífico notar a íntima ligação entre ouvir a Palavra de Deus e temer o Seu nome. E um desses grandes princípios fundamentais que nunca mudam, nunca perdem o seu poder ou valor intrínseco. A Palavra e o nome vão juntos; e o coração que ama um reverencia o outro e inclina-se perante a sua santa autoridade em tudo. "Quem não me ama não guarda as minhas palavras" (Jo 14:24). "Aquele que diz: Eu conheço-o e não guarda os seus mandamentos é mentiroso, e nele não está a verdade. Mas qualquer que guarda a sua palavra, o amor de Deus está nele verdadeiramente aperfeiçoado" (1 Jo 2:4-5). Todo aquele que ama verdadeiramente a Deus guardará a Sua Palavra em seu coração, e sempre que a Palavra é assim guardada no coração, a sua influência será vista em todos os atos da sua vida, do caráter e da conduta. O objetivo de Deus em nos dar a Sua Palavra é que ela possa governar a nossa conduta, formar o nosso caráter e moldar o nosso caminho; e se a Sua Palavra não tem este efeito prático sobre nós, é inteiramente inútil falar de O amarmos; sim, é nada mais, nada menos que zombaria, que Ele deve, mais cedo ou mais tarde, ressentir.

E notemos especialmente a responsabilidade solene de Israel quanto a seus filhos. Não só deviam "ouvir" e "aprender" por eles mesmos, mas tinham também de ensinar seus filhos. Isto é um dever universal e permanente que não pode ser descurado com impunidade. Deus liga grande importância a este assunto. Ouvimo-lo dizer de Abraão: "... Eu o tenho conhecido, que ele há de ordenar a seus filhos e a sua cada depois dele, para que guardem o caminho do SENHOR, para

agirem com justiça e juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado" (Gn 18:19).

Estas palavras são importantíssimas, pondo diante de nós a apreciação divina pelo ensino doméstico e a devoção da família. Em todas as épocas e sob todas as dispensações, Deus tem-se comprazido em dar expressão à Sua aprovação à própria educação dos filhos do Seu povo — ao seu ensino fiel segundo a Sua santa Palavra. Não vemos na Escritura que seja permitido aos filhos crescerem em ignorância, desleixo e obstinação. Alguns cristãos professos, sob a influência nociva de uma certa escola de teologia, parecem pensar que é, de certo modo, interferir com a soberania de Deus, com os Seus propósitos e desígnios, instruir os seus filhos na verdade do evangelho e na letra da Sagrada Escritura. Julgam que as crianças deveriam ser deixadas à ação do Espírito Santo, que, certamente, experimentarão ao tempo que Deus haja determinado, se, de fato, são dos eleitos de Deus; e, se não são, todo o esforço humano é inútil.

Ora, nós devemos, em toda a fidelidade devida à verdade de Deus, e às almas dos nossos leitores, dar o mais claro e terminante testemunho contra esta opinião parcial do grande assunto prático que temos diante de nós. Não há nada mais perverso, nada mais pernicioso em seus efeitos, sobre a consciência, o coração, a vida, toda a carreira prática e caráter moral, do que uma teologia parcial. Não importa qual o lado que se toma, desde que se tome só um. E mais que certo produzir o que devemos chamar de má formação espiritual. Cremos nunca ser demais advertir enérgica e sinceramente o leitor contra este grande mal. Só pode conduzir aos mais desastrosos resultados; os quais, no seu efeito sobre o treinamento dos nossos filhos, e a administração da nossa casa, são em extremo nocivos. Com efeito, como temos visto, seguem-se as mais deploráveis conseqüências com o prosseguimento desta linha de pensamento. Temos conhecido filhos de pais cristãos que cresceram em completa ignorância das coisas divinas, em negligência, indiferença e declarada infidelidade. E se lhes fosse dirigida uma palavra de admoestação, responderiam com argumentos sobre dogmas de uma teologia parcial — e como é de calcular, isto é sempre o lado mau. Diz-se: — Não podemos fazer cristãos dos nossos filhos e não devemos convertê-los em formalistas ou hipócritas. Ou há de ser uma obra divina, ou nada. Quando chegar o tempo de Deus, Ele os chamará eficazmente, se de fato eles estiverem no número dos Seus efeitos. Se não estão, todos os nossos esforços são inúteis.

A tudo isto replicamos que esta linha de argumento, se fosse levada até certo ponto, impediria o lavrador de lavrar o seu campo ou de semear a sua semente. E perfeitamente claro que não pode fazer com que a semente germine ou frutifique. Tão impossível lhe seria fazer crescer um simples grão de trigo, como criar o universo. Isto impede-o de lavrar e semeará Isto faz com que cruze os braços e

diga: "Não posso fazer nada. Não posso, por qualquer esforço da minha parte, fazer com que o grão cresça. É uma operação divina; e portanto devo esperar até que Deus de tudo disponha." Há algum lavrador que raciocine e atue desta maneira? Certamente que não, a não ser que seja um demente. Toda a pessoa de mente sã sabe que lavar e semear precedem a colheita; e se as duas primeiras tarefas forem negligenciadas, é o cúmulo dos desvários procurar a última.

Nem outra coisa ocorre com a educação dos nossos filhos. Nós sabemos que Deus é soberano. Cremos nos Seus desígnios e propósitos eternos. Reconhecemos plenamente as grandes doutrinas da eleição predestinação; sim, estamos absolutamente tão convencidos delas como da verdade de que Deus é ou de que Cristo morreu e ressuscitou. Além disso, cremos que o novo nascimento deve ter lugar, em todos os casos — tanto nos casos dos nossos filhos como em todos os demais; estamos convencidos de que este novo nascimento é uma operação inteiramente divina, efetuada pelo Espírito Santo, pela Palavra, como nos é ensinado claramente no discurso do Senhor com Nicodemos, em João 3, e também em Tiago 1:18 e 1 Pedro 1:23.

Mas tudo isto toca, ainda que da maneira mais simples, a solene responsabilidade de os pais cristãos ensinarem e treinarem os seus filhos diligentemente e fielmente desde a sua mais tenra idade? Seguramente que não. Ai dos pais que, sob qualquer alegação ou fundamento, quer seja uma teologia parcial, quer uma errônea aplicação da Escritura, ou qualquer outra causa, negam a sua responsabilidade ou descuram o seu claro dever a respeito deste negócio! Decerto, não podemos fazer os nossos filhos cristãos; e não devemos fazer deles formalistas ou hipócritas. Mas nós não somos chamados para fazer deles coisas alguma. Somos chamados simplesmente para cumprir o nosso dever para com eles, e deixar os resultados com Deus. Somos ensinados e mandados a criar os nossos filhos "na disciplina e admoestação do Senhor". Quando devemos começar a criá-los desta maneira? Quando devemos começar a sagrada tarefa de treinar os nossos pequeninos? Seguramente, ao princípio. No próprio momento em que entramos no parentesco, entramos também na responsabilidade que esse parentesco impõe. Não podemos negar isto. Não podemos alijar-nos dela. Podemos descuidá-la e ter de recolher as tristes conseqüências do nosso descuido de diversas formas. E uma coisa séria o sagrado parentesco da paternidade — muito interessante e muito agradável em dúvida; mas muito séria por causa da responsabilidade que acarreta. É verdade, bendito seja Deus, que, nisto como em tudo mais, a Sua graça nos basta; e "Se algum de vós tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e não o lança em rosto; e ser-lhe-á dada" (Tg 1:5). "Não que sejamos capazes, por nós mesmos", nesta importante questão, de pensar ou fazer qualquer coisa; mas a nossa capacidade é de Deus; Ele satisfará todas as nossas necessidades. Nós só temos que depender d'Ele para as necessidades de cada hora.

Mas devemos cumprir o nosso dever. Alguns não gostam da palavra familiar "dever". Pensam que tem um somido legalista. Esperamos que o leitor não pensará assim, porque é um erro muito grave. Consideramos a palavra como moralmente salutar e muito apropriada; e cremos que todo o verdadeiro crente a ama. Uma coisa é certa; é só no caminho do dever que podemos contar com Deus. Falar de confiar em Deus, quando se está fora do caminho do dever, é um conceito miserável e uma ilusão. E, na questão do nosso parentesco, como pais, descurar o nosso dever é atrair sobre nós as conseqüências mais desastrosas.

Cremos que todo o assunto de educação cristã está resumido em duas expressões, a saber: conta com Deus quanto aos teus filhos; e educa a teus filhos para Deus. Aceitar a primeira sem a segunda é antinomianismo; aceitar a segunda sem a primeira é legalidade; aceitar as duas juntamente é puro, prático cristianismo — verdadeira religião à vista de Deus e do homem.

É doce privilégio de todo o pai cristão contar, com toda a confiança possível, com Deus, para seus filhos. Mas temos de recordar que há, no governo de Deus, um vínculo inseparável de ligação entre este privilégio com a mais solene responsabilidade acerca da educação. Para um pai cristão falar de depender de Deus para salvação de seus filhos e integridade da sua carreira futura, neste mundo, enquanto o dever de educação é descurado, é simplesmente uma miserável ilusão. Insistimos sobre isto de um modo muito sério com todos os pais cristãos, mas especialmente com aqueles que acabam de entrar no gozo do parentesco. Existe o grande perigo de faltarmos aos nossos deveres para com os nossos filhos, de os deixarmos ao cuidado de outros ou de os descurarmos completamente. Não nos agradam os incômodos que esse dever nos acarreta; e desejamos alijar-nos deles. Mas descobriremos que a aflição, o incômodo, e a dor, resultantes da negligência no cumprimento do nosso dever serão mil vezes piores do que tudo que possa estar envolvido no seu cumprimento. Existe uma profunda satisfação em trilhar a senda do dever para todo o que ama a Deus. Cada passo dado nessa senda fortalece a nossa confiança para continuar. E por outro lado podemos contar com os infinitos recursos que temos em Deus, quando guardamos os Seus mandamentos. Só temos de recorrer, dia a dia, hora a hora, ao tesouro inesgotável de nosso Pai, e receber ali tudo quanto necessitamos, em graça, sabedoria e força moral para podermos desempenhar retamente as santas funções do nosso parentesco. "Ele dá mais graça." Esta verdade é sempre a mesma. Mas se nós, em vez de buscarmos graça para desempenhar o nosso dever, buscamos a comodidade negligenciando-o, apenas ajuntamos dor que se acumulará rapidamente e algum dia cairá pesadamente sobre nós. "Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito do Espírito ceifará a vida eterna" (Gl 6:7-8).

Isto é o relato resumido de um grande princípio do governo moral de Deus — um princípio de aplicação universal, que se aplica, com poder singular, ao assunto de que falamos. Assim como semearmos, na questão da educação dos nossos filhos, assim, seguramente, ceifaremos. Não há maneira de escapar a este princípio.

A Educação de Nossos Filhos

Mas não desanime qualquer prezado pai crente cujos olhos possam examinar estas linhas. Não há razão alguma para isso; antes, pelo contrário, há todo o motivo para radiante confiança em Deus. "Torre forte é o nome do SENHOR; para ela correrá o justo e estará em alto retiro" (Pv 18:10). Andemos com passo firme no caminho do dever; e então poderemos contar, em constante confiança, com o nosso Deus, sempre fiel e cheio de graça, para as necessidades de cada dia, à medida que eles passam. E, a seu tempo, ceifaremos o precioso fruto do nosso labor, segundo o decreto de Deus, em prosseguimento dos decretos do Seu governo moral.

Não tentamos estabelecer quaisquer regras ou regulamentos para a educação. Não temos confianças neles. Os filhos não podem educar-se por regras fixas. Quem poderá incorporar em regras tudo que está envolvido nessa expressão: "Criai-os na doutrina e admoestação do Senhor" ?

Aqui temos, de verdade, a regra de outro que compreende tudo, desde o berço à idade viril. Sim, repetimos: "desde o berço"; pois estamos plenamente convencidos de que toda a verdadeira educação cristã começa desde a mais tenra idade. Alguns têm uma pequena ideia de quão cedo e de que modo agudo começam as crianças a observar; e de como dão conta quando nos contemplam com os seus expressivos olhos tão queridos.

E, demais, quão sensíveis eles são à atmosfera moral que os rodeia! Sim; e é esta própria atmosfera moral que constitui o grande segredo de ensino das nossas famílias. Os nossos filhos deverão ser autorizados a respirar, dia a dia, a atmosfera de amor e paz, pureza, santidade e verdadeira justiça prática. Tudo isto tem um efeito assombroso na formação do caráter. E uma grande coisa para os nossos filhos verem os seus pais andar em amor, em harmonia, em terno cuidado um pelo outro; em amável consideração para com os servos; em amor e simpatia pelos pobres. Quem pode medir o efeito moral sobre uma criança do primeiro olhar de cólera ou de palavras duras entre o pai e a mãe? E nos casos em que o espetáculo diário é de alterações e contenda, o pai desmentindo a mãe, e a mãe depreciando o pai; como podem os filhos crescer em uma atmosfera de tal natureza?

O fato é que não está ao alcance da linguagem humana expor tudo o que está envolvido no tom moral de todo o círculo da família — o espírito, o estilo, e a atmosfera de toda a casa, a sala, a casa de jantar, o quarto das crianças, a cozinha, em que as circunstâncias permitem tais comodidades, ou onde a família tenha de se acomodar em duas casas. Não se trata de uma questão de classes, posição ou

riqueza, mas formosa graça de Deus resplandecendo em tudo. Pode ser que o jantar seja de simples vegetais ou de um bom bife; estas coisas não estão, presentemente, em discussão. Mas o que queremos acentuar perante todos os pais e mães, todos os chefes de família, elevados ou humildes, ricos ou pobres, cultos ou ignorantes, é a necessidade de educarem os seus filhos numa atmosfera de amor, paz, verdade e santidade, pureza e bondade. Desta forma a família será a manifestação prática do caráter de Deus; e todos os que estiverem em contato com eles terão, pelo menos, diante de seus olhos um testemunho prático da verdade do cristianismo.

Mas, antes de deixar o assunto do governo doméstico, há um ponto especial para o qual desejamos chamar a atenção dos pais cristãos — um ponto de grande importância, embora muito descuidado entre nós, e este é a necessidade de inculcar nas nossas crianças o dever de implícita obediência. É um ponto em que nunca é demais insistir, visto que não só afeta a ordem e o conforto das nossas casas, mas, o que é infinitamente mais importante, diz respeito à glória de Deus e à demonstração prática da Sua verdade. "Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo" (Ef 6:1); "Vós, filhos, obedecei em tudo a vossos pais, porque isto é agradável ao Senhor (Cl 3:20).

Isto é absolutamente essencial, e é nisto que temos de insistir firmemente logo desde o princípio. A criança deve ser ensinada a obedecer desde a sua mais tenra idade. Deve ser ensinada a submeter-se à autoridade divinamente dada, e isto, como o apóstolo estabelece "em tudo". Se isto é negligenciado logo ao princípio, mais tarde se verá que é quase impossível consegui-lo. Se a vontade for permitida a atuar, crescerá, com rapidez incrível, e o seu crescimento diário aumenta a dificuldade de manter a criança debaixo de controle. Por isso, o pai deve começar imediatamente por estabelecer a sua autoridade sobre a base de força moral e firmeza; e, uma vez isso conseguido, pode ser tão dócil e terno quanto o coração mais sensível pode desejar. Não cremos na austeridade, severidade e rigor. Não são, de nenhum modo, necessários, e acompanham geralmente uma má educação e a prova de um mau temperamento. Deus pôs nas mãos dos pais as rédeas do governo, e a vara da autoridade; mas não é necessário — se nos podemos assim exprimir — estar continuamente a puxar as rédeas e a manejar o chicote, que afinal são as provas seguras de fraqueza moral. Sempre que ouvirdes um homem falar continuamente da sua autoridade, podereis estar seguros de que a sua autoridade não está propriamente estabelecida. Existe uma verdadeira dignidade quanto ao verdadeiro poder moral que é perfeitamente inconfundível.

Além disso, nós julgamos ser um erro para um pai estar perpetuamente a opor-se aos desejos de um filho em assuntos de pouca importância. Uma tal linha de ação tende a abater o espírito da criança, enquanto que o fim de toda a boa educação é dominar a vontade. A criança deve ter sempre a impressão de que o pai procura só

o seu verdadeiro bem; e se tem que lhe recusar ou proibir alguma coisa não é com o propósito de o privar dos seus prazeres, mas simplesmente para o seu próprio bem. Um dos grandes objetivos do governo doméstico é proteger cada membro da família no gozo dos seus privilégios e no próprio cumprimento dos seus deveres relativos. Ora, visto que o dever divinamente estabelecido de uma criança é obedecer, o pai é responsável por ver que este dever é cumprido, porque se for descuidado, outros membros do círculo doméstico devem sofrer com isso.

Não pode haver aborrecimento maior numa casa do que uma criança desobediente e obstinada; e, em regra geral, onde quer que se encontre um caso assim, pode atribuir-se a má educação. Nós sabemos, evidentemente, que as crianças diferem em temperamento e disposição; que algumas crianças têm uma vontade enérgica e um temperamento obstinado, e portanto são difíceis de manejar.

Compreendemos tudo isto perfeitamente; mas fica completamente em suspenso a questão da responsabilidade dos pais insistirem sobre a obediência implícita. Podem sempre contar com Deus para a necessária graça e poder para levarem por diante este ponto. Até mesmo no caso de uma mãe viúva, cremos, com toda a certeza, que ela pode pedir a Deus competência para governar a sua casa e os seus filhos. De nenhum modo, pois, deve prescindir-se da autoridade paterna.

Acontece algumas vezes que, por um carinho irrefletido, o pai é tentado a lisonjear a vontade da criança; mas é semear para a carne, e deve produzir corrupção. Não é de nenhum modo, verdadeiro amor aceder à vontade da criança; nem pode contribuir para a sua verdadeira felicidade ou legítimo prazer. Uma criança a quem é consentido fazer a sua vontade obstinada é em si mesma infeliz e um doloroso contágio para todos os que têm de lidar com ela. As crianças devem ser ensinadas a pensar nos outros; e a procurar promover a sua comodidade e felicidade de todos os modos. Quão impróprio é, por exemplo, para uma criança entrar em casa e subir as escadas assobiando, cantando e gritando, em absoluto desdém pelos outros membros da família que podem sentir-se seriamente incomodados e aborrecidos com tal conduta! Nenhuma criança convenientemente educada pensará em agir de tal modo; e onde quer que uma tal conduta, indômita, desagradada e imprudente é consentida, há um grave defeito no governo doméstico.

É essencial para a paz, harmonia e comodidade da família que todos os membros se "considerem uns aos outros". Nós temos a responsabilidade de procurar o bem e a felicidade dos que nos rodeiam e não a nossa própria. Se todos apenas recordassem isto, que famílias diferentes teríamos, e que história diferente teriam as famílias para contar! Toda a família cristã deveria ser o reflexo do caráter divino. A atmosfera deveria ser precisamente a própria atmosfera do céu. Como seria isto? - Simplesmente cada um, pais, filhos, patrões e criados procurando andar nas pisadas de Jesus e manifestando o Seu Espírito. Ele nunca buscou a Sua própria satisfação; nunca buscou os Seus próprios interesses em coisa alguma. Fez sempre o que

agradava ao Pai. Veio para servir e para dar. Andou fazendo bem, e curando os oprimidos do diabo. Assim foi sempre com o bendito senhor — o benévolo, terno, compassivo Amigo de todos os filhos e filhas da necessidade, fraqueza e dor; e se ao menos os vários membros de cada família cristã fossem formados segundo esse perfeito modelo, realizaríamos, pelo menos, alguma coisa do poder e eficácia de cristianismo pessoal e doméstico que, bendito seja Deus, pode sempre ser mantido e manifestado, não obstante a irremediável ruína da igreja professante. "Tu e a tua casa" sugere a grande regra de ouro que se vê em todo o Livro de Deus, desde o princípio ao fim. Em todas as épocas, sob todas as dispensações, nos dias dos patriarcas, nos dias da Lei, e nos dias do cristianismo, encontramos que, para grande conforto e estímulo, a santidade pessoal e doméstica devoção ocupam o seu lugar como alguma coisa grata ao coração de Deus e a glória do Seu santo Nome. Julgamos que isto é consolador, em todos os tempos, mas particularmente numa época como a presente, em que a igreja professante parece submergir-se rapidamente no crasso mundanismo e declarada infidelidade; em que aqueles que desejam sinceramente andar em obediência à Palavra de Deus e agir segundo a grande verdade fundamental da unidade do corpo encontram grandes dificuldades para manter um testemunho coletivo. Em vista de tudo isto, bem podemos bendizer a Deus, com corações transbordantes, porque a devoção pessoal e familiar pode sempre ser mantida, e porque do coração e da casa de todo o cristão pode ascender ao trono de Deus uma corrente constante de louvor, e porque uma corrente de ativa benevolência corre para um mundo necessitado, triste e afligido pelo pecado. Que assim seja, mais e mais, pelo poderoso ministério do Espírito Santo, para que Deus possa ser, em todas as coisas, glorificado nos corações e lares do Seu amado povo!

Tenhamos Cuidado com a Idolatria

Temos de considerar agora o aviso solene dirigido à congregação de Israel contra o terrível pecado de idolatria — um pecado para o qual, infelizmente, o pobre coração humano está sempre inclinado de uma maneira ou de outra. É muito possível ser culpado de pecado de idolatria sem se curvar perante uma imagem de escultura; pelo que nos convém pesar bem as palavras de advertência que foram pronunciadas pelos lábios do venerando legislador de Israel. Estão escritas certamente para nosso ensino.

"E vós vos chegastes, e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até ao meio dos céus, e havia trevas, e nuvens, e escuridão". — Solenes e apropriados acessórios da ocasião! — "Então, o SENHOR VOS falou do meio do fogo". — Oh, de que modo tão diferente Ele fala no evangelho da Sua graça! — "a voz das palavras ouvistes, não vistes semelhança nenhuma" — um importante fato para eles considerarem! — somente "a voz" — E "a fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela

Palavra de Deus" — "Então, vos anunciou ele o seu concerto, que vos prescreveu, os dez mandamentos, e os escreveu em duas tábuas de pedra. Também o SENHOR me ordenou, ao mesmo tempo, que vos ensinasse estatutos e juízos" — não para que os pudessem discutir, ou julgá-los, ou argumentar sobre eles, mas "para que os fizésseis" — a magna e velha história, o tema de obediência preciosíssima de Deuteronomio! Quer seja fora ou "na terra, a qual passais a possuir" (versículos 12-14).

Aqui descansa o sólido fundamento de recurso contra a idolatria. Eles não viram nada. Deus não Se lhes mostrou. Não tomou forma corporal alguma da qual eles pudessem formar uma imagem. Deu-lhes a Sua Palavra, os Seus santos mandamentos, tão claros que uma criança podia compreendê-los, e para que o homem perverso, embora louco, não precise de errar neles. Não havia necessidade, portanto, de se entregarem à imaginação do que Deus era semelhante; antes pelo contrário, isto era o próprio pecado contra o qual eram advertidos com tanta fidelidade. Foram chamados para ouvir a voz de Deus, não para ver a Sua forma — para obedecer aos Seus mandamentos, não para fazer uma imagem d'Ele. A superstição procura inutilmente honrar a Deus formando uma imagem e adorando-a. A fé, pelo contrário, recebe com amor e obedece com reverência os Seus mandamentos. "Se alguém me ama", diz o bendito Senhor, fará o quê?- Fará uma imagem de mim e a adorará?- Não, mas, "guardará a minha palavra". Isto torna o assunto tão simples, tão seguro, tão certo. Não somos chamados para formar em nossas mentes qualquer conceito de Deus. Temos simplesmente de ouvir a Sua Palavra e guardar os Seus mandamentos. Não podemos ter qualquer ideia de Deus, senão aquela pela qual Ele teve prazer em Se revelar a Si mesmo. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (Jo 1:18). "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Co 4:6).

É declarado que Jesus é o resplendor da glória de Deus e a expressa imagem da Sua pessoa. Ele podia dizer: "Quem me vê a mim, vê o Pai." Assim o Filho revela o Pai; e é pela Palavra, mediante o poder do Espírito Santo, que sabemos alguma coisa do Filho; e, portanto, todo aquele que procura por qualquer esforço da sua mente obscurecida ou fantasia da sua imaginação conceber uma imagem de Deus ou de Cristo, é simplesmente um idólatra. Tentar chegar a algum conhecimento de Deus ou de Cristo, salvo pela Escritura, é simplesmente misticismo e confusão; mais ainda, é colocarmo-nos a nós próprios diretamente nas mãos do diabo para sermos arrancados por ele ao mais disparatado, obscurecido e mortal engano.

Por isso, como Israel, no monte de Horebe, ficou limitado à "voz" de Deus, e advertido contra qualquer semelhança, assim nós estamos limitados à Sagrada Escritura, e somos advertidos contra tudo que nos afastaria, ainda que na mais

insignificante medida, desse santo e suficiente padrão. Não devemos atender às sugestões das nossas próprias mentes nem às de qualquer outra mente humana. Devemos recusar absoluta e rigorosamente dar ouvidos a tudo que não seja a voz de Deus — a voz da Sagrada escritura. Nisto há verdadeira segurança, verdadeiro descanso. Aqui temos absoluta certeza, de modo que podemos dizer: "Eu sei em quem" — não no quê — "tenho crido; e estou certo que ele é poderoso", etc.

"Guardai, pois, com diligência a vossa alma, pois semelhança nenhuma vistes no dia em que o SENHOR, vosso Deus, em Horebe falou convosco, do meio do fogo; para que não vos corrompais e vos façais alguma escultura, semelhança de imagem, figura de macho ou de fêmea; figura de algum animal que haja na terra, figura de alguma ave alígera que voa pelos céus, figura de algum animal que anda de rastos sobre a terra, figura de algum peixe que esteja nas águas debaixo da terra; e não levantes os teus olhos aos céus e vejas o sol, e a lua, e as estrelas, todo o exército dos céus, e sejas impelido a que te inclines perante eles, e sirvas àqueles que o SENHOR, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus. Mas o SENHOR VOS tomou e vos tirou do forno de ferro do Egito, para que lhes sejais por povo hereditário, como neste dia se vê" (versículos 15 a 20).

Aqui é posta diante de nós uma verdade de grande peso. Ensina-se expressamente ao povo que fazendo qualquer imagem e inclinando-se diante dela, na realidade, eles se rebaixariam e corromperiam. Por isso, quanto fizeram o bezerro de ouro, o Senhor disse a Moisés: "Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir do Egito, se tem corrompido." Não podia ser de outro modo. O adorador tem de ser inferior ao objeto de sua adoração; e, portanto, adorando um bezerro, eles colocavam-se efetivamente abaixo do nível das bestas que perecem. Portanto, bem podia o Senhor dizer, "eles se têm corrompido; e depressa se têm desviado do caminho que eu lhes tinha ordenado: fizeram para si um bezerro de fundição, e perante ele se inclinaram, e sacrificaram-lhe, e disseram: Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito."

Que espetáculo! Toda a congregação, conduzida por Aarão, o sumo sacerdote, inclinada em adoração ante um objeto feito por um buril dos brinços que haviam sido tirados das orelhas das suas mulheres e filhas! Imagine-se apenas um número de seres inteligentes, um povo dotado de razão, entendimento e consciência, dizendo de um bezerro de ouro: "Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito!" Com efeito, eles substituíram Deus por uma imagem fundida por arte e invenção humana! E este era o povo que havia visto as obras de Javé na terra do Egito. Haviam visto cair praga após praga sobre o Egito e o seu obstinado rei. Haviam visto, com efeito, tremer a terra até o próprio centro com os golpes sucessivos da vara do governo de Javé. Haviam visto o primogênito do Egito morto pela espada do anjo destruidor. Haviam visto o mar Vermelho dividido por um

golpe da vara de Javé, e eles haviam passado em caminho seco entre essas muralhas cristalinas que depois caíram em poder esmagador sobre os seus inimigos.

Todas estas coisas haviam passado ante os seus olhos; e, contudo, eles puderam, tão cedo, esquecer tudo, e dizer de um bezerro de fundição: "Estes são os teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito." Acreditavam eles realmente que uma imagem de fundição havia feito tremer a terra do Egito, humilhado o seu altivo monarca, e os tirara vitoriosamente?— Fora um bezerro que dividira o mar e os conduzira majestosamente através dos seus abismos"? Pelo menos, eles assim disseram; pois o que não dirá o povo quando os olhos e o coração são afastados de Deus e da Sua Palavra?

Sempre a Idolatria...

Mas talvez alguém diga: Isto diz-nos respeito? Os crentes devem aprender alguma coisa do bezerro fundido de Israel? E os avisos feitos a Israel contra a idolatria dizem respeito em sentido algum à Igreja? Corremos nós risco de nos curvamos ante uma imagem de fundição? E possível que nós, cujo elevado privilégio é andar à luz universal do cristianismo do Novo Testamento, possamos jamais adorar um bezerro fundido?

A tudo isto nós respondemos, antes do mais, na linguagem de Romanos 15, 4: "Porque tudo que dantes foi escrito — incluindo Êxodo 22 e Deuterônimo 4 — para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança." Esta breve passagem contém o nosso direito de percorrer o vasto campo da Escritura do Velho Testamento e recolher e apropriarmo-nos das suas preciosas lições para nos alimentarmos das suas "grandes e preciosas promessas"; para beber nas suas profundas e variadas consolações e lucrar com os seus solenes avisos e sãs admoestações.

E então, quanto a sermos capazes ou a estarmos sujeitos a cair no pecado grosseiro de idolatria, temos uma notável resposta em 1 Coríntios 10, onde o apóstolo inspirado prega a própria cena do monte Horebe como um aviso para a Igreja de Deus. O melhor que podemos fazer é citar toda a passagem. Nada há comparável à Palavra de Deus. Possamos nós amá-la, exaltá-la e reverenciá-la mais e mais, dia a dia!

"Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos debaixo da nuvem" — aqueles cujos cadáveres caíram no deserto, bem como os que alcançaram a terra da promessa —, "e todos passaram pelo mar, e todos foram batizados em Moisés, na nuvem e no mar, e todos comeram de um mesmo manjar espiritual, e beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo" — Quão enérgico, quão solene e quão penetrante é isto para todos os críticos! — "Mas Deus não se agradou da maior parte deles, pelo que foram prostrados no deserto. E essas coisas foram-nos

feitas em figura" — notemos atentamente isto — "para que não cobicemos as coisas más" — coisas que são contrárias à mente de Cristo — "como eles cobizaram. Não vos façais, pois, idólatras" — de forma que os crentes professantes podem ser idólatras — "como alguns deles; conforme está escrito: O povo assentou-se a comer e a beber e levantou-se para folgar. E não nos prostituamos, como alguns deles fizeram, e caíram num dia vinte e três mil. E não tentemos a Cristo, como alguns deles também tentaram, e pereceram pelas serpentes. E não murmureis, como também alguns deles murmuraram, e pereceram pelo destruidor. Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos. Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia" (versículos 1 a 12).

Aqui aprendemos da maneira mais clara que não há medida de pecado ou de loucura, não há forma de depravação moral em que não somos capazes de cair, em qualquer momento, se não somos guardados pelo poder de Deus. Não existe segurança para nós senão no abrigo da presença divina. Sabemos que o Espírito de Deus não nos previne contra coisas a que não estamos expostos. Não nos diria: "Não vos façais, pois, idólatras", se não fôssemos capazes de o ser. A idolatria toma várias formas. Não se trata, portanto, de uma questão de forma, mas da própria coisa em si; não da forma exterior, mas da raiz ou princípio da própria coisa. Lemos que "a avareza é idolatria"; e um homem avarento é um idólatra. Quer dizer, um homem que deseja ter mais que Deus lhe tem dado é um idólatra — é com efeito culpado do pecado de Israel quando eles fizeram um bezerro de ouro e o adoraram. O bem-aventurado apóstolo podia muito bem dizer aos Coríntios — dizer-nos a nós — "Portanto, meus amados irmãos, fugi da idolatria." Porque somos admoestados a fugir de uma coisa a que não estamos expostos? Há no Volume divino algumas palavras fúteis? O que querem dizer essas palavras finais da Primeira Epístola de João: "Filhinhos, guardai-vos dos ídolos?" Dizem-nos que estamos em perigo de adorar ídolos? Certamente que sim. Os nossos corações traiçoeiros são capazes de se afastarem do Deus vivo e de levantar algum outro objeto além d'Ele. E o que é isto senão idolatria? Qualquer coisa que domine o coração é o ídolo do coração, seja o que for: dinheiro, prazeres, poder ou qualquer coisa mais; de forma que podemos bem ver a urgente necessidade dos muitos avisos que nos são dados pelo Espírito Santo contra o pecado da idolatria.

Mas nós temos em capítulo 4 de Gálatas uma notável passagem, uma passagem que fala, no mais impressionante tom, à igreja professante. Os gálatas, como todos os outros gentios, haviam adorado ídolos; mas quando do acolhimento do evangelho, haviam-se convertido dos ídolos para servir o Deus vivo e verdadeiro. Os ensinadores judaizantes, não obstante, tinham vindo até junto deles e ensinado que a menos que fossem circuncidados e guardassem a lei, não podiam ser salvos.

Ora, a isto o bem-aventurado apóstolo chama sem hesitação idolatria — um retrocesso à grosseira e moral degradação dos tempos anteriores, e tudo isto depois de haverem professado receber o glorioso evangelho de Cristo. Daí a força moral da interrogação do apóstolo: "Mas, quando não conhecíeis a Deus, servíeis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus", ou, antes, sendo conhecidos de Deus, "como tomais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós que não haja trabalho em vão para convosco."

Isto é especialmente notável. Os gálatas não estavam voltando ostensivamente ao culto dos ídolos. Não é improvável que tivessem repudiado com indignação uma tal ideia. Mas, apesar disso, o apóstolo inspirado pergunta-lhes: "Como tornais outra vez? O que significa esta interrogação, se eles não estavam voltando para a idolatria? E o que vamos nós aprender, agora, de toda essa passagem? Simplesmente isto: que a circuncisão, a observância da lei, a guarda de dias e meses, e tempos e anos, tudo isto, embora em aparência fosse tão diferente, era nada mais, nada menos que voltar à sua antiga idolatria. A observância de dias e o culto de deuses falsos eram coisas pelas quais eles se apartavam do Deus vivo e verdadeiro; de Seu Filho Jesus Cristo; do Espírito Santo; desse brilhante agrupamento de dignidades e glórias que pertencem ao cristianismo.

Tudo isto é peculiarmente solene para os crentes professos. Duvidamos que a plena importância de Gálatas 4:8-10 seja realmente compreendida pela grande maioria daqueles que professam crer na Bíblia. Chamamos solenemente a atenção para todo este assunto de todos aqueles a quem ele possa interessar. Rogamos a Deus que o use com o propósito de despertar os corações e as consciências do Seu povo em toda a parte para considerarem a sua posição, os seus hábitos, caminhos e ligações; e indagarem até onde estão realmente seguindo o exemplo da assembleia de Galácia na observância de dias santos e coisas que tais que só podem afastar-nos de Cristo e da Sua gloriosa salvação.

Virá um dia que abrirá os olhos de milhares para a realidade destas coisas; e então verão o que agora recusam ver — que as próprias formas mais grosseiras e tenebrosas do paganismo podem ser reproduzidas sob o nome do cristianismo, e relacionadas com as verdades mais sublimes que jamais deslumbraram o entendimento humano.

Mas por tardos que possamos ser em admitir a nossa inclinação para cair no pecado de idolatria, é muito claro no caso de Israel, que Moisés, ensinado e inspirado por Deus, sentiu a profunda necessidade de os advertir desse pecado nos termos mais solenes e tocantes. Fez-lhes apelos de todos os pontos de vista possíveis, e reiterou os seus conselhos e admoestações de uma forma tão impressionante, que, seguramente, eles ficavam sem desculpa. Nunca poderiam dizer que se caíam em idolatria era por falta de aviso ou de pedidos cheios de graça e afetuosos. Pense-se

nas palavras seguintes: "Mas o SENHOR vos tomou e vos tirou do forno de ferro do Egito, para que lhes sejais por povo hereditário, como neste dia se vê" (versículo 20).

Podia haver alguma coisa mais tocante do que isto? O Senhor, em Sua rica e soberana graça, e por Sua poderosa mão tirara-os da terra da morte e trevas, um povo redimido e libertado. Tirou-os para Si mesmo, para que eles pudessem ser o Seu povo peculiar de entre todos os povos da terra. Como poderiam então apartar-se d'Ele, do Seu concerto e dos Seus preciosos mandamentos?

Mas, ah, puderam e fizeram-no! Fizeram um bezerro de fundição. Então disseram: "Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito." Pense-se nisto! Um bezerro feito por suas próprias mãos — uma imagem, esculpida por parte e imaginação humana, tinha-os tirado do Egito! Um objeto feito dos brincos das orelhas das mulheres havia-os redimido e libertado! E isto foi escrito para nosso ensino. Mas por que havia de ser escrito para nosso ensino se não fôssemos capazes de cometer o mesmo pecado e não estivéssemos expostos a ele? Ou havemos de admitir que Deus, o Espírito Santo, escreveu uma expressão desnecessária ou admitir a nossa necessidade de admoestação contra o pecado de idolatria; e, seguramente, a nossa necessidade de admoestação prova a nossa inclinação para esse pecado.

Somos nós melhores do que Israel? De modo nenhum. Temos luz mais brilhante e mais elevados privilégios; mas, no que nos diz respeito, somos feitos do mesmo material, temos as mesmas capacidades e as mesmas inclinações que eles tinham. A nossa idolatria pode tomar uma forma diferente da deles; mas idolatria é idolatria, seja qual for a sua forma; e quanto mais elevados os nossos privilégios, tanto maior o nosso pecado. Podemos-nos sentir talvez dispostos a estranhar que um povo racional pudesse ser culpado de tão perversa loucura como a de fabricar uma vaca e de se inclinar perante ela, e isto depois de ter tido uma tal manifestação da majestade, poder e glória de Deus. Recordemos que a sua loucura está mencionada para nossa admoestação; e que, nós com toda a nossa luz, todo o nosso conhecimento, todos os nossos privilégios, somos avisados para "fugir da idolatria". Meditemos atentamente em tudo isto e busquemos o proveito que dele se pode tirar. Que todo o nosso coração seja cheio de Cristo, e então não teremos lugar para ídolos. Esta é a nossa salvaguarda. Se nos afastamos, ainda que seja no mínimo sentido, do nosso bendito Salvador e Pastor, somos capazes de cair nas formas mais tenebrosas de erro e pecado moral. Luz, conhecimento, privilégios espirituais, posição eclesiástica, benefícios sacramentais não são uma segurança para a alma. São muito bons, no seu próprio lugar, e se forem convenientemente usados; mas, em si mesmos, apenas aumentam o nosso perigo moral.

Nada pode manter-nos em segurança, justiça e felicidade senão a presença de Cristo pela fé em nossos corações. Permanecendo n'Ele e Ele em nós, o maligno

não pode tocar-nos. Mas se a comunhão pessoal não for diligentemente mantida, quanto mais alta for a nossa posição, maior será o nosso perigo e mais desastrosa a nossa queda. Não houve nação abaixo da abóbada celeste mais favorecida e exaltada do que Israel quando se juntou em redor do monte Horebe para ouvir a Palavra de Deus. Não houve nação à face da terra mais aviltada ou mais culpado do que ela quando se inclinou perante o bezerro de ouro, uma imagem feita por suas próprias mãos.

O Julgamento Começa pela Casa de Deus

Devemos agora dar a nossa atenção a um fato do maior interesse apresentado no versículo 21 do nosso capítulo, e isto é que Moisés, pela terceira vez, recorda à congregação o tratamento judicial de Deus com ele próprio. Havia falado desse fato, como havemos visto, em capítulo 1:37; e outra vez em capítulo 3:26; e aqui, outra vez, ele diz-lhes; "Também o SENHOR se indignou contra mim, for causa das vossas palavras, e jurou que eu não passaria o Jordão e que não entraria na boa terra que o SENHOR, teu Deus, te dará por herança. Porque nesta terra morrerei, não passarei o Jordão; porém vós o passareis e possuireis aquela boa terra."

Agora, podemos perguntar, por que está tríplice referência ao mesmo fato? - E por que a especial menção em todas elas da circunstância que Javé estava indignado com ele por causa deles? - Uma coisa é certa: não era com o propósito de lançar a culpa sobre o povo, ou de se excluir a si próprio. Ninguém senão um infiel poderia pensar tal coisa. Nós cremos que o simples objetivo era dar maior força moral ao seu apelo, mais solenidade à voz da sua advertência. Se o Senhor estava indignado com uma pessoa como Moisés; se ele, por causa de haver falado imprudentemente junto às águas de Meriba, era proibido de entrar na terra prometida — por muito que ele o desejasse — quão necessário era que eles tomassem cuidado! É uma coisa séria ter que tratar com Deus — bem-aventurada, sem dúvida, além de toda a expressão humana ou pensamento, mas muito séria, como o próprio legislador teve ocasião de comprovar em sua própria pessoa.

Que é este o verdadeiro ponto de vista desta interessante questão parece evidente pelas seguintes palavras: "Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do SENHOR, VOSSO Deus, que tem feito convosco, e vos façais alguma escultura, imagem de alguma coisa que o SENHOR, vosso Deus, vos proibiu. Porque o SENHOR, teu Deus, é um fogo que consome, um Deus zeloso."

Isto é especialmente solene. Devemos permitir que este relato tenha toda a sua força sobre as nossas almas. Não devemos tentar desviar os seus efeitos por quaisquer falsas ideias sobre a graça. Ouvimos dizer às vezes que "Deus é um fogo consumidor para o mundo". Sê-lo-á em breve, sem dúvida, mas agora está atuando em graça, paciência e paciente misericórdia com o mundo. Não está agindo em juízo com o mundo no tempo presente. Mas, como o apóstolo Pedro nos diz: "Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro

começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?-" Assim também em Hebreus 12, lemos: "Porque o nosso Deus é um fogo consumidor." Não se fala aqui do que Deus será para o mundo, mas do que Ele é para nós. Nem tampouco é, como alguns interpretam: "Deus é um fogo consumidor fora de Cristo. Nós nada sabemos de Deus fora de Cristo. Fora de Cristo não poderia ser nosso Deus."

Não, prezado leitor; a Escritura não necessita de tais contorções e rodeios. Deve ser aceite como está. E clara e precisa; e tudo que temos de fazer é ouvir e obedecer. "O nosso Deus é um fogo consumidor"; "um Deus zeloso", não para nos consumir, bendito seja o Seu santo nome, mas para consumir o mal em nós e nos nossos caminhos. E intolerante com tudo em nós que Lhe é contrário — contrário à sua santidade; e, portanto, contrário à nossa felicidade, a nossa verdadeira, sólida bênção. Como "Pai Santo", guarda-nos de uma maneira digna de Si mesmo; e castiga-nos, a fim de nos tornar participantes da Sua santidade. Permite que o mundo continue no tempo presente, não interferindo publicamente com ele. Mas julga a Sua casa, e castiga os Seus filhos a fim de que possam mais amplamente corresponder à Sua mente, e serem a expressão da Sua imagem moral.

E não é isto um imenso privilégio? Sim, verdadeiramente é um privilégio da ordem mais elevada — um privilégio que emana da infinita graça do nosso Deus que condescende em Se interessar por nós e Se ocupa até mesmo das nossas enfermidades, das nossas faltas e dos nossos pecados, a fim de nos libertar deles e nos fazer participantes da Sua santidade.

A Disciplina

Há uma passagem muito interessante a respeito deste assunto no princípio de Hebreus 12, que, por ser de imensa importância prática, devemos citar para o leitor: "Filho meu, não desprezes a correção do Senhor e não desmaies quando, por ele, fores repreendido; porque o Senhor corrige o que ama e açoita a qualquer que recebe por filho. Se suportais a correção, Deus vos trata como filhos; porque que filho há a quem o pai não corrija?-Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois, então, bastardos e não filhos. Além do que, tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos; não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade. E, na verdade, toda a correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas, depois, produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela. Portanto, tornai a levantar as mãos cansadas e os joelhos desconjuntados."

Existem três modos de receber o castigo divino: Podemos "desprezá-lo", como alguma coisa vulgar, que pode acontecer a qualquer pessoa: não vemos a mão de

Deus nele. Podemos também "desmaiar" debaixo dele, como se fosse alguma coisa pesada demais para a transportarmos — alguma coisa impossível de suportar. Não vemos o coração do Pai nisso, nem reconhecemos o Seu gracioso objetivo com isso, que é fazer-nos participantes da Sua santidade. Por último, podemos ser "exercitados" por Ele. Este é o modo de recolher "o fruto pacífico de justiça que depois produz". Não ousaremos "desprezar" uma coisa na qual vemos a mão de Deus. Não necessitamos desmaiar ante uma provação em que discernimos claramente o coração do Pai amantíssimo que não permitirá que sejamos provados acima do que podemos suportar; senão que com a prova dará a saída a fim de podermos suportá-la; e que também misericordiosamente nos explica o Seu objetivo com a disciplina, e nos garante de que cada açoite da sua vara é uma prova do Seu amor e uma resposta direta à oração de Cristo em João 17:11, na qual Ele nos recomenda ao cuidado do "Pai Santo", a fim de sermos guardados segundo esse nome e tudo que ele envolve.

Além disso, há três atitudes distintas do coração a respeito do castigo divino, a saber: sujeição, aquiescência, e regozijo. Quando a vontade está quebrantada, existe sujeição. Quando o entendimento está iluminado quanto ao objetivo em castigo, há calmo consentimento. E quando os afetos estão ocupados com o coração do Pai existe alegria. E nós podemos continuar com corações alegres segando a ceara dourada dos frutos pacíficos de justiça para louvor d'Aquele que, em Seu amor e compaixão, toma a Seu cargo cuidar de nós e tratar conosco em Seu governo e concentrar o Seu cuidado sobre nós em particular como se tivesse de atender só a cada um, individualmente, como se não tivesse de tratar de mais ninguém.

Quão admirável é tudo isto! E como só o pensar nisso deveria ajudar-nos em todas as nossas provações e experiências! Estamos nas mãos d'Aquele cujo amor é infinito, cuja sabedoria é infalível, cujo poder é onipotente, cujos recursos são inesgotáveis. Por que devemos então sentirmo-nos desanimados Se Ele nos castiga, é porque nos ama e busca o nosso verdadeiro bem. Podemos pensar que o castigo é duro. Podemos sentir dispostos a estranhar, por vezes, como o amor nos pode infligir sofrimento e dor; mas devemos lembrar que o amor divino é sábio e fiel, e somente inflige dor, ou enfermidade para nosso proveito e bênção. Nem sempre devemos julgar o amor pela forma com que se reveste. Considere-se uma mãe apaixonada e terna aplicando um cáustico ao filho que ama como a sua própria alma. Sabe perfeitamente que aquele cáustico produzirá a seu filho verdadeira dor e sofrimento; e todavia ela aplica-o resolutamente, embora o seu coração sofra agudamente por ter de o fazer. Mas sabe que é absolutamente necessário; crê que, humana e cientificamente falando, a vida da criança depende disso. Sente que alguns momentos de dor podem, com a bênção de Deus, restabelecer a saúde ao seu querido filho. Assim, enquanto a criança está somente ocupada com o seu

sofrimento passageiro, a mãe está pensando no bem permanente que resultará; e se ao menos a criança pudesse pensar como a mãe, o cáustico não seria tão difícil de suportar.

Ora acontece precisamente assim com o assunto do tratamento disciplinar de nosso Pai conosco; e a lembrança deste fato ajudar-nos-á grandemente a suportar seja o que for que a Sua mão possa aplicar-nos como castigo. Poderá dizer-se talvez que existe uma grande diferença entre a aplicação de um cáustico por alguns minutos e anos de sofrimento corporal intenso. Há sem dúvida, mas há também uma grande diferença entre os resultados conseguidos em cada caso. É o princípio do assunto que devemos considerar. Quando vemos um amado filho de Deus, ou um servo de Cristo, chamado a passar anos de intenso sofrimento, podemos sentir-nos inclinados a estranhar por que é assim; e talvez o querido paciente possa sentir-se também disposto a estranhar, e, por vezes, pronto a desmaiar sob o peso da sua prolongada aflição. Poderá sentir-se induzido a exclamar: "Por que estou assim? Pode isto ser amor? Pode isto ser a expressão do cuidado terno de um Pai?" — "Sim, na verdade", é a resposta decidida e brilhante da fé. — É tudo amor — divinamente justo. Por nada deste mundo eu quisera que fosse de outro modo. Sei que este sofrimento transitório opera bênção eterna. Sei que o meu Pai amantíssimo me pôs neste forno para me purificar da minha impureza e reproduzir em mim a expressão da Sua própria imagem. Sei que o amor divino fará sempre o que é melhor para o seu objetivo, e portanto, este intenso sofrimento é a coisa melhor para mim. Sinto-o, evidentemente, pois não sou um pau ou uma pedra. Meu Pai celestial quer que eu o sinta, assim como a mãe espera que o cáustico resulte, pois de outro modo nenhum bem produziria. "Mas eu louvo-O de todo o meu coração, pela graça que brilha no fato maravilhoso de Ele próprio Se ocupar comigo, deste modo, para corrigir o que Ele vê que é mau em mim. Louvo-O por me haver posto no forno do sofrimento; e como posso eu deixar de louvá-Lo quando O vejo, em graça infinita, sentado sobre o forno para vigiar o processo de purificação e me tirar logo que a obra estiver feita?

Este é, prezado leitor, o verdadeiro caminho, e tal é o espírito reto para passar através do castigo de qualquer espécie, seja aflição corporal, perda de entes queridos ou de bens, ou a força das circunstâncias. Devemos ver nisso a mão de Deus, ler o pensamento do coração do Pai, reconhecer o propósito divino em tudo isso. Isto nos permitirá justificar e glorificar a Deus no meio do forno de aflição. Corrigirá todo o pensamento de murmuração e fará calar toda a expressão de mau humor. Encherá os nossos corações da mais doce paz e as nossas bocas de louvor.

A Queda e a Restauração de Israel

Devemos agora prosseguir, por uns momentos, com os versículos finais do nosso capítulo, nos quais encontraremos alguns dos mais comovedores e poderosos

apelos ao coração e à consciência da congregação. O legislador, em profundo, verdadeiro e fervente amor do seu coração, emprega os mais solenes avisos, a mais sincera admoestação e os mais ternos rogos a fim de guiar o povo ao magno e importante ponto de obediência. Se lhes fala do forno de ferro do Egito, do qual o Senhor, em Sua graça soberana, os havia libertado; se expõe os sinais poderosos e maravilhas operados em seu favor; se põe à sua vista as glórias dessa terra em que estavam prestes a pôr os seus pés; ou se relata os atos maravilhosos de Deus com eles no deserto, é tudo com o propósito de fortalecer a base moral do direito do Senhor sobre a sua amável e reverente obediência. O passado, o presente e o futuro são postos diante deles a fim de que sirvam de argumentos poderosos para se consagrarem de todo o coração ao serviço do gracioso e onipotente libertador. Em suma, todas as razões favoreciam a sua obediência e não havia nenhuma desculpa para desobediência. Todos os fatos da sua história, desde o princípio ao fim, estavam eminentemente calculados para dar força moral à exortação e aviso da seguinte passagem:

"Guardai-vos de que vos esqueçais do concerto do SENHOR, vosso Deus, que tem feito convosco, e vos façais alguma escultura, imagem de alguma coisa que o SENHOR, VOSSO Deus, vos proibiu. Porque o SENHOR, teu Deus, é um fogo que consome, um Deus zeloso. Quando, pois, gerardes filhos e filhas de filhos, e vos envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma escultura, semelhança de alguma coisa, e fizerdes mal aos olhos do SENHOR, para o provocar à ira, hoje, tomo contra vós por testemunhas o céu e a terra, que certamente perecereis depressa da terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir; não prolongareis os vossos dias nela; antes, sereis de todo destruídos. E o SENHOR vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes às quais o SENHOR VOS conduzirá. E ali servireis a deuses que são obra de mãos de homens, madeira e pedra, que não veem nem ouvem, nem comem, nem cheiram" (versículos 23 a 28).

Quão solene é tudo isto! Que fiéis avisos há aqui! O céu e a terra são convocados como testemunhas. Ah, quão cedo e de que modo tão completo tudo isto foi esquecido! E quão literalmente todas estas graves admoestações têm sido cumpridas na história da nação!

Mas, graças a Deus, há um lado luminoso no quadro. Há misericórdia bem como juízo; e o nosso Deus, bendito seja para sempre o Seu santo Nome, é alguma coisa mais que "um fogo consumidor". Decerto, é um fogo consumidor, porquanto é santo. Não pode tolerar o mal, e tem de consumir as nossas escórias. Além disso, é zeloso, porque não pode suportar que nenhum rival tenha um lugar nos corações daqueles a quem ama. Tem de possuir todo o coração, porque só Ele é digno dele, assim como somente Ele pode enchê-lo e satisfazê-lo para sempre. E se o Seu povo se desvia d'Ele, e vai após os ídolos de sua invenção, tem de colher os frutos

amargos dos seus próprios atos, e experimentar por triste e terrível experiência a verdade destas palavras. "As dores se multiplicarão àqueles que fazem oferendas a outro deus" (SI 16:4).

Mas notemos como Moisés apresenta de modo tocante ao povo o lado brilhante das coisas — um brilho emanando da eterna estabilidade da graça de Deus, e a perfeita provisão que essa graça tem feito para toda a necessidade do Seu povo, desde o princípio ao fim.

"Então" — quão formosos são alguns curtos vocábulos da Sagrada Escritura! — "dali, buscarás ao SENHOR, teu Deus, e o acharás, quando o buscares de todo o teu coração e de toda a tua alma" —excelente graça! — "Quando estiveres em angústia" — esse é o tempo de descobrir o que o nosso Deus é — "e todas estas coisas te alcançarem, então, no fim de dias, te virarás para o SENHOR, teu Deus, e ouvirás a sua voz". E então? Encontrarás "um fogo consumidor? Não; mas, "Porquanto o SENHOR, teu Deus, é Deus misericordioso; e não te desampará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais" (versículos 29 a 31).

Aqui podemos observar de um modo notável o futuro de Israel, o seu afastamento de Deus, e a conseqüente dispersão entre as nações; o completo fracasso da sua constituição política e o desvanecimento da sua glória nacional. Mas, bendito seja para sempre o Deus de toda a graça, existe alguma coisa para lá de todo esse fracasso e pecado, ruína e juízo. Quando chegamos ao fim da história melancólica de Israel — história que pode verdadeiramente ser resumida em uma breve mas compreensiva expressão "Para tua perda, ó Israel te rebelaste" (Os 13:9), encontramos a magnificente demonstração da graça, misericórdia e fidelidade de Javé, o Deus dos seus pais, cujo coração de amor se descobre no complemento da frase, "contra mim, contra o teu ajudador." Sim; todo o assunto está envolvido nestas duas vigorosas expressões: "Para tua perda te rebelaste"; "Mas em Mim está a tua ajuda". Na primeira temos a aguda flecha para a consciência de Israel; na última do bálsamo calmante para o coração quebrantado de Israel.

Pensando na nação de Israel, há duas páginas que temos de estudar, a saber: a histórica e a profética. A página da história relata, com inequívoca fidelidade, a sua completa ruína. A página da profecia desenrola, com expressões de incomparável graça, o remédio de Deus. O passado de Israel tem sido sombrio e triste. O futuro de Israel será brilhante e glorioso. No primeiro vemos os atos miseráveis do homem; no último os benditos caminhos de Deus. Aquele dá a pujante ilustração do que o homem é; este a brilhante manifestação do que Deus é. Temos de encarar ambos, se queremos compreender convenientemente a história desse povo notável — "Um povo terrível desde o seu princípio" (Is 18:2) — e nós podemos verdadeiramente acrescentar, um povo maravilhoso desde o seu princípio.

Não é nossa intenção neste momento adicionar provas em apoio das nossas afirmações quanto ao passado e futuro de Israel. Para isso, podemos dizer, sem exagero, que necessitaríamos de um volume, visto que seria simplesmente uma cópia de vastas porções dos livros históricos da Bíblia, por um lado; e por outro lado dos livros proféticos. Isto, desnecessário é dizer, está fora de discussão; mas sentimo-nos obrigados a chamar a atenção do leitor para o precioso ensino compreendido na passagem acima citada. Encerra, no seu curto espaço, toda a verdade a respeito do passado, do presente e do futuro de Israel. Note-se como o seu passado está vividamente retratado nestas breves palavras: "Quando, pois, gerardes filhos e filhos de filhos, e vos envelhecerdes na terra, e vos corromperdes, e fizerdes alguma escultura, semelhança de alguma coisa, fizerdes mal aos olhos do SENHOR, para o provocar à ira." Não é isto precisamente o que eles têm feito? Não está aqui, de fato, a sua conduta descrita em poucas palavras?- Fizeram mal aos olhos do Senhor, seu Deus, para O provocarem à ira. Essa palavra "mal" inclui tudo, desde o bezerro de Horebe à cruz do Calvário. Tal é o passado de Israel.

E agora quanto ao seu presente?- Não são um monumento permanente da verdade imorredoura de Deus? Faltou um jota ou um til a tudo que Deus falou? Escute-se estas palavras: "Hoje, tomo por testemunhas contra vós o céu e a terra, que certamente perecereis depressa da terra, a qual, passado o Jordão, ides possuir; não prolongareis os vossos dias nela; antes sereis de todo destruídos. E o SENHOR vos espalhará entre os povos, e ficareis poucos em número entre as gentes, às quais o SENHOR VOS conduzirá" (versículos 26-27).

Não tem tudo isto sido cumprido ao pé da letra? Quem o pode duvidar?- O passado de Israel e o presente de Israel confirmam de igual modo a verdade da Palavra de Deus. E não temos nós razão para declarar que, assim como o passado e o presente são um cumprimento literal da verdade de Deus, assim será o futuro? Certamente que sim. A página da história e a página da profecia foram ambas redigidas pelo mesmo Espírito; e portanto são ambas de igual modo verdadeiras; e do mesmo modo que a história relata o pecado e a dispersão de Israel, a profecia prediz o arrependimento de Israel e a sua restauração. Uma coisa é tão verdadeira para a fé como a outra. Tão certo como Israel pecou no passado, e se encontra espalhado no presente, certamente, eles se arrependerão e serão restaurados no futuro.

Isto está, segundo cremos, fora de toda a dúvida; e nos regozijamos por isso. Não há nenhum profeta, desde Isaías a Malaquias, que não mostre distintamente, em acentos da mais doce graça e a mais terna misericórdia, a bênção futura e proeminente glória da semente de Abraão (1). Seria simplesmente agradável citar algumas das passagens sublimes que tratam deste interessantíssimo assunto; mas devemos deixar ao leitor o cuidado de as ler por si mesmo, recomendando-lhe especialmente as preciosas passagens incluídas nos capítulos finais de Isaías, nos quais encontrará um perfeito recreio, bem como a mais completa confirmação do

relato apostólico de que "todo o Israel será salvo". Todos os profetas, "desde Samuel e os que o seguiram" concordam sobre isto. Os ensinamentos do Novo Testamento harmonizam-se com as vozes dos profetas; e por isso pôr em dúvida a verdade da restauração de Israel à sua própria terra e bênção final nela sob o domínio do seu Messias é simplesmente desconhecer ou negar o testemunho dos profetas e dos apóstolos que falaram e escreveram por inspiração de Deus o Espírito Santo; e pôr de lado um corpo de evidência da Escritura perfeitamente esmagador.

(1) Jonas é, evidentemente, uma exceção, a sua missão era ir a Nínive. É o único profeta cuja missão dizia exclusivamente respeito aos gentios.

As Profecias Concernentes a Israel não se Aplicam à Igreja

Parece estranho que qualquer alma que verdadeiramente ame a Cristo procure fazer tal coisa; contudo, assim é, e assim tem sido, por preconceitos religiosos, inclinação teológica, e diversas causas. Mas, não obstante tudo isto, a gloriosa verdade da restauração de Israel e a sua preeminência na terra brilha com fulgor na página profética, e todos os que buscam pô-la de parte ou interferir com ela, de algum modo, não só insultam a Sagrada Escritura — contradizendo a voz unânime dos apóstolos e profetas — mas também se intrometem — ignorante e inconscientemente, sem dúvida — com o desígnio, propósito e promessa do Senhor, Deus de Israel, e procuram invalidar o Seu concerto com Abraão, Isaque e Jacó.

E uma obra séria para todo aquele que a empreende; e nós julgamos que muitos a estão fazendo sem o saberem; porque temos de entender que todo aquele que aplica as promessas feitas aos pais no Velho Testamento aos pais na Igreja do Novo Testamento está realmente fazendo a obra de que falamos. Mantemos que ninguém tem o mínimo direito de alienar as promessas feitas aos pais. Podemos aprender muito dessas promessas; deleitarmo-nos nelas; tirar conforto e encorajamento da sua eterna estabilidade e direta aplicação. Tudo isto é uma verdade bendita; mas é uma coisa muito diferente que alguém, sob a influência de um sistema de interpretação falsamente chamado "espiritualismo" queira aplicar à Igreja ou aos crentes do tempo do Novo Testamento; profecias que, tão simples e claramente como as palavras podem indicar, se aplicam a Israel — à semente literal de Abraão.

Consideramos isto como uma coisa muito séria. Compreendemos pouco quanto tudo isto é completamente contrário à mente e ao coração de Deus. Deus ama Israel—ama-os por amor dos pais; e podemos estar certos de que Ele não sancionará a nossa interferência com o lugar deles, a sua porção, ou as suas perspectivas. Conhecemos todas as palavras do apóstolo inspirado em Romanos 11, todavia podemos ter esquecido o seu verdadeiro significado.

Falando de Israel, em relação com a promessa da oliveira, ele diz: "E também eles, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; porque" — pela simples, sólida e bendita de todas as razões — "poderoso é Deus" — assim como certamente quer — "para os tornar a enxertar. Porque, se tu foste cortado do natural zambujeiro e, contra a natureza, enxertado na boa oliveira, quanto mais esses, que são naturais, serão enxertados na sua própria oliveira! Porque não quero, irmãos, que ignoreis este segredo (para que não presumais de vós mesmos): que o endurecimento veio em parte sobre Israel, até que a plenitude dos gentios haja entrado (1). E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, e desviará de Jacó as impiedades. E este será o meu concerto com eles, quando eu tirar os seus pecados. Assim que, quanto ao evangelho, são inimigos por causa de vós; mas, quanto à eleição, amados por causa dos pais. Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento. Porque assim como vós também, antigamente, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia pela desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes, para também alcançarem misericórdia pela misericórdia a vós demonstrada." Isto é, que em vez de entrarem por causa da lei ou descendência carnal, entrariam simplesmente sobre a base da misericórdia soberana, precisamente como os gentios — "Porque Deus encerrou a todos debaixo da desobediência, para com todos usar de misericórdia" (Rm 11:23 a 33).

(1) É conveniente que o leitor compreenda a diferença entre "a plenitude dos gentios" em Romanos 11 e "os tempos dos gentios" em Lucas 21. A primeira expressão diz respeito àqueles que estão agora sendo agregados à igreja; a última, pelo contrário, refere-se aos tempos da supremacia dos gentios que começou com Nabucodonosor e corre até ao tempo em que "a pedra cortada sem mãos" cairá, com poder esmagador, sobre a imagem de Daniel 2.

Aqui finda a parte que se aproxima do nosso tema imediato; mas não podemos deixar de reproduzir a esplêndida doxologia que se desprende do transbordante coração do apóstolo inspirado ao encerrar a grande parte dispensacional da sua Epístola: "O profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor?— Ou quem foi seu conselheiro?— Ou quem lhe deu primeiro a ele, para que lhe seja recompensado? Porque dele" — como a origem — "e por ele"— como o canal — "e para ele" — como o objetivo — "são todas as coisas; glória, pois, a ele eternamente. Amém!"

Os Caminhos de Deus com Israel

A esplêndida passagem precedente, como na realidade toda a Escritura, está de perfeita harmonia com o ensino do quarto capítulo do nosso livro. A presente condição de Israel é o fruto da sua sombria incredulidade. O futuro de Israel será o fruto da rica misericórdia de Deus. "Porquanto o SENHOR, teu Deus, é Deus misericordioso; e não te desampará, nem te destruirá, nem se esquecerá do concerto que jurou a teus pais. Porque, pergunta agora aos tempos passados, que te precederam desde o dia em que Deus criou o homem sobre a terra, desde uma extremidade do céu até à outra"— as extremidades do tempo e do espaço eram convidadas para ver — "se sucedeu jamais coisa tão grande como esta, ou se se ouviu coisa como esta; ou se algum povo ouviu a voz de algum deus falando do meio do fogo, como tu a ouviste, ficando vivo; ou se um deus intentou ir tomar para si um povo do meio de outro povo, com provas, com sinais, e com milagres, e com peleja, e com mão forte, e com braço estendido, e com grandes espantos, conforme tudo quanto o SENHOR, VOSSO Deus, vos fez no Egito, aos vossos olhos. A ti te foi mostrado para que soubesses que o SENHOR é Deus; nenhum outro há, senão ele. Desde os céus te fez ouvir a sua voz, para te ensinar, e sobre a terra te mostrou o seu grande fogo, e ouviste as suas palavras do meio do fogo" (versículos 31 a 36).

Aqui temos revelado com singular poder moral o grande objetivo de todos os atos divinos a favor de Israel. Era para que pudessem saber que Javé era o único Deus vivo e verdadeiro; e que fora d'Ele não podia haver outro. Em suma, era propósito de Deus que Israel fosse um testemunho d'Ele na terra; como o serão certamente; embora até agora tenham falhado grandemente e dado lugar a que o Seu grande e santo nome seja blasfemado entre as nações. Nada pode impedir o propósito de Deus. O Seu concerto permanecerá para sempre. Israel será ainda um testemunho abençoado e eficaz de Deus na terra e um canal de rica e eterna bênção para todas as nações. Javé empenhou a Sua Palavra a este respeito; e nem todos os poderes da terra e do inferno, dos homens e dos demônios conjugados podem impedir o pleno cumprimento de tudo quanto Ele tem dito. A sua glória está envolvida no futuro de Israel; e se um simples jota ou um til da Sua Palavra faltasse, seria uma desonra para o Seu grande nome e uma ocasião para o inimigo, o que é absolutamente impossível. O futuro de Israel e a glória de Javé estão enlaçados entre si por um vínculo que nunca poderá ser quebrado. Se isto não for visto claramente não podemos compreender nem o passado nem o futuro de Israel. Mais ainda, podemos assegurar com toda a confiança, que a não ser que este bendito fato seja plenamente compreendido, o nosso sistema de interpretação profética será inteiramente falso.

Mas há outra verdade exposta no nosso capítulo — uma verdade preciosa e de especial interesse. Não é meramente a glória do Senhor que está envolvida na restauração futura e bênção de Israel; o amor do Seu coração está também

comprometido com isso. Isto é revelado, com comovedora doçura, nas seguintes palavras: "Porquanto amava teus pais, e escolheu a sua semente depois deles, te tirou do Egito diante de si, com a sua grande força, para lançar fora de diante de ti gentes maiores e mais poderosas do que tu, para te introduzir na terra e te dar por herança, como neste dia se vê."

Assim a verdade da Palavra de Deus, a glória do Seu grande nome, e o amor de Seu coração estão completamente envolvidos nos seus atos com a semente de Abraão Seu amigo; e embora eles tenham quebrantado a lei, desonrado o Seu nome, desprezado a Sua misericórdia, rejeitado os Seus profetas, crucificado Seu filho, e resistido ao Seu Espírito—embora hajam feito tudo isto, e, como sua consequência, estejam espalhados, despojados e quebrantados e ainda tenham de passar por inédita tribulação — todavia o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó glorificará o Seu nome, cumprirá a Sua Palavra e manifestará o amor imutável de Seu coração na história futura do Seu povo terrestre. "Nada altera o amor de Deus." A que Ele ama, e como ama, ama até ao fim.

Se negarmos isto a respeito de Israel não temos tanto como uma simples plegada de terreno firme para nós próprios. Se tocarmos na verdade de Deus em uma parte, não temos segurança em nada. "A Escritura não pode ser anulada." "Porque todas quantas promessas há de Deus são nele sim; e por ele o Amém, para glória de Deus, por nós" (2 Co 1:20). Deus tem-Se comprometido a Si mesmo com a semente de Abraão. Prometeu dar-lhes a terra de Canaã para sempre. "Porque os dons e a vocação de Deus são sem arrependimento." Ele nunca Se arrepende do Seu dom ou da Sua chamada; e portanto procurar alienar as Suas promessas e os Seus dons, ou interferir, de qualquer modo, com a sua aplicação ao seu verdadeiro e próprio objetivo deve ser uma grave ofensa para Si. Marcha a integridade da verdade divina, priva-nos de toda a certeza na interpretação da Sagrada Escritura e lança a alma em trevas, dúvida perplexidade.

O ensino da Escritura é claro, definido e distinto. O Espírito Santo, que inspirou o Sagrado Volume, quer dizer o que diz, e diz o que quer dizer. Se fala de Israel, refere-Se a Israel; de Sião, refere-Se a Sião; de Jerusalém, refere-Se a Jerusalém. Aplicar qualquer destes nomes à igreja do Novo Testamento é confundir coisas diferentes entre si, e introduzir um método de interpretação da Escritura que, por sua incerteza e frouxidão, só pode conduzir às mais desastrosas consequências. Se manejamos a Palavra de Deus de uma maneira tão liberal e descuidada, é absolutamente impossível realizar a sua divina autoridade sobre a consciência ou mostrar o seu poder formativo na nossa carreira, conduta e caráter.

A Divina Inspiração dos Cinco Livros de Moisés

Devemos considerar agora, por uns momentos, o poderoso apelo com que Moisés resume o seu discurso neste capítulo. Requer a nossa profunda e reverente atenção.

"Pelo que hoje saberás e refletirás no teu coração, que só o SENHOR é Deus em cima no céu e em baixo na terra; nenhum outro há. E guardarás os seus estatutos e os seus mandamentos, que te ordeno hoje, para que bem te vá a ti e a teus filhos depois de ti e para que prolongues os dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá para todo o sempre" (versículos 39-40).

Aqui vemos que o direito moral sobre o seu coração é baseado sobre o caráter revelado de Deus e os Seus atos maravilhosos em seu favor. Numa palavra, eles estavam obrigados a obedecer — obrigados por todas as alegações que pudessem de algum modo influir sobre o coração, a consciência e o entendimento. Aquele que os havia tirado da terra do Egito com mão forte e braço estendido, que havia feito tremer essa terra até os seus próprios fundamentos com os repetidos golpes da Sua vara judicial; que havia aberto um caminho para eles passarem através do mar; que lhes havia enviado pão do céu e tirado água da pederneira; e tudo isto para glória do Seu grande nome, e porque amava os seus pais, tinha direito de ser obedecido por eles de todo o coração.

Este é o grande argumento, tão eminentemente característico deste abençoado livro de Deuteronomio. E, certamente, isto está pleno de instrução para o crente. Se Israel estava moralmente obrigado a obedecer, quanto mais o estamos nós! Se os seus motivos e fins eram poderosos, quanto mais o são os nossos! Sentimos o seu poder? Consideramo-los em nossos corações? Consideramos os direitos de Cristo sobre nós? Lembramo-nos de que não somos de nós mesmos, mas que fomos comprados por bom preço, o preço infinitamente precioso do sangue de Cristo? Compreendemos isto? Procuramos viver para Ele? — A Sua glória é o objetivo que inspira os nossos atos, o Seu amor é o motivo que nos constrangei Ou vivemos para nós mesmos? Procuramos prosperar no mundo — o mundo que crucificou o nosso bendito Senhor e Salvador? Buscamos fazer fortuna? Amamos o dinheiro, quer seja pelo que é, quer seja pelo que pode proporcionar- nos? Deixamo-nos governar pelo dinheiro? Buscamos um lugar no mundo, quer para nós quer para os nossos filhos? Esquadrinhemos honestamente os nossos corações, como se estivéssemos na presença divina, à luz da verdade de Deus, o que é o nosso objetivo — o verdadeiro, dominante e querido objetivo de nossos corações?

Prezado leitor, estas são perguntas perscrutadoras. Não as desprezemos. Ponderemos a sua importância à própria luz do tribunal de Cristo. Julgamos que são salutares interrogações muito necessárias. Vivemos em dias muito solenes. Existe por todos os lados muita simulação; e em nada mais é esta simulação tão terrivelmente clara como na assim chamada religião. Os próprios dias em que caiu a nossa sorte foram delineados por uma pena que nunca põe cores, nunca exagera, mas sempre apresenta os homens e as coisas como realmente eles são. "Sabe, porém, isto: que nos últimos dias" — completamente distintos "dos últimos tempos" de 1 Timóteo 4, mais avançados, mais rigorosamente definidos, estes

últimos dias em que — "sobrevirão tempos trabalhosos [ou difíceis]; porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus." E depois note-se a maneira como o apóstolo inspirado remata esta espantosa superestrutura! — "Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te" (2 Tm 3:1 a 5).

Que terrível quadro! Aqui temos em palavras graves e inflamadas a cristandade infiel; precisamente como em 1 Timóteo 4 temos a cristandade supersticiosa. Na última vemos o papado; na primeira infidelidade. Ambos elementos estão atuando em redor de nós; mas o último ainda se levantará em proeminência; na verdade, até mesmo na atualidade, está avançando com rápidos passos. Os próprios líderes e mestres da cristandade não se envergonham nem se assustam por atacar os fundamentos do cristianismo. Um chamado bispo cristão não se envergonha nem se amedronta de pôr em dúvida a integridade dos cinco livros de Moisés, e, com eles, de toda a Bíblia; porque, certamente, se Moisés não foi o autor inspirado do Pentateuco, todo o edifício, da Sagrada Escritura é arrastado dos nossos pés. Os escritos de Moisés estão tão intimamente ligados com todas as outras grandes divisões do Volume divino, que, se são tocados, tudo desaparece. Afirmamos resolutamente que se o Espírito Santo não inspirou Moisés, o servo de Deus, para ele escrever os cinco primeiros livros da Bíblia, não temos nenhuma polegada de sólido terreno nos mantermos. Somos positivamente deixados sem um simples átomo de autoridade divina em que descansar as nossas almas. Os próprios pilares do nosso glorioso cristianismo são arrastados, e nós somos deixados para procurar às apalpadelas o nosso caminho, em desesperada perplexidade, por entre as opiniões contraditórias e teorias de doutores infieis, sem tanto como um simples raio da lâmpada de inspiração celestial.

Isto parece demasiado forte ao leitor? Imagina, acaso, que podemos escutar os infieis que negam Moisés e todavia crer na inspiração dos Salmos, dos Profetas e do Novo Testamento? Se assim pensa, convença-se de que está sob o poder de uma fatal ilusão. Consulte passagens como as seguintes e pergunte a si mesmo o que elas significam e o que está envolvido nelas! O Senhor, falando dos judeus, que, diga-se de passagem, não estariam de acordo com um bispo cristão que negasse a autenticidade de Moisés, diz: "Não cuideis que eu vos hei de acusar para com o Pai. Há um que vos acusa, Moisés, em quem vós esperais. Porque, se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim, porque de mim escreveu ele. Mas, se não credes nos seus escritos, como creereis nas minhas palavras?" (Jo 5:45-47).

Pense-se nisto. Aquele que não crê nos escritos de Moisés, que não aceita cada linha sua como divinamente inspirada, não crê nas palavras de Cristo, e, portanto,

não pode ter nenhuma fé de procedência divina em Cristo, não pode ser um cristão. Isto constitui um grave assunto para todo aquele que nega a divina inspiração do Pentateuco e grave igualmente para todo aquele que o escuta ou simpatiza com ele. É muito bom falar de caridade cristã e liberalidade de espírito. Mas temos ainda de aprender que não é caridade cristã ou liberalidade de espírito sancionar, de qualquer modo, o homem que tem a audácia de destruir os próprios fundamentos da nossa fé. Falar dele como de um bispo cristão ou de um ministro cristão, é apenas tornar o assunto mil vezes pior. Podemos compreender um Voltaire ou um Paine que ataca a Bíblia. Não esperamos deles outra coisa. Mas quando aqueles que pretendem ser reconhecidos e ordenados ministros da religião e guardas da fé dos eleitos de Deus, que se consideram os únicos autorizados a ensinar e a pregar Jesus Cristo, e a alimentar e dirigir a Igreja de Deus, põem em dúvida a inspiração dos cinco livros de Moisés, não teremos o direito de perguntar, onde estamos?- A que chegou a igreja professante?

Mas vejamos outra passagem. Trata-se de poderosa interrogação que o Salvador ressuscitado fez aos dois desolados discípulos que iam para Emaús: "Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse essas coisas e entrasse na sua glória? E começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que dele se achava em todas as Escrituras." E aos onze e outros que com eles estavam, Ele diz também: "São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés e nos Profetas e nos Salmos" (Luc. 24:25-27, 44).

Vemos aqui que nosso Senhor, da maneira mais clara e positiva, reconhece a lei de Moisés como uma parte integral do cânon de inspiração e a liga com todas as outras grandes divisões do Volume divino, de forma que é absolutamente impossível tocar uma sem destruir a integridade do conjunto. Se não se deve crer em Moisés tampouco se pode crer nos Profetas e nos Salmos. Mantêm-se ou caem juntos. E não só isto; mas nós ou havemos de admitir a divina autenticidade do Pentateuco ou tirar a blasfema conclusão que nosso adorável Senhor e Salvador deu a sanção da Sua autoridade a uma coleção de documentos falsos citando como escritos de Moisés o que Moisés nunca escreveu! Não existe positivamente nem uma polegada de terreno firme entre estas duas conclusões.

Mas, veja-se a seguinte importantíssima passagem no final da parábola do rico e Lázaro: "Disse-lhe Abraão: Eles têm Moisés e os Profetas; ouçam-nos. E disse ele: Não, Abraão, meu pai; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam. Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite" (Lc 16:29-31).

Finalmente, se a tudo isto acrescentarmos o fato de que nosso Senhor, em Seu conflito com Satanás no deserto, citou somente os escritos de Moisés, teremos um

corpo de evidência bastante não só para estabelecer, fora de toda a dúvida, a inspiração de Moisés, mas também para provar que o homem que põe em dúvida a autenticidade dos cinco primeiros livros da Bíblia não pode realmente ter a Bíblia, nem revelação divina, nem autoridade, nem sólido fundamento para a sua fé. Pode chamar-se a si mesmo, ou ser chamado pelos outros, um bispo cristão ou ministro cristão; mas o fato solene é que ele é um céptico, e deve ser tratado como tal por todos os que creem e conhecem a verdade. Não podemos compreender como é que alguém com uma centelha de vida divina na sua alma possa ser culpado do terrível pecado de negar a inspiração de uma grande parte da Palavra de Deus ou de afirmar que nosso Senhor Jesus Cristo podia citar documentos espíritos.

Poderemos parecer severos em escrever desta maneira. Parece estar em moda, hoje em dia, considerar como cristãos os que negam os próprios fundamentos do cristianismo. É um conceito muito popular que, contanto que a gente seja moral, amável, benévola, caritativa e filantropa, pouco importa o que crê. A vida é melhor do que o credo ou dogma, dizem-nos. Tudo isto soa muito plausível; mas o leitor pode estar certo de que o fim imediato de toda esta dissertação e linha de argumento é alijar-nos da Bíblia, do Espírito Santo, de Cristo, de Deus, enfim, alijar-nos de tudo que a Bíblia revela às nossas almas. Tenha isto presente, e procure manter-se junto à preciosa Palavra de Deus. Guarde essa Palavra em seu coração, e entregue-se, mais e mais, ao estudo piedoso dela. Desta forma será preservado da destruidora influência do cepticismo e infidelidade, em qualquer das suas formas; a sua alma será alimentada e nutrida com o leite racional da Palavra e todo o seu ser moral guardado continuamente no refúgio da presença divina. Isto é o que é preciso. Tudo o mais de nada serve.

As Três Cidades de Refúgio do Outro Lado do Jordão

Devemos terminar agora a nossa meditação sobre este maravilhoso capítulo que tem vindo a ocupar a nossa atenção; mas, antes de o fazer, queremos lançar um olhar, por uns instantes, à notável informação sobre as três cidades de refúgio. A um leitor apressado poderia parecer um caso desconexo, mas, longe disso, está, como podíamos esperar, em perfeita e formosa ordem moral. A Escritura é sempre divinamente perfeita; e, se nós não vemos e apreciamos as suas belezas e glórias morais, é simplesmente devido à nossa cegueira insensibilidade.

"Então, Moisés separou três cidades daquém do Jordão, da banda do nascimento do sol; para que ali se acolhesse o homicida que, por erro, matasse o seu próximo, a quem dantes não tivesse ódio algum; e se acolhesse a uma destas cidades e vivesse: a Bezer, no deserto, na terra plana, para os rubenitas; e a Ramote, em Gileade, para os gaditas; e a Golã, em Basã, para os manassitas."

Aqui temos uma formosa demonstração da graça de Deus, elevando-se, como sempre acontece, acima da fraqueza humana. As duas e meia tribos, escolhendo a sua herança deste lado do Jordão, ficavam manifestamente destituídas da própria

parte do Israel de Deus, que se encontra do outro lado do mar da morte. Mas, não obstante este fracasso, Deus, em Sua abundante graça, não quis deixar o infortunado homicida sem um refúgio no dia da sua aflição. Se o homem não pode aproximar-se dos pensamentos de Deus, Deus pode descender às profundidades da necessidade humana, e assim fez de uma maneira bendita neste caso, para que as duas e meia tribos pudessem ter tantas cidades de refúgio, deste lado do Jordão, como as nove e meia tribos tinham na terra de Canaã.

Isto era verdadeiramente graça abundante. Quão diferente da maneira humana! Como estava acima da mera lei ou da justiça legal! Podia, por via legal, dizer-se às duas e meia tribos: "Se ides escolher a vossa herança aquém da linha de demarcação divina, se ficais satisfeitos com menos que Canaã, a terra da promessa, não deveis esperar desfrutar os privilégios e bênçãos dessa terra. As instituições de Canaã devem ser limitadas a Canaã; e por isso o vosso homicida tem de procurar atravessar o Jordão e achar refúgio ali."

A lei podia assim falar, mas a graça falou de uma maneira diferente. Os pensamentos de Deus não são os nossos pensamentos, nem os Seus caminhos são os nossos caminhos. Podia parecer-nos que era graça maravilhosa designar até mesmo só uma cidade de refúgio para as duas e meia tribos. Mas o nosso Deus faz tudo mais abundantemente além do que pedimos ou esperamos; e por isso o distrito comparativamente pequeno deste lado do Jordão foi dotado com uma provisão da graça tão plena como toda a terra de Canaã.

Prova isto que as duas tribos e meia tinham razão? Não; mas prova que Deus era bom; e que deve sempre atuar segundo o que Ele é, apesar de toda a nossa fraqueza e loucura. Poderia Ele deixar um pobre homicida sem um lugar de refúgio na terra de Gileade, embora Gileade não fosse em Canaã?- Certamente que não. Isto não seria digno d'Aquele que diz: "Faço chegar a minha justiça." Teve o cuidado de fazer chegar a cidade de refúgio junto do homicida. Fez com que a Sua rica e preciosa graça fosse derramada para alcançar o necessitado precisamente onde ele se encontrava. Tal é o método do nosso Deus, bendito seja o Seu santo Nome para sempre!

Fim do Primeiro Discurso de Moisés

"Esta é, pois, a lei que Moisés propôs aos filhos de Israel. Estes são os testemunhos, e os estatutos e os juízos que Moisés falou aos filhos de Israel, havendo saído do Egito, daquém do Jordão, no vale defronte de Bete-Peor, na terra de Seom, rei dos amorreus, que habitava em Hesbom, a quem Moisés e os filhos de Israel feriram, havendo eles saído do Egito. E tomaram a sua terra em possessão, como também a terra de Ogue, rei de Basã, dois reis dos amorreus, que estavam daquém do Jordão, da banda do nascimento do sol; desde Aroer, que está à borda do ribeiro de Arnom,

até ao monte Siom, que é Hermom, e toda a campina, daquém do Jordão, da banda do oriente, até ao mar da campina, abaixo de Asdote-Pisga."

Aqui termina este maravilhoso discurso. O Espírito de Deus compraz-Se em traçar os limites do povo, e em Se deter sobre os mais pequenos pormenores ligados com a sua história. Toma um amoroso e vivo interesse em tudo que lhe diz respeito — os seus conflitos, as suas vitórias, as suas possessões, os limites da sua terra, tudo a seu respeito é relatado com uma minuciosidade que, por sua graça comovedora e condescendente, enche a alma de admiração, amor e louvores. O homem, em sua baixa importância, considera que está abaixo da sua dignidade entrar em pequenos pormenores; mas o nosso Deus conta os cabelos da nossa cabeça; recolhe as nossas lágrimas em Sua redoma; toma conhecimento de todos os nossos cuidados, das nossas dores, e necessidades. Nada há demasiado pequeno para o Seu amor, assim como nada há grande demais para o Seu poder. Concentra o Seu amoroso cuidado em cada um dos que constituem o Seu povo como se só tivesse de cuidar desse um; e não existe uma simples circunstância na história privada da nossa vida, dia a dia, por mais vulgar, em que Ele não tome um amável interesse.

Lembremos sempre isto, para nossa consolação; e aprendamos a confiar n'Ele melhor e fazer uso, com fé mais simples, do Seu paternal amor e cuidado. Ele diz-nos para lançarmos sobre Ele toda a nossa solicitude, na certeza de que Ele cuida de nós. Ele quer ter os nossos corações tão livres de cuidados como a nossa consciência está livre de culpa. "Não estejais inquietos por coisa alguma; antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas, diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Fp 4:6-7).

E de reexaminar que a grande maioria entre nós conhece apenas muito pouco da verdadeira profundidade, significado e poder de tais palavras. Lemo-las e ouvimo-las; mas não nos apropriamos delas. Não as assimilamos nem as pomos em prática. Quão pouco compreendemos a verdade bendita de que nosso Pai está interessado em todos os nossos pequenos problemas e dores; e que podemos recorrer a Ele com todas as nossas pequenas faltas e dificuldades. Imaginamos que tais coisas escapam ao conhecimento do Altíssimo e Onipotente que habita na eternidade, e Se assenta sobre o círculo da terra. Isto é um grave erro, que nos rouba incalculáveis bênçãos em nossa vida diária. Devemos lembrar sempre que não há nada pequeno ou grande com o nosso Deus. Todas as coisas são iguais para Aquele que sustém o vasto universo pela Palavra do Seu poder e toma nota da queda de um passarinho. É tão fácil para Si criar um mundo como prover um almoço para alguma pobre viúva. A grandeza do seu poder, a grandeza da glória moral do Seu governo, e a minuciosidade do Seu terno cuidado, atraem, de igual modo, a admiração e adoração dos nossos corações.

Leitor cristão, procura fazer tuas todas estas coisas. Procura viver mais perto de Deus na tua vida diária. Apoia-te mais n'Ele. Recorre mais a Ele. Busca-O em todas as tuas necessidades, e nunca terás de contar as tuas necessidades aos teus semelhantes. "O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus" (Fp 4:19). Que recurso! — "Deus"! Que padrão! — "As suas riquezas em glória"! Que canal! — "Cristo Jesus"! É teu doce privilégio pôr todas as tuas necessidades defronte das Suas riquezas, e esquecer aquelas à vista destas. Os Seus inesgotáveis tesouros estão amplamente abertos para ti, em todo o amor de Seu coração; serve-te deles, na ingênua simplicidade da fé, e nunca terás ocasião de esperar o auxílio da criatura o depender de apoio humano.

CAPÍTULO 5

OS DEZ MANDAMENTOS

(O segundo discurso de Moisés — capítulos 5 a 26)

Ouvir e Aprender, Guardar e Praticar

"E chamou Moisés a todo o Israel e disse-lhes: Ouve, ó Israel, os estatutos e juízos que hoje vos falo aos ouvidos; e aprendê-los-eis, e guardá-los-eis, para os cumprir."

Notemos atentamente estas quatro palavras especialmente características do livro de Deuteronomio, e tão próprias para o povo do Senhor, em todos os tempos e em todo o lugar — "Ouvir", "Aprender", "Guardar", "Fazer". São palavras de inestimável valor para toda a alma verdadeiramente piedosa — para todo o que honestamente deseja andar por aquele caminho estreito de justiça prática tão agradável a Deus e tão seguro e feliz para nós.

A primeira destas palavras coloca a alma na mais bem-aventurada atitude em que alguém pode encontrar-se, isto é, na atitude de ouvir. "A fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus" (Rm 10:17). "Escutarei o que Deus, o SENHOR, disser" (SI 85:8). "Ouvi, e a vossa alma viverá" (Is 55:3). O ouvido atento está no próprio princípio de toda a verdadeira e prática vida cristã. Coloca a alma na única atitude verdadeira e própria da criatura. E o verdadeiro segredo de toda a paz e bem-aventurança.

Desnecessário é lembrar ao leitor que, quando falamos da alma na atitude de ouvir, se trata simplesmente de ouvir a Palavra de Deus. Israel tinha de ouvir "os estatutos e juízos" do Senhor, e nada mais. Não eram os mandamentos, tradições e doutrinas de homens que deviam atender; mas às próprias palavras do Deus vivo

que os havia remido e libertado da terra do Egito, o lugar de escravidão, trevas e morte.

É conveniente lembrarmos-nos disto. Pois isto guardará a alma de muitas ciladas, muitas dificuldades. Ouvimos falar muito, em certos meios, de obediência; e da conveniência moral de renunciarmos à nossa própria vontade, e nos submetemos à autoridade. Tudo isto soa muito bem; e tem grande peso com um grande número de pessoas muito religiosas e moralmente excelentes. Mas quando os homens nos falam de obediência, devemos fazer a pergunta: "Obediência a quê?" Quando nos falam de ceder à nossa própria vontade, devemos perguntar-lhes: "A quem devemos rendê-la?" Quando nos falam de nos submetemos à autoridade devemos insistir em que nos digam qual a origem ou fundamento da autoridade.

Isto é da maior importância para todos os membros da família da fé. Há muitas pessoas verdadeiramente sinceras e muito honestas que acham bastante cômodo não ter de pensar por si mesmas e terem a sua esfera de ação e linha de serviço confiadas a mentes mais competentes do que as suas próprias. Parece uma coisa muito desafogada e agradável ter a obra de cada dia designada por alguma mão hábil. Alivia o coração de um grande peso de responsabilidade, e tem certo aspecto de humildade e falta de confiança em nós próprios submetemo-nos voluntariamente à autoridade de outrem.

Mas estamos obrigados perante Deus a ver bem qual o fundamento de autoridade a que nos submetemos, de contrário podemos-nos encontrar numa posição completamente falsa. Tome-se por exemplo um monge, ou uma freira ou um membro de uma irmandade. O monge obedece ao seu abade; uma freira à sua madre-abadessa; uma "irmã" obedece à sua "madre superiora". Mas a posição e o parentesco de cada um são absolutamente falsos. Não há no Novo Testamento nem sombra de autoridade a favor de mosteiros, conventos ou irmandades! Pelo contrário, o ensino da Sagrada Escritura, bem como a voz da natureza, são absolutamente contrários a todos eles, visto que tiram homens e mulheres do lugar e das relações em que Deus os tem colocado, e nos quais eles estão destinados a mover-se, e os constituem em sociedades que são completamente destruidoras dos afetos naturais e subversivas de toda a verdadeira obediência cristã.

Julgamos conveniente chamar a atenção do leitor crente para este assunto de atualidade, visto que o inimigo está fazendo um esforço vigoroso para reviver o sistema monástico, entre nós, sob várias formas. Com efeito, alguns têm tido a temeridade de nos dizer que a vida monástica é a única forma verdadeira de cristianismo. Certamente, quando se fazem tão monstruosas afirmações e estas são escutadas, compete-nos estudar este assunto à luz da Escritura e convidar os defensores e adeptos do monasticismo para nos mostrarem os fundamentos do sistema na Palavra de Deus. Onde se encontra, nas páginas do Novo Testamento, alguma coisa que se pareça, ainda que de longe, com um mosteiro, um convento ou

uma irmandade?- Onde podemos encontrar uma autoridade para qualquer coisa parecida com os cargos de abade, ou abadessa, ou madre superiora?- Não se encontra absolutamente nada de tais coisas, nem sombra delas; e por isso, não hesitamos em declarar todo o sistema, desde os seus fundamentos à pedra cimeira, uma estrutura de superstição, igualmente contrária à voz da natureza e à voz de Deus; nem podemos compreender como alguém, em suas faculdades sensatas, nos possa dizer que um monge ou uma freira é a única verdadeira expressão de vida cristã. Todavia, há os que assim falam, e há os que os escutam, e isso nestes dias em que a plena e clara luz do nosso glorioso cristianismo brilha sobre nós desde as páginas do Novo Testamento (1).

(1) Devemos compreender claramente a diferença que existe entre "natureza" e "a carne". A natureza é reconhecida na Escritura: a carne é condenada e posta de lado. "Ou não vos ensina a mesma natureza?", diz o apóstolo. "Jesus olhando para o mancebo rico o amou", embora nele nada houvesse senão a natureza. Não ter afeto natural é um dos sinais da apostasia. A Escritura ensina-nos que estamos mortos para o pecado; não para a natureza, de outro modo que seria das nossas relações naturais?

Obediência e Serviço

Mas, bendito seja Deus, nós somos chamados à obediência. Somos chamados para "ouvir" — chamados a inclinarmo-nos, em santa e reverente submissão à autoridade. E aqui concordamos com a infidelidade e suas altas pretensões. A senda do cristão piedoso e humilde está igualmente separada da superstição, por um lado e da infidelidade por outro lado. A nobre resposta de Pedro ante o Concílio, em Atos 5, inclui, no seu limitado resumo, uma completa resposta a ambas. "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens." Fazemos face à infidelidade, em todos os seus aspectos, em todas as suas fases, e em suas mais profundas raízes, com esta única e grave expressão: "Importa obedecer." E fazemos face à superstição, seja qual for o traje com que se revista, com a importantíssima frase: "Importa obedecer a Deus."

Aqui temos exposto, da forma mais simples, o dever de todo o verdadeiro crente. Deve obedecer a Deus. O incrédulo pode rir desdenhosamente de um monge ou de uma freira, e admirar-se de que um ser racional possa render completamente a sua razão e o seu entendimento à autoridade de um mortal como ele, ou submeter-se a regras e práticas tão absurdas, tão degradantes e tão contrárias à natureza. Mas ele, incrédulo, gloria-se na sua suposta liberdade intelectual, e imagina que a sua própria razão é uma guia suficiente para si. Não vê que está mais longe de Deus do que o pobre monge ou freira que tanto despreza. Não sabe que, enquanto ele se vangloria na sua vontade própria, está realmente sendo levado como cativo por

Satanás, o príncipe deste mundo e deus deste século. O homem foi criado para obedecer — criado para olhar para alguém superior a si. O crente é santificado para a obediência de Jesus Cristo — isto é, para o mesmo caráter de obediência que foi manifestada por nosso adorável Senhor e Salvador.

Isto é de grande importância para todo aquele que deseja saber o que é a verdadeira obediência cristã. Entender isto é o verdadeiro segredo de libertação da obstinação do incrédulo e da falsa obediência da superstição. Jamais poderá ser reto fazer a nossa própria vontade. Pode ser inteiramente errôneo fazer a vontade do nosso semelhante. Tem de ser sempre reto fazer a vontade de Deus. Foi isto que Jesus veio fazer; e o que sempre fez. "Eis aqui venho para fazer, ó Deus, a tua vontade" (Hb 10:9). "Deleito-me em fazer a tua vontade, ó Deus meu; sim, a tua lei está dentro do meu coração" (SI 40:8).

Ora nós somos chamados para mostrar este bendito caráter de obediência assim como somos ensinados pelo apóstolo inspirado — Pedro —, no começo da sua epístola, em que ele fala dos crentes como "eleitos segundo a presciência de Deus o Pai, em santificação do Espírito, para obediência e aspersão de sangue de Jesus Cristo."

Isto é um grande privilégio e, ao mesmo tempo, uma solene e santa responsabilidade. Não devemos esquecer nunca, nem por um momento, que Deus nos elegeu, e que o Espírito Santo nos separou, não só para a aspersão do sangue de Jesus Cristo, mas também para a Sua obediência. Tal é o significado claro e a força moral das palavras que acabamos de citar — palavras de inefável preciosidade para todo aquele que ama a santidade —, palavras que eficientemente nos libertam da vontade própria, do legalismo e da superstição. Bendita libertação!

Mas pode ser que o leitor esteja disposto a chamar a nossa atenção para a exortação em Hebreus 13: "Obedecei a vossos pastores e sujeitai-vos a eles; porque velam por vossa alma, como aqueles que hão de dar conta delas; para que o façam com alegria e não gemendo, porque isso não vos seria útil."

Palavras duplamente importantes, certamente, com as quais devemos também ligar a passagem de 1 Tessalonicenses 5:12-13: "E rogamo-vos, irmãos, que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor, e vos admoestam; e que os tenhais em grande estima e amor, por causa da sua obra." Bem como 1 Coríntios 16:15-16: "Agora vos rogo, irmãos (sabeis que a família de Estéfnas é as primícias da Acaia, e que se tem dedicado ao ministério [ou serviço] dos santos), que também vos sujeitei aos tais e a todo aquele que auxilia na obra e trabalha."

A tudo isto devemos acrescentar outra formosa passagem da 1 Epístola de Pedro: "Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar; Apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não

por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância, mas de ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus, mas servindo de exemplo ao rebanho. E quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória" (capítulo 5:1 a 4).

Pode perguntar-se: "As passagens citadas não estabelecem o princípio de obediência a certos homens? E, se é assim, por que fazer objeções à autoridade humana? A resposta é simples. Onde quer que Cristo conceda um dom espiritual, quer seja o dom de ensinar, o dom de governar, ou o dom de pastorear, é o dever e privilégio dos crentes reconhecer e apreciar tais dons. Não o fazer, seria renunciar às nossas próprias mercês. Mas devemos ter em vista o fato que, em todos esses casos, o dom deve ser uma realidade — uma coisa evidente, palpável bona fide, divinamente dada. Não é um homem assumir determinado cargo ou posição, ou ser nomeado pelo seu semelhante para qualquer ministério assim chamado. Tudo isto é perfeitamente inútil e pior do que inútil; é uma atrevida intromissão de um sagrado domínio que há de, mais cedo ou mais tarde, atrair o juízo de Deus.

Todo o verdadeiro ministério é de Deus, e é baseado na posse de um dom positivo procedente do Cabeça da Igreja; de modo que podemos verdadeiramente dizer: se não houver dom, não haverá ministério. Em todas as passagens acima citadas vemos que é possuído um dom e em verdade uma obra feita. Além disso, vemos um verdadeiro coração para os cordeiros e ovelhas do rebanho de Cristo; vemos graça e poder divinos. A expressão em Hebreus 13 é: "Obedecei aos que vos guiam." Ora, é essencial que um verdadeiro guia siga adiante de nós. Seria o cúmulo da loucura que alguém tomasse o título de guia se desconhecesse o caminho, e não tivesse nem a competência nem a vontade de seguir nele.

Quem pensaria em obedecer a uma tal pessoa!

Assim também quando o apóstolo exorta os Tessalonicenses a "reconhecer" e "estimar" certas pessoas, em que baseia a sua exortação? - É sobre a mera pretensão de um título, um cargo ou uma posição? Nada disso. Ele baseia a sua petição sobre a fato bem conhecido de que estas pessoas "presidiam sobre eles no Senhor", e que os admoestavam. E por que os deviam eles ter "em grande estima e amor"? - Era devido ao seu cargo ou título? Não; mas "por causa da sua obra". E por que foram os Coríntios exortados a que se sujeitassem à família de Estéfanos? Foi por causa de um título vazio ou pretensão de um cargo? De modo nenhum; mas porque se "tinham dedicado ao ministério dos santos". Estavam de fato ocupados na obra. Tinham recebido um dom e graça de Cristo, e amavam o Seu povo. Não se vangloriavam do cargo nem se agarravam ao seu título, mas entregavam-se a si mesmos piedosamente ao serviço de Cristo, nas pessoas do Seu amado povo.

Ora este é precisamente o verdadeiro princípio de ministério. Não é, de modo algum, autoridade humana, mas dom divino e poder espiritual comunicados por

Cristo aos Seus servos exercidos por eles em responsabilidade para com Ele; e fielmente reconhecidos pelos Seus santos. Um homem pode intitular-se ensinador ou pastor, ou pode ser nomeado pelos seus companheiros para o cargo ou título de pastor; porém, a menos que possua um dom positivo do Cabeça da Igreja, é tudo uma mera impostura, uma falsa pretensão, um vazio conceito; e a sua voz será a voz de um estranho que as verdadeiras ovelhas de Cristo não reconhecem e não devem reconhecer (1).

(1) O leitor fará bem em ponderar o fato de que não existe tal coisa no Novo Testamento como a nomeação para pregar o evangelho, ensinar na assembleia de Deus, ou alimentar o rebanho de Cristo. Os anciãos e os diáconos eram ordenados pelos apóstolos, ou pelos seus delegados, Timóteo e Tito; mas os evangelistas, os pastores e doutores nunca eram ordenados. Devemos compreender a distinção entre o dom e cargo local. Os anciãos e os diáconos podiam ou não possuir um dom especial; mas isso nada tinha que ver com o seu cargo local. Se o leitor quer compreender o assunto do ministério, deve estudar 1 Coríntios 12 a 14 e Efésios 4:8 a 13. Naqueles capítulos temos a base de todo o verdadeiro ministério na igreja de Deus, isto é, nomeação divina: "Deus colocou os membros", etc., segundo, o motivo predominante, "amor"; terceiro, o objetivo, "para edificação da igreja". Em Efésios 4 temos a origem de todo o ministério, o Senhor ressuscitado e elevado ao céu. O fim, "para o aperfeiçoamento dos santos, para a obra do ministério". A sua duração: "Até que todos chegemos a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo."

Em suma, o ministério, em todos os seus cargos, é inteiramente uma instituição divina. Não é do homem ou pelo homem, mas de Deus. O Mestre deve, em todos os casos, preparar, habilitar e nomear o vaso. Não existe autoridade na Escritura para a ideia de que todo o homem tem o direito de ministrar na igreja de Deus. A liberdade para os homens agirem é radicalismo e não segundo a Escritura. Liberdade para o Espírito ministrar por quem quiser é o que nos é ensinado no Novo Testamento. Possamos nós aprender a lição!

Mas em contrapartida, onde se encontra o ensinador divinamente dotado, o verdadeiro, amável, prudente, fiel, laborioso pastor, que vela pelas almas, chora por elas, como uma dócil, terna ama, capaz de lhes dizer: "Porque, agora, vivemos, se estais firmes no Senhor!" (1 Ts 3:8). Onde quer que estas coisas são encontradas, aí não haverá grande dificuldade de as reconhecer e apreciar. Como sabemos se um dentista é bom? É por vermos o seu nome numa placa! Não; mas pelo seu trabalho. Um homem pode intitular-se a si próprio dentista à boca cheia, mas se for apenas um operador inábil quem pensará em recorrer aos seus serviços?

Assim é em todos os assuntos humanos, e assim é no assunto do ministério. Se um homem tem um dom, é um ministro; se não o tem, toda nomeação, autoridade e ordenação no mundo não podem fazer dele um ministro de Cristo. Podem fazer dele um ministro da religião; mas um ministro da religião e um ministro de Cristo — um ministro na Cristandade e um ministro na igreja de Deus — são duas coisas totalmente diferentes. Todo o verdadeiro ministério tem a sua origem em Deus; descansa sobre autoridade divina, e o seu objetivo é levar a alma à Sua presença e uni-la com Ele. O falso ministério, pelo contrário, tem a sua origem no homem; descansa na autoridade humana, e o seu objetivo é ligar a alma consigo mesmo. Isto marca a imensa diferença entre os dois. O primeiro conduz a Deus; o último afasta d'Ele; aquele alimenta, nutre e fortalece a nova vida; este impede o seu progresso, em todos os sentidos, e submerge-a em dúvida e trevas. Em suma, podemos dizer, o verdadeiro ministério é de Deus, por Ele e para Ele. O falso ministério é do homem, por ele e para ele. O primeiro apreciamos-lo mais do que podemos dizer; o último rejeitamos-lo com toda a energia do nosso ser mortal. Julgamos ter dito o suficiente para satisfazer o leitor com respeito ao tema de obediência àqueles que o Senhor possa ter considerado aptos para serem chamados para a obra do ministério. Somos obrigados, em todos os casos, a julgar pela Palavra de Deus, e de que é uma realidade divina e não uma impostura humana — um dom positivo do Cabeça da Igreja, e não um título vazio conferido pelo homem. Em todos os casos em que há realmente um dom e graça, é um doce privilégio obedecer e submetemo-nos, porquanto discernimos Cristo na pessoa e ministério dos Seus amados servos.

O Discernimento de Crente

Não existe dificuldade para a mente espiritual em reconhecer verdadeira graça e poder. Podemos facilmente discernir se um homem procura, em verdadeiro amor, alimentar as nossas almas com o pão da vida, e guiar-nos nos caminhos de Deus, ou se ele busca exaltar-se a si mesmo e favorecer os seus próprios interesses. Aqueles que vivem perto do Senhor podem prontamente discernir entre o verdadeiro poder e a falsa pretensão. Além disso, nunca encontramos os verdadeiros ministros de Cristo fazendo ostentação da sua autoridade ou vangloriando-se do seu cargo; fazem a obra e deixam que ela fale por si mesma. No caso do bendito apóstolo Paulo, vemo-lo, repetidas vezes, recorrer às provas evidentes do seu ministério — à incontestável evidência produzida na conversão e bênção de almas. Podia dizer aos coríntios, quando, mal guiados pela influência de algum pretendente à auto-exaltação, punham em dúvida o seu apostolado: "Visto que buscais uma prova de Cristo que fala em mim [...] examinai-vos a vós mesmos" (2 Co 13:3-5). Isto era decisivo, terminava a questão. Eles próprios eram as provas vivas do seu ministério. Se o seu ministério não era de Deus, o que eram eles e onde estavam?-

Mas era de Deus e isto era o seu gozo, seu conforto e sua força. Ele era "apóstolo (não da parte dos homens, nem por homem algum, mas por Jesus Cristo, e por Deus Pai, que o ressuscitou dos mortos)" (Gl 1:1). Gloriava-se na origem do seu ministério; e, quanto ao seu caráter, tinha apenas que apelar para um corpo de evidência suficiente para levar convicção a toda a mente sã. No seu caso, podia verdadeiramente dizer-se que não era o discurso, mas o poder (1 Co 4:19).

Assim deve ser, em proporção, em todos os casos. Devemos procurar o poder. Devemos ter a realidade. Os simples títulos nada são. Os homens podem dedicar-se a outorgar títulos e nomear cargos; mas não têm mais autoridade para assim fazer do que têm para nomear almirantes para a marinha ou generais para o exército. Se víssemos um homem tomar o estilo e título de almirante ou general sem a devida nomeação havíamos de considerá-lo idiota ou demente. Isto é apenas uma fraca ilustração para mostrar a loucura de certos homens que se arrogam o título de ministros de Cristo sem um átomo de dom espiritual ou autoridade divina.

Dir-nos-ão que não devemos julgará Somos obrigados a julgar: "Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas" (Mt 7:15). Como nos poderemos acautelar se não podermos julgará Mas como havemos de julgará "Por seus frutos os conhecereis." Não pode o povo do Senhor discernir a diferença entre um homem que vem para eles, no poder do Espírito, dotado pelo Cabeça da Igreja, cheio de amor pelas suas almas, que deseja ardentemente a sua verdadeira bênção, buscando não o que é seu mas deles, um servo de Cristo, santo, humilde e cheio de graça, que não tem pretensões a honras pessoais; e outro homem que vem com um título por ele próprio tomado ou humanamente conferido, sem um simples vestígio de coisa alguma divina ou celestial no seu ministério ou na sua vida? Claro que pode; ninguém em seu perfeito juízo pensará pôr em dúvida um fato tão claro.

Mas, além disso, podemos perguntar, o que significam essas palavras do venerando apóstolo João? "Amados, não creiais em todo espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo" (1 Jo 4:1). Como vamos provar os espíritos ou como vamos discernir entre os verdadeiros e os falsos se não devemos julgará O mesmo apóstolo escrevendo "à senhora eleita" faz-lhe esta solene advertência: "Se alguém vem ter convosco e não traz esta doutrina, não o recebei em casa, nem tampouco o saudeis. Porque quem o saúda tem parte nas suas más obras." Não era ela responsável por atuar segundo esta admoestação? Certamente que assim. Mas como podia fazê-lo, se nós, não devemos julgará E o que devia ela julgará Era se os que vinham a sua casa eram ordenados, autorizados, ou diplomados por qualquer homem ou corporação humana? Nada disso. A grande e importante questão para ela era quanto à doutrina. Se traziam a verdadeira, a doutrina divina de Cristo — a doutrina de que Jesus Cristo veio em carne, ela devia recebê-los em sua casa; se não, devia fechar-lhes a porta com mão firme, não importava quem fossem ou de onde

viesses. Ainda que tivessem todas as credenciais que o homem pode outorgar, se não traziam a verdade, ela devia recusar recebê-los em sua casa com firme decisão. Isto poderia parecer muito severo, muito tacanho, muito fanático, mas com isto ela nada tinha que ver. Tinha de ser tão tolerante e tão escrupulosa como a verdade. A sua porta e o seu coração deviam ser bastante amplos para admitir todos os que traziam Cristo, mas não mais. Havia de dar cumprimentos em prejuízo do seu Senhor? Devia procurar fama de grandeza de coração ou tolerância de espírito recebendo em sua casa e admitindo à sua mesa os ensinadores de um falso Cristo? O simples pensamento é horrível.

Mas, por fim, no segundo capítulo de Apocalipse, vemos que ele recomenda a igreja de Éfeso por haver posto à prova os que diziam ser apóstolos e o não eram. Como poder ser isto se não devemos julgar? Não é evidente para o leitor que se tem tomado em um sentido absolutamente falso as palavras do Senhor em Mateus 7:1: "Não julgueis, para que não sejais julgados"«? E também as palavras do apóstolo em 1 Coríntios 4:5: "Portanto nada julgueis antes de templo?" E impossível a Escritura contra- dizer-se; e, por isso, qualquer que seja o verdadeiro significado das palavras do Senhor: "Não julgueis", ou da expressão do apóstolo: "Nada julgueis", é perfeitamente certo que não interferem, de modo algum, com a solene responsabilidade de todos os crentes julgarem o dom, a doutrina e a vida de todos os que tomam o lugar de pregadores, ensinadores e pastores na Igreja de Deus.

E, por outro lado, se nos perguntarem qual o significado das palavras "não julgueis" e "nada julgueis", cremos que essas palavras nos proíbem simplesmente julgar os motivos ou origens ocultas de ação. Com estes nada temos absolutamente que ver. Não podemos penetrar abaixo da superfície; e, graças a Deus, não somos chamados tampouco a fazê-lo; sim, somos positivamente proibidos disso. Não podemos ler os desígnios do coração; é cargo e prerrogativa somente de Deus fazer isto. Mas dizer que não devemos julgar a doutrina, o dom ou modo de vida daqueles que tomam o lugar de pregadores e pastores na igreja de Deus é simplesmente opor-se à Sagrada Escritura e desconhecer os próprios instintos da natureza divina implantados em nós pelo Espírito Santo.

Por isso, podemos voltar com maior clareza e decisão à nossa tese de obediência cristã. Parece perfeitamente claro que o mais completo reconhecimento de todo o verdadeiro ministério na Igreja, e a completa submissão de nós próprios a todos os que Cristo possa julgar aptos para levantar como pastores, ensinadores e guias, entre nós, não podem nunca, de modo nenhum, interferir com o princípio fundamental estabelecido na magnificente resposta ao concílio: "Mais importa obedecer a Deus do que aos homens."

O fim e o objetivo de todo o verdadeiro ministro de Cristo será sempre guiar aqueles a quem ministram na verdadeira senda de obediência à Palavra de Deus. O capítulo que temos aberto perante nós, como, de fato, todo o livro de

Deuterônômio, mostra-nos claramente como Moisés, esse eminente servo de Deus, procurava sempre e trabalhava diligentemente para incutir na congregação de Israel a urgente necessidade da mais implícita obediência a todos os estatutos e juízos de Deus. Não buscava nenhum lugar de autoridade para si mesmo. Nunca exerceu senhorio sobre a herança de Deus. O seu grande tema, desde o princípio ao fim, era a obediência — o ponto principal de todos os seus discursos — obediência não a si, mas ao Senhor deles e seu. Julgava acertadamente que isto era o verdadeiro segredo da sua felicidade, da sua segurança moral, da sua dignidade e força. Sabia que um povo obediente deve também ser, necessariamente, um povo invencível e invulnerável. Nenhuma arma usada contra eles podia ser eficaz, desde que fossem governados pela Palavra de Deus. Numa palavra, sabia e cria que o dever de Israel era obedecer ao Senhor; assim como pertencia ao Senhor abençoar Israel. A sua única ocupação consistia em "ouvir", "aprender", "guardar" e "fazer" a vontade revelada de Deus; e, fazendo-o, podiam contar com Ele, na mais completa confiança de que seria seu escudo, sua força, sua salvaguarda, seu refúgio, seu recurso, seu tudo em tudo. O único verdadeiro e próprio caminho para o Israel de Deus é o caminho estreito da obediência sobre o qual a luz do semblante de Deus brilha sempre em sinal de aprovação; e todos os que, pela graça, trilham esse caminho encontrarão n'Ele "um guia, glória, uma defesa para os salvar de todo o temor."

Isto é, certamente, suficiente. Nada temos a ver com as consequências. Podemos deixá-las, em simples confiança, com Aquele de quem somos e a quem temos a responsabilidade de servir. "Torre forte é o nome do SENHOR; para ela correrá o justo, e estará em alto retiro" (Pv 18:10). Se estivermos fazendo a Sua vontade, acharemos sempre no Seu nome uma torre forte. Mas, em contrapartida, se não andarmos no caminho da justiça prática, se estivermos fazendo a nossa própria vontade, se vivermos no descuido habitual da clara Palavra de Deus, então será absolutamente inútil pensarmos que o nome do Senhor seja uma forte torre para nós; antes, pelo contrário, o Seu nome será uma repreensão para nós, e levar-nos-á a julgarmo-nos a nós próprios e a regressarmos ao caminho da justiça do qual nos havemos afastado.

Bendito seja o Seu nome, a Sua graça nunca nos faltará, em toda a sua preciosidade, plenitude e liberalidade, no lugar de auto-juízo e confissão, por muito que tenhamos falhado ou nos tenhamos desviado. Mas isto é uma coisa muito diferente. Podemos ter de dizer como o salmista: "Das profundezas a ti clamo, ó SENHOR! Senhor, escuta a minha voz! Sejam os teus ouvidos atentos à voz das minhas súplicas. Se tu, SENHOR, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirás Mas contigo está o perdão, para que sejas temido" (SI 130:1 a 4). Mas, uma alma clamando a Deus desde as profundezas e obtendo perdão é uma coisa; e uma alma que olha para Ele na senda da justiça prática é outra. Devemos distinguir

atentamente entre ambas as coisas. Confessar os nossos pecados e obter o perdão não deve confundir-se nunca com o andar com Deus. Ambos os casos são, felizmente, verdadeiros; mas não são a mesma coisa.

Dois Pactos

Proseguiremos agora com o nosso capítulo. Em versículo 2, Moisés lembra ao povo a relação que têm com Javé por um pacto. Diz-lhes: "O SENHOR, nosso Deus, fez conosco concerto, em Horebe. Não com nossos pais que fez o SENHOR este concerto, senão conosco, todos os que hoje aqui estamos vivos. Face a face o SENHOR falou conosco, no monte, no meio do fogo (naquele tempo, eu estava em pé entre o SENHOR e vós, para vos notificar a palavra do SENHOR: porque temestes o fogo e não subistes ao monte), dizendo", etc.

O leitor deve distinguir e compreender perfeitamente a diferença entre o concerto feito em Horebe e o concerto feito com Abraão, Isaque e Jacó. São dois concertos essencialmente diferentes. O primeiro era um concerto de obras, pelo qual o povo se comprometia a fazer tudo quanto o Senhor havia dito. O último era um concerto puramente de graça, pelo qual Deus garantia com juramento fazer tudo quanto havia prometido.

A linguagem humana é insuficiente para mostrarmos a imensa diferença, a todos os respeito, entre estes dois concertos. Em seus fundamentos, em seu caráter, em seus acessórios, e em seu resultado prático, são tão diferentes quanto o podem ser duas coisas. O concerto de Horebe dependia da competência humana para o cumprimento dos seus termos; e este fato só por si é mais que suficiente para explicar o fracasso total de todo o pacto. O concerto com Abraão baseava-se na competência divina para o cumprimento dos seus termos, e daí a absoluta impossibilidade de sua quebra em um simples jota ou til.

A Lei

Havendo tratado em nossos "Estudos sobre o Livro de Êxodo" pormenorizadamente do assunto da lei, e procurado mostrar o objetivo divino na promulgação da mesma, e, além disso, feito constar a absoluta impossibilidade de alguém alcançar vida ou justificação guardando-a, devemos recomendar ao leitor o que ali temos escrito sobre este assunto profundamente interessante.

Parece estranho para quem é instruído exclusivamente pela Escritura que exista tanta confusão de pensamento entre os cristãos professos sobre uma questão tão clara e definitivamente estabelecida pelo Espírito Santo. Fosse apenas uma questão de autoridade divina de Êxodo 20 ou Deuteronômio 5 como porções inspiradas da Bíblia, e nós não teríamos uma palavra a dizer. Cremos plenamente que estes capítulos são tão inspirados como o décimo sétimo de João ou o oitavo de Romanos.

Mas o ponto não é este. Todo o verdadeiro cristão aceita, com fervorosa gratidão, o precioso relato que toda a Escritura é dada por inspiração de Deus. E, demais,

regozija-se com a certeza de que "... tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança" (Rm 15:4). E, finalmente, crê que a moralidade da lei é de permanente e universal aplicação. O assassínio, o adultério, roubo, falso testemunho, avareza, são ofensa — sempre ofensa — em toda a parte. Honrar os nossos pais é bom — sempre bom em toda a parte. Lemos no capítulo 4 de Efésios: "Aquele que furtava não furete mais." E também no capítulo 6, lemos: "Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa; para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra."

Tudo isto é divinamente tão claro e fixo que não há lugar para discussão. Mas quando pensamos na lei como base de relação com Deus, entramos numa região de pensamento inteiramente diferente. A Escritura, em múltiplas passagens, ensina-nos, da maneira mais clara, que, como cristãos, como filhos de Deus, não estamos sobre esse terreno. Os judeus estavam sobre esse terreno, mas não podiam estar ali com Deus. Era morte e condenação. "Porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte, será apedrejado. E tão terrível era a visão que Moisés disse: "Estou todo assombrado e tremendo" (Hb 12:20-21). O Judeu descobriu que a lei era uma cama tão curta que não podia estender-se nela, e um cobertor tão estreito que não se podia cobrir com ele.

Quanto aos gentios, nunca foram, por qualquer ramo da economia divina, postos debaixo da lei. A sua condição está expressamente declarada no princípio da epístola aos Romanos, como sendo "sem lei" — "porque, quando os gentios, que não têm lei", etc. E, "Porque todos os que sem lei pecaram também sem lei perecerão; e todos os que sob a lei pecaram pela lei serão julgados" (Rm 2:14 e 12). Aqui as duas classes são postas em agudo e vivo contraste, quanto à questão da sua posição dispensacional. O judeu, sob a lei; o gentio, sem a lei. Nada pode ser mais claro. O gentio fora colocado sob o governo, na pessoa de Noé; mas nunca debaixo da lei. Se alguém está disposto a duvidar disto, que produza uma simples linha da Escritura para provar que Deus alguma vez colocou os gentios debaixo da lei. Examine e veja. De nada vale argumentar, raciocinar e objetar. E absolutamente inútil dizer "nós pensamos" isto ou aquilo. A questão é; "O que diz a Escritura!" Se ela diz que os gentios foram postos debaixo da lei, cite-se a passagem. Nós declaramos solenemente que ela não diz nada disso, mas precisamente o contrário. Descreve a condição e o estado dos gentios como "sem lei" — "não tendo a lei".

Em Atos 10 vemos Deus abrir o reino dos céus aos gentios. Em Atos 14:27 vêmo-Lo abrir "a porta da fé" aos gentios. Em Atos 28:28 vêmo-Lo enviar a Sua salvação aos gentios. Mas buscamos em vão, em todas as páginas do bendito Livro, uma passagem em que conste ter colocado os gentios debaixo da lei.

Rogamos sinceramente ao leitor crente que preste toda a sua atenção a esta interessante e importante questão. Procure pôr de lado os seus pensamentos

preconcebidos e examine o assunto simplesmente à luz da Sagrada Escritura. Sabemos bem que as nossas afirmações sobre este assunto serão consideradas por muitíssimos como uma novela, senão como heresia formal; mas isto não nos incomoda de forma alguma. E nosso desejo sermos ensinados absoluta e exclusivamente pela Escritura. As opiniões, mandamentos e doutrinas dos homens não pesam absolutamente nada em nosso ânimo. Os dogmas das diversas escolas de teologia devem estimar-se pelo que valem. Exigimos a Escritura. Uma simples linha de inspiração é amplamente bastante para resolver esta questão, e terminar com a discussão para sempre. Mostrem- nos pela Palavra de Deus que os gentios foram alguma vez postos debaixo da lei e nós nos curvaremos imediatamente; mas, visto que não podemos encontrar isso nela mencionado, rejeitamos inteiramente a ideia, e esperamos que o leitor faça a mesma coisa. A linguagem invariável da Escritura, descrevendo a posição do judeu, é "debaixo da lei" -, e, descrevendo a posição do gentio, é "sem lei". E claro que não podemos compreender como é que qualquer leitor possa deixar de ver isto (1).

(1) O leitor pode talvez sentir-se disposto a perguntar sobre que princípio será um gentio julgado, se não está debaixo da lei. Romanos 1:20 ensina-nos claramente que o testemunho da criação o deixa sem desculpa. Depois, em capítulo 2:15 é posto sobre o fundamento da consciência. "Porque quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas que são da lei, não tendo eles lei, para si mesmos são lei, os quais mostram a obra da lei escrita no seu corações". Finalmente, quanto a essas nações que se tornaram por profissão cristãs, serão julgadas sobre o fundamento da sua profissão.

Se o leitor voltar a sua atenção, por um momento, para o capítulo 15 de Atos dos Apóstolos, verá como a primeira tentativa para pôr os gentios convertidos debaixo da lei foi tratada pelos apóstolos e toda a igreja em Jerusalém. A questão foi levantada em Antioquia; e Deus, em Sua infinita bondade e sabedoria, ordenou as coisas de modo a que ela não fosse ali resolvida, mas que Paulo e Barnabé fossem a Jerusalém e discutissem plena e livremente o assunto de modo a que ele fosse definitiva e unanimemente arrumado pela voz dos doze apóstolos e toda a igreja. Como devemos bendizer a Deus por isto! Podemos, imediatamente, ver como a decisão de uma assembleia local como a de Antioquia, até mesmo embora aprovada por Paulo e Barnabé, não comportaria o mesmo peso como os doze apóstolo reunidos em concílio em Jerusalém. Mas o Senhor, bendito seja o Seu nome, tomou cuidado a fim de que o inimigo fosse completamente confundido; e que os mestres da lei desses dias, e de todos os tempos sucessivos, fossem de um modo

claro e autorizado informados que não era segundo a Sua vontade que os cristãos fossem postos debaixo da lei, sob pretexto algum.

O assunto é tão importante que nós não podemos deixar de citar algumas passagens para o leitor. Cremos que animarão tanto o leitor como o autor destas linhas e que eles se sentirão grandemente encorajados com o tocante discurso feito no concílio mais notável e interessante que jamais esteve reunido.

"Então, alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos: Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos." Como isto era terrível! Era de causar arrepios! Que fúnebre somido para ecoar aos ouvidos dos que haviam sido convertidos pelo esplêndido discurso de Paulo na sinagoga de Antioquia! "Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por este" — sem a circuncisão ou as obras da lei de qualquer espécie — "se vos anuncia a remissão dos pecados. E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê" "...e, saídos os judeus da sinagoga, os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas" (At 13:38 a 42).

Tal foi a gloriosa mensagem enviada aos gentios pelos lábios do apóstolo Paulo — uma mensagem de livre, plena, imediata e perfeita salvação — completa remissão dos pecados e perfeita justificação pela fé em nosso Senhor Jesus Cristo. Mas, segundo o ensino de "alguns que tinham descido da Judéia", tudo era insuficiente. Cristo não era suficiente sem a circuncisão e a lei de Moisés. Os pobres gentios, que nunca haviam ouvido falar da circuncisão ou da lei de Moisés, tinham de acrescentar a Cristo e à Sua gloriosa salvação o guardar toda a lei!

Como o coração de Paulo deve ter ardido ao ver os amados gentios convertidos postos debaixo de tão monstruoso ensino! Não viu nisso nada menos do que a completa derrota do Cristianismo. Se a circuncisão tinha de ser acrescentada à Cruz de Cristo — se a lei Moisés devia ser o complemento da graça de Deus, então tudo ficava desfeito.

Mas, bendito seja o Deus de toda a graça, Ele permitiu que fosse levantada uma nobre oposição a esse mortal ensino. Quando o inimigo se apresentou como um aluvião, o Espírito Santo levantou um padrão contra ele. "Tendo tido Paulo e Barnabé não pequena discussão e contenda contra eles, resolveu-se que Paulo, Barnabé, e alguns dentre eles subissem a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos sobre aquela questão. E eles, sendo acompanhados pela igreja, passaram pela Fenícia e por Samaria, contando" — não a circuncisão mas — "a conversão dos gentios, e davam grande alegria a todos os irmãos."

Os irmãos estavam na corrente do pensamento de Cristo e na doce comunhão com o coração de Deus; e por isso alegravam-se por ouvir da conversão e salvação dos gentios. Podemos ficar certos de que não lhes teria dado gozo algum ouvir que se havia posto ao pescoço daqueles amados discípulos, que haviam sido trazidos para

a gloriosa liberdade do evangelho, o pesado jugo de circuncisão e a lei de Moisés. Mas ouvir da Sua conversão a Deus, da sua salvação em Cristo, de haverem sido selados com o Espírito Santo, enchia os seus corações de um gozo que estava em encantadora harmonia com a mente do céu.

"Quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja e pelos apóstolos e anciãos e lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito por eles. Alguns, porém, da seita dos fariseus que tinham crido se levantaram, dizendo que era mister circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés."

Quem havia dito que era "mister" i Não era Deus certamente, porquanto, em Sua infinita graça, lhes havia aberto a porta da fé, sem a circuncisão nem mandamento algum de Moisés. Não; eram "alguns" que presumiam falar de tais coisas como necessárias — homens que têm perturbado a Igreja de Deus desde esses tempos até aos nossos dias —, homens que queriam ser "doutores da lei; e não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam" (1 Tm 1:7). Os doutores da lei nunca sabem o que está envolvido no seu escuro e triste ensino. Não têm a mínima ideia de quão detestável é o seu ensino para o Deus de toda a graça, o Pai das misericórdias.

A Lei: um Jugo Impossível de Levar

Mas graças a Deus, o capítulo que estamos citando proporciona-nos a mais clara e poderosa evidência que podia ser dada quanto à mente divina sobre o assunto. Prova, sem sombra de dúvidas, que não era intenção de Deus por os crentes Gentios debaixo da lei.

"Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto. E, havendo grande contenda"—ah, quão cedo ela começou! — "levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós para que os gentios ouvissem da minha boca" — não a lei de Moisés ou a circuncisão, mas — "a palavra do evangelho e crescem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé. Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar"

Nota bem isto, prezado leitor. A lei havia concedido um jugo insuportável para aqueles que estavam debaixo dela, isto é, os judeus; e, além disso, pôr um jugo sobre a cerviz dos crentes gentios era nada menos que tentar a Deus. Oxalá que todos os ensinadores da lei em todos os âmbitos da cristandade abrissem os seus olhos a este grande fato! E não apenas isto, mas que a todo o amado povo do Senhor em toda a parte fosse dado ver que é uma positiva oposição à vontade de Deus querer pô-los debaixo da lei, seja por que razão for. "Mas", acrescenta o

bem-aventurado apóstolo da circuncisão, "cremos que seremos salvos"— não pela lei em qualquer forma — "pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também." Isto é invulgarmente belo, vindo dos lábios do apóstolo da circuncisão. Ele não diz: "Eles serão salvos, como nós somos"; mas "Seremos salvos, como eles também". O judeu contenta-se em descer da sua elevada posição dispensacional e ser salvo da mesma maneira que o pobre incircunciso gentio.

Sem dúvida, essas nobres expressões devem ter caído com força aturdidora nos ouvidos dos partidários da lei. Não lhes deixou nem um apoio para se sustarem.

"Então, toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes coisas e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios." O Espírito inspirador achou conveniente não nos dizer o que Paulo e Barnabé disseram nesta memorável ocasião; e nós podemos ver a Sua sabedoria sobre este assunto. E evidentemente Seu objetivo dar a proeminência a Pedro e Tiago como homens cujas palavras haviam necessariamente de pesar mais no ânimo dos ensinadores da lei do que as que pronunciavam o apóstolo dos gentios e o seu companheiro.

"E, havendo-se eles calado, tomou Tiago a palavra, dizendo: Varões irmãos, ouvi-me. Simão relatou como, primeiramente, Deus visitou os gentios" — não para os converter a todos, mas — "para tomar deles um povo para o seu nome. E com isto concordam as palavras dos profetas"— aqui ele apresenta uma esmagadora prova de evidência do Velho Testamento para esmagar os judaizantes —, "como está escrito: Depois disto, voltarei e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído; levantá-lo-ei das suas ruínas e tornarei a edificá-lo. Para que o resto dos homens busque ao Senhor, e também todos os gentios" — sem a mais ínfima referência à lei de Moisés, mas — "sobre os quais o meu nome é invocado, diz o Senhor, que faz todas estas coisas que são conhecidas desde toda a eternidade. Pelo que julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus."

Aqui, pois, temos esta grande questão definitivamente resolvida pelo Espírito Santo, os doze apóstolos e toda a Igreja; e nós não podemos deixar de ficar surpreendidos com o fato de que neste importante concílio, ninguém falou mais energicamente e de uma maneira mais clara e decidida que Pedro e Tiago — o primeiro, o apóstolo da circuncisão, e o último, o que falou especialmente às doze tribos e cuja posição e ministério estavam calculados para dar mais peso às suas palavras, no parecer de todos os que estavam, mais ou menos, sobre o terreno judaico ou legal. Mas estes eminentes apóstolos expressaram clara e decididamente o seu critério de que os gentios convertidos não deviam ser "perturbados" ou incomodados com a lei. Demonstraram, nos seus poderosos discursos, que era diretamente contrário à Palavra, à vontade e aos caminhos de Deus, colocar os crentes gentios debaixo da lei.

Quem pode deixar de ver a sabedoria de Deus nisto? As palavras de Paulo e Barnabé não são relatadas. Diz-se apenas que eles relataram as coisas que Deus havia feito entre os gentios. Que se mostrariam inteiramente opostos a que se colocassem os gentios debaixo da lei, era de esperar. Mas ver Pedro e Tiago tão decididos, devia produzir grande efeito em todos.

Mas se o leitor quer uma visão mais clara dos pensamentos de Paulo sobre a questão da lei, deve estudar a epístola aos Gálatas. Nela, este bem-aventurado apóstolo, sob a direta inspiração do Espírito Santo, abre o seu coração aos gentios convertidos em palavras de ardente sinceridade e dominante energia. É verdadeiramente espantoso que alguém possa ler esta maravilhosa epístola e ainda manter que os crentes estejam debaixo da lei, de qualquer modo ou com qualquer fim determinado. Mal o apóstolo acaba a breve introdução da sua epístola, quando entra com a sua característica energia no assunto de que o seu amoroso coração, embora dolorido e contristado, trasborda. "Maravilho-me" diz ele — e bem maravilhado podia estar — "de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou" — a quê? — A lei de Moisés? Não, mas — "à graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, mas há alguns que vos inquietam e querem transtornar o evangelho de Cristo. Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema."

Que os ensinadores da lei meditem estas severas palavras. Parecem fortes e severas? Lembremos que são as próprias palavras de Deus e do Espírito Santo. Sim, leitor, Deus, o Espírito Santo, lança o Seu terrível anátema a todo aquele que intenta juntar a lei de Moisés ao evangelho de Cristo—a todo aquele que tenta colocar os crentes debaixo da lei. Como é que os homens não temem, em vista de tais palavras, contender pela lei? Não têm receio de ficar debaixo da solene maldição de Deus, o Espírito Santo?

Alguns, porém, tratam de resolver a questão dizendo que não aceitam a lei como meio de justificação, mas como uma regra de vida. Mas isto não é nem razoável nem inteligente, visto que nos podemos justamente interrogar quem nos deu autoridade para decidir quanto ao uso que devemos fazer da lei? Ou estamos debaixo da lei ou não. Se estamos debaixo dela, não é uma questão de saber como a tomamos, mas de como ela nos toma.

Isto estabelece toda a diferença. A lei não conhece essas distinções pelas quais contendem alguns teólogos. Se estamos debaixo dela, seja por que motivo for, estamos sob a maldição, porque está escrito: "Maldito seja todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei para as fazer." Dizer que sou nascido de novo, que sou cristão, não resolve de modo nenhum a questão; pois o que tem que ver a lei com a questão do novo nascimento, ou do

cristianismo?- A lei é endereçada ao homem na sua condição de ser responsável. Exige perfeita obediência, e pronuncia a sua maldição sobre todo o que deixa de lhe obedecer.

Além disso de nada serve dizer que, por muito que tenhamos falhado em guardar a lei, Cristo a guardou em nosso lugar e a nosso favor. A lei nada conhece de obediência por procuração. A sua linguagem é: "O homem que fizer estas coisas viverá por elas."

E não é apenas sobre o homem que falha em guardar a lei que a maldição é pronunciada; mas, como se fosse para pôr o princípio da maneira mais clara diante de nós, lemos: "Todos aqueles, pois, que são das obras da lei, estão debaixo da maldição" (Gl 3:10). Isto é, todos quantos tomam a sua posição sobre um terreno legal — todos quantos estão sobre esse princípio — numa palavra, todos quantos têm alguma coisa que ver com as obras da lei, estão, necessariamente, sob a maldição. Por isso, podemos ver, imediatamente, a terrível contradição em que incorre um crente que mantém a ideia de estar debaixo da lei como uma regra de vida, e, contudo, não estar debaixo da maldição. E simplesmente opor-se às mais simples afirmações da Sagrada Escritura. Bendito seja o Deus de toda a graça, o cristão não está debaixo da maldição. Mas por quê?- E porque a lei perdeu o seu poder, a sua majestade, a sua dignidade, o seu santo rigor?- De modo nenhum. Dizer tal coisa seria blasfemar da lei. Dizer que qualquer "homem" — chamem-lhe o que quiserem, cristão, judeu ou gentio — pode estar debaixo da lei, que pode encontrar-se nesse terreno, e todavia não estar sob a maldição, é dizer que cumpre perfeitamente a lei ou que a lei está abolida: é torná-la nula e sem efeito. Quem ousará dizer isto?- Ai de quem assim fizer!

Mas que sucedeu para que o cristão não esteja debaixo da maldição?- Porque não está debaixo da lei. E como saiu de debaixo da lei? Foi porque outrem a cumpriu em seu lugar? Não; repetimos, não se encontra tal ideia em toda a economia legal, como obediência por procuração. Então? Aqui está como foi, em toda a sua força moral, plenitude e beleza: "Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus" (Gl 2:19) (1).

(1) A omissão do artigo no original aumenta imensamente a força e clareza da passagem. Oxalá isto fosse melhor compreendido! Destrói uma grande parte da teologia humana. Deixa a lei na sua própria esfera; mas liberta o crente completamente do seu poder e do alcance pela morte. "Assim, meus irmãos, também vós estais mortos para a lei pelo corpo de Cristo, para que sejais de outro, daquele que ressuscitou de entre os mortos, a fim de que demos fruto para Deus"—o qual nunca poderíamos dar se estivéssemos debaixo da lei—"Porque, quando estávamos na carne", — um termo correlativo com o estado sob a lei — "as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem

fruto para a morte". Note-se esta triste combinação! "Debaixo da lei", "Na carne", "As paixões dos pecados", "Fruto para morte"! Pode haver alguma coisa mais clara? Mas existe o outro lado, graças a Deus, desta questão; o lado brilhante e bendito de Deus. Ei-lo. "Mas agora estamos livres da lei" Como? É porque outrem a cumpriu por nós? Não; mas, "pois morremos para aquilo em que estávamos retidos; para que sirvamos em novidade de espírito, e não na velhice da letra". Quão perfeita e formosa é a harmonia de Romanos 7 com Gálatas 2! "Porque eu pela lei estou morto para a lei, para viver para Deus".

Ora, se é verdade, e o apóstolo diz que sim, que nós estamos mortos para a lei, que possibilidade tem a lei de ser uma regra de vida para nós? - Demonstrou que era unicamente uma regra de morte, maldição e condenação para aqueles que estavam debaixo dela — aqueles que a tinham recebido por disposição dos anjos. Pode demonstrar-nos ser alguma coisa mais para nós? Produziu a lei alguma vez frutos vivos ou de justiça na história da algum filho ou filha de Adão? Escutemos a resposta do apóstolo: "Porque, quando estávamos na carne" — isto é, quando éramos vistos como homens na nossa natureza pecaminosa —, "as paixões dos pecados, que são pela lei, operavam em nossos membros para darem fruto para a morte" (Rm 7:5).

"E vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim"

É muito importante para o leitor compreender a força real da expressão "na carne". Não significa, nesta passagem, "no corpo". Mostra simplesmente o estado do homem ou da mulher inconvertido obrigados a cumprir a lei. Pois bem, nesse estado, tudo que era ou jamais pôde ser produzido era "fruto para morte" - "paixões dos pecados". Não era vida, santidade, justiça, nada para Deus, nada absolutamente justo (1).

(1) É conveniente lembrar que embora os gentios nunca fossem nos atos de Deus postos debaixo da lei, é um fato que todos os que são batizados tomam essa posição. Por isso existe uma grande diferença entre a cristandade e o paganismo a respeito da questão da lei. Milhares de inconvertidos pedem, todas as semanas, a Deus para inclinar os seus corações para guardarem a lei. Seguramente, tais pessoas encontram-se num terreno muito diferente daquele que os pagãos ocupam, os quais nunca ouviram a lei e nunca tiveram conhecimento da Bíblia.

Porém, em que situação estamos agora, como cristãos? Escutemos a resposta. "Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus. Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que

agora vivo na carne — aqui quer dizer no corpo —, "vivo-a" — como? Pela lei, como regra de vida? Não há nem uma alusão a tal coisa, mas — "na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim."

Isto, e nada mais, é Cristianismo. Compreendemo-lo? Compenetramo-nos disso? Estamos de posse do seu poder? Existem dois males dos quais somos libertados completamente pela preciosa morte de Cristo, a saber: legalidade, por um lado, e, por outro lado, devassidão. Em vez desses terríveis males, ela introduz-nos na santa liberdade da graça — liberdade para servir a Deus, liberdade para "mortificar os nossos membros que estão sobre a terra", liberdade para renunciar à "impiedade e às concupiscências mundanas", liberdade para "viver sóbria, e justa, e piamente" (Tito 2:12), liberdade para subjugar o corpo e o reduzir à servidão (I Cor. 9:27).

Sim, prezado leitor crente, lembremos isto. Consideremos profundamente as palavras. "Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim." O velho "eu" está morto, crucificado, sepultado. O novo "eu" está vivo em Cristo. Não confundamos isto. Não conhecemos nada mais terrível, nada mais perigoso do que o velho "eu" pretender ocupar o novo terreno; ou, por outras palavras, as gloriosas doutrinas do cristianismo serem adotadas na carne por pessoas inconvertidas que falam de ser libertados da lei e convertem em dissolução a graça de Deus. Confessamos que preferiríamos milhentas vezes mais a legalidade do que a dissolução. É contra esta que nós temos de estar em guarda com toda a sinceridade possível. Está aumentando em redor de nós com aterradora rapidez e calcetando o caminho para a onda tenebrosa e desoladora da infidelidade que, em breve, se estenderá sobre toda a extensão de cristandade.

Falar de se estar libertado da lei de qualquer outro modo que não seja por se estar morto para ela e vivo para Deus, não é cristianismo, mas dissolução, da qual a alma piedosa deve afastar-se com santo horror. Se estamos mortos para a lei, estamos também mortos para o pecado; e por isso não devemos fazer a nossa vontade, que não é mais que outro nome para designar o pecado, mas a vontade de Deus, que é verdadeira santidade prática.

Demais, recordemos que se estamos mortos para a lei, estamos mortos também para este presente século mau, e relacionados com um Cristo ressuscitado, que subiu ao céu e foi glorificado. Por isso, não somos do mundo, assim como Cristo não é do mundo. Procurar uma posição no mundo é negar que estamos mortos para a lei; porque não podemos estar vivos para um e mortos para outra. A morte de Cristo libertou-nos da lei, do poder do pecado, deste presente século mau, e do temor da morte. Mas todas estas coisas estão juntas, e nós não podemos ser libertados de uma sem sermos libertados de todas. Afirmar a nossa libertação da lei, e seguir uma vida carnal, de condescendência com o mundo e de mundanismo, e um dos mais sombrios e mortais males dos últimos dias.

O cristão é chamado para demonstrar e provar na sua vida diária que a graça pode produzir resultados que a lei nunca poderia alcançar. É uma das glórias morais do cristianismo habilitar um homem a abandonar o ego e a viver para os outros. A lei nunca poderia fazer isto. Ocupava o homem consigo mesmo. Se procurava amar o próximo, era apenas para operar justiça para si. Sob a graça tudo está invertido de um modo bendito e glorioso. O ego é posto de lado como crucificado, morto e sepultado. O velho "eu" desaparece, e o novo "eu" está perante Deus em toda a aceitação e valor de Cristo. Ele é a nossa vida, a nossa justiça, a nossa santidade, o nosso objetivo, nosso modelo, tudo. Está em nós e nós estamos n'Ele; e a nossa vida diária, prática, tem de ser simplesmente Cristo reproduzido em nós, pelo poder do Espírito Santo. Por isso, nós somos chamados não apenas para amar o nosso semelhante, mas o nosso inimigo; e isto, não para operar a justiça porque temos sido feitos justiça de Deus em Cristo; é simplesmente o fluxo da vida que possuímos, que está em nós; e esta vida é Cristo. O viver do cristão deve ser Cristo. Não é nem judeu, "debaixo da lei", nem "gentio sem lei"; mas "um homem em Cristo", permanecendo na graça, chamado ao mesmo caráter de obediência que foi manifestado pelo Senhor Jesus mesmo.

Não vamos prosseguir este assunto, mas rogamos sinceramente ao leitor crente que estude atentamente o capítulo 15 de Atos e a epístola aos Gálatas. Deixe-se absorver pelo bendito ensino destas Escrituras; e chegará certamente a uma compreensão clara da grande questão da lei. Verá que o cristão não está de modo algum debaixo da lei; que a sua vida, a sua justiça, a sua santidade, estão sobre uma base ou princípio inteiramente distinto; que colocar o cristão sob a lei, de qualquer modo que seja, é negar os próprios fundamentos do cristianismo, e contradizer as mais claras expressões da Palavra de Deus. Aprenderá, no capítulo 3 de Gálatas, que colocarmo-nos debaixo da lei é renunciar a Cristo; renunciar ao Espírito Santo; deixar a fé; negar as promessas.

Que tremendas consequências! Mas ali estão claramente expostas ante os nossos olhos; e certamente quando contemplamos o estado da igreja professante, não podemos senão ver quão terrivelmente se estão realizando essas consequências.

Que Deus o Espírito Santo abra os olhos de todos os cristãos para a verdade destas coisas! Que Ele os leve a estudarem as Escrituras e a submeterem-se à sua santa autoridade, em todas as coisas. Esta é a necessidade particular dos nossos dias. Não estudamos suficientemente a Escritura. Não somos governados por ela. Não compreendemos a absoluta necessidade de comprovar todas as coisas à luz da Escritura e de rejeitarmos tudo que não resista a essa prova. Concordamos com muitas coisas que não têm base alguma na Palavra de Deus; sim, que se opõem completamente a ela.

Qual será o fim de tudo isto?- Trememos ao pensar nisso. Sabemos, bendito seja Deus, que nosso Senhor Jesus Cristo em breve virá e levará o Seu povo amado,

comprado com Seu precioso sangue, à casa do Pai, ao lugar que lhes foi preparar, para estarem com Ele, na inefável bem-aventurança dessa gloriosa morada. Mas que será dos que forem deixados? - Que será dessa imensa massa de professos mundanos batizados? São graves interrogações, que devem ser ponderadas na própria presença de Deus, a fim de se ter a verdadeira, divina resposta. Que o leitor as considere ali, com toda a ternura de coração e com espírito disposto a aprender, e o Espírito o guiará na verdadeira resposta.

Os Dez Mandamentos

Havendo procurado mostrar, por meio de várias porções da Sagrada Escritura, a gloriosa verdade de que os crentes não estão debaixo da lei, mas debaixo da graça, podemos agora prosseguir o nosso estudo deste capítulo 5 de Deuteronomio. Nele temos os dez mandamentos; mas não exatamente como temos no capítulo 20 de Êxodo. Existem alguns pequenos retoques característicos que exigem a atenção do leitor.

Em Êxodo 20 temos história; em Deuteronomio 5 temos não só história mas comentário. Neste último, o legislador apresenta motivos morais e faz apelos que estariam inteiramente fora de lugar no primeiro. Num temos simplesmente fatos; no outro, fatos e comentários — os fatos e a sua aplicação prática. Numa palavra, não há o menor fundamento para imaginar que Deuteronomio 5 esteja destinado a ser uma repetição literal de Êxodo 20; e é por isso que os miseráveis argumentos em que os infiéis se baseiam sobre essa aparente diferença se reduzem a pó debaixo dos nossos pés. São simplesmente infundados e inteiramente desprezíveis.

Comparemos, por exemplo, as duas Escrituras a respeito do assunto do sábado. Em Êxodo 20, lemos: "Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem o teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o SENHOR OS céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e ao sétimo dia descansou; portanto, abençoou o SENHOR O dia de sábado e o santificou."

Em Deuteronomio 5, lemos: "Guarda o dia de sábado, para o santificar, como te ordenou o SENHOR, teu Deus. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do SENHOR, teu Deus; não farás nenhuma obra nele, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu boi, nem o teu jumento, nem animal algum teu, nem o estrangeiro que está dentro de tuas portas; para que o teu servo e a tua serva descansem como tu; porque te lembrarás que foste servo na terra do Egito e que o SENHOR, teu Deus, te tirou dali com mão forte e braço estendido; pelo que o SENHOR, teu Deus, te ordenou que guardasses o dia de sábado" (versículos 12 a 15).

Ora, o leitor poderá ver imediatamente a diferença entre as duas passagens. Em Êxodo 20 o mandamento para guardar o sábado é baseado na criação. Em Deuteronômio 5 é baseado na redenção, sem nenhuma alusão à criação. Em suma, os pontos de diferença surgem do caráter distinto de cada livro, e são perfeitamente claros para toda a mente espiritual.

Com respeito à instituição do sábado devemos recordar que se baseia inteiramente sobre a autoridade direta da Palavra de Deus. Outros mandamentos mostram claramente deveres morais. Toda a gente sabe que é moralmente mau matar ou roubar; mas, quanto à observância do sábado ninguém podia possivelmente reconhecê-la como um dever se não tivesse sido claramente indicada por autoridade divina. Daí a sua imensa importância e interesse. Tanto no nosso capítulo como em Êxodo 20 está lado a lado com todos esses grandes deveres morais que são universalmente reconhecidos pela consciência humana.

E não somente isto; mas vemos em outras diversas passagens das Escrituras que o sábado é designado e apresentado, com especial proeminência, como um precioso vínculo entre Javé e Israel; um selo do Seu pacto com eles; e um poderoso elemento de prova do seu afeto por Ele. Toda a gente podia reconhecer o mal moral do roubo e do assassinato; só aqueles que amavam a Javé e a Sua Palavra podiam amar e honrar o Seu sábado.

O Dia de Repouso (o Sábado)

Assim, em capítulo 16 de Êxodo, em ligação com a dádiva do maná, lemos: "E aconteceu que, ao sexto dia, colheram pão em dobro, dois gômeres para cada um; e todos os príncipes da congregação vieram e contaram-no a Moisés. E ele disse-lhes: Isto é o que o SENHOR tem dito: Amanhã é repouso, o santo sábado do SENHOR; O que quiserdes cozer no forno, cozei-o; e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobejar ponde em guarda para vós até amanhã... então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto hoje é o sábado do SENHOR; hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o sábado; nele não haverá. E aconteceu, ao sétimo dia" — tampouco podiam apreciar o alto e santo privilégio de guardar o sábado do Senhor — "que alguns do povo saíram para colher, mas não o acharam. Então, disse o SENHOR a Moisés: Até quando recusareis guardar os meus mandamentos e as minhas leis?" (versículos 22 a 28). A sua negligência do sábado mostrava que a sua condição moral era completamente má — mostrava que andavam desviados de todos os mandamentos e leis de Deus. O sábado era a grande pedra de toque, a medida e sonda do verdadeiro estado de seus corações para com o Senhor. "Vede, visto que o SENHOR vos deu o sábado, por isso ele, no sexto dia, vos dá pão para dois dias; cada um fique no seu lugar, que ninguém saia do seu lugar no sétimo dia. Assim, repousou o povo no sétimo dia." Encontraram descanso e alimento no santo sábado.

E no final do capítulo 31 temos uma passagem notável em prova da importância e interesse ligados com o sábado na mente do Senhor. Uma completa descrição do tabernáculo e seus pertences havia sido dada a Moisés, e ele estava prestes a receber as duas tábuas do testemunho das mãos do Senhor; mas, como se quisesse dar a entender o lugar proeminente que o sábado ocupava na mente divina, lemos: "Falou mais o SENHOR a Moisés, dizendo: Tu, pois, fala aos filhos de Israel, dizendo: Certamente guardareis meus sábados, porquanto isso é um sinal entre mim e vós nas vossas gerações; para que saibais que eu sou o SENHOR, que vos santifica. Portanto, guardareis o sábado, porque santo é para vós; aquele que o profanar certamente morrerá; porque qualquer que nele fizer alguma obra, aquela alma será extirpada do meio do seu povo. Seis dias se fará obra, porém, o sétimo dia é o sábado do descanso, santo ao SENHOR; qualquer que no dia de sábado fizer obra, certamente morrerá. Guardarão, pois, o sábado os filhos de Israel, celebrando o sábado nas suas gerações por concerto perpétuo. Entre mim e os filhos de Israel será um sinal para sempre; porque em seis dias fez o SENHOR OS céus e a terra, e, ao sétimo dia, descansou e restaurou-se" (Ex 31:12 a 17).

Ora, esta passagem é muito importante. Mostra claramente o caráter permanente do sábado. Os termos em que se fala dele são suficientes para mostrar que não era meramente uma instituição temporária. "Um sinal entre mim e vós, nas vossas gerações" — "um concerto perpétuo" — "um sinal para sempre".

Que o leitor note bem estas palavras. Elas provam, sem sombra de dúvida, primeiro, que o sábado era para Israel;

segundo, que o sábado é, na mente de Deus, uma instituição permanente. É necessário ter estas coisas em vista, a fim de evitar toda a incerteza de pensamentos e liberdade de expressão sobre este interessante assunto.

O sábado era clara e exclusivamente para a nação judaica. Fala-se dele enfaticamente como um sinal entre o Senhor e o Seu povo Israel. Não existe a mais remota sugestão de que fosse designado para os gentios. Veremos mais adiante que é um formoso tipo dos tempos da restauração de todas as coisas de que Deus falou pela boca de todos os santos profetas desde a fundação do mundo; mas isto não afeta, de modo nenhum, o fato de ser exclusivamente uma instituição judaica. Não existe tanto como UMA simples expressão nas Escrituras para mostrar que o sábado tinha qualquer referência aos gentios.

Alguns dizem-nos que visto se falar do sábado no segundo capítulo de Gênesis deve ter forçosamente um alcance mais amplo do que a nação judaica. Mas vejamos o que diz a passagem. "E, havendo Deus acabado no dia sétimo a sua obra, que tinha feito, descansou no sétimo dia de toda a sua obra, que tinha feito. E abençoou Deus o dia sétimo e o santificou; porque nele descansou de toda a sua obra, que Deus criara e fizera."

Isto é muito simples. Não se faz aqui nenhuma alusão ao homem. Não é dito que o homem descansou no sétimo dia. Os homens podem inferir, concluir ou imaginar que foi assim; mas o segundo capítulo de Gênesis nada diz a respeito disso. E não somente isto, senão que é inútil procurar qualquer alusão ao sábado em todo o livro do Gênesis.

A primeira comunicação que temos sobre o sábado em relação com o homem encontra-se no capítulo 16 do Êxodo, uma passagem que já foi citada; e ali vemos claramente que o sábado foi dado a Israel, como povo em relação com o pacto com o Senhor. Que eles não o compreenderam nem apreciaram é perfeitamente claro; que nunca penetraram nele, é igualmente claro, segundo o Salmo 95. Mas por agora falamos do que era o sábado segundo a mente de Deus; e Deus diz-nos que era um sinal entre Ele e o Seu povo Israel; e uma poderosa prova do seu estado moral e do estado de seus corações a respeito d'Ele. Não era apenas uma parte integral da lei dada por Moisés à congregação de Israel, mas é especialmente mencionado e assinalado, repetidas vezes, como uma instituição que ocupa um lugar especial na mente de Deus.

Assim no livro do profeta Isaías, lemos: "Bem-aventurado o homem que fizer isto, e o filho do homem que lançar mão disso, que se guarda de profanar o sábado, e guarda a sua mão de perpetrar algum mal. E não fale o filho do estrangeiro que se houver chegado ao SENHOR, dizendo: De todo me apartará o SENHOR do seu povo; nem tampouco diga o eunuco: Eis que sou uma árvore seca. Porque assim diz o SENHOR a respeito dos eunucos que guardam os meus sábados, e escolhem aquilo que me agrada, e abraçam o meu concerto: Também lhes darei na minha casa e dentro dos meus muros um lugar e um nome, melhor do que o de filhos e filhas; um nome eterno darei a cada um deles que nunca se apagará. E aos filhos dos estrangeiros" — aqui, evidentemente, vistos em relação com Israel, assim como em Números 15 e outras passagens das Escrituras — "que se chegarem ao SENHOR, para o servirem, e para amarem o nome do SENHOR, sendo deste modo servos seus, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem o meu concerto, também os levarei ao meu santo monte e os festejarei na minha Casa de Oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar, porque a minha Casa será chamada casa de Oração para todos os povos" (Is 56:2 a 7).

"Se desviares o teu pé do sábado, de fazer a tua vontade no meu santo dia, e se chamares ao sábado deleitoso e santo dia do SENHOR digno de honra, e se o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falar as tuas próprias palavras, então te deleitarás no SENHOR, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra e te sustentarei com a herança de Jacó, teu pai; porque a boca do SENHOR o disse" (Is 58:13-14).

As passagens precedentes são amplamente suficientes para mostrar o lugar que o sábado ocupa na mente de Deus. É desnecessário multiplicar passagens; mas há apenas mais uma que queremos referir para o leitor, em relação com o nosso assunto, isto é, Levítico 23.

"Depois, falou o SENHOR a Moisés, dizendo: Fala aos filhos de Israel e dize-lhes: As solenidades do SENHOR, que convocareis, serão santas convocações; estas são as minhas solenidades. Seis dias obra se fará, mas o sétimo dia será o sábado do descanso, santa convocação; nenhuma obra fareis; sábado do SENHOR é em todas as vossas habitações" (versículos 1 a 3).

Aqui aparece à cabeça de todas as festas dadas neste maravilhoso capítulo em que temos simbolizada toda a história dos atos de Deus com o Seu povo Israel. O sábado é a expressão do descanso eterno de Deus no qual é ainda Seu propósito introduzir o Seu povo, quando todos os seus trabalhos e dores, experiências e tribulações tiverem passado — esse bendito sábado ou o "repouso que resta para o povo de Deus". De diversas maneiras Ele procurou manter este glorioso repouso perante os corações do Seu povo; o sétimo dia, o sétimo ano, o ano do jubileu — todas estas encantadoras estações estavam destinadas a revelar esse bendito tempo em que Israel será restaurado à sua amada terra, quando o sábado será guardado em toda a sua profunda, divina bem-aventurança, como nunca ainda o foi.

E isto leva-nos naturalmente ao segundo ponto em relação com o sábado, a saber, a sua permanência. Isto é claramente comprovado por expressões como "perpétuo", "um sinal para sempre" "em todas as vossas gerações". Tais palavras jamais poderiam ser aplicadas meramente a qualquer instituição temporária. E verdade que Israel nunca, infelizmente, guardou o sábado segundo o pensamento de Deus; nunca entendeu o seu significado, nunca penetrou na sua bem-aventurança, nunca penetrou no seu espírito. Fez dele uma divisa da sua própria justiça; vangloriava-se dele como instituição nacional, e empregavam-no para sua própria exaltação; mas nunca o celebraram em comunhão com Deus.

Falamos da nação como um todo. Não duvidamos que havia almas preciosas que, em segredo, gozavam o sábado, e penetravam nos pensamentos de Deus a respeito dele. Mas, como nação, Israel nunca guardou o sábado segundo os propósitos de Deus. Ouçamos o que Isaías diz: "Não tragais mais ofertas de balde; o incenso é para mim abominação, e as luas novas, e os sábados, e a convocação das congregações; não posso suportar iniquidade nem mesmo o ajuntamento solene" (capítulo 1:13). Aqui vemos que a preciosa e encantadora instituição do sábado que Deus havia dado como um sinal do Seu concerto com o Seu povo, tinha-se tornado, nas mãos deles, uma verdadeira abominação, inteiramente intolerável para Ele. E quando abrimos as páginas do Novo Testamento vemos os líderes e chefes do povo judaico continuamente em oposição com o Senhor Jesus Cristo a respeito do sábado. Veja-se por exemplo os primeiros versículos de Lucas 6. "E aconteceu que, num

sábado passou pelas searas, e os seus discípulos iam arrancando espigas, e, esfregando-as com as mãos, as comiam. E alguns dos fariseus lhes disseram: Por que fazeis o que não é lícito fazer nos sábados? E Jesus, respondendo-lhes, disse: Nunca lestes o que fez Davi quando teve fome, ele e os que com ele estavam?— Como entrou na Casa de Deus, e tomou os pães da proposição, e os comeu, e deu também aos que estavam com ele, os quais não é lícito comer, lhes senão aos sacerdotes? E dizia-lhes: O Filho do Homem é senhor até do sábado."

De novo lemos: "E aconteceu também, em outro sábado, que entrou na sinagoga e estava ensinando; e havia ali um homem que tinha a mão direita mirrada. E os escribas e fariseus atentavam nele, se o curaria no sábado, para acharem de que o acusar"

— imagine-se uma acusação por curar um pobre, aflito mortal!

— "Mas ele, conhecendo bem os seus pensamentos, disse ao homem que tinha a mão mirrada: Levanta-te e fica em pé no meio. E, levantando-se ele, ficou em pé. Então, Jesus lhes disse: Uma coisa vos hei de perguntar: É lícito nos sábados fazer bem ou fazer mal? Salvar a vida ou matará E, olhando para todos ao redor, disse ao homem: Estende a tua mão. E ele assim o fez, e a mão lhe foi restituída sã como a outra. E ficaram cheios de furor, e uns com os outros conferenciavam sobre o que fariam a Jesus."

Que conhecimento profundo temos aqui da falsidade e inutilidade da guarda do sábado do homem! Esses guias religiosos preferiam deixar perecer de fome os discípulos a que fosse profanado o seu sábado. Preferiam que o homem levasse a sua mão mirrada para a sepultura a vê-lo curado no seu sábado! Ah, era na verdade o seu sábado, e não o de Deus! Deus não podia descansar em presença de famintos e enfermos. Eles nunca haviam lido corretamente a descrição do ato de Davi, em comer o pão da proposição. Não compreendiam que as instituições legais têm que ceder em presença da graça divina satisfazendo a necessidade humana. A graça eleva-se, em sua magnificência, acima das barreiras legais, e a fé regozija-se no seu esplendor; mas a mera religiosidade se ofende ante as atividades de graça e ousadia de fé. Os fariseus não viam que esse homem com uma mão mirrada era um notável comentário do estado moral da nação, uma prova viva do fato de que eles estavam longe de Deus. Se fossem como deviam ser, não teria havido mãos mirradas para curar; mas não eram; e por isso o seu sábado era uma vazia formalidade, uma condenação ineficaz e desprezível, uma horrenda anormalidade, detestável para Deus e de todo inconsistente com o estado do homem.

Tomemos outro exemplo em Lucas 13:10-13. "E ensinava no sábado, numa das sinagogas"—certamente, o sábado não era dia de repouso para Ele. — "E eis que estava ali uma mulher que tinha um espírito de enfermidade havia já dezoito anos; e andava curvada e não podia de modo algum endireitar-se. E, vendo-a Jesus, chamou-a a si, e disse-lhe: Mulher, estás livre da tua enfermidade. E impôs as mãos

sobre ela, e logo se endireitou, e glorificava a Deus." Encantadora ilustração da obra da graça na alma, e do resultado prático, em todos os casos. Todos aqueles a quem Cristo impõe as Suas benditas mãos logo se endireitam e ficam aptos a glorificar a Deus.

Mas o sábado do homem foi afetado. "E, tomando a palavra o príncipe da sinagoga, indignado porque Jesus curava no sábado" — ficou indignado por causa da obra misericordiosa de cura, embora fosse indiferente quanto ao caso humilhante de enfermidade — "disse à multidão: Seis dias há em que é mister trabalhar; nestes, pois, vinde para serdes curados e não no dia de sábado." — Quão pouco conhecia esse pobre religioso que estava na própria presença do Senhor do verdadeiro sábado! Quão insensível ele era à moral inconsistente de tentar guardar o sábado enquanto o estado do homem clamava bem alto pela obra divina! — "Respondeu-lhe, porém, o Senhor e disse: Hipócrita, no sábado não desprende da manjedoura cada um de vós o seu boi ou jumento e não o leva a beber água? E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão, a qual há dezoito anos Satanás mantinha presa?

Que fulminante repreensão! Que modo de descobrir a falsidade e completa vileza de todo o sistema do judaísmo! Pense-se na incoerência ofuscante de um sábado e uma filha de Abraão presa de Satanás durante dezoito anos! Nada há em todo o mundo que tanto cegue o entendimento, que endureça tanto o coração, que tanto obscureça a consciência e desmoralize todo o ser, como uma religião sem Cristo. O seu enganoso e degradante poder só pode ser inteiramente julgado à luz da presença divina. A atender o cuidado do príncipe da sinagoga, essa pobre mulher podia continuar até aos seus últimos dias curvada e incapaz de se endireitar. Esse homem teria ficado muito contente de a deixar continuar como um triste testemunho do poder de Satanás, desde que ele pudesse guardar o sábado. A sua indignação religiosa foi excitada não pelo poder de Satanás manifestado na condição da mulher, mas pelo poder de Cristo visto na sua completa libertação.

Mas o Senhor deu-lhe aquela resposta. "E, dizendo ele isso, todos os seus adversários ficaram envergonhados" — e com razão — "e todo o povo se alegrava por todas as coisas gloriosas que eram feitas por ele." Que notável contraste! Por um lado, os defensores de uma religião desprezível, ineficaz, desapiedada, desmascarada e coberta de vergonha e confusão, e, por outro lado, todo o povo regozijando-se com os gloriosos atos do Filho de Deus que havia vindo ao seu meio para os libertar do poder esmagador de Satanás, e encher os seus corações com o gozo da salvação de Deus e as suas bocas dos Seus louvores!

Devemos chamar a atenção do leitor para o evangelho de João onde encontrará mais ilustrações do nosso assunto. Desejamos sinceramente que esta perturbadora questão do sábado seja completamente examinada à luz da Escritura. Estamos

convencidos de que existe muito mais envolvido nela do que muitos crentes professos julgam.

No princípio de João 5 somos introduzidos numa cena notavelmente indicativa do estado de Israel. Não é nosso intento entrar a fundo nesta passagem; referimo-nos a ela apenas em relação com o nosso assunto.

O tanque de Betesda ou "casa de misericórdia" — ao passo que era sem dúvida a expressão da misericórdia de Deus para com o Seu povo — proporcionava abundante evidência do estado miserável do homem, em geral, e de Israel, em particular. Nos seus cinco alpendres estava aglomerada "uma grande multidão de enfermos: cegos, coxos, e paráliticos, esperando o movimento das águas." Que quadro de toda a família humana, e da nação de Israel! Que ilustração do seu estado moral e espiritual, do ponto de vista divino! "Cegos, coxos, paráliticos"; tal é o verdadeiro estado do homem. Se ao menos ele o soubesse!

Mas estava ali um homem, no meio desta impotente multidão, cuja enfermidade estava tão adiantada, tão fraco e desamparado que o tanque de Betesda não podia servir para o Seu caso. "Estava ali um homem que, havia trinta e oito anos, se achava enfermo. E Jesus, vendo este deitado e sabendo que estava neste estado havia muito tempo, disse-lhe: Queres ficar são? — Que graça e poder vemos nesta pergunta! Ia muito mais além do que os seus pensamentos lhe consentiam. Só pensava na ajuda humana ou na sua própria habilidade para entrar no tanque. Não sabia que Aquele que falava consigo estava acima e além do tanque com o seu ocasional movimento das águas; além de ministério angélico, além de todo o auxílio ou esforço humano, o Possuidor de todo o poder no céu e na terra. "O enfermo respondeu-lhe: Senhor, não tenho homem algum que, quando a água é agitada, me coloque no tanque; mas, enquanto eu vou, desce outro antes de mim." Que quadro verdadeiro de todos os que buscam a salvação por meio de ordenanças! Cada qual fazendo por si o melhor que pode; sem ter cuidado dos outros; sem pensar ajudá-los. "Jesus disse-lhe: Levanta-te, toma tua cama e anda. Logo, aquele homem ficou são, e tomou a sua cama e partiu. E aquele dia era sábado."

Aqui temos outra vez o sábado do homem. Não certamente o sábado de Deus. A infeliz multidão reunida ao redor do tanque demonstrava que o pleno repouso de Deus não havia ainda chegado — que o seu glorioso antítipo do sábado ainda não havia começado a ser compreendido neste mundo ferido de pecado. Quando esse dia refulgente chegar não haverá cegos, mancos e ressecados em redor dos alpendres de Betesda. O sábado de Deus e a miséria humana são inteiramente incompatíveis.

Mas era o sábado do homem. Já não era o selo do concerto do Senhor com a semente de Abraão — como o fora uma vez e o será outra vez—, mas a divisa da justiça do homem. "Então, os judeus disseram àquele que tinha sido curado: É sábado, não te é lícito levar a cama." Não era, sem dúvida, lícito para ele jazer

naquela cama, semana após semana, mês após mês, ano após ano, enquanto que eles seguiam o seu intento vago, inútil de guardar o sábado. Se tivessem tido um só raio de luz espiritual, teriam visto a flagrante inconsistência de tentarem manter as suas ideias tradicionais a respeito do sábado na presença da miséria humana, enfermidade e degradação. Mas eles estavam completamente cegos; e, por isso, enquanto os gloriosos frutos do ministério de Cristo eram expostos, eles tinham a temeridade de os pronunciar ilícitos.

Mas há mais que isto: "E, por essa causa, os judeus perseguiram Jesus e procuravam matá-lo, porque fazia estas coisas no sábado." Que espetáculo! Os religiosos, sim, os chefes e mestres da religião — os guias do povo professo de Deus, procuravam matar o Senhor do sábado porque Ele tinha tornado um homem completamente são no dia de sábado!

Mas note-se a resposta do Senhor: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também." Esta breve mas compreensiva declaração leva-nos ao fundo do assunto. Mostra-nos a verdadeira condição da humanidade em geral e de Israel em particular; e, da maneira mais tocante, apresenta-nos o grande segredo da vida e do ministério de nosso Senhor. Bendito seja o Seu nome, Ele não havia vindo ao mundo para repousar. Como podia Ele repousar — como poderia guardar o sábado no meio da miséria e necessidade humanas? A multidão de cegos, mancos e ressecados que se aglomerava nos alpendres do tanque de Betesda não devia ter ensinado nada "aos judeus" da loucura das suas ideias sobre o sábado? Pois o que era aquela multidão senão um exemplo do estado da nação de Israel e de toda a família humana? E como podia o amor divino repousar no meio de um tal estado de coisas? Era de todo impossível. O amor só pode operar numa cena de pecado e dor. Desde o momento da queda do homem, o Pai havia estado trabalhando. Então apareceu o Filho para continuar a obra. E, agora, o Espírito Santo está trabalhando. Trabalho, não descanso, é a ordem divina, num mundo como este. "Resta ainda um repouso para o povo de Deus."

O bendito Senhor Jesus andou fazendo bem, no sábado assim como em qualquer outro dia; e, finalmente, havendo cumprido a gloriosa obra da redenção, passou o sábado no sepulcro, e ressuscitou no primeiro dia da semana, como o Primogênito de entre os mortos, e Cabeça da nova criação, na qual todas as coisas são de Deus, e para as quais, podemos certamente acrescentar, a questão de "dias e meses, tempos e anos" não tem, de modo nenhum, aplicação. Ninguém que compreenda perfeitamente o significado da ressurreição pode aprovar, nem por um momento, a guarda de dias. A morte de Cristo pôs um fim a toda a ordem de coisas; e a Sua ressurreição introduz-nos numa outra esfera completamente distinta em que é nosso elevado privilégio andar na luz e poder dessas eternas realidades que são nossas em Cristo, e que estão em vivo contraste com a superstição de observâncias de uma carnal e mundana religiosidade.

O Primeiro Dia da Semana

Porém, aqui aproximamo-nos de um ponto muito interessante do nosso assunto, a saber, a diferença entre o sábado e o dia do Senhor, ou o primeiro dia da semana. Estes dois dias são muitas vezes confundidos. Ouvimos frequentemente, de pessoas verdadeiramente piedosas a expressão de "sábado cristão", uma expressão que não se encontra em parte alguma do Novo Testamento. Pode ser que alguns dos que a empregam tenham uma ideia correta; mas nós não devemos apenas ter a noção exata, mas procurar também expressar-nos, segundo o ensino da Sagrada Escritura. Estamos persuadidos de que o inimigo de Deus e de Cristo tem muito mais que ver com o convencionalismo da cristandade do que muitos de nós pensamos; e é isto que torna o assunto tão grave. O leitor pode talvez sentir-se disposto a considerar como uma perda de tempo procurar encontrar qualquer falta no termo "sábado cristão". Mas pode estar certo de que não se trata de nada disso; pelo contrário, se examinar com toda a atenção o assunto à luz do Novo Testamento descobrirá que ele envolve pormenores não apenas interessantes mas também muito importantes. E uma locução vulgar, que "nada há no nome"; mas, no caso que temos perante nós, o nome quer dizer muito.

Já fizemos notar o fato de que nosso Senhor passou o sábado no sepulcro. Não é um fato eloquente e profundamente significativo? Não podemos duvidar disso. Vemos nele, pelo menos, a maneira como o antigo estado de coisas foi posto de lado, e a absoluta impossibilidade de guardar o sábado em um mundo de pecado. O amor não podia repousar num mundo como este; apenas podia laborar e morrer. Esta é a inscrição que lemos no túmulo onde o Senhor do sábado foi sepultado.

Mas o que é o primeiro dia da semana? Não é o sábado sobre um novo fundamento — o sábado cristão? Nunca é assim chamado no Novo Testamento. Não existe a mais leve alusão dessa espécie. Se examinarmos os Atos dos Apóstolos, veremos que se fala dos dois dias de um modo distinto. No sábado encontramos os judeus reunidos na sua sinagoga para leitura da lei e dos profetas. No primeiro dia da semana encontramos os cristãos reunidos para o partir do pão. Os dois dias eram tão distintos quanto o judaísmo e a cristandade; nem tampouco existe tanto como uma sombra de base na Sagrada Escritura para a ideia de que o sábado foi absorvido pelo primeiro dia da semana. Onde se encontra a mais simples prova da Escritura para a afirmação de que o sábado foi mudado do sétimo dia para o oitavo, ou o primeiro dia da semana? Claro, se existe alguma, nada mais simples do que apresentá-la. Mas não existe absolutamente nenhuma.

E recorde-se que o sábado não é meramente um sétimo dia, mas o sétimo dia. E bom notar-se isto, visto que alguns acalentam a ideia de que, contanto que seja dedicada a sétima parte do tempo ao repouso e às ordenanças públicas de religião, é suficiente, não importa o nome que se lhe dê; e é desta forma que diferentes nações

e diferentes sistemas religiosos têm o seu dia de descanso que se chama sábado. Mas nunca poderá satisfazer os que desejam ser ensinados exclusivamente pela Escritura. O sábado do Éden era o sétimo dia. O sábado de Israel era o sétimo dia. Mas o oitavo dia dirige os nossos pensamentos para a eternidade: e no Novo Testamento é chamado "o primeiro dia da semana", indicando o princípio de uma nova ordem de coisas da qual a cruz é o imperecível fundamento e Cristo ressuscitado o glorioso Cabeça e Centro. Chamar a esse dia "o sábado cristão" é simplesmente confundir as coisas terrestres com as celestiais. E baixar o cristão da sua elevada posição como associado com o Cabeça ressuscitado e glorificado no céu, e ocupá-lo com a supersticiosa observância de dias — a própria coisa que havia deixado o bendito apóstolo em dúvida a respeito das assembleias da Galácia. Em suma, quanto mais profundamente ponderamos a expressão "o sábado cristão", mais convencidos estamos de que a sua tendência é, como muitas outras fórmulas da cristandade, defraudar o cristão de todas essas grandes verdades distintas do Novo Testamento que distinguem a Igreja de Deus de tudo quanto foi antes dela e tudo que deve seguir depois. A igreja, embora na terra, não é deste mundo, assim como Cristo não é deste mundo. É celestial na sua origem, celestial no seu caráter, celestial em seus princípios, conduta e esperança. Encontra-se entre a cruz e a glória. Os limites da sua existência na terra são o dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo desceu para a formar, e a vinda de Cristo para a levar para Si Mesmo. Nada pode ser mais claro do que isto; e, por isso, tentar impor à Igreja de Deus a observância legal ou supersticiosa de "dias e meses, e tempos e anos", é falsificar toda a posição cristã, manchar a integridade da divina revelação e roubar ao crente o lugar e a porção que lhe pertencem, pela infinita graça de Deus e o sacrifício expiatório consumado por Cristo.

Julga o leitor esta declaração demasiado severa? Se assim é, pondere a seguinte passagem esplêndida da epístola de Paulo aos Colossenses — uma passagem que deveria ser escrita em letras de ouro.

"Como, pois, recebestes o Senhor Jesus Cristo, assim também andai nele, arraigados e edificados nele e confirmados na fé, assim como fostes ensinados, crescendo em ações de graças. Tende cuidado para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs subtilezas" — note-se a combinação, não muito elogiosa para a filosofia! — "segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo e não segundo Cristo; porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade. E estais perfeitos nele, que é a cabeça de todo o principado e potestade"; — Que podemos nós desejará — "no qual também estais circuncidados com a circuncisão não feita por mão no despojo do corpo da carne: a circuncisão de Cristo. Sepultados com ele no batismo, nele também ressuscitastes pela fé no poder de Deus, que o ressuscitou dos mortos. E, quando vós estáveis mortos nos pecados e na circuncisão da vossa carne, vos vivificou juntamente com

ele, perdoando-vos todas as ofensas, havendo riscado a cédula que era contra nós, nas suas ordenanças, a qual de alguma maneira nos era contrária, e a tirou do meio de nós, cravando-a na cruz. E, despojando os principados e potestades, os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (Cl 2:6 a 15).

Magnífica vitória! Uma vitória ganha sem ajuda de ninguém — ganha para nós! Eterna e universal homenagem seja dada ao Seu nome incomparável! Que restai "Portanto, ninguém vos julgue pelo comer, ou pelo beber, ou por causa dos dias de festa, ou da lua nova, ou dos sábados, que são sombras das coisas futuras, mas o corpo é de Cristo."

Que tem que ver aquele que está perfeito e aceito em um Cristo ressuscitado e glorificado com o comer, beber e dias santos? Que podem fazer para ele a filosofia, a tradição ou a religiosidade humana? O que podem acrescentar as sombras que passam a quem tem alcançado pela fé a eterna subsistência? Nada, certamente; e por isso o bem-aventurado apóstolo prossegue: "Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão, e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo; provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus. Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies? As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens; as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum, senão para satisfação da carne" (Cl 2:6 a 23). Quer dizer, não dão aquela medida de honra ao corpo que lhe é devida como vaso de Deus, mas incham a carne com orgulho religioso, alimentando-a com uma oca e inútil aparência de santimônia.

Cristo — o Fim das Ordenanças da Lei

Não nos atrevemos a fazer uma apologia por esta longa citação. Uma apologia por citar a Escritura! Longe de nós tal pensamento! Não é possível que alguém compreenda esta maravilhosa passagem e não esteja completamente esclarecido não apenas quanto à questão do sábado, mas também de todo o sistema de coisas com que esta questão está relacionada. O cristão que compreende a sua posição acaba para sempre com todas as questões sobre comidas e bebidas, dias e meses e tempos e anos. Nada sabe de tempos santos nem de lugares santos. Está morto com Cristo para os rudimentos do mundo, e, como tal, está livre de todas as ordenanças de uma religião tradicional. Pertence ao céu, onde não têm lugar as luas novas, dias santos e sábados. Está na nova criação, onde todas as coisas são de Deus; e por isso não pode haver força moral em palavras tais como: "não toques", "não proves", "não manuseies". Não lhe podem ser, de modo algum, aplicadas. Vive numa região onde

as nuvens, os vapores e neblinas do monasticismo e asceticismo nunca são vistos. Desprezou todas as folhas inúteis de mera devoção carnal e tomou, em troca, as sólidas realidades da vida cristã. Os seus ouvidos foram abertos para ouvir e o seu coração para compreender a poderosa exortação do apóstolo inspirado: "Portanto, se já ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas que são de cima, onde Cristo está assentado à destra de Deus. Pensai nas coisas que são de cima, e não nas que são da terra; porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória. Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra."

Aqui são desenroladas perante os nossos olhos algumas das glórias do verdadeiro, prático cristianismo vital, em contraste notável com todas as formas estéreis e secas de carnal e mundana religiosidade. A vida cristã não consiste em observância de certas regras, mandamentos ou tradições dos homens. É uma divina realidade. É Cristo no coração, e Cristo reproduzido na vida diária pelo poder do Espírito Santo. E o novo homem, formado sobre o modelo de Cristo mesmo, e manifestando-se em todos os mais minuciosos pormenores da nossa vida diária, na família, nos negócios, em todas as nossas relações com os nossos semelhantes; no nosso temperamento, espírito, estilo, comportamento, em tudo. Não é um assunto de mera profissão ou de dogma, ou de opinião de sentimentos; é uma realidade viva e inconfundível. É o reino de Deus estabelecido no coração, exercendo o seu bendito domínio sobre todo o ser moral, e derramando a sua genial influência, sobre toda a esfera em que somos chamados a nos movermos dia a dia. É a trajetória cristã nos benditos passos d'Aquele que andou fazendo bem; fazendo todo o possível por satisfazer todas as formas de necessidade humana; vivendo não para si mesmo mas para os outros; achando gozo em servir e dar; pronto a contentar e simpatizar com qualquer espírito deprimido ou triste e desolado coração.

Isto é cristianismo. E, quão diferente isto é de todas as formas com que se reveste o legalismo e a superstição! Quão diferente da observância rotineira e sem significado de dias, meses, e tempos e anos, a abstenção de carnes, proibição de casamento, e coisas que tais! Quão diferente das fanfarronadas do místico, da melancolia do ascético e da austeridade do monge! Quão totalmente distinto de tudo isto! Sim, prezado leitor; e nós podemos acrescentar, quão diferente da união disforme da elevada profissão e da baixa prática; entre as verdades elevadas retidas no intelecto, professadas, ensinadas e discutidas, o mundanismo e a própria indulgência e um espírito indomável! O cristianismo do Novo Testamento difere igualmente de todas estas coisas. É a manifestação divina, celestial e espiritual no meio do humano, terrestre e natural. Oxalá seja o santo propósito do autor e do leitor destas páginas não se darem por satisfeitos com nada menos do que o cristianismo moralmente glorioso revelado nas páginas do Novo Testamento!

Cremos que é desnecessário acrescentar alguma coisa mais à questão do sábado. Se o leitor tiver, de algum modo, compreendido a importância das Escrituras que têm passado ante os nossos olhos terá pouca dificuldade em ver o lugar que o sábado ocupa nos caminhos dispensacionais de Deus. Verá que se refere diretamente a Israel na terra, que é um sinal do concerto entre o Senhor e o Seu povo terrestre e uma poderosa prova do seu estado moral.

Além disso, verá que Israel nunca guardou realmente o sábado, que nunca compreendeu a sua importância, nem nunca apreciou o seu valor. Isto foi manifestado na vida, ministério e morte de nosso Senhor Jesus Cristo, que realizou muitas das Suas obras miraculosas no sábado, e, por fim, passou o sábado no sepulcro.

Finalmente, compreenderá claramente a diferença entre o sábado judaico e o primeiro dia da semana, ou o dia do Senhor; que este nunca é chamado o sábado no Novo Testamento; mas, pelo contrário, que é constantemente apresentado na sua própria distinção; não é o sábado mudado ou transferido, mas um dia inteiramente novo, que tem a sua própria base especial e o seu próprio curso de pensamento deixando o sábado inteiramente intacto como instituição suspensa, para ser retomada, mais tarde, quando a semente de Abraão for restaurada à sua própria terra (veja-se Ezequiel 46:1, 12).

O Primeiro Dia da Semana (Domingo) — o Dia do Senhor

Mas não podemos, felizmente, deixar este interessante assunto sem dizer algumas palavras sobre o lugar assinalado no Novo Testamento ao dia do Senhor, ou o primeiro dia da semana. Embora não seja o sábado, e apesar de não ter nada a ver com dias santos ou luas novas, ou "dias e meses, e tempos e anos", tem o seu próprio e único lugar no cristianismo, como é evidente pelas múltiplas passagens nas Escrituras do Novo Testamento.

Nosso Senhor ressuscitou dos mortos nesse dia. Apareceu aos Seus discípulos, repetidas vezes, nesse dia. O apóstolo e os irmãos em Trôade reuniram-se para partir o pão nesse dia (At 20:7). O apóstolo dá instruções aos coríntios e todos os que em todo o lugar invocam o nome do Senhor Jesus Cristo, a porem de parte as suas ofertas nesse dia; ensinando-nos assim claramente que o primeiro dia da semana era o dia especial para o povo do Senhor se reunir para a Ceia do Senhor, e para o culto, comunhão e ministério relacionado com essa preciosíssima instituição. O bem-aventurado apóstolo João diz-nos expressamente que estava em Espírito, nesse dia, e recebeu essa maravilhosa revelação que encerra o Volume divino (1).

(1) Alguns são de opinião que a expressão, "no dia do Senhor" deveria ser vertida em "do dia do Senhor", como querendo dizer que o apóstolo estava no espírito do

dia em que o Senhor Jesus Cristo há de tomar o Seu grande poder para reinar. Porém, há duas objeções a esta opinião. Em primeiro lugar, as palavras em Apocalipse 1:10 "O dia do Senhor", são completamente distintas das palavras em 1 Tessalonicenses 5:2; 2 Tessalonicenses 2:2; e 2 Pedro 3:10, propriamente traduzidas "O dia do Senhor".

Consideramos isto como uma objeção poderosa, suficiente para arrumar o assunto. Mas podemos acrescentar a isto também o argumento baseado no fato que a maior parte do livro de Apocalipse está ocupada não com "o dia do Senhor", mas com acontecimentos que o antecedem.

Por isso estamos persuadidos que "o dia do Senhor" e "o primeiro dia da semana" são idênticos; e considerarmos isto um fato muito importante provando que esse dia tem um lugar muito especial na Palavra de Deus — um lugar que todo o cristão inteligente reconhecerá com gratidão.

Desta forma temos perante nós um conjunto de evidências amplamente suficiente para demonstrar a todo o espírito piedoso que o dia do Senhor não deve ser reduzido ao nível dos dias ordinários. Para o verdadeiro cristão não é nem o sábado judaico nem o domingo gentílico, mas o dia do Senhor, em que o Seu povo com alegria e agradecimento se reúne em redor da Sua Mesa para celebrar essa preciosa festa mediante a qual anuncia a Sua morte até que venha.

Mas é desnecessário dizer que não há uma simples sombra de escravidão legal ou de superstição em relação com o primeiro dia da semana. Dizer ou pensar isso é negar toda a série de verdades com a qual esse dia está relacionado. Não temos nenhum mandamento direto a respeito da observância do dia; mas as passagens já referidas são amplamente suficientes, amplamente bastantes para toda a mente espiritual; e, além disso, podemos dizer que os instintos da natureza divina guiam o verdadeiro crente a honrar e amar o dia do Senhor, e a pô-lo de parte, do modo mais reverente, para o culto e serviço de Deus. A própria ideia de alguém que professa amar a Cristo se ocupar de negócios ou de trabalho desnecessário no dia do Senhor é, no nosso parecer, revoltante para todo o sentimento piedoso. Cremos ser um sagrado privilégio retirarmo-nos, o mais possível, de todas as distrações das coisas naturais e consagrarmos as horas do dia do Senhor a Ele mesmo e ao Seu serviço.

Dir-se-á talvez que o crente deveria dedicar todos os dias ao Senhor. Certamente; nós somos de Senhor, no sentido mais completo e elevado. Tudo quanto temos e tudo quanto somos Lhe pertence. Reconhecemos isto plena e alegremente. Somos chamados para fazer tudo em Seu Nome e para Sua glória. É nosso elevado privilégio comprar e vender, comer e beber, sim, fazer tudo sob o Seu olhar e no temor e amor do Seu santo nome. Não devemos pôr a nossa mão em coisa alguma,

em qualquer dia da semana, em que não poderíamos, com plena confiança, pedir a bênção do Senhor.

Tudo isto é claramente admitido. Todo o verdadeiro crente o reconhece alegremente. Mas, ao mesmo tempo, parece-nos impossível ler o Novo Testamento e não ver que o dia do Senhor ocupa um lugar único, que é assinalado para nós do modo mais claro, que tem um significado e uma importância que não podem, com justiça, ser requeridos para qualquer outro dia da semana. Na realidade, tão convencidos estamos da verdade de tudo isto, que, ainda mesmo que não fosse lei em Inglaterra guardar o dia do Senhor, nós acharíamos que era nosso sagrado dever e santo privilégio abstermo-nos de qualquer trabalho que não fosse absolutamente indispensável.

Graças a Deus, é lei da Inglaterra que o dia do Senhor seja observado. Isto é um sinal de misericórdia para todos os que amam esse dia por amor do Senhor. Não podemos deixar de reconhecer a Sua imensa bondade de haver arrebatado este dia da garra do mundo para o outorgar ao Seu povo e aos Seus servos a fim de ser dedicado ao Seu culto e à Sua obra.

Que mercê é o dia do Senhor com o seu profundo retiro das coisas mundanas! Que faríamos nós sem ele? Que bendita suspensão dos afazeres semanais! Quão precioso para a assembleia reunida em redor da Mesa do Senhor se lembrar d'Ele e anunciar a Sua morte e celebrar os Seus louvores! Quão deliciosos são os diversos serviços do dia do Senhor, quer sejam os de evangelista, de pastor, ensinador, obreiro da escola dominical ou distribuidor de tratados! Que linguagem humana poderá descrever adequadamente o valor e interesse de todas estas coisas? E verdade que o dia do Senhor é tudo menos um dia de descanso corpóreo para os Seus servos; com efeito sentem-se muitas vezes mais fatigados nesse dia do que em qualquer outro dia da semana. Mas, oh, é um cansaço bendito; uma fadiga que encontrará o seu brilhante galardão no repouso que resta ainda para o povo de Deus!

Uma vez mais, prezado leitor crente, levantemos os nossos corações num cântico de louvor ao nosso Deus por essa mercê bendita do dia do Senhor. Que Ele a mantenha para a Sua Igreja até que venha! Que Ele desfaça, pelo Seu poder onipotente, todos os esforços dos infiéis e ateus para removerem as barreiras que a lei inglesa erigiu em volta do dia do Senhor! Será verdadeiramente um dia triste quando essas barreiras forem destruídas.

Alguns poderão dizer talvez que o sábadu judaico desapareceu e que não é portanto obrigatório. Um grande número de cristãos professos tem tomado esta atitude e advogado a abertura de parques e lugares de recreio público ao domingo. Ah, compreende-se facilmente o que tais pessoas pretendem e o que procuram! Querem pôr de lado a lei a fim de obterem um privilégio para a indulgência carnal. Não compreendem que o único meio de alguém se libertar da lei consiste em estar

morto para ela; e se estamos mortos para a lei, estamos também necessariamente mortos para o pecado, e mortos para o mundo.

Isto torna o assunto de todo diferente. O cristão está, graças a Deus, livre da lei; mas, se o está, não é para que se possa divertir no dia do Senhor, ou qualquer outro dia, mas para que possa viver para Deus. "Porque eu, pela lei, estou morto para a lei, para viver para Deus." Isto é terreno cristão; e só pode ser ocupado por aqueles que são verdadeiramente nascidos de Deus. O mundo não pode compreender isso; nem tampouco pode compreender os sagrados privilégios e exercícios espirituais do dia do Senhor.

Tudo isto é verdadeiro; ao mesmo tempo, estamos absolutamente convencidos que se a Inglaterra tirasse as barreiras que rodeiam o dia do Senhor, daria uma prova muito triste do seu abandono da profissão religiosa que a tem, por tanto tempo, caracterizado, como nação, e de se haver precipitado na direção da infidelidade e do ateísmo. Não devemos perder de vista o fato importante de que a Inglaterra tomou o partido de ser uma nação cristã — uma nação que professa ser governada pela Palavra de Deus. É portanto mais responsável do que aquelas nações que estão envoltas nas densas trevas do paganismo. Nós cremos que as nações, assim como os indivíduos, serão responsáveis pela profissão que fazem; e, por isso, aquelas nações que professam ser cristãs e a si mesmas assim se chamam, serão julgadas, não apenas pela luz da criação, nem pela lei de Moisés, mas pela plena luz do orbe do cristianismo que professam — por toda a verdade encerrada nas capas desse bendito livro que possuem, e do qual se vangloriam. Os pagãos serão julgados com fundamento na criação; os judeus, com base na lei; o cristão nominal, com base na verdade do cristianismo.

Ora este fato importante agrava seriamente a posição da Inglaterra e de todas as outras nações que professam ser cristãs. Deus tratará com elas certamente com base na sua profissão. De nada serve dizer que não entendem o que professam; pois por que professar o que não entendem e creem? O fato é que professam compreender e crer; e por este fato serão julgadas. Vangloriam-se da expressão popular de que "a Bíblia e só a Bíblia é a religião dos protestantes".

Se é assim, quão solene é o pensamento da Inglaterra julgado pelo padrão de uma Bíblia aberta! Qual será o seu juízo? Qual o seu fim? Deixamos a aterradora resposta à consideração de todos a quem compete dá-la.

Que Lugar Ocupa a Escritura em Nossos Corações?

Devemos agora deixar o tema profundamente interessante do sábado e do dia do Senhor e dar por terminada esta parte com a citação para o leitor do notável parágrafo com que termina o nosso capítulo. Não exige um extenso comentário, mas parece- nos proveitoso nestes "Estudos sobre o Deuteronômio", proporcionar

ao leitor passagens completas do próprio livro, a fim de que ele possa ter diante de si as próprias palavras do Espírito Santo, sem mesmo ter de dar-se ao incômodo de pôr de parte o volume que tem em suas mãos.

Havendo exposto ao povo os dez mandamentos, o legislador prossegue recordando-lhes as solenes circunstâncias que acompanharam a entrega da lei, juntamente com os seus próprios sentimentos e expressões naquela ocasião.

"Estas palavras falou o SENHOR a toda a vossa congregação no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridade, com grande voz, e nada acrescentou; e as escreveu em duas tábuas de pedra, e a mim mas deu. E sucedeu que, ouvindo a voz do meio das trevas e vendo o monte ardente em fogo, vos achegastes a mim, todos os cabeças das vossas tribos e vossos anciãos, e dissestes: Eis aqui o SENHOR, nosso Deus, nos fez ver a sua glória e a sua grandeza, e ouvimos a sua voz do meio do fogo; hoje, vimos que Deus fala com o homem e que o homem fica vivo. Agora, pois, por que morreríamos?— Pois este grande fogo nos consumiria: se ainda mais ouvíssemos a voz do SENHOR, nosso Deus, morreríamos. Porque, quem há, de toda a carne, que ouviu a voz do Deus vivente falando do meio do fogo, como nós, e ficou vivo? Chega-te tu e ouve tudo o que disser o SENHOR, nosso Deus; e tu nos dirás tudo o que te disser o SENHOR, nosso Deus, e o ouviremos e o faremos. Ouvindo, pois, o SENHOR a voz das vossas palavras, quando me faláveis a mim, o SENHOR me disse: Eu ouvi a voz das palavras deste povo, que te disseram; em tudo falaram eles bem. Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre! Vai, dize-lhes: Tornai-vos às vossas tendas. Porém tu estás aqui comigo, para que eu a ti te diga todos os mandamentos, e estatutos, e juízos que tu lhes há de ensinar que cumpram na terra que eu lhes darei para possuí-la. Olhai, pois, que façais como vos mandou o SENHOR, VOSSO Deus; não declinareis nem para a direita, nem para a esquerda. Andareis em todo o caminho que vos manda o SENHOR, VOSSO Deus, para que vivais, e bem vos suceda, e prolongueis os dias na terra que haveis de possuir" (versículos 22 a 33).

Aqui o grande princípio do livro de Deuteronômio brilha com fulgor pouco comum. Está incorporado nessas comovedoras e poderosas palavras que formam o verdadeiro núcleo da esplêndida passagem que acabamos de citar. "Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos todos os dias, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!"

Preciosas palavras! Põem diante de nós, do modo mais feliz, a origem secreta daquela vida que nós, como cristãos, somos chamados para viver, dia a dia — a vida de simples, implícita e completa obediência, isto é, um coração que teme o Senhor—que O teme não com espírito servil, mas com aquele amor profundo, verdadeiro, adorável, que o Espírito Santo derrama em nossos corações. E isto que

compraz o coração de nosso amantíssimo Pai celestial. A Sua Palavra diz-nos: "Dá-me, filho meu, o teu coração." Quando o coração é dado, tudo se segue em encantadora ordem moral. Um coração amorável encontra o seu mais profundo gozo em obedecer a todos os mandamentos de Deus; e nada é de valor algum para Deus senão o que emana de um coração amoroso. O coração é a origem de todas as saídas da vida; e, por isso, quando é governado pelo amor de Deus há uma resposta amorosa a todos os Seus mandamentos. Nós amamos os Seus mandamentos, porque o amamos a Ele. Cada palavra Sua é preciosa para o coração que O ama. Cada preceito, cada estatuto, cada juízo, numa palavra, toda a Sua lei é amada, reverenciada e obedecida porque o Seu nome e a Sua autoridade estão com ela ligados.

O leitor encontrará no Salmo 119 uma ilustração rara e bela do ponto especial que temos perante nós — um exemplo notável de alguém que responde admiravelmente às palavras acima citadas — "Quem dera que eles tivessem tal coração que me temessem e guardassem todos os meus mandamentos... para sempre"! É o formoso alento de uma alma que encontrou o seu profundo e constante deleite na lei de Deus. Existem nada menos de cento e setenta e seis alusões a essa preciosa lei, sob um título ou outro. Vemos espalhadas por todo este maravilhoso salmo, em rica profusão, joias tais como as seguintes:

"Escondi a tua palavra no meu coração, para eu não pecar contra ti. Folgo mais com o caminho dos teus testemunhos do que com todas as riquezas. Em teus preceitos meditarei, e olharei para os teus caminhos. Alegrar-me-ei nos teus estatutos: não me esquecerei da tua palavra." "A minha alma está quebrantada de desejar os teus juízos, em todo o tempo." "Também os teus testemunhos são o meu prazer e os meus conselheiros." "Apego-me aos teus testemunhos." "Eis que tenho desejado os teus preceitos." "Confio na tua palavra... pois me atenho aos teus juízos." "E alegrar-me-ei em teus mandamentos, que eu amo." "Lembrei-me dos teus juízos." "Os teus estatutos têm sido os meus cânticos no lugar das minhas peregrinações." "Voltei os meus pés para os teus testemunhos." "Cri nos teus mandamentos." "Melhor é para mim a lei da tua boca do que inúmeras riquezas em ouro ou prata." "Tenho esperado na tua palavra." "A tua lei é a minha delícia." "Os meus olhos desfaleceram, esperando por sua promessa." "Todos os teus mandamentos são verdade." "Para sempre, ó SENHOR, a tua palavra permanece no céu." "Nunca me esquecerei dos teus preceitos." "Pois tenho buscado os teus preceitos." "Mas eu atentarei para os teus testemunhos." "O teu mandamento é amplíssimo." "Oh, quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia." "Oh, quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais doces do que o mel à minha boca." "Os teus testemunhos tenho eu tomado por herança para sempre, pois são o gozo do meu coração." "De contínuo me recrearei nos teus estatutos." "Pelo que amo os teus mandamentos mais do que o ouro." "Tenho em tudo como retos todos os teus

preceitos." "Maravilhosos são os teus testemunhos." "Abri a minha boca e respirei, pois que desejei os teus mandamentos." "... retos são os teus juízos". "Os teus testemunhos... são retos e muito fiéis." "A tua palavra é muito pura." "A tua lei é a verdade." "A justiça dos teus testemunhos é eterna." "Todos os teus mandamentos são a verdade." "A tua palavra é a verdade desde o princípio, e cada um dos teus juízos dura para sempre." "O meu coração temeu a tua palavra." "Folgo com a tua palavra, como aquele que acha um grande despojo." "Muita paz têm os que amam a tua lei." "Aminha alma tem observado os teus testemunhos; amo-os extremamente." "Tenho observado os teus preceitos." "A tua lei é todo o meu prazer."

Certamente fortalece o coração e anima o espírito transcrever frases tais como as precedentes, muitas das quais podem ser usadas para descrever a vida de nosso Senhor nos dias da Sua carne. Viveu sempre da Palavra. Era o alimento da Sua alma; a autoridade do Seu caminho, o material do Seu ministério. Por ela venceu Satanás; por ela tapou a boca aos saduceus, fariseus e herodianos. Por ela ensinou os Seus discípulos. A ela encomendou os Seus discípulos, quando estava prestes a subir aos céus.

Quão importante é tudo isto para nós! Quão interessante! Quão profundamente prático! Que lugar tão elevado dá à Sagrada Escritura! Porque lembremos que é, na verdade, o bendito Volume de inspiração que é posto diante de nós em todas essas áureas passagens citadas do Salmo 119. Quanto nos anima, fortalece e encoraja observar a maneira como nosso Senhor empregou as Sagradas Escrituras em todas as ocasiões, o lugar que lhes dá e a dignidade que lhes confere! Recorre a elas em todas as ocasiões como autoridade divina contra a qual não pode haver apelo. Embora Deus sobre todas as coisas, o Autor do Sagrado Volume, tendo tomado o Seu lugar na terra como Homem, mostra, com a possível clareza, o que é o dever obrigatório e elevado privilégio do homem, a saber, viver da Palavra de Deus — inclinar-se em reverente sujeição à sua autoridade divina.

E não temos nós aqui uma satisfatória resposta para a pergunta tantas vezes repetida da infidelidade: "Como sabemos que a Bíblia é a Palavra de Deus?" Se na verdade cremos em Cristo; se reconhecemos que Ele é o Filho de Deus, Deus manifestado em carne, verdadeiro Deus e verdadeiro homem, não podemos deixar de ver a força moral do fato que esta Pessoa divina apelou constantemente para as Escrituras — para Moisés, para os Profetas e os Salmos, como padrão divino. Não sabia que eram a Palavra de Deus? Indubitavelmente. Como Deus, Ele as havia dado; como Homem recebeu-as, aceitou-as, viveu de acordo com elas, e reconheceu a sua suprema autoridade em todas as coisas.

Que fato de peso há aqui para a igreja professante! Que áspera repreensão para todos os chamados doutores e escritores cristãos que têm ousado intrometer-se com a grande verdade fundamental de inspiração plenária das Sagradas Escrituras

em geral, e dos cinco livros de Moisés em particular! Quão terrível é pensar que muitos que professam ser mestres da igreja de Deus se atrevem a apontar como apócrifos escritos que nosso Senhor e Mestre aceitou e reconheceu como divinos! E, contudo, diz-se e espera-se que creiamos que as coisas vão melhorar! Ah, é uma miserável ilusão! Os absurdos degradantes do ritualismo, e os argumentos blasfemos da infidelidade estão aumentando rapidamente em redor de nós; e onde essas influências não estão presentemente dominando observa-se, na maioria dos casos, uma fria indiferença, comodidade carnal, complacência, e apego às coisas mundanas — tudo e qualquer coisa, enfim, menos a evidência de melhoria. Se as pessoas não são arrastadas pela infidelidade, por um lado, ou pelo ritualismo, por outro lado, é, principalmente, devido ao fato de que estão muito ocupadas com os prazeres e os negócios para pensarem em qualquer outra coisa. E quanto à religião dos nossos dias, se se lhes tirar o dinheiro e a música, ter-se-á um saldo lamentavelmente insignificante.

Por isso, é impossível desembaraçarmo-nos da convicção que o testemunho combinado da observação e da experiência está diretamente oposto à ideia de que as coisas estão melhorando. Com efeito, todo aquele que, em face de uma tal linha de evidência em contrário, persiste em inclinar-se para uma tal teoria só pode ser considerado como fruto da mais inconcebível credulidade.

Mas talvez alguém se sinta disposto a dizer que não devemos julgar segundo o que vemos; que devemos ter esperança. Certamente, contanto que tenhamos uma garantia divina para a nossa esperança. Se é possível apresentar uma simples linha da Escritura para provar que o atual estado de coisas vai ser caracterizado por progresso gradual, religioso, político, moral ou social, então, sem dúvida, sejamos esperançosos. Sim; esperança contra a esperança. Uma simples cláusula de inspiração é suficiente para formar a base de uma esperança que elevará o coração acima das mais negras e deprimentes circunstâncias que nos cercam.

Mas onde se há de encontrar essa cláusula? Em parte nenhuma. O testemunho da Bíblia, desde o princípio ao fim; o ensino claro da Escritura, desde uma à outra extremidade; as vozes dos profetas e apóstolos, em ininterrupta harmonia, sem uma única nota divergente, provam com uma força e clareza perfeitamente incontestáveis que o estado presente de coisas, longe de melhorar gradualmente, piorará rapidamente; que, antes que os brilhantes raios da glória do milênio possam alegrar este mundo dolorido, a espada do juízo tem de fazer a sua obra aterradora. Citar as passagens em prova da nossa afirmação encheria literalmente um volume; seria transcrever simplesmente uma grande parte das Escrituras proféticas do Velho Testamento e do Novo.

Não vamos, evidentemente, tentar fazer isto. Não há necessidade. O leitor tem a sua Bíblia. Examine-a diligentemente. Ponha de parte as suas ideias preconcebidas, todo o convencionalismo da cristandade, toda a fraseologia vulgar do mundo

religioso, todos os dogmas das escolas de divindade, e venha, com a simplicidade de uma criancinha, à pura fonte da Sagrada Escritura, e beba da sua celestial doutrina. Se fizer isto, levantar-se-á do estudo com a clara e firme convicção de que o mundo não será, com toda a certeza, convertido pelos meios atualmente postos em prática — que não é o evangelho da paz mas o espanador da destruição que preparará a terra para a glória.

Quer então dizer que negamos o bem que está sendo feito?— Somos insensíveis a seu respeito? Longe de nós tal pensamento! Bendizemos a Deus de todo o coração por todo bem. Regozijamo-nos em todos os esforços que se fazem para espalhar o precioso evangelho da graça de Deus; rendemos graças a Deus por cada alma que ingressa no bendito círculo da salvação de Deus. Deleitamo-nos em pensar dos oitenta e cinco milhões de Bíblia espalhadas sobre toda a terra. Que mente humana poderá calcular os resultados de todos estes exemplares, sim, os resultados até mesmo de um só exemplar. Desejamos sinceramente que Deus ajude a todo o missionário de coração fiel que leva as boas novas de salvação quer seja às travessas e pátios de Londres ou às mais distantes partes da terra.

O Evangelho não é Anunciado para a Conversão do Mundo, mas para tomar dele um Povo para o Seu Nome

Mas, admitindo tudo isto, como sinceramente admitimos, nós, todavia, não acreditamos na conversão do mundo pelos meios postos em prática. A Escritura diz-nos que é quando os juízos divinos vierem sobre a terra que os habitantes do mundo aprenderão a justiça. Esta simples cláusula da inspiração deveria ser suficiente para provar que não é por meio do evangelho que o mundo será convertido, e há centenas de cláusulas que empregam a mesma linguagem e ensinam a mesma verdade. Não é pela graça, mas pelo juízo que os habitantes de todo o mundo aprenderão a justiça.

Qual é pois o objetivo do evangelho? Se não é para converter o mundo, com que propósito é pregado? O apóstolo Tiago, no seu discurso no memorável concílio de Jerusalém, dá a resposta direta e conclusiva a esta pergunta. Diz ele: "Simão relatou como, primeiramente, Deus visitou os gentios." Para quê? Para os converter todos? Antes pelo contrário: "Para tomar deles um povo para o seu nome." Nada pode ser mais claro do que isto. Põe diante de nós o que deveria ser o grande objetivo de todo o esforço missionário—aquilo que todo o missionário divinamente enviado e divinamente ensinado terá presente em todos os seus benditos trabalhos. É para tomar um povo para o Seu nome.

Quão importante é recordar isto! Quão necessário nos é ter diante de nós um verdadeiro objetivo em todo o nosso trabalho! De que serve trabalhar com um falso objetivo? Não é muito melhor trabalhar com o fim imediato do que Deus está fazendo? Enfraquecerá as energias do missionário ou impedirá os seus movimentos

ter sempre presente o propósito divino do seu trabalho? Claro que não. Vejamos o caso de dois missionários partindo para um campo missionário longínquo; um tem por seu objetivo a conversão do mundo; o outro, tomar dele um povo. O último, por razão do seu propósito, será menos enérgico, menos ativo, menos entusiasta do que o primeiro? Não podemos crer; pelo contrário, o próprio fato de estar dentro da corrente dos propósitos divinos comunicará à sua obra estabilidade e consistência ao seu trabalho; e, ao mesmo tempo, encorajará o seu coração em face das dificuldades e impedimentos que o rodeiam.

Porém, é perfeitamente claro que os apóstolos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo não tinham tal objetivo, ao sair para o seu trabalho, como a conversão do mundo. "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado."

Isto foi dito aos doze. O mundo devia ser a sua esfera de trabalho. A sua mensagem era para toda a criatura; a aplicação, àquele que crer. Era por excelência uma coisa individual. A conversão de todo o mundo não devia ser o seu objetivo; isso será efetuado por uma operação totalmente distinta, quando a presente ação de Deus por meio do evangelho tiver produzido a separação de um povo para os céus (1). O Espírito Santo desceu no dia de Pentecostes não para converter o mundo, mas para o "convencer" do pecado ou demonstrar a sua culpa em rejeitar o Filho de Deus (2). O efeito da Sua presença devia ser provar o mundo culpado; e quanto ao grande objetivo da Sua missão, era o de formar um corpo composto de crentes tanto de judeus como de gentios. Com isto Ele tem estado ocupado durante os últimos mil e oitocentos anos. Este é "o mistério" de que o apóstolo Paulo foi feito ministro, e o qual ele desenrola tão completa e de modo tão bendito na sua epístola aos Efésios. É impossível alguém compreender a verdade neste maravilhoso documento e não ver que a conversão do mundo e a formação do corpo de Cristo são coisas tão diferentes que não podem de modo algum andar juntas.

(1) Queremos chamar a atenção do leitor para o Salmo 67. É uma das muitas passagens que provam que a bênção das nações se segue à restauração de Israel. "Deus tenha misericórdia de nós" [Israel] "e nos abençoe, e faça resplandecer o seu rosto sobre nós. Para que se conheça na terra o teu caminho e em todas as nações [...] Deus nos abençoará, e todas as extremidades da terra o temerão." Não poderia haver uma prova mais bela ou poderosa do fato que é Israel, e não a igreja, que será usada para bênção das nações.

(2) A aplicação de João 16:8 a 11 à obra do Espírito no indivíduo é, no nosso parecer, um grave erro. Essa passagem refere-se ao efeito da Sua presença na terra e a respeito do mundo no seu conjunto.

A sua obra na alma é uma obra preciosa, escusado será dizê-lo; mas não é a verdade ensinada nesta passagem.

Considere o leitor a seguinte passagem: "Por esta causa, eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios, se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação como acima, em pouco, vos escrevi, pelo que, quando ledes, podeis perceber a minha compreensão do mistério de Cristo, o qual, noutras séculos, não foi manifestado aos filhos dos homens" — não foi manifestado nas Escrituras do Velho Testamento; nem revelado aos santos ou profetas do Velho Testamento — "como, agora, tem sido revelado pelo Espírito aos seus santos apóstolos e profetas" — quer dizer, aos profetas do Novo Testamento — "a saber, que os gentios são co-herdeiros, e de um mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho; do qual fui feito ministro, pelo dom da graça de Deus, que me foi dado, segundo a operação do seu poder. A mim, o mínimo de todos os santos, me foi dada esta graça de anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que, desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou; para que agora, pela igreja, a multiforme sabedoria de Deus seja conhecida dos principados e potestades nos céus" (Ef 3:1 a 10).

Vejamus outra passagem da epístola aos Colossenses: "Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro. Regozijo-me, agora, no que padeço por vós e na minha carne cumpro o resto das aflições de Cristo, pelo seu corpo, que é a igreja; da qual eu estou feito ministro, segundo a dispensação de Deus, que me foi concedida para convosco, para cumprir a palavra de Deus: o mistério que esteve oculto desde todos os séculos e em todas as gerações e que, agora, foi manifesto aos seus santos; aos quais Deus quis fazer conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória; a quem anunciamos, admoestando a todo homem e ensinando a todo homem; em toda a sabedoria, para que apresentemos todo homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a eficácia, que opera em mim poderosamente" (Cl 1:23 a 29).

De estas e outras numerosas passagens o leitor poderá ver o objetivo especial do ministério de Paulo. Certamente a ideia da conversão do mundo não entrava na sua mente. Decerto, pregava o evangelho, em toda a sua profundidade, plenitude e poder — pregava-o "desde Jerusalém e arredores até ao Ilírico" — "anunciava entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo"; mas não com a ideia de converter o mundo. Estava mais bem informado. Sabia e ensinava que o mundo se estava preparando para o juízo; sim, amadurecendo rapidamente; que "os homens maus e enganadores irão de mal para pior"; que "nos

últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibindo o casamento e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças" (1 Tm 4:1 a 4).

E, mais ainda, esta testemunha fiel e divinamente inspirada ensinou que "nos últimos dias" — muito antes dos "últimos tempos" — "sobrevirão tempos trabalhosos" [ou difíceis]; "porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos, sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons, traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela" (2 Tm 3:1 a 5).

O Que Diz a Escritura

Que quadro! Faz-nos retroceder ao final do capítulo 1 de Romanos, onde a mesma pena inspirada nos descreve as sinistras formas de paganismo; mas com esta diferença terrível que em 2 Timóteo não se trata de paganismo mas de cristianismo nominal — "uma forma de piedade".

E há de ser este o fim do atual estado de coisas? E este o mundo convertido do qual tanto ouvimos falar! Ah, os falsos profetas abundam por toda a parte! Há muitos que clamam, paz, paz, não havendo paz. Há os que pretendem rebocar a parece esburacada da cristandade com cal não adubada (Ez 13:10).

Mas isto não prosperará. O juízo está perto. A igreja professante tem fracassado completa e vergonhosamente; tem-se apartado lamentavelmente da Palavra de Deus, e revoltado contra a autoridade do seu Senhor. Não há um só raio de esperança para a cristandade. E a mancha moral mais negra em todo o vasto universo de Deus, ou na página da história. O mesmo bendito apóstolo de cujos escritos temos feito uma extensa citação diz-nos que "já o mistério da injustiça opera"; de onde se segue que tem estado a operar através de dezoito séculos. "Somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado; e, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais, e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem. E, por isso, Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniquidade" (2 Ts 2:7 a 12).

Quão terrível é a sentença da cristandade! Operação do erro! Negra condenação! E tudo isto na cara desses falsos profetas que falam do "lado brilhante das coisas".

Graças a Deus, existe um lado brilhante para todos os que pertencem a Cristo. A esses o apóstolo pode falar com esplendorosos e alegres acentos. "Mas devemos sempre dar graças a Deus, por vós, irmãos amados do Senhor, por vos ter Deus elegido desde o princípio para a salvação em santificação do Espírito e fé da verdade, para o que, pelo nosso evangelho, vos chamou para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Ts 2:13-14).

Aqui temos, indubitavelmente, o lado glorioso das coisas — a gloriosa e bendita esperança da Igreja de Deus — a esperança de ver "a resplandecente estrela da manhã". Todos os crentes corretamente instruídos estão à espera, não de um mundo melhorado ou convertido, mas da vinda do seu Senhor e Salvador que foi preparar-lhes um lugar na casa do Pai e virá outra vez para os levar para Si mesmo, para que onde Ele estiver, eles estejam também. Esta é a Sua doce promessa, a qual pode realizar-se de um momento para o outro. O Senhor espera apenas, como Pedro nos diz, em longanimidade, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se. Mas quando o último membro for incorporado pelo Espírito Santo no bendito corpo de Cristo, então a voz do arcanjo e a trombeta de Deus convocarão todos os remidos, desde o princípio, para irem ao encontro do seu Senhor nos ares, para estarem sempre com Ele.

Esta é a verdadeira e própria esperança da Igreja de Deus — uma esperança que Ele quer que resplandeça sempre nos corações de todo o Seu amado povo, em todo o seu poder purificador e de exaltação. Desta bendita esperança o inimigo tem conseguido roubar um grande número do povo do Senhor. Com efeito durante séculos foi quase apagada do horizonte da Igreja; e foi apenas parcialmente recuperada durante os últimos cinquenta anos. E, oh, quão parcialmente! Onde ouvimos nós falar dela em todos os âmbitos da Igreja professante? Ecoa nos púlpitos da cristandade o grito alegre: "Aí vem o esposo?" Longe disso. Até mesmo os poucos servos amados de Cristo que esperam a Sua vinda dificilmente se atrevem a pregá-la porque receiam que seria completamente rejeitada. Como certamente seria. Estamos perfeitamente convencidos de que, na maioria dos casos, os que se aventurassem a pregar a gloriosa verdade da vinda do Senhor para a Sua Igreja, teriam rapidamente que abandonar os púlpitos.

Que solene e notável prova do poder enganador de Satanás! Defraudou a Igreja da esperança que divinamente lhe foi dada; e, em vez dela, deu-lhe uma ilusão — a mentira. Em vez de esperar pela "resplandecente Estrela da manhã", pô-la à espera da conversão do mundo — de um milênio sem Cristo. Tem conseguido lançar sobre o futuro uma tal ofuscação mental que a Igreja perdeu completamente a sua orientação. Não sabe onde está. E como um barco sacudido pelo mar tormentoso sem ter leme nem bússola, sem ver sol nem estrelas. Tudo são trevas e confusão.

E por que é isto assim? - Simplesmente porque a Igreja tem perdido de vista a pura e preciosa Palavra do seu Senhor; e aceitado, em lugar dela, esses credos e confissões

confusos dos homens, que mancham e mutilam de tal maneira a verdade de Deus que os cristãos parecem estar completamente desorientados quanto à sua própria posição e esperança.

E, todavia, têm a Bíblia em suas mãos. Decerto, mas também os judeus a tinham, e, todavia, rejeitaram Aquele bendito Senhor que é o grande tema da Bíblia, desde o princípio ao fim. Esta era a inconsistência moral que nosso Senhor lhes lançou em cara, em João 5. "Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam. E não quereis vir a mim para terdes vida" (1).

(1) Tinham as Escrituras, liam-na nas sinagogas todos os sábados; professavam crer que tinham nelas a vida eterna; elas testificavam d'Ele; e todavia, não queriam vir a Si. Daí a flagrante inconsistência. Se for tomada como uma ordem, toda a força da passagem é perdida.

Será preciso recordar ao leitor que há inúmeros argumentos e conclusões que nos levam a examinar as Escrituras sem apelar para o que cremos ser uma incorreta interpretação de João 5:39?

E por que era isto? Simplesmente porque as suas mentes estavam cegas por preconceitos religiosos. Estavam sob a influência de doutrinas e mandamentos dos homens. Por isso, embora tivessem as Escrituras, e se vangloriassem de as possuir, eram tão ignorantes acerca delas e governavam-se tampouco por elas como os pobres pagãos ignorantes que os rodeavam. Uma coisa é termos a Bíblia em nossas mãos, em nossas casas, nas nossas igrejas, e outra muito diferente ter as verdades da Bíblia atuando em nossos corações e consciências e brilhando nas nossas vidas.

Tome-se por exemplo o magno assunto de que estamos tratando e que nos tem conduzido a esta larga digressão. Pode alguma coisa ser mais claramente ensinada no Novo Testamento do que isto, ou seja, que o fim do presente estado de coisas será uma terrível apostasia da verdade, e rebelião declarada contra Deus e o Cordeiro?- Os Evangelhos, as Epístolas e o Apocalipse todos concordam em expor esta verdade solene com tal clareza e simplicidade que até um menino em Cristo pode vê-la.

E, contudo, quão poucos, comparativamente, creem isto! A grande maioria crê precisamente o contrário. Creem que por meio das diversas atividades atualmente em operação todas as nações serão convertidas. Em vão chamados a atenção para as parábolas do Senhor em Mateus 13: o joio, o fermento e a semente de mostarda. Como concordam elas com a ideia da conversão do mundo? Se o mundo inteiro vai ser convertido pela pregação do evangelho, como é então que se encontra joio no campo no fim do mundo? Como é que há tantas virgens loucas como sábias quando o Esposo vem? Se todo o mundo há de ser convertido pelo evangelho, então para

quem é que "o dia do Senhor virá como ladrão de noite?" Ou o que significam estas palavras terríveis: "Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então, lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida; e de modo nenhum escaparão" (1 Ts 5:3). A vista de um mundo convertido, qual seria a justa aplicação, a força moral dessas solenes palavras em capítulo primeiro de Apocalipse: "Eis que vem com as nuvens, e todo o olho o verá, até os mesmos que o traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele?" Onde se encontrarão essas tribos em pranto se todo o mundo há de ser convertido?

Leitor, não é claro como a luz do sol que as duas coisas não podem, nem por um momento, subsistir juntas? Não é perfeitamente claro que a teoria da conversão do mundo por meio do evangelho está diametralmente oposta ao ensino de todo o Novo Testamento? Como é então que a grande maioria dos crentes professos persiste em afirmar? Só pode haver uma resposta e esta é que não se submetem à autoridade da Escritura. E muito doloroso e solene ter de o dizer; mas é infelizmente verdade! A Bíblia é lida na cristandade; mas as verdades da Bíblia não são acreditadas — antes pelo contrário, são persistentemente rejeitadas. E tudo isto ante a expressão de alarde tantas vezes repetida: A Bíblia, e somente a Bíblia é a religião dos protestantes."

Mas não prosseguiremos este assunto, apesar de sentirmos o seu valor e importância. Confiamos em que o leitor seja levado pelo Espírito Santo a sentir a sua profunda solenidade. Cremos que o povo de Deus em toda a parte necessita de ser despertado para conhecer como a igreja professante se apartou completamente da autoridade da Escritura. Podemos estar certos de que está aqui a verdadeira causa de toda a confusão, de todo o erro, de todo o mal entre nós. Temos nos afastado da Palavra do Senhor, e d'Ele mesmo. Enquanto isto não for compreendido, sentido e admitido, as coisas não podem mudar. O Senhor busca verdadeiro arrependimento, um espírito realmente quebrantado, na Sua presença: "... eis para quem olharei: para o pobre e abatido de espírito, e que treme da minha palavra" (Is 66:2).

Isto é sempre verdadeiro. Não há limite para a bênção, quando a alma se encontra nesta bendita atitude. Mas tem de ser uma realidade. De nada servirá falar de se estar "pobre e abatido"; devemos estar realmente nesse estado. E um assunto individual — "para quem olharei".

Oh, que o Senhor, em Sua infinita misericórdia, nos guie, a cada um de nós, a um verdadeiro auto-juízo sob a ação da Sua Palavra! Que os nossos ouvidos sejam abertos para ouvir a Sua voz! Que os nossos corações sejam realmente volvidos para Ele e a Sua Palavra! Voltemos as costas, com santa decisão, de uma vez para sempre, a tudo que não estiver de acordo com a Sagrada Escritura! Isto, estamos convencidos, é o que o Senhor Jesus Cristo espera de todos os que Lhe pertencem, entre os terríveis e irremediáveis escombros da cristandade.

CAPÍTULO 6

ESTAS PALAVRAS ESTARÃO NO TEU CORAÇÃO

Eu e a Minha Casa

"Estes, pois, são os mandamentos, os estatutos e os juízos que mandou o SENHOR, VOSSO Deus, para se vos ensinar, para que os fizésseis na terra a que passais a possuir; para que temas ao SENHOR, teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos, que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados. Ouve, pois, ó Israel, e atenta que os guardes, para que bem te suceda, e muito te multipliques, como te disse o SENHOR, Deus de teus pais, na terra que mana leite e mel. Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR."

Aqui temos exposta a verdade fundamental que a nação de Israel era especialmente responsável por manter e confessar, a saber: a unidade da Deidade. Esta verdade encontra-se na própria fundação da economia judaica. Era o grande centro em volta do qual o povo devia reunir-se. Enquanto a mantiveram, foram um povo feliz, próspero e fértil; mas quando a abandonaram, tudo desapareceu. Era o seu grande baluarte, e o que devia distingui-los de todas as nações da terra. Foram chamados para confessar esta gloriosa verdade ante um mundo idólatra, com "os seus muitos deuses e muitos senhores". Era elevado privilégio e santo dever de Israel render um firme testemunho da verdade contida nessa importante expressão: "O SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR", em notável oposição aos inúmeros deuses falsos dos pagãos à sua volta. Seu pai Abraão havia sido chamado a sair do próprio meio da idolatria do paganismo, para ser um testemunho do único Deus vivo e verdadeiro, para confiar n'Ele, andar com Ele, apoiar-se n'Ele e Lhe obedecer.

Se o leitor se voltar para o último capítulo de Josué, encontrará uma notável alusão a este fato, e o emprego importante que ele fez dela, no seu último discurso ao povo. "Depois, ajuntou Josué todas as tribos de Israel em Siquém e chamou os anciãos de Israel, e os seus cabeças, e os seus juízes, e os seus oficiais, e eles se apresentaram diante de Deus. Então Josué disse a todo o povo: Assim diz o SENHOR, Deus de Israel: Dalém do rio, antigamente, habitaram vossos pais, Tera, pai de Abraão e pai de Naor: e serviram a outros deuses. Eu, porém, tomei a Abraão, vosso pai dalém do rio, e o fiz andar por toda a terra de Canaã; também multipliquei a sua semente e dei-lhe Isaque."

Aqui Josué recorda ao povo o fato de que seus pais haviam servido outros deuses — um fato solene e muito importante, certamente, e que eles nunca deveriam ter esquecido, visto que a sua recordação os teria advertido da sua grande necessidade de vigilância sobre si mesmos, não fosse o caso de, de algum modo, regressarem ao terrível e grosseiro mal de que Deus, em Sua graça soberana, e amor de eleição, havia chamado seu pai Abraão. Teria sido prudente considerar que o mesmíssimo mal em que seus pais haviam vivido, nos tempos antigos, era precisamente o mesmo em que eles corriam o risco de cair .

Havendo apresentado este fato ao povo, Josué traz perante eles, com energia invulgar e rara clareza, todos os principais acontecimentos da sua história, desde o nascimento de seu pai Isaque ao momento em que lhes falava; e então termina com o seguinte apelo: "Agora, pois, temei ao SENHOR, e servi-o com sinceridade e com verdade, e deitai fora os deuses aos quais serviram vossos pais dalém do rio e no Egito, e servi ao SENHOR. Porém, se vos parece mal aos vossos olhos servir ao SENHOR, escolhei hoje a quem sirvais: se os deuses a quem serviram vossos pais, que estavam dalém do rio, ou os deuses dos amorreus, em cuja terra habitais; porém eu e a minha casa serviremos ao SENHOR" (versículos 1-3, 14).

Note-se a alusão repetida ao fato de que os seus pais haviam adorado deuses falsos; e, além disso, de que a terra a que o Senhor os havia trazido havia sido poluída, de uma extremidade à outra, pelas tenebrosas abominações da idolatria pagã.

Desta forma este fiel servo do Senhor procura, evidentemente por inspiração do Espírito Santo, pôr diante do povo o perigo de abandonar a grande verdade central e fundamental de um Deus vivo e verdadeiro, e de caírem outra vez na adoração de ídolos. Faz-lhes ver a necessidade de absoluta e sincera decisão. "Escolhei hoje a quem sirvais." Nada dá como uma decisão clara, franca e aberta por Deus. É-Lhe devida em todos os tempos. O Senhor havia-lhes dado provas de que era inconfundivelmente por eles remindo-os da escravidão do Egito e conduzindo-os através do deserto e colocando-os na terra de Canaã. Por isso, serem inteiramente por Ele nada mais era do que o seu serviço racional.

Quão intensamente o entendia assim Josué quanto ao que se referia a si mesmo bem o demonstram aquelas palavras memoráveis : "Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR. " Belas palavras! Preciosa decisão! Uma religião nacional podia cair em ruína, e infelizmente assim sucedeu em Israel, mas a religião pessoal e familiar pode pela graça de Deus ser mantida, onde quer que seja, e em todos os tempos.

Graças a Deus por tudo isto! Que nunca o esqueçamos! "Eu e a minha casa" é a resposta clara e alegre da fé à exortação de Deus: "Tu e a tua casa." Seja qual for o estado do povo professo de Deus, em qualquer tempo, todo homem de Deus de verdadeiro coração tem o privilégio de adotar essa imorredoura decisão e atuar de acordo com ela: "Eu e a minha casa serviremos ao SENHOR."

Decerto, esta santa resolução só pode ser levada a efeito pela graça de Deus concedida continuamente, mas podemos estar seguros de que quando o coração está disposto a seguir completamente o Senhor toda a graça necessária será dada, dia a dia; porque essas encorajadoras palavras terão sempre o seu valor: "A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza."

Vejamos agora, por um momento, o efeito aparente do apelo comovedor de Josué à congregação. Parecia muito prometedo. "Então, respondeu o povo e disse: Nunca nos aconteça que deixemos ao SENHOR para servirmos a outros deuses; porque o SENHOR é o nosso Deus; ele é o que nos fez subir, a nós e a nossos pais, da terra do Egito, da casa da servidão, e o que tem feito estes grandes sinais aos nossos olhos, e nos guardou por todo o caminho que andamos, e entre todos os povos pelo meio dos quais passamos. E o SENHOR expeliu de diante de nós a todas estas gentes, até ao amorreu, morador da terra; também nós serviremos ao SENHOR, porquanto é nosso Deus."

Tudo isto soava bem e despertava grandes esperanças. Parecia terem um sentido claro da base moral do direito do Senhor sobre eles por obediência implícita. Podiam relatar minuciosamente todos os Seus feitos poderosos em seu favor, e fazer sinceros, sem dúvida, verdadeiros juramentos contra a idolatria e promessas de obediência ao Senhor, seu Deus.

"Deitai Fora os Deuses Estranhos"

Mas é evidente que Josué não confiava muito nesses protestos, pois que disse ao povo: "Não podereis servir ao SENHOR, porquanto é Deus santo, é Deus zeloso, que não perdoará a vossa transgressão nem os vossos pecados. Se deixardes o SENHOR e servirdes a deuses estranhos, então, se tornará, e vos fará mal, e vos consumirá, depois de vos fazer bem. Então, disse o povo a Josué: Não; antes, ao SENHOR serviremos. E Josué disse ao povo: Sois testemunhas contra vós mesmos de que vós escolhestes o SENHOR, para o servir. E disseram: Somos testemunhas. Agora, pois, deitai fora os deuses estranhos que há no meio de vós: e inclinai o vosso coração ao SENHOR, Deus de Israel. E disse o povo a Josué: Serviremos ao SENHOR, nosso Deus, e obedeceremos à sua voz" (versículos 16-24).

Não nos deteremos por agora em considerar o aspecto em que Josué apresentou Deus à congregação de Israel, visto que o nosso propósito em nos referirmos a esta passagem é mostrar o lugar proeminente assinalado, no discurso de Josué, à verdade da unidade da Deidade. Esta era a verdade da qual Israel fora chamado para dar testemunho ante todas as nações da terra, e na qual deveriam encontrar salvaguarda moral contra as ardilosas influências da idolatria.

Mas, ah, foi precisamente a esta verdade que eles tão rápida e assinaladamente faltaram! As promessas, votos e resoluções feitos sob a poderosa influência do apelo de Josué depressa mostraram ser como o orvalho da madrugada e a nuvem da

manhã que se desvanece. "E serviu o povo ao SENHOR todos os dias de Josué e todos os dias dos anciãos que prolongaram os seus dias depois de Josué e viram toda aquela grande obra do SENHOR, a qual ele fizera a Israel. Faleceu, porém, Josué, filho de Num, servo do SENHOR, da idade de cento e dez anos...; e foi também congregada toda aquela geração a seus pais, e outra geração após eles se levantou, que não conhecia ao SENHOR, nem tampouco a obra que fizera a Israel. Então, fizeram os filhos de Israel o que parecia mal aos olhos do SENHOR; e serviram aos baalins. E deixaram o SENHOR, Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egito, e foram-se após outros deuses, dentre os deuses das gentes que havia ao redor deles, e encurvaram-se a eles; e provocaram o SENHOR à ira. Porquanto deixaram ao SENHOR e serviram a Baal e a Astarote" (Jz 2:7 a 13).

Prezado leitor, como isto nos adverte! Quão depressa abandonaram a grande, magna, especial e característica verdade! O Deus único vivo e verdadeiro trocado por Baal e Astarote! Enquanto Josué e os anciãos viveram, a sua presença e influência guardaram a Israel de aberta apostasia. Porém, apenas desaparecidos esses diques morais, a tenebrosa maré da idolatria subiu e varreu os próprios fundamentos da fé nacional. O Javé de Israel foi suplantado por Baal e Astarote. A influência humana é um fraco apoio, uma débil barreira. Temos de ser sustentados pelo poder de Deus, de contrário cederemos, mais tarde ou mais cedo. A fé que se apoia meramente na sabedoria dos homens, e não no poder de Deus, mostrará ser uma fé pobre, inconsistente e inútil. Não subsistirá no dia da provação; não suportará o fogo; certamente sucumbirá.

É conveniente recordar isto. Uma fé de segunda mão de nada servirá. Tem de haver um elo vivo ligando a alma com Deus. Nós próprios temos de tratar, individualmente, com Deus, de contrário cederemos quando vier o tempo da provação. A influência humana e o exemplo humano podem ser muito bons no seu próprio lugar. Era muito bom olhar para Josué e os anciãos e ver como seguiam fielmente ao Senhor. É bem verdade que "O ferro com o ferro se aguça, assim o homem afia o rosto do seu amigo". (Pv 27:17). É muito animador estar-se rodeado por um número de fiéis verdadeiramente dedicados; muito agradável ser conduzido por uma corrente de lealdade coletiva a Cristo — à Sua Pessoa e à Sua causa. Mas se isto for tudo, se não houver a origem profunda de fé pessoal e de conhecimento pessoal; se não existir o laço divinamente formado e divinamente mantido de parentesco e comunhão individual, então quando os apoios humanos são removidos, quando a corrente de influência humana enfraquece, quando se dá o abandono geral, nós seremos, em princípio, como Israel seguindo o Senhor todos os dias de Josué e dos anciãos, e então deixaremos de confessar o Seu nome e retrocederemos para as loucuras e vaidades deste presente século — coisas que não são melhores, na realidade, do que Baal e Astarote.

O Único Fundamento

Mas por outro lado quando o coração está completamente estabelecido na verdade e graça de Deus; quando podemos dizer — como é privilégio de todo crente dizer — "Eu sei em quem tenho crido, e estou certo que é poderoso para guardar o meu tesouro até aquele dia", então, ainda que todos se afastem da confissão pública de Cristo, ainda que tenhamos de ficar sem o auxílio de um semblante humano, ou do apoio de um braço humano, acharemos que "o fundamento de Deus" é como sempre firme; e a senda da obediência tão clara diante de nós como se milhares a seguissem com santa decisão e energia.

Nunca devemos perder de vista o fato que o propósito divino é que a igreja professante de Deus aprenda profundas e santas lições com a história de Israel. "Porque tudo que dantes foi escrito para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e consolação das Escrituras, tenhamos esperança" (Rm 15:4). Nem é necessário, de modo algum, a fim de nos instruímos nas Escrituras do Velho Testamento ocuparmo-nos em buscar analogias extravagantes, teorias curiosas ou ilustrações artificiosas. Muitos, infelizmente, têm experimentado estas coisas, e em vez de encontrarem "conforto" nas Escrituras, têm sido arrastados para opiniões vãs, senão erros mortais.

Mas o que nos interessa são os fatos vivos relatados nas páginas da história inspirada. Estes fatos têm de ser o nosso estudo: deles temos de tirar grandes lições práticas. Tome-se por exemplo o fato grave e admonitório que temos diante de nós — um fato que aparece com tanto relevo e com traços tão profundos nas páginas da história de Israel desde Josué a Isaías — o fato do lamentável afastamento de Israel da própria verdade que haviam sido especialmente chamados para manter e professar, isto é, a unidade da Deidade. A primeira coisa que fizeram foi abandonar esta grande e importantíssima verdade, a pedra angular, fundamento de todo o edifício, o verdadeiro núcleo da sua existência nacional, o centro vivo da sua política nacional. Abandonaram-no e voltaram-se para a idolatria de seus antepassados de antes do dilúvio e das nações pagãs à sua volta. Abandonaram a verdade mais gloriosa e distinta, da manutenção da qual dependia a sua própria existência como nação. Tivessem eles mantido com firmeza essa verdade, e teriam sido invencíveis; mas, abandonando-a, eles renderam tudo e tornaram-se muito piores que as nações à sua volta, visto que pecaram contra a luz e conhecimento — pecaram com os olhos abertos — pecaram ante as mais solenes admoestações e as mais ternas súplicas; e, podemos acrescentar, apesar das mais veementes e reiteradas promessas e protestos de obediência.

Israel Abandonou este Fundamento, mas Haverá uma Restauração Futura

Sim, prezado leitor, Israel abandonou o culto do único Deus vivo e verdadeiro, Javé Elohim, o seu Deus do concerto; não apenas seu Criador, mas seu Redentor;

Aquele que os havia tirado da terra do Egito; que os havia conduzido através do mar Vermelho; que os guiara através do deserto; que os trouxera através do Jordão, e os plantara, em triunfo, na posse da herança que havia prometido a seu pai Abraão. "Uma terra que mana leite e mel, que é a glória de todas as nações." Voltaram-Lhe as costas, e entregaram-se ao culto de deuses falsos. "Provocaram-No à ira com os seus lugares altos, e a zelos com as suas imagens de escultura."

É espantoso que um povo que havia visto e conhecido tanto da bondade e misericórdia de Deus, os Seus atos poderosos, a Sua fidelidade, majestade, a glória, pudesse jamais curvar-se ante um tronco de árvore. Mas assim foi. Toda a sua história desde os dias do bezerro, ao pé do Monte Sinai, ao dia em que Nabucodonosor reduziu Jerusalém a escombros, está marcada por um espírito indomável de idolatria. Em vão o Senhor, em Sua longânima misericórdia e bondade, os libertou e os levantou das consequências terríveis do seu pecado e loucura. Em Sua inesgotável misericórdia e paciência, repetidas vezes os salvou das mãos dos seus inimigos. Levantou um Otniel, um Eúde, um Baraque, um Gideão, um Josafá, um Sansão, instrumentos de Sua misericórdia e poder, testemunhas do Seu profundo, terno amor e compaixão para com o Seu pobre povo enfatuado. Apenas cada juiz desaparecia da cena, a nação submergia-se outra vez no seu pecado habitual de idolatria.

Assim sucedia também nos dias dos reis. E a mesma triste história de cortar o coração. E verdade que havia brilhantes exceções, por aqui e por ali, algumas refulgentes estrelas brilhando através da profunda escuridão da história nacional; temos um Davi, um Asa, um Josafá, um Ezequias, um Josias — animadoras e benditas exceções da negra e deplorável regra geral. Mas até mesmo homens como estes falharam em arrancar do coração do povo a perniciosa raiz da idolatria. Até por entre os esplendores incomparáveis do reinado de Salomão essa raiz deitou os seus amargos rebentos na forma monstruosa dos altos dedicados a Astarote, a deusa dos sidônios; Malcom, a abominação dos amonitas; e a Quemos, a abominação de Moabe.

Prezado leitor, pensa nisto. Detém-te por momento e repara no fato assombroso de o escriba de Cantares, Eclesiastes e dos Provérbios inclinando-se ante o altar de Moloque! Imagina o mais sábio, o mais opulento e glorioso dos monarcas de Israel queimando incenso e oferecendo sacrifícios no altar de Quemos!

Na verdade, temos aqui um motivo de meditação. Está escrito para nosso ensino. O reinado de Salomão proporciona uma das provas mais notáveis e tocantes do fato que neste momento ocupa a nossa atenção, isto é, a completa e desesperada apostasia da grande verdade da unidade da Deidade—o seu espírito indomável de idolatria. A verdade que haviam sido chamados especialmente a confessar e

manter, foi a própria verdade que eles, antes de tudo e persistentemente, abandonaram.

Não prosseguiremos a sombria linha de evidência; nem nos deteremos na descrição do quadro aterrador do juízo da nação em consequência da sua idolatria. Encontram-se agora no estado de que falou o profeta Oséias: "Porque os filhos de Israel ficarão por muitos dias sem rei, e sem príncipe, e sem sacrifício, e sem estátua, e sem éfode ou terafins" (Os 3:4). "O espírito imundo de idolatria tem saído deles" durante estes "muitos dias" para voltar, em breve, trazendo consigo "outros sete espíritos piores do que ele" (Lc 11:26) — a própria perfeição de maldade espiritual. E então seguir-se-ão dias de grande tribulação para esse povo por tanto tempo mal guiado e grandemente revoltoso — "O tempo da tribulação de Jacó".

Mas a libertação virá, bendito seja Deus! Dias brilhantes estão reservados para a nação restaurada — "dias do céu sobre a terra" — como nos diz o mesmo profeta Oséias: "Depois, tornarão os filhos de Israel e buscarão o SENHOR, seu Deus, e Davi, seu rei; e temerão o SENHOR, e a sua bondade, no fim dos dias." Todas as promessas de Deus a Abraão, Isaque, Jacó e Davi serão bem-aventuradamente cumpridas; todas as brilhantes predições dos profetas, desde Isaías a Malaquias, serão gloriosamente cumpridas. Sim, tanto as promessas como as profecias serão literal e gloriosamente cumpridas a Israel restaurado, na terra de Canaã; porque "a Escritura não pode ser anulada". A longa, escura, triste noite será seguida pelo dia mais brilhante que jamais resplandeceu sobre a terra; a filha de Sião expor-se-á aos resplandecentes e benditos raios do "Sol da Justiça"; e "a terra será cheia do conhecimento do SENHOR, como as águas cobrem o mar."

Seria na verdade uma tarefa agradável reproduzir nas páginas deste volume as passagens resplandecentes dos profetas que falam do futuro de Israel; mas não podemos intentar fazê-lo, nem é necessário; e temos um dever a cumprir, que se não é tão agradável para nós, ou animador para o leitor, esperamos que seja não menos proveitoso.

O dever a que nos referimos é de chamar a atenção do leitor — a atenção de toda a Igreja de Deus — para a aplicação prática do fato solene da história de Israel acerca do qual nos havemos alargado — o fato de Israel ter abandonado tão depressa e completamente a grande verdade exposta em Deuteronômio 6:4: "Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor."

O que Tem isso a Ver com a Igreja?

Perguntar-se-á: "Que relação pode ter este fato com a Igreja de Deus?" Cremos que tem uma relação importantíssima; e, além disso, julgamos que seríamos culpados de descuido no cumprimento do nosso dever a Cristo e à Sua Igreja se deixássemos de assinalar esta relação. Sabemos que todos os grandes fatos da história de Israel estão repletos de instrução, de admoestação e de advertência para nós. É nosso

dever e obrigação ver que tiramos proveito com eles, e ter cuidado de os estudarmos convenientemente.

Ora considerando a história da Igreja de Deus como um testemunho público de Cristo na terra, encontramos que apenas havia sido estabelecida em toda a sua plenitude de bênção e privilégio que marcaram o princípio da sua carreira, já havia começado a afastar-se das próprias verdades que era especialmente responsável por manter e confessar. Como Adão, no jardim do Éden; como Noé, na terra restaurada; como Israel, em Canaã, a Igreja, como despenseira responsável dos mistérios de Deus, apenas instalada no seu lugar, começou a vacilar e a cair. Começou logo a abandonar essas grandes verdades que eram características da sua própria existências e que deviam distinguir o cristianismo de tudo que o havia antecedido. Até mesmo sob os olhos dos apóstolos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo os erros e os males começaram a obrar e minaram os próprios fundamentos do testemunho da Igreja.

Querem provas? Ah! Nós têmolas em triste abundância! Escutemos as palavras desse bem-aventurado apóstolo que derramou mais lágrimas e deu mais suspiros sobre as ruínas da Igreja do que homem algum. "Maravilho-me", diz ele, e bem podia, "de que tão depressa passásseis daquele que vos chamou à graça de Cristo para outro evangelho; o qual não é outro." "O insensatos gálatas! Quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi representado como crucificado?" "Mas, quando não conhecíeis a Deus, serviéis aos que por natureza não são deuses. Mas agora, conhecendo a Deus ou, antes, sendo conhecidos de Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos" — festividades cristãs, assim chamadas, imponentes e agradáveis à natureza religiosa, porém, no juízo do apóstolo, o juízo do Espírito Santo, era simplesmente abandonar o cristianismo e voltar para o culto dos ídolos — "Receio de vós" — e não era de admirar, visto que eles podiam tão rapidamente abandonar as grandes verdades características do cristianismo celestial e ocuparem-se com cerimônias supersticiosas — "que haja eu trabalhado em vão para convosco." Corrieis bem; quem vos impediu para que não obedecais à verdade?— Esta persuasão não vem daquele que vos chamou. Um pouco de fermento levada toda a massa".

E tudo isto acontecia nos próprios dias dos apóstolos. A apostasia foi ainda mais rápida que no caso de Israel; visto que serviram ao Senhor todos os dias de Josué e durante os dos anciãos que sobreviveram a Josué; na história triste e humilhante da Igreja, o inimigo conseguiu, quase imediatamente, introduzir fermento na massa, joio no trigo. Antes que os apóstolos partissem da cena semeou-se semente que tem produzido desde então os seus frutos perniciosos, e continuará a produzi-los até que os segadores angélicos limpem o campo.

Mas devemos dar mais provas da Escritura. Escutemos a mesma testemunha inspirada, quase no final do seu ministério, abrindo o coração ao seu filho amado Timóteo, em acentos ao mesmo tempo patéticos e solenes. "Bem sabes isto: que os que estão na Ásia todos se apartaram de mim" (2 Tm 1:15). Conjuro- te [...] que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina. Porque virá tempo em que não sofrerão e são doutrina; mas, tendo comichão nos ouvidos, amontoarão para si doutores conforme as suas próprias concupiscências; e desviarão os ouvidos da verdade, voltando às fábulas" (2 Tm 4:1 a 4).

Aqui está o testemunho do homem que, como sábio arquiteto, pôs o fundamento da Igreja. E qual era a sua experiência pessoal? Foi, como o seu bendito Mestre, deixado só, abandonado por aqueles que se haviam reunido ao redor de si durante os frescos, florescentes e ardorosos primeiros dias. O seu grande coração, cheio de amor, sentia-se ferido pelos ensinadores judaicos que procuravam subverter os fundamentos do cristianismo e transtornar a fé dos eleitos de Deus. Chorava com o procedimento de muitos que, ao mesmo tempo que faziam profissão, eram, todavia, "inimigos da cruz de Cristo".

Numa palavra, o apóstolo Paulo, olhando da sua prisão em Roma, viu o inevitável naufrágio e ruína do corpo professante. Viu que aconteceria a esse corpo o que aconteceu ao barco em que ele havia feito a sua última viagem — uma viagem notavelmente significativa e ilustrativa da triste história da Igreja neste mundo.

Mas aqui devemos lembrar ao leitor que agora tratamos apenas da questão da Igreja como um testemunho responsável de Cristo na terra. Isso tem de ser convenientemente compreendido, de contrário poderemos errar grandemente nos nossos pensamentos sobre o assunto. Devemos distinguir claramente entre a Igreja como corpo de Cristo e como Sua luz ou testemunha na terra. Em seu primeiro caráter, o fracasso é impossível; e no último a ruína é completa e irremediável.

A Igreja, o Corpo de Cristo

A Igreja como corpo de Cristo, unida ao seu Cabeça vivente e glorificado nos céus, pela presença do Espírito Santo, nunca poderá, de modo algum, falhar — nunca poderá ser feito em bocados, como o barco de Paulo, pelas tormentas e vagas deste mundo hostil. Está tão seguro quanto Cristo. O Cabeça e o corpo são um — indissolivelmente um. Nenhum poder na terra ou no inferno, homens ou demônios podem jamais tocar o membro mais fraco e obscuro desse abençoado corpo. Todos subsistem perante Deus, todos estão sob as Suas graciosas vistas, na plenitude, beleza e aceitação de Cristo mesmo. Como é o Cabeça, assim são os membros — todos os membros estão unidos — cada membro em particular. Todos permanecem nos resultados plenos e eternos da obra de Cristo cumprida na cruz. Não pode haver questão de responsabilidade aqui. O Cabeça tornou-Se responsável

pelos membros. Satisfez perfeitamente toda a exigência, e pagou toda a dívida. Nada mais resta senão amor—amor profundo como o coração de Cristo, perfeito como a Sua obra, imutável como o Seu trono. Toda a questão que podia de algum modo suscitar-se contra qualquer ou todos os membros da Igreja de Deus, foi levantada, tratada e definitivamente liquidada entre Deus e Cristo na cruz. Todos os pecados, todas as iniquidades, todas as transgressões, toda a culpa de cada membro em particular de todos os membros juntos, sim, tudo, da maneira mais absoluta e completa, foi posto sobre Cristo e levado por Ele. Deus, em Sua justiça inflexível, em Sua infinita santidade, em Sua justiça eterna, tratou de tudo que podia, de qualquer modo, interpor-se no caminho da plena salvação, perfeita bem-aventurança e glória eterna de cada um dos membros do corpo de Cristo — a Assembleia (ou: Igreja) de Deus. Todo o membro desse corpo está penetrado pela vida do Cabeça; cada pedra no edifício está animada pela vida da pedra angular. Tudo está ligado entre si no poder de um vínculo que nunca poderá ser desfeito. E, além disso, compreenda-se que a unidade do corpo de Cristo é absolutamente indissolúvel. Isto é um ponto fundamental que deve ser tenazmente mantido e confessado com fidelidade. Mas, evidentemente, não pode ser mantido e confessado a menos que seja compreendido e crido; e, a julgar pelas expressões que se ouvem às vezes sobre o assunto, é muito duvidoso que as pessoas que assim se exprimem, tenham alguma vez compreendido, no sentido divino, a verdade gloriosa da unidade do corpo de Cristo — uma unidade mantida na terra pela presença do Espírito Santo.

Assim, por exemplo, algumas vezes ouvimos pessoas que falam de "dilacerar o corpo de Cristo". É um completo erro. Os reformadores foram acusados de dilacerar o corpo de Cristo quando voltaram as costas ao sistema do romanismo. Que crasso juízo! Este juízo equivalia simplesmente à suposição anormal que uma grande massa de males de ordem moral, erros doutrinários, corrupção eclesiástica e degradantes superstições devia ser considerada como o corpo de Cristo! Como poderia alguém, com o Novo Testamento na mão, considerar o romanismo, com a sua abominável idolatria, como o corpo de Cristo?— Como poderia alguém que possuísse a mais simples noção da verdadeira Igreja de Deus conceder esse título à mais negra massa de maldade, a maior obra-prima de Satanás que o mundo jamais contemplou?—

Não, prezado leitor, nunca devemos confundir os sistemas eclesiásticos deste mundo — antigo, medieval ou moderno, grego, latino, anglicano, nacional ou popular, estabelecido ou dissidente, com a verdadeira Igreja de Deus, o corpo de Cristo.

Não existe abaixo da abóbada celeste, nem jamais houve, um sistema religioso, chame-se o que se quiser, que tenha o menor direito a ser chamado "A Igreja do Deus Vivo" ou "O Corpo de Cristo". E, portanto, nunca poderá ser considerado

cisma, pelo menos reta e inteligentemente, ou fazer divisões no corpo de Cristo, alguém separar-se de tais sistemas; antes, pelo contrário, é dever de todo aquele que quer manter e confessar fielmente a verdade da unidade do corpo separar-se com indiscutível decisão de tudo o que falsamente se chame a si mesmo uma igreja. Só pode ser considerado cisma, a separação daqueles que, inconfundível e indiscutivelmente, se reúnem sobre o terreno da assembleia de Deus.

Nenhuma corporação de cristãos pode reclamar o título de Corpo de Cristo ou Igreja de Deus. Os membros desse corpo estão espalhados por toda a parte; encontram-se em todas as diversas organizações religiosas dos nossos dias, salvo as que negam a deidade de nosso Senhor Jesus Cristo. Não podemos admitir a ideia de qualquer verdadeiro cristão poder continuar a frequentar um lugar onde o seu Senhor é blasfemado. Mas embora nenhuma corporação de cristãos possa reclamar o título de Assembleia de Deus, todos os cristãos têm a responsabilidade de se reunir sobre o terreno dessa assembleia, e em nenhum outro.

E se nos perguntam: "Como podemos saber ou encontrar esse terreno?" Nós respondemos: "Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz" (Mt 6:22). "Se alguém quiser fazer a vontade dele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus." Graças a Deus, "Essa vereda a ignora a ave de rapina, e não a viram os olhos da gralha. Nunca a pisaram filhos de animais altivos, nem o feroz leão passou por ela" (Jó 28:7, 8). A mais pura visão da natureza não pode ver esta vereda nem a sua mais poderosa força pode pisá-la. Então, onde está ela?— Ei-la: "E disse ao homem" — ao leitor, ao escritor, a cada um, a todos — "Eis que o temor do SENHOR é a sabedoria, e apartar-se do mal é a inteligência" (Jó 28:28).

Mas há outra expressão que ouvimos frequentemente a pessoas de quem poderíamos esperar mais inteligência, isto é, "separar membros do corpo de Cristo" (1). Isto também é, bendito seja Deus, impossível. Nem um só membro do corpo de Cristo poderá jamais ser separado do Cabeça ou incomodado no lugar em que tem sido incorporado pelo Espírito Santo, em prosseguimento do eterno propósito de Deus e em virtude da obra de expiação cumprida por nosso Senhor Jesus Cristo. A Trindade Divina está comprometida na segurança eterna do mais fraco membro do corpo e na manutenção da unidade indissolúvel do conjunto.

(1) A expressão "separar membros do corpo de Cristo" é geralmente aplicada em casos de disciplina. Mas é uma má aplicação. A disciplina da assembleia nunca poderá afetar a unidade do corpo. Um membro do corpo pode falhar em moral ou errar na doutrina de tal modo que seja precisa a ação da assembleia para o afastar da Mesa; mas isso nada tem que ver com o seu lugar no corpo. As duas coisas são perfeitamente distintas.

A Continuidade e Unidade deste Corpo

Em suma, é, portanto, tão verdade hoje como era quando o apóstolo inspirado escreveu o capítulo 4 da sua epístola aos Efésios que "há um só corpo", do qual Cristo é o Cabeça, do qual o Espírito Santo é o poder formativo, e do qual todos os verdadeiros crentes são membros. Este corpo tem estado na terra desde o dia de Pentecostes, está na terra no tempo presente, e continuará na terra até ao momento, que tão depressa se aproxima, em que Cristo virá e o levará para a casa de Seu Pai. E o mesmo corpo, com uma contínua sucessão de membros, precisamente do mesmo modo que falamos de determinado regimento do exército do rei como tendo estado em Waterloo e agora aquartelado em Aldershot, embora nem um só homem no regimento atual tivesse estado na memorável batalha de 1815.

O leitor encontra alguma dificuldade em tudo isto? Pode ser que ache um tanto difícil, dado o estado de discórdia e desunião dos membros, crer e confessar a unidade inquebrantável do conjunto. Pode sentir-se disposto a limitar a aplicação de Efésios 4:4 aos dias em que o apóstolo escreveu as palavras, quando os cristãos estavam, manifestamente, unidos e quando se não pensava em tal coisa como ser membro desta ou daquela igreja; porque todos os crentes eram membros da igreja única (1).

(1) A unidade da igreja pode ser comparada a uma cadeia estendida sobre um rio; nós podemos vê-la de ambos os lados, mas ela está metida na água pelo meio. Mas embora se não veja o meio dela, não está quebrada; embora não consigamos ver a união das duas extremidades, cremos que ela está lá. A igreja foi vista em toda a sua unidade no dia de Pentecostes, e será vista na sua unidade na glória; e embora não seja possível vê-la agora cremos certamente contudo, que ela existe.

E note-se que a unidade do corpo é uma grande verdade prática, uma conclusão pela qual o estado e conduta de cada membro afeta todo o corpo. "Se um membro sofre, todos sofrem com ele". Um membro de quê? De uma assembleia local? Não; mas um membro do corpo. Não devemos tornar o corpo de Cristo num caso de geografia.

"Mas", pode perguntar-se, "somos nós afetados pelo que não vemos ou conhecemos?" Certamente. Devemos limitar a grande verdade da unidade do corpo, com todas as suas consequências práticas, à medida do nosso conhecimento pessoal e da nossa própria experiência? Longe de nós tal pensamento. E a presença do Espírito Santo que promove a união dos membros do corpo à Cabeça e uns aos outros; e é por isso que a conduta e os caminhos de cada um afetam todos. Até mesmo no caso de Israel, em que se não tratava de uma união corpórea, mas nacional, quando Acã pecou, foi dito, "Israel pecou"; e toda a congregação sofreu uma derrota humilhante por causa do pecado que desconheciam.

E espantoso o modo como o povo do Senhor parece compreender tão pouco a verdade gloriosa da unidade do corpo e as consequências práticas que dela emanam.

Em resposta, devemos protestar contra a ideia de limitar a Palavra de Deus. Que direito temos nós para assinalar uma cláusula de Efésios 4:4 a 6 e dizer que se aplicava somente aos dias dos apóstolos?- Se uma cláusula há de ser assim limitada, por que não todas?- Não há "um só Espírito, um só Senhor, uma só fé, um só batismo, um só Deus e Pai de todos? Quererá alguém duvidar disto?- Não, certamente. Então segue-se que há seguramente um corpo assim como há um Espírito, um Senhor, um Deus. Todos estão intimamente unidos entre si, e não pode tocar-se num sem tocar em todos. Não há mais direito de negar a existência do único corpo do que temos para negar a existência de Deus, visto que a mesmíssima passagem que nos declara um, declara-nos também o outro.

Mas perguntar-se-á: "Onde pode ver-se este corpo? Não é absurdo falar de tal coisa, devido às quase inumeráveis denominações da cristandade?" A nossa resposta é esta: Não vamos abandonar a verdade de Deus por que o homem tem falhado tão estrondosamente em a cumprir. Não falhou Israel completamente em manter, confessar e cumprir a verdade da unidade da Deidade? E essa gloriosa verdade foi porventura afetada no mais baixo grau por esse fracasso? Não era tão verdade que havia um só Deus, embora houvesse tantos altares idólatras como ruas em Jerusalém, e cada alto despedia uma nuvem de incenso à "rainha do céu", como quando Moisés proclamava aos ouvidos de toda a congregação essas sublimes palavras, "Ouve Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR?"

Bendito seja Deus, a Sua verdade não depende dos caminhos infieis, loucos dos homens. Permanece na sua própria integridade divina; brilha no seu límpido, celestial esplendor, apesar das mais crassas falhas humanas. Se não fosse assim, que faríamos? Para onde nos voltaríamos? Ou o que seria de nós? De fato, se tivéssemos de crer apenas a medida de verdade que vemos levada a cabo nos caminhos dos homens, podíamos desistir em desespero, e seríamos os mais miseráveis dos homens.

Mas como a verdade de um só corpo há de ser posta em prática? Recusando reconhecer qualquer outro princípio da comunhão cristã — qualquer outro fundamento de reunião. Todos os verdadeiros crentes se devem reunir simplesmente como membros do corpo de Cristo, e sobre nenhum outro fundamento. Devem reunir-se no primeiro dia da semana ao redor da Mesa do Senhor e partir o pão, como membros do único corpo, como lemos em 1 Coríntios 10: "Porque nós, sendo muitos, somos um só pão e um só corpo; porque todos participamos do mesmo pão." Isto é tão verdadeiro e prático hoje como o era

quando o apóstolo se dirigia à assembleia de Corinto. É verdade que havia divisões em

Corinto como há divisões na cristandade; mas isso não afetava, de modo nenhum, a verdade de Deus. O apóstolo condenou as divisões — declarou-as como carnis. Não tinha contemplação com a infeliz ideia que algumas vezes se ouve apregoar de que as divisões são boas para produzir competição. Achava que eram muito más — fruto da carne, obra de Satanás.

Nem tampouco, estamos certos, o apóstolo aceitaria o exemplo popular de que as divisões na Igreja são como muitos regimentos, com diferentes fardamentos, combatendo todos sob o mesmo comandante-em-chefe. Tal ideia não pode manter-se nem por um momento. Com efeito, não tem aplicação alguma ao nosso caso, antes representa uma contradição à afirmação clara e enfática de que "há um só corpo".

Leitor, isto é uma verdade gloriosa. Consideremo-la atentamente. Contemplemos a cristandade à luz dela. Julguemos por ela o nosso próprio estado e a nossa conduta. Atuamos de conformidade com ela? Damos-lhe expressão à Mesa do Senhor todo primeiro dia da semanal Estejamos seguros de que é nosso dever e elevado privilégio fazê-lo. Não digamos que há dificuldades de toda a espécie, muitas pedras de tropeço pelo caminho; muito para nos desanimar na conduta daqueles que professam reunir-se no próprio terreno de que falamos.

Tudo isto é infelizmente muito verdade. Temos de estar preparados para isso. O diabo não deixa nenhuma pedra por remover a fim de lançar pó sobre os nossos olhos para não podermos ver o bendito caminho de Deus para o seu povo. Contudo não devemos prestar atenção às suas sugestões ou ser enredados pelos seus expedientes. Sempre tem havido e sempre haverá dificuldades em levar a cabo a verdade preciosa de Deus, e talvez que uma das maiores dificuldades seja encontrada na conduta inconsistente daqueles que professam atuar de conformidade com ela.

Porém, temos de distinguir sempre entre a verdade e os que a professam — entre o fundamento e a conduta dos que o ocupam. Claro que as duas coisas deveriam estar em harmonia; mas não estão; e por isso nós somos formalmente chamados para julgar a conduta pelo fundamento e não o fundamento pela conduta. Se víssemos um homem cultivando um campo segundo princípios que sabíamos serem perfeitamente corretos, mas que ele era um mau agricultor, que faríamos? Claro que rejeitaríamos o seu modo de trabalhar, mas reconheceríamos os princípios como bons.

Outro tanto acontece com a verdade que temos perante nós. Havia heresias em Corinto, cismas, erros, males de toda a espécie. Então? Devia abandonar-se a verdade de Deus como se fosse um mito, como alguma coisa totalmente impraticável? Devia dar-se de mão a tudo? Deveriam os Coríntios reunir-se sobre

qualquer outro princípio? Deveriam organizar-se sobre qualquer outro terreno? Deveriam reunir-se em redor de qualquer outro centro? Não; graças a Deus! A Sua verdade não devia ser abandonada, nem por um momento, ainda que Corinto estivesse dividida em dez mil seitas e o seu horizonte obscurecido por dez mil heresias. O corpo de Cristo era um só; e o apóstolo desenrola simplesmente ante os seus olhos a bandeira com esta bendita inscrição: "Vós sois [o] corpo de Cristo, e seus membros em particular."

Ora estas palavras foram ditas não meramente "à igreja de Corinto", mas também "a todos os que em todo o lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso". Por isso, a verdade de "um só corpo" é permanente e universal. Todo o verdadeiro cristão está obrigado a reconhecê-la e a atuar de conformidade com ela, e toda assembleia de cristãos, onde quer que se reúna, deve ser a expressão local desta importantíssima verdade.

Talvez alguém se sinta disposto a perguntar como era possível dizer a uma assembleia: "Vós sois [o] corpo de Cristo." Não havia santos em Éfeso, Colossos e Filipos? Certamente que havia; e se o apóstolo se tivesse dirigido a eles sobre o mesmo assunto, teria dito do mesmo modo, "vós sois [o] corpo de Cristo", visto que eles eram a expressão local do corpo de Cristo;

e não só isso, mas, dirigindo-se a eles, tinha em mente todos os santos, até o fim da carreira terrestre da Igreja.

Mas devemos ter presente o fato de que o apóstolo não poderia dirigir tais palavras a nenhuma organização humana, antiga ou moderna. Não; ainda mesmo que todas as organizações, chamem-se como se quiser, se unissem, ele não podia falar delas como "corpo de Cristo". Esse corpo, compreenda-se bem, consiste de todos os verdadeiros crentes sobre a face da terra. Não estarem reunidos somente sobre essa base divina, é para eles uma grave perda e desonra para o Senhor. Contudo, a verdade preciosa subiste — "há um só corpo"; e este é o padrão divino pelo qual deve medir-se todas as associações eclesiásticas e todos os sistemas religiosos abaixo do sol.

Qual é o Testemunho Geral da Igreja?

Parece-nos que é de certo modo necessário estudar detalhadamente o lado divino da questão da Igreja a fim de resguardar a verdade de Deus dos resultados da má compreensão, e para que o leitor possa compreender claramente que, quando falamos da completa ruína da igreja, estamos considerando o assunto quanto ao seu lado humano. Mas, trataremos, por uns momentos, deste último aspecto.

É impossível ler o Novo Testamento com calma e a mente livre de preconceitos e não ver que a igreja, como testemunho responsável de Cristo na terra, fracassou notória e vergonhosamente. Citar todas as passagens em prova desta afirmação formaria literalmente um bom volume. Mas passemos uma vista de olhos aos

capítulos 2 e 3 do Apocalipse, onde a igreja é vista sob o juízo. Nesses solenes capítulos nós temos o que podemos chamar uma história divina da igreja. Sete assembleias são escolhidas como exemplos das diversas fases da história da igreja, desde o dia em que ela foi estabelecida, na terra, até ser vomitada da boca do Senhor, como alguma coisa absolutamente intolerável. Se não vemos que estes dois capítulos são proféticos, bem como históricos, privamo-nos de um vasto campo da mais valiosa instrução. Quanto a nós, podemos apenas assegurar ao leitor que nenhuma linguagem humana poderia expor de um modo apropriado o que temos podido recolher de Apocalipse 2 e 3 quanto ao seu aspecto profético.

Contudo, referimo-nos a eles como as últimas de uma série de provas da nossa presente tese. Pense-se na carta a Éfeso, a mesmíssima igreja a que Paulo escreveu a sua maravilhosa epístola, descobrindo nela, de um modo tão bem-aventurado, o lado celestial de coisas, o propósito eterno de Deus a respeito da Igreja — a posição e porção da igreja, aceite em Cristo, e abençoada com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo. Não existe fracasso aqui. Não há tal pensamento. Não existe a sua possibilidade. Tudo aqui está nas mãos de Deus. É seu o desígnio, e Sua obra. É a Sua graça, a Sua glória, o Seu poder, o Seu beneplácito; e tudo está baseado no sangue de Cristo. Não existe questão de responsabilidade aqui. A igreja estava "morta em ofensas e pecados", mas Cristo morreu por ela; colocou-Se a Si próprio, judicialmente, onde ela estava moralmente; e Deus, em Sua graça soberana, entrou na cena e ressuscitou Cristo dos mortos a igreja n'Ele — fato glorioso! Aqui tudo está firme e resolvido. É a igreja nos lugares celestiais em Cristo, não a igreja na terra por Cristo. E o corpo "aceito" não o castiçal julgado. Se não vemos os dois lados desta grande questão, temos muito que aprender.

Mas existe o lado terrestre, bem como o celestial; o humano assim como o divino. E por isso que no relato judicial de Apocalipse 2 lemos palavras solenes como as seguintes: "Tenho contra ti, que deixaste o teu primeiro amor."

Que diferença! Nada disto vemos em Efésios! — nada contra o corpo, nada contra a noiva; mas há alguma coisa contra o castiçal. A luz já então se havia tornado pálida. Apenas acaba de ser acesa e há eram precisos espevitadores.

Até mesmo no princípio já se manifestavam claramente os sintomas de declínio à vista penetrante d'Aquele que andava no meio dos sete castiçais de ouro; e quando chegamos ao final e contemplamos a última fase do estado da igreja — o último período da sua história terrestre, como é ilustrada pela assembleia de Laodicéia, não há um só traço de redenção. O caso é desesperado. O Senhor está fora da porta. "Eis que estou à porta, e bato." Aqui não é como em Éfeso: "Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor." Toda a condição é má. O corpo professante está a ponto de ser todo abandonado. "...Vomitar-te-ei da minha boca." O Senhor ainda Se demora, bendito seja o Seu nome, porque Ele é sempre tardo em abandonar o lugar de misericórdia ou ocupar o lugar do juízo. Isto faz-nos lembrar a partida da

glória, no princípio de Ezequiel. Moveu-se com passo vagaroso e medido, com desgosto por deixar a casa, o povo e a terra. "Então, se levantou a glória do SENHOR de sobre o querubim para a entrada da casa; e encheu-se a casa de uma nuvem, e o átrio se encheu do resplendor da glória do SENHOR." "Então, saiu a glória do SENHOR da entrada da casa, e parou sobre os querubins." "E a glória do SENHOR se alçou desde o meio da cidade e se pôs sobre o monte que está ao oriente da cidade" (Ez 10:4, 18; 11:23).

Isto é profundamente comovedor. Quão notável é o contraste entre esta retirada lenta da glória e a sua rápida entrada no dia da dedicação da casa por Salomão, segundo 2 Crônicas 7:1. O Senhor foi rápido em entrar na Sua morada no meio do Seu povo; mas lento em a abandonar. Foi, para falar segundo a maneira dos homens, obrigado a partir por causa dos pecados e impenitência do Seu enfatuado povo.

Assim sucedeu com a Igreja. Vemos em Atos 2 a entrada rápida do Senhor na Sua casa espiritual. Veio como um vento veemente e impetuoso para encher a casa com a Sua glória. Mas no terceiro capítulo de Apocalipse vemos a Sua atitude. Está do lado de fora. Sim; mas bate. Demora-se, não, por certo, com alguma esperança de restauração corporativa; mas porque "alguém" pode "ouvir sua voz e abrir a porta". O fato de estar do lado de fora mostra o que a igreja é. O fato de bater à porta demonstra o que Ele é.

Prezado leitor crente, procura compreender perfeitamente todo este assunto. E da máxima importância que o faça. Estamos rodeados, por todos os lados, de falsas ideias acerca do estado atual e destino futuro da Igreja professante. Devemos deitá-las todas para trás das costas com santa decisão e ouvir com ouvidos circuncidados e reverente entendimento o ensino da Sagrada Escritura. Esse ensino é tão claro como a luz do meio dia. A igreja professante está em irremediável ruína, e o juízo está à porta. Lê a epístola de Judas, a 2 de Pedro 2 e 3 e a 2 a Timóteo. Põe de lado este livro e fixa atentamente essas solenes Escrituras e estamos persuadidos de que terminará o estudo profunda e plenamente convencido que nada existe ante a cristandade senão a ira implacável do Deus onipotente. A sua sentença está exarada nessa breve mas solene expressão de Romanos 11: "Também tu serás cortado."

Sim, tal é a linguagem da Escritura. "Cortado", "vomitado". A igreja professante falhou inteiramente como testemunho de Cristo na terra. Assim como aconteceu com Israel, está sucedendo com a igreja, a própria verdade que ela tinha a responsabilidade de manter e confessar abandonou-a deslealmente. Apenas havia sido terminado o cânone do Novo Testamento, apenas os primeiros obreiros deixavam o campo, e já trevas espessas desciam e se fixavam sobre todo o conjunto do corpo professante. Voltemo-nos para onde quisermos, debrucemo-nos sobre os volumosos tomos dos "pais", como são chamados, e não encontraremos um traço

dessas grandes verdades características do nosso glorioso cristianismo. Tudo, tudo foi vergonhosamente abandonado. Como Israel, em Canaã, abandonou Javé por Baal e Astarote, assim a igreja abandonou a verdade pura e preciosa de Deus por fábulas pueris e erros mortais. Uma tão rápida defecção é de todo assombrosa; mas foi precisamente como o apóstolo Paulo advertiu os anciãos de Éfeso: "Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem os discípulos após si" (At 20:28).

Como é verdadeiramente deplorável! Os santos apóstolos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo foram quase imediatamente sucedidos por "lobos cruéis" e ensinadores de coisas perversas. O conjunto da igreja submerso em trevas espessas. A lâmpada da revelação divina quase escondida da vista. Corrupção eclesíástica, de todas as formas; dominação sacerdotal com todas as suas terríveis conseqüências. Em suma, a história da Igreja—a história da cristandade é o mais terrível relato que jamais foi escrito.

Deus Tem Levantado Testemunhas no Transcorrer dos Anos

Verdade é, graças a Deus, que Ele não Se deixou a Si mesmo sem um testemunho. Por aqui e por ali, de vez em quando, precisamente como em Israel da antiguidade, Ele levantou um ou outro para falar por Si. Até mesmo entre as mais profundas trevas da idade média, apareceu uma estrela ocasional sobre o horizonte. Os valdenses e outros foram capacitados, pela graça de Deus, para suste firmemente a Sua Palavra e confessar o nome de Jesus em face da obscura e terrível tirania de Roma e diabólica crueldade.

Então veio a época gloriosa, no século dezesseis, quando Deus levantou Lutero e os seus amados e honrados colaboradores para pregarem a grande verdade de justificação pela fé e dar o precioso livro de Deus ao povo na sua própria língua em que haviam nascido. Não está ao alcance da linguagem humana expor a bênção desse tempo memorável. Milhares ouviram as boas novas de salvação — ouviram, creram e foram salvos. Milhares que haviam gemido por largo tempo sob o peso intolerável da superstição de Roma, saudaram, com profunda gratidão, a mensagem celestial. Milhares agruparam-se, com intenso gozo, para tirarem água dessas fontes de inspiração que haviam estado tapadas durante séculos pela ignorância e intolerância do papado. A bendita lâmpada de revelação divina, durante tanto tempo escondida pela mão do inimigo, pôde derramar os seus raios através das trevas e milhares regozijaram-se na luz celestial.

Mas, enquanto damos graças a Deus de todo o nosso coração por todos os resultados gloriosos do que é vulgarmente chamado a Reforma do século dezesseis,

incurríamos em grave erro se imaginássemos que era alguma coisa que se aproximava da restauração da igreja ao seu estado original. Muito, muito longe disso. Lutero e os seus companheiros, se julgarmos pelos seus escritos — muitos deles preciosos — nunca compreenderam a ideia divina da igreja como o corpo de Cristo. Não compreenderam a unidade do corpo; a presença do Espírito Santo na assembleia, bem como a sua habitação em cada crente. Nunca chegaram a compreender a grande verdade do ministério na igreja, "a sua natureza, origem, poder e responsabilidade". Nunca foram mais além da ideia de autoridade humana como base do ministério. Nada disseram quanto à esperança específica da igreja, isto é, a vinda de Cristo para o Seu povo — a resplandecente Estrela da manhã. Falharam em alcançar o próprio escopo da profecia, e demonstraram que eram incompetentes para dividir convenientemente a palavra da verdade.

Não queremos ser mal compreendidos. Amamos a memória dos reformadores. Os seus nomes são familiares entre nós. Foram queridos, consagrados, sinceros, abençoados servos de Cristo. Oxalá tivéssemos outros semelhantes a eles nestes dias de reavivamento do papado e crescente infidelidade. A nada cedemos em nosso amor e estima por Lutero, Melanchthon, Farei, Latimer e Knox. Foram verdadeiramente luzes brilhantes e resplandecentes nos seus dias; e milhares — antes, milhões darão graças a Deus, por toda a eternidade, por que eles viveram e pregaram e escreveram as suas obras. E não somente isto, mas, considerados em sua vida privada e público ministério, põem um estigma de vergonha em muitos daqueles que têm sido favorecidos pelo conhecimento de muitas verdades que em vão buscamos nas obras volumosas dos reformadores.

Todavia, admitindo tudo isto, como franca e reconhecidamente fazemos, estamos ainda assim convencidos que esses amados e honrados servos de Cristo não chegaram a alcançar e portanto falharam em pregar e ensinar muitas das verdades especiais e características do cristianismo; pelo menos não temos encontrado estas verdades nos seus escritos. Pregaram a preciosa verdade de justificação pela fé; deram as Sagradas Escrituras ao povo; calcaram aos pés muitas das superstições romanistas.

Fizeram tudo isto, pela graça de Deus; e por tudo isto nós curvamos as nossas cabeças em profunda gratidão e louvor ao Pai das misericórdias. Mas o protestantismo não é o cristianismo; nem as chamadas igrejas da Reforma, quer nacionais ou dissidentes, são a Igreja de Deus. Longe disso. Volvemos os olhos para trás através do curso de dezoito séculos e, apesar dos avivamentos ocasionais, apesar das brilhantes luzes que, em vários tempos têm resplandecido no horizonte da igreja — luzes que se tornavam mais brilhantes em contraste com a densa obscuridade que as rodeava —, apesar das muitas manifestações de graça do Espírito Santo tanto na Europa como na América durante o século passado e o presente, apesar de todas estas coisas, pelas quais damos graças a Deus de todo o

nosso coração, voltamo-nos decididamente para a afirmação já feita de que a igreja professante naufragou sem nenhuma esperança; que a cristandade está deslizando rapidamente num plano inclinado para a negrura das trevas eternas; que os países altamente favorecidos nos quais abundantemente se tem pregado tanta verdade evangélica, onde as Bfblias têm circulado aos milhões e os tratados evangélicos se contam por bilhões, serão ainda cobertos por densas trevas, abandonados à operação do erro para que creiam a mentira!

O Fim do Homem nesta Terra

E depois? Ah! E depois? Um mundo convertido? Não; mas uma igreja julgada. Os verdadeiros santos de Deus, espalhados por toda a cristandade — todos os verdadeiros membros do corpo de Cristo serão arrebatados ao encontro do Senhor nos ares — os santos mortos serão ressuscitados, os que vivem serão transformados, num momento, e todos juntos serão levados para estarem para sempre com o Senhor. Então o mistério será manifestado na pessoa do homem do pecado — o iníquo, o anticristo. O Senhor Jesus virá e todos os Seus santos com Ele para executar juízo sobre o império romano restaurado, e o falso profeta ou o anticristo — o primeiro no Oeste, o último no Este.

Isto será um ato sumário de juízo direto de guerra, sem qualquer processo judicial, visto que tanto a besta como o falso profeta serão apanhados em rebelião e blasfema oposição a Deus e ao Cordeiro. Então segue-se o juízo em sessões das nações, conforme está mencionado em Mateus 25:31 a 46.

Desta forma, vencido todo o mal, Cristo reinará em justiça e paz por mil anos — um tempo brilhante e bendito, o verdadeiro sábado para Israel e toda a terra — um período caracterizado por grandes fatos, Satanás preso, e Cristo reinando. Fatos gloriosos! O simples pensamento deles faz com que o coração transborde de louvor e ações de graças. O que será a realidade?

Mas Satanás será solto depois do seu cativeiro de mil anos e autorizado a fazer mais um esforço contra Deus e o Seu Cristo. "E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar (1), para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou. E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde está a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20:7 a 10).

(1) O leitor tem de fazer a distinção entre Gogue e Magogue em Apocalipse 20 e Ezequiel 38 e 39. A primeira passagem é depois do milênio, a última antes do milênio.

Este será o último esforço de Satanás, que terminará em sua perdição eterna. Então temos o julgamento dos mortos, "pequenos e grandes" — a sessão judicial de todos aqueles que terão morrido em seus pecados, desde os dias de Caim ao último apóstata da glória do milênio. Que tremenda cena! Nenhum coração pode conceber, nenhuma língua ou pena descrever a sua terrível solenidade!

Finalmente, temos desenrolado ante a visão das nossas almas o estado eterno, os novos céus e a nova terra em que habitará a justiça por todos os séculos da eternidade.

Tal é a ordem dos acontecimentos, conforme estão expostos, com toda a clareza possível, nas páginas de inspiração. Temos dado um breve sumário deles em conexão com a linha de verdade que temos considerado—verdade que, sabemos perfeitamente, não é popular; mas que nem por isso nos atrevemos a deixar de declarar. O nosso dever é declarar todo o conselho de Deus, não buscar popularidade. Não esperamos que a verdade de Deus seja popular na cristandade; pelo contrário, temos procurado provar que precisamente como Israel abandonou a verdade que tinha a responsabilidade de manter, assim a igreja professante tem posto de lado todas essas grandes verdades que caracterizam o cristianismo do Novo Testamento. Podemos assegurar ao leitor que o nosso único objetivo em prosseguir esta linha de argumentação é despertar os corações de todos os verdadeiros cristãos a um sentimento do valor dessas verdades e da sua responsabilidade não só de os receberem mas de procurar uma realização mais ampla e uma confissão mais intrépida das mesmas. Ansiamos por ver que se levante um grupo de homens, nestas horas finais da história terrestre da igreja, que se adiantem com verdadeiro poder espiritual e proclamem com unção e energia as verdades por tanto tempo esquecidas do evangelho de Deus. Possa Deus, em Sua grande misericórdia para com o Seu povo, levantar esses homens, e enviá-los. Queira o Senhor Jesus bater mais à porta a fim de que muitos ouçam e Lhe abram a porta, segundo o desejo do Seu coração amantíssimo, e experimentem a bem-aventurança de comunhão pessoal Consigo, enquanto esperam a Sua vinda. Bendito seja Deus, não existe qualquer limite para a bênção de toda a alma que ouve a voz de Cristo e abre a porta; e o que é verdadeiro para uma alma é verdadeiro para centenas ou milhares. Sejamos verdadeiros, simples e fiéis, sentindo e reconhecendo a nossa fraqueza e nulidade; pondo de lado toda a presunção e vãs pretensões; não procurando ser alguma coisa ou estabelecer alguma coisa nossa, mas guardando firmemente a palavra de Cristo e não negar o Seu nome; achando o nosso feliz lugar aos Seus pés, a nossa mais satisfatória porção n'Ele mesmo e o nosso verdadeiro deleite em O servir de qualquer modo simples. Assim avançaremos juntos em harmonia, amor e felicidade, encontrando o nosso centro comum em Cristo, e o nosso comum objetivo será desenvolver a Sua causa e promover a Sua glória. Oh! Se assim fosse com todo o amado povo do Senhor

nestes nossos dias; teríamos então uma história diferente para contar e um aspecto muito diferente a apresentar ao mundo. Que o Senhor avive a Sua obra!

Poderá parecer talvez estranho ao leitor nos termos afastado muito do capítulo 6 de Deuteronômio; mas devemos recordar-lhe, de uma vez para sempre, que não é meramente o que cada capítulo contém que requer a nossa atenção, mas, sim, o que sugere. E, além disso, podemos acrescentar que, sentando-nos para escrever, de vez em quando, o nosso desejo é que o Espírito de Deus nos guie na própria linha de verdade que possa ser apropriada às necessidades de todos os nossos leitores. Se tão somente o amado rebanho de Cristo for alimentado, instruído e confortado, pouco nos importa que seja mediante escritos bem relacionados ou irregulares fragmentos.

Vamos prosseguir agora com o nosso capítulo.

Um Coração Submisso

Moisés, tendo declarado a grande verdade fundamental contida no versículo 4: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR", continua a insistir com a congregação sobre o seu dever sagrado a respeito d'Aquele bendito Senhor. Não era apenas que havia um Deus, mas que era o seu Deus; que Se havia dignado relacionar com eles mediante um pacto. Tinha-os redimido, havia-os levado como em asas de águias, e trazido a

Si mesmo, a fim de que eles pudessem ser o Seu povo, e Ele pudesse ser o seu Deus. Fato bendito! Bem-aventurado parentesco! Mas havia que recordar a Israel a conduta apropriada a um tal parentesco — conduta que só podia emanar de um coração amoroso. "Amarás, pois, ao SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder." É nisto que está todo o segredo da verdadeira religião prática. Sem isto tudo é de nenhum valor para Deus. "Dá-me, filho meu, o teu coração." Quando se dá o coração, tudo o mais andar bem. O coração pode ser comparado ao regulador de um relógio que atua sobre o cabelo de mola, e este cabelo atua segundo a mola principal, e a mola principal atua sobre os ponteiros fazendo-os movimentar sobre o mostrador. Se o relógio regula mal, não bastará alterar apenas os ponteiros, é preciso ajustar o regulador. Deus olha para um coração verdadeiramente reto, bendito seja o Seu nome! A Sua Palavra diz-nos: "Meus filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade" (1 Jo 3:18).

Quanto havemos de bendizê-Lo por estas comovedoras palavras! Como elas nos revelam o Seu coração de amor! Certamente, Ele nos amou na realidade e de verdade; e não pode ficar satisfeito com qualquer coisa mais, quer seja em nossa conduta com Ele ou na nossa conduta uns com os outros. Tudo deve proceder diretamente do coração.

"E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração" — na própria origem de todas as saídas da vida. Isto é especialmente precioso. Tudo aquilo que há no coração assoma aos lábios e aparece na vida. Quão importante, pois, é ter o coração cheio da Palavra de Deus, tão cheio que não haja lugar para as vaidades e loucuras deste presente século mau. Então, a nossa conversação será sempre com graça, temperada com sal. "Do que o coração está cheio fala a boca." Por isso podemos julgar o que há no coração pelo que fala a boca. A língua é o órgão do coração—o órgão do homem. "O homem bom do tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau do mau tesouro do seu coração tira o mal" (Lc 6:45). Quando o coração é realmente dirigido pela Palavra de Deus, todo o caráter revela o bendito resultado. Tem de ser assim, visto que o coração é a fonte principal de todo o nosso estado moral; está no centro de todas aquelas influências morais que governam a nossa história pessoal e moldam a nossa carreira prática.

Em todas as porções do livro divino vemos a importância que Deus dá à atitude e estado do coração a respeito de Si e da Sua Palavra, o que é uma e a mesma coisa. Quando o coração é sincero para com Ele, é certo que tudo irá bem; mas, por outro lado, descobriremos que, quando o coração esfria e se descuida a respeito de Deus e da Sua verdade, haverá, mais cedo ou mais tarde, abandono declarado da conduta e verdade da justiça. Existe, portanto, muito força e valor na exortação feita por Barnabé aos convertidos em Antioquia: "Exortou a todos que permanecessem no Senhor a que, com firmeza de coração" (At 11:23). Quão necessário é isto agora como o era então e será sempre! Este "propósito de coração" é muito precioso para Deus. E o que nos poderemos aventurar a chamar o grande regulador moral. Dá um formoso zelo ao caráter cristão que é desejado ardentemente por todos nós. É um antídoto divino contra a indiferença, entorpecimento e formalidade tão detestáveis para Deus. A vida exterior pode ser muito correta e o credo pode ser muito ortodoxo, mas se faltar o propósito sincero do coração — união afetiva de todo o ser moral com Deus e o Seu Cristo — tudo é completamente desprezível. E por intermédio do coração que o Espírito Santo nos instrui. Por isso, o apóstolo orava pelos santos de Éfeso para que pudessem ter iluminados os olhos do seu coração (Ef 1:18): "Para que Cristo habite pela fé nos nossos corações" (Ef 3:17). Vemos assim como toda a Escritura está em perfeita harmonia com a exortação feita no nosso capítulo. "E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração." Como isto os teria mantido perto do seu Deus de concerto! Quão livres estariam também de todo o mal e especialmente do mal abominável da idolatria — o seu pecado nacional, o seu terrível embaraço! Se as palavras preciosas de Javé tivessem encontrado o primeiro lugar no seu coração, teria havido pouco receio de Baal, Quemus ou Astarote. Numa palavra, todos os ídolos teriam ocupado o seu devido lugar e sido considerados pelo verdadeiro valor, se tão somente a palavra de Javé tivesse sido permitida no coração de Israel.

E note-se especialmente aqui como tudo isto é fielmente característico do livro de Deuteronomio. Não é tanto uma questão de guardar uma determinada ordem de regras religiosas, a oferta de sacrifícios ou de frequência aos ritos e cerimônias. Todas essas tinham, sem dúvida, o seu próprio lugar, mas não são, de modo nenhum, o ponto proeminente ou dominante em Deuteronomio. Não; A PALAVRA é o tema importante aqui. É a palavra de Javé no coração de Israel.

O leitor deve compreender bem este fato se quiser possuir a chave do encantador livro de Deuteronomio. Não é um o livro de moral e afetuosa obediência. Ensina, em quase todas as partes em que se divide, essa inestimável lição, que o coração que ama, preza e honra a Palavra de Deus está pronto para todos os atos de obediência, quer seja a oferta de um sacrifício ou a observância de um dia. Poderia dar-se o caso de um israelita se encontrar num sítio e em circunstâncias em que era impossível uma rígida adesão aos ritos e cerimônias; mas não poderia encontrar-se num lugar e em circunstâncias em que não podia amar, reverenciar e obedecer a Palavra de Deus. Onde quer que tivesse ido, ainda que tivesse sido levado como cativo, desterrado para os fins da terra, nada podia roubar-lhe o elevado privilégio de proferir e atuar essas benditas palavras: "Escondi a tua palavra em meu coração para não pecar contra ti."

Palavras preciosas! Compreendem no seu âmbito o grande princípio do livro de Deuteronomio; e nós podemos acrescentar o grande princípio da vida divina, em todos os tempos, e em toda a parte. Um princípio que nunca poderá perder a sua força moral e o seu valor. Permanece para sempre. Era verdadeiro nos dias dos patriarcas; verdadeiro para Israel na terra; verdadeiro quanto à dispersão de Israel até aos confins da terra; verdadeiro para o conjunto da igreja; verdadeiro para cada crente em particular no meio das ruínas irreparáveis da igreja. Numa palavra, a obediência é sempre o dever e elevado privilégio da criatura — obediência simples, decidida, e absoluta à Palavra do Senhor. Isto é uma misericórdia inefável pela qual bem podemos louvar o nosso Deus dia e noite. Ele deu-nos a Sua Palavra, bendito seja o Seu nome, e exorta-nos a que essa Palavra habite abundantemente em nós — que habite em nossos corações e que exerça o seu santo domínio sobre toda a nossa conduta e caráter.

"E estas palavras que hoje te ordeno estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e deitando-te, e levantando-te. Também as atarás por sinal na tua mão, e te serão por testeiras entre os teus olhos. E as escreverás nos umbrais da tua casa e nas tuas portas" (versículos 6 a 9).

Tudo isto é perfeitamente belo. A Palavra de Deus escondida no coração; brotando em amorosa instrução para os filhos e em santa conversação no seio da família; brilhando em todas as atividades da vida diária, de forma que todos os que

entravam as portas ou eram recebidos em cada pudessem ver a Palavra de Deus. Era a norma de vida para cada um, para todos, e em todas as coisas.

Assim devia ser com o antigo Israel; e certamente assim deveria ser com o cristão no tempo presente. Mas será assim? Os nossos filhos são assim ensinados? E nosso propósito constante apresentar a Palavra de Deus, em todos os seus celestiais atrativos, aos seus corações juvenis? Eles veem-na brilhar na nossa diária? Veem a sua influência nos nossos hábitos, temperamento, relações de família, ou nas nossas transações e negócios? E isto que entendemos por atar a palavra por sinal na mão, e tê-la por testeira entre os olhos, escrita nos umbrais e nas portas.

O Testemunho de um Coração Obediente

Leitor, acontece assim contigo? De pouco serve tentarmos ensinar aos nossos filhos a Palavra de Deus se as nossas vidas não são dirigidas por essa Palavra. Não concordamos em fazer da bendita Palavra de Deus um simples livro de textos para os nossos filhos; fazer tal coisa é converter um agradável privilégio numa lida fatigante. Os nossos filhos devem ver que vivemos na própria atmosfera da Sagrada Escritura, que ela forma o tema da nossa conversação quando nos sentamos no seio da família, nos nossos momentos de descanso.

Ah! Quão pouco frequente é isto! Não temos de estar profundamente humilhados, na presença de Deus, quando pensamos no caráter geral e tom da nossa conversação à mesa, no círculo da família? Quão pouco existe de Deuteronomio 6:7! Quantas "parvoíces, que não convêm". Quanta maledicência sobre os nossos irmãos, os nossos vizinhos e os nossos colaboradores! Quanta bisbilhotice! Quanta conversação inútil!

E donde procede tudo isto? Simplesmente do estado do coração. A Palavra de Deus, os mandamentos e ditos de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo não permanecem em nossos corações; e por isso não transbordam em correntes vivas de graça e edificação.

Dirá alguém que os cristãos não necessitam de considerar tais coisas? Se assim é, medite-se nas palavras seguintes: "Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, mas só a que for boa para promover a edificação, para que dê graça aos que a ouvem." E também: "Enchei-vos do Espírito, falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo" (Ef 4:29; 5:18 a 20).

Estas palavras foram dirigidas aos santos de Éfeso; e, certamente, nós devemos concentrar nelas diligentemente os nossos corações. Damos pouca conta de quão profunda e constantemente falhamos em manter o hábito de conversação espiritual. E especialmente no seio da família, e no nosso trato ordinário, que esta falta é mais manifesta. Daí a nossa necessidade dessas palavras de exortação que

acabamos de citar. E evidente que o Espírito Santo previu a necessidade e antecipou-Se por graça a ela. Escutai o que Ele diz: "Aos santos e irmãos fiéis em Cristo que estão em Colossos" — "A palavra de Cristo habite em vós abundantemente, em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros, com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantando ao Senhor com graça em vosso coração" (Cl 1:2; 3:16).

Belo quadro da vida cristã normal! E apenas um maior e mais completo desenvolvimento do que temos no nosso capítulo, em que o israelita é visto no meio da sua família, com a Palavra de Deus brotando do seu coração em amorável ensino para os seus filhos — visto em sua vida diária, em toda a sua convivência dentro e fora de sua casa, sob a santa influência da Palavra do Senhor.

Prezado leitor cristão, não anelamos ver entre nós mais de tudo isto?- Não é, por vezes, muito triste e humilhante observar o estilo de conversação que se emprega no meio dos nossos círculos familiares?- Não ficaríamos algumas vezes envergonhados se pudéssemos ver a nossa conversação reproduzida no papel? Qual é o remédio? Ei-lo: um coração cheio de paz de Cristo, de Cristo mesmo. Nada senão isto nos convém. Devemos começar com o coração, e quando ele está completamente ocupado com as coisas celestiais nós teremos muito pouco que ver com as tentativas de falar mal, néscia conversação e gracejos.

"Havendo-te, pois, o SENHOR, teu Deus, introduzido na terra que jurou a teus pais, Abraão, Isaque e Jacó, te daria, onde há grandes e boas cidades, que tu não edificaste, e casas cheias de todo bem, que tu não encheste, e poços cavados, que tu não cavaste, vinhas e oliveiras, que tu não plantaste, e, quando comeres e te fartares, guarda-te e que te não esqueças do SENHOR, que te tirou da terra do Egito, da casa da servidão" (versículos 10 a 12). No meio de todas as bênçãos, misericórdias e privilégios da terra de Canaã, deviam recordar o gracioso e fiel Senhor que os havia remido da terra da escravidão. Deviam recordar também que todas essas coisas eram dádivas da Sua graça. A terra, com tudo que nela havia, fora-lhe concedida em virtude da Sua promessa a Abraão, Isaque e Jacó. Cidades edificadas e casas mobiladas, cisternas, frutíferos vinhedos e oliveiras, tudo ao alcance das suas mãos, como dádiva de graça soberana e pacto de misericórdia. Tudo que tinham a fazer era tomar posse, em simples fé; e conservar sempre na lembrança dos seus corações o bondoso Dador de tudo isso. Deviam pensar n'Ele e encontrar no Seu amor redentor o verdadeiro motivo de uma vida de obediência afetuosa. Para onde quer que volviam os olhos, contemplavam as provas da Sua imensa bondade, os ricos frutos do Seu maravilhoso amor. Todas as cidades, todas as casas, todos os poços de água, todas as vinhas, oliveiras e figueiras falavam aos seus corações da abundante graça do Senhor, e proporcionavam uma prova substancial da Sua infalível fidelidade à Sua promessa.

"O SENHOR, teu Deus, temerás, e a ele servirás, e pelo seu nome jurarás. Não seguireis outros deuses, os deuses dos povos que houver à roda de vós; porque o SENHOR, vosso Deus, é um Deus zeloso no meio de ti, para que a ira do SENHOR, teu Deus, se não acenda contra ti e te destrua de sobre a face da terra" (versículos 13 a 15).

Existem dois grandes motivos expostos à congregação neste capítulo, a saber; "amor" em versículo 5; e "temor" em versículo 13. Estes motivos encontram-se através de toda a Escritura; e a sua importância, guiando a vida e formando o caráter, não jamais ser devidamente calculada. "O temor do SENHOR do é O princípio da sabedoria." Somos exortados a permanecer "no temor do SENHOR todo o dia" (Pv 23:17). E uma grande salvaguarda contra todo o mal. "Mas disse ao homem: Eis que o temor do Senhor é a sabedoria, e apartar-se do mal é a inteligência" (Jó 28:28).

O bendito Livro abunda em passagens expondo, em todas as formas possíveis a grande importância do temor do Senhor. "Como", diz José, "pois faria eu este tamanho mal, e pecaria contra Deus?" (Gn 39:9). O homem que anda habitualmente no temor do Senhor é guardado de todas as formas de depravação moral. A realização contínua da presença divina deve ser um abrigo eficaz contra toda a tentação. Quantas vezes vemos que a presença de alguma pessoa muito santa e espiritual é um feito salutar contra a leviandade e tolice; e se tal é a influência de um simples mortal, quanto mais poderosa deve ser a presença de Deus quando compreendida!

Prezado leitor, prestemos a nossa mais séria atenção a este importante assunto. Procuremos viver com o conhecimento íntimo de que estamos na imediata presença de Deus. Desta forma seremos guardados de milhentas formas de mal a que estamos expostos dia a dia, e para as quais, infelizmente, somos tão inclinados! A lembrança de que os olhos de Deus estão postos sobre nós exercerá uma influência muito mais poderosa na nossa vida e conversação que a presença de todos os santos na terra e todos os anjos no céu. Não poderemos falar falsamente; não conversaremos loucamente; não poderemos falar mal do nosso irmão ou do nosso próximo; não poderemos falar asperamente de ninguém, se tão somente nos sentirmos na presença de Deus. Numa palavra, o santo temor do Senhor, do qual a Sagrada Escritura tanto fala, atuará como freio bendito sobre os maus pensamentos, más palavras, más ações, o mal em todos os seus aspectos e formas. Além disso, contribuirá para nos fazer mais verdadeiros e naturais em todos os nossos ditos e atos. Existe muita simulação e tolice entre nós. Dizemos frequentemente muito mais do que pensamos. Não somos honestos. Não falamos, cada qual, a verdade com o nosso próximo. Exteriorizamos sentimentos que não são a verdadeira expressão do coração. Portamo-nos como hipócritas uns com os outros.

Todas estas coisas nos dão uma triste prova de quão pouco vivemos, nos movemos e existimos na presença de Deus. Se ao menos nos lembrássemos de que Deus nos ouviu todas as nossas palavras e vê todos os nossos pensamentos, todos os nossos atos, quão diferente seria o nosso comportamento! Que santa vigilância devemos sobre os nossos pensamentos, o nosso temperamento e a nossa língua! Que pureza de coração e espírito! Que veracidade e integridade em todas as nossas relações com os nossos semelhantes! Que realidade e simplicidade do nosso comportamento! Que feliz liberdade de toda a afetação, presunção! Como estaríamos livres de preocupações pessoais! Oh, que vivamos sempre com o sentimento profundo da presença divina! Andemos no temor do Senhor, no decurso de todo o dia!

E ter a prova de que a influência do Seu amor nos constrange! Sermos guiados em todas as santas atividades que o amor sempre nos pode sugerir! Encontrar o nosso prazer em fazer bem! Provar o luxo espiritual de tornar os corações alegres! Meditar continuamente em planos de utilidade! Viver junto à fonte do amor divino, de forma a podermos ser correntes refrescantes no meio de uma cena sedenta — raios de luz no meio da obscuridade que nos cerca! "O amor de Cristo", diz o bendito apóstolo, "nos constrange, julgando nós assim: que, se um morreu por todos, logo, todos morreram. E ele morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou" (2 Co 5:14, 15).

Como tudo isto é moralmente formoso! Oxalá fosse completamente posto em prática e fielmente manifestado entre nós! Que o temor e amor de Deus estejam continuamente em nossos corações, para que assim a nossa vida diária possa brilhar para Seu louvor e verdadeiro proveito, conforto e bênção de todos os que entrem em contato conosco quer em particular quer em público! Que Deus, em Sua infinita misericórdia, no-lo conceda, por amor de Cristo!

O Testemunho Perfeito a Ser Imitado

O versículo 16 do nosso capítulo requer a nossa atenção especial. "Não tentareis o SENHOR, vosso Deus, como o tentastes em Massá." Estas palavras foram citadas por nosso bendito Senhor quando por Satanás para se lançar do pináculo do templo. "Então o diabo o transportou à Cidade Santa, e colocou-o sobre o pináculo do templo, e disse-lhe: Se tu és o Filho de Deus, lança-te de aqui abaixo; porque está escrito: Aos seus anjos dará ordens a teu respeito, e tomar-te-ão nas mãos, para que nunca tropeces em alguma pedra."

É uma passagem notável. Demonstra que Satanás pode citar a Escritura quando isso convém aos seus propósitos. Mas omite uma cláusula importantíssima — "para te guardarem em todos os teus caminhos" (SI 91:11). Ora, não fazia parte dos caminhos de Cristo lançar-Se abaixo do pináculo do templo. Esse não era o

caminho do dever. Não tinha nenhum mandato de Deus para fazer tal coisa: e por isso recusou fazê-lo. Não tinha necessidade de tentar a Deus — pô-Lo à prova. Tinha, como homem, a mais perfeita confiança em Deus — a mais plena certeza da Sua proteção.

Além disso, Ele não ia abandonar o caminho do dever a fim de demonstrar o cuidado de Deus por Si; e nisto ensina-nos uma lição muito preciosa. Podemos contar sempre com a mão protetora de Deus, quando trilhamos o caminho do dever. Mas se andamos num caminho de nossa própria escolha; se procuramos o nosso próprio prazer ou o nosso próprio interesse, os nossos fins ou objetivos, então falar de contar com Deus é simples ímpia presunção.

Sem dúvida, o nosso Deus é misericordioso, cheio de graça e a Sua terna misericórdia está sobre nós, até mesmo quando nós nos desviamos do caminho do dever; mas isto é outra coisa muito diferente, e em nada afeta a afirmação de que só podemos contar com a proteção divina quando os nossos pés estão no caminho do dever. Se um crente toma parte numa regata para seu recreio; ou se sobe aos Alpes só par ver a vista, tem algum direito para crer que Deus terá cuidado dele? Que a consciência dê a resposta. Se Deus nos chama para atravessarmos um lago tempestuoso para pregar o evangelho; se nos convoca para subirmos os Alpes em qualquer serviço para Si, então, seguramente, podemos nos entregar à Sua poderosa mão para nos proteger de todo o mal. O ponto importante para todos nós é sermos achados no santo caminho do dever. Pode ser estreito, escabroso e solitário, mas é um caminho sombreado pelas asas do Onipotente e iluminado pela luz do Seu rosto em aprovação.

Antes de terminar o tema que nos sugere o versículo 16, queremos considerar rapidamente o fato interessante e instrutivo de nosso Senhor, na Sua resposta a Satanás, não tomar em qualquer consideração a sua má citação do Salmo 91:11. Notemos atentamente este fato, e procuremos tê-lo em vista. Em vez de ter dito ao inimigo: "Tu omitiste uma importantíssima cláusula da passagem que te aventuraste a citar", o Senhor cita simplesmente outra passagem, como autoridade para a Sua própria conduta. Desta forma venceu o tentador; e assim deixou-nos um bendito exemplo.

É digno de nossa atenção especial que o Senhor Jesus Cristo não venceu Satanás em virtude do Seu poder divino. Tivesse Ele feito assim e isso não poderia ser um exemplo para nós. Mas quando O vemos, como homem, usando a Palavra como Sua única arma, e ganhando assim uma gloriosa vitória, os nossos corações são animados e confortados; e não apenas isso, mas aprendemos uma preciosíssima lição de como nos devemos, na nossa esfera e medida, manter no conflito. O homem Cristo Jesus venceu por simples dependência de Deus e obediência à Sua Palavra.

Fato bendito! Um fato cheio de conforto e consolação para nós. Satanás nada podia fazer contra quem atuava somente por autoridade divina e pelo poder do Espírito. Jesus nunca fez a Sua própria vontade, embora, bendito seja o Seu santo nome, como sabemos, a Sua vontade fosse absolutamente perfeita. Desceu do céu, como Ele próprio nos diz em João 6, não para fazer a Sua vontade, mas a vontade do Pai que O enviou. Foi o servo perfeito desde o princípio ao fim. A Sua regra de ação era a Palavra de Deus; o Seu poder de ação o Espírito Santo; o Seu motivo para agir, a vontade de Deus; por isso o príncipe deste mundo nada tinha n'Ele. Satanás não podia, com toda a sua astúcia, desviá-Lo do caminho da obediência ou do lugar de dependência.

Leitor cristão, consideremos estas coisas. Ponderemo-las profundamente. Recordemos que o nosso bendito Senhor e Mestre nos deixou o exemplo para que seguíssemos as Suas pisadas. Oh, possamos nós segui-las diligentemente durante o pouco tempo que ainda resta! Possamos nós, pelo ministério do Espírito Santo, compreender perfeitamente o fato importante de que somos chamados para andar como Jesus andou. Ele é o nosso grande Modelo em todas as coisas. Estudemo-Lo mais profundamente, a fim de podermos reproduzi-Lo mais fielmente!

Terminaremos agora esta extensa parte citando para o leitor o último parágrafo do capítulo com que temos estado ocupados: é uma passagem de singular plenitude, profundidade e poder, e notavelmente característica de todo o livro de Deuteronomio.

"Diligentemente guardareis os mandamentos do SENHOR, VOSSO Deus, como também os seus testemunhos e seus estatutos, que te tem mandado. E farás o que é reto e bom aos olhos do SENHOR, para que bem te suceda, e entres, e possuas a boa terra, sobre a qual o SENHOR; jurou a teus pais, para que lance fora a todos os teus inimigos de diante de ti, como o SENHOR tem dito. Quando teu filho te perguntar pelo tempo adiante, dizendo: Quais são os testemunhos, e estatutos, e juízos que o SENHOR, nosso Deus, vos ordenou«?- Então, dirás a teu filho: Éramos servos de Faraó, no Egito; porém o SENHOR nos tirou com mão forte do Egito. E o SENHOR fez sinais grandes e penosas maravilhas no Egito, a Faraó e a toda a sua casa, aos nossos olhos; e dali nos tirou, para nos levar e nos dar a terra que jurara a nossos pais. E o SENHOR nos ordenou que fizéssemos todos estes estatutos, para temermos ao SENHOR, nosso Deus, para o nosso perpétuo bem, para nos guardar em vida, como no dia de hoje. E será para nós justiça, quando tivermos cuidado de fazer todos estes mandamentos perante o SENHOR, nosso Deus, como nos tem ordenado."

Quão proeminente é a Palavra de Deus apresentada às nossas almas em cada página e em cada parágrafo deste livro! E o grande tema do coração do venerável legislador e de todos os seus discursos. O seu único propósito é exaltar a Palavra de Deus, em todos os seus aspectos, quer seja na forma de testemunhos,

mandamentos, estatutos ou juízos, e realçar a força moral, sim, a urgente necessidade de obediência de todo o coração, sincera, diligente, por parte do povo. "Diligentemente guardareis os mandamentos do SENHOR, VOSSO Deus." "E farás o que é reto e bom aos olhos do SENHOR."

Tudo isto é moralmente encantador. Temos aqui desenrolados perante os nossos olhos esses princípios eternos que nenhuma mudança de dispensação, de cena, lugar ou de circunstâncias pode jamais afetar. "O que é reto e bom" deve sempre ser universal e de permanente aplicação. Faz-nos lembrar as palavras do apóstolo João ao seu amado amigo Gaio: "Amado, não sigas o mal, mas o bem." A assembleia podia estar num estado muito baixo; podia haver muita coisa para experimentar o coração e deprimir o espírito de Gaio; Diótrefes podia comportar-se de uma maneira imprópria e indesculpável para com o amado e venerável apóstolo e outros; tudo isto podia ser verdade, e muito mais, sim, o conjunto do corpo professante podia andar mal. Então? Que devia fazer Gaio? Simplesmente seguir o que era reto e bom, abrir o seu coração e a sua mão e a sua casa a todo aquele que trazia a verdade; procurar ajudar na causa de Cristo de todos os modos retos.

Este era o dever de Gaio no seu tempo; e é este o dever de todo aquele que ama verdadeiramente a Cristo, em todos os tempos, em todos os lugares e em todas as circunstâncias. Talvez não haja muitos que se juntem a nós; talvez nos tenhamos que encontrar, por vezes, quase sós; mas devemos ainda seguir o que é bom, custe o que custar. Devemo-nos apartar da iniquidade — purificarmo-nos dos vasos para desonra, fugir dos desejos da mocidade, afastarmo-nos dos professos ineficazes. E depois? "Segue a justiça, a fé, o amor, e a paz" — Como? Isolados? Não. Posso achar-me só em um determinado lugar por algum tempo; mas não pode existir tal coisa como isolamento, uma vez que o corpo de Cristo está na terra, e isso durará até que Ele venha buscar-nos. Por isso nunca esperamos ver o dia em que não poderemos encontrar alguns poucos que invocam o nome do Senhor com um coração puro; quem quer que sejam, e onde quer que se encontrem, é nosso dever encontrá-los; e, tendo-os encontrado, andar com eles em santa comunhão, "até ao fim."